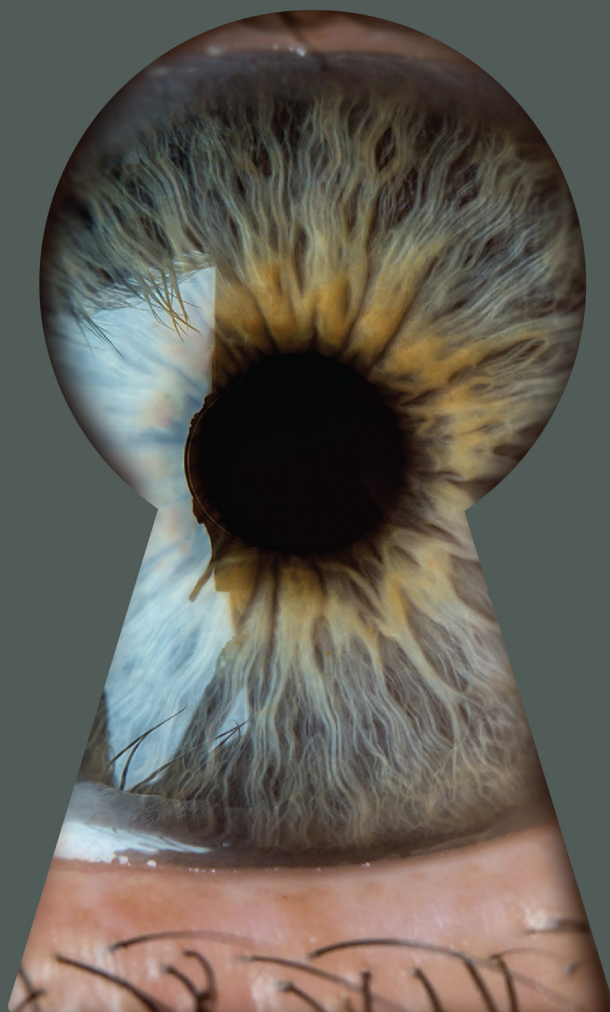


VOL IV

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2022

VOL IV

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2022

2022 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2022 Os autores
Copyright da Edição © 2022 Editora Artemis



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal



Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College*, USA
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla – La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES – Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol IV / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-57-6

DOI 10.37572/EdArt_260522576

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano. 3. Professores – Formação. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

PRÓLOGO

“Las normas morales, al igual que las hipótesis y técnicas científicas, deben ser compatibles con los principios de nivel superior, en este caso, las máximas morales y metaéticas del sistema en cuestión. En el caso del agatonismo, el máximo principio es «Disfruta la vida y ayuda a otros a vivir una vida digna de ser disfrutada»”

Mario Bunge

*Buenos Aires, 21 de septiembre de 1919 - Canadá, 24 de febrero de 2020
A la caza de la realidad (2007). Barcelona. España. Editorial Gedisa S.A., p.373*

Este volumen IV del libro titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade** surge como una continuación de los volúmenes anteriores.

Destacándose como la sociedad se manifestó luego del inicio de la pandemia de SARS CoV-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2), asumiendo con mayor énfasis la importancia de las relaciones humanas, como consecuencia del duro aislamiento que ese periodo significó. Por lo tanto, observamos en el tratamiento Holístico que los autores reunidos en esta obra, asumen en las distintas temáticas propuestas, pretendiendo aportar al bienestar general, alentando a la búsqueda de nuevos conocimientos. Tales autores, pertenecientes a diversas regiones del mundo, participan con fines de aportar al desarrollo del bien común, mostrando la forma de contribuir al fortalecimiento de un lazo humanístico, reconociendo los nuevos componentes del ambiente, dados en oportunidades por la tecnología, el método híbrido, los saberes ancestrales, la dimensión emocional presente en las distintas edades, labores y género, entre otros. Indudablemente todo esto, nos lleva a reflexionar en nuestro quehacer diario, el propósito deseado de perdurar la existencia, conservando el ambiente.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

PRÓLOGO

“Las normas morales, al igual que las hipótesis y técnicas científicas, deben ser compatibles con los principios de nivel superior, en este caso, las máximas morales y metaéticas del sistema en cuestión. En el caso del agatonismo, el máximo principio es «Disfruta la vida y ayuda a otros a vivir una vida digna de ser disfrutada»”

Mario Bunge

*Buenos Aires, 21 de septiembre de 1919 - Canadá, 24 de febrero de 2020
A la caza de la realidad (2007). Barcelona. España. Editorial Gedisa S.A., p.373*

Este volume IV do livro intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade** surge como continuação dos volumes anteriores.

Destacando como a sociedade, se manifestou após o início da pandemia de SARS CoV-2 (Coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave), assumindo com maior ênfase a importância das relações humanas, como consequência do duro isolamento que esse período significou. Por isso, observamos no tratamento Holístico que os autores reunidos neste trabalho, assumem nos diferentes temas propostos, pretendendo contribuir para o bem-estar geral, estimulando assim a busca de novos conhecimentos. Tais autores, pertencentes a várias regiões do mundo, participam de forma a contribuir para o desenvolvimento do bem comum, mostrando como contribuir para o fortalecimento de um vínculo humanístico, reconhecendo os novos componentes do meio ambiente, oportunizados pela tecnologia, a método híbrido, saberes ancestrais, a dimensão emocional presente em diferentes idades, profissões e gêneros, entre outros. Sem dúvida, tudo isso nos leva a refletir, sobre nosso trabalho diário o objetivo almejado de continuar a existir, conservando o meio ambiente.

Esperando que estas obras sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos-lhes uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

SUSTENTABILIDADE E DESIGN: UMA REVISÃO HISTÓRICA

Carlos Viana da Silva

Vinicius Gadis Ribeiro

Fábio Gonçalves Teixeira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225761

CAPÍTULO 2..... 16

LA ACUSMÁTICA GENERADA POR LOS ESCENARIOS DE ELECTRIC DAISY CARNIVAL (EDC) EN LA CIUDAD DE MÉXICO

Citlaly Aguilar Campos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225762

CAPÍTULO 3.....23

EMOTIONAL AND AFFECTIVE LOGIC IN UNIVERSITY TEACHER RESEARCH TRAINING-19

Derling José Mendoza Velazco

Janeth Elizabeth Salvador Moreno

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225763

CAPÍTULO 437

LA TOMA DE DECISIONES Y SU DIMENSIÓN EMOCIONAL

Josefina Álvarez-Justel

Núria Pérez-Escoda

Èlia López-Cassà

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225764

CAPÍTULO 5.....47

THE DOLMNS OF NORTH KOREA - THE PECULIAR STRUCTURE -

Ha Moonsig

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225765

CAPÍTULO 6..... 65

HISTÓRIA DO SISTEMA CIRCULATÓRIO: EVOLUÇÃO DOS CONHECIMENTOS

João Carlos Mateus

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225766

CAPÍTULO 776

LA COMBINACION DE EJERCICIOS FÍSICOS Y ALIMENTACIÓN ADECUADA COMO TRATAMIENTO DE LA OBESIDAD EN NIÑOS EN EDAD PREESCOLAR

Johanna Margoth Povea Cevallos

Paolina Castro

Damián Enrique Dattus Torres

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225767

CAPÍTULO 8.....97

OS RECURSOS NA FAMÍLIA EMPRESÁRIA: UMA VANTAGEM COMPETITIVA PARA A SUSTENTABILIDADE

Jorge José Martins Rodrigues

Maria Amélia André Marques

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225768

CAPÍTULO 9.....126

CORRELACIÓN ENTRE MASTICACIÓN, APRENDIZAJE Y MEMORIA EN NIÑOS Y PRE ADOLESCENTES

Karen Vanesa Rhys

María Eugenia Méndez Bovio

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2605225769

CAPÍTULO 10..... 141

O BEM E O MAL: A DISPUTA PEDAGÓGICA PELA ALMA INDÍGENA NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DAS AMÉRICAS

Leandro Lente de Andrade

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257610

CAPÍTULO 11..... 146

EL REALISMO TRANSCENDENTAL DE LA CERTEZA SENSIBLE. LA COSA EN SÍ Y EL ESTO Y LA SUPOSICIÓN

Leonardo Filippi Tome

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257611

CAPÍTULO 12157

ANÁLISIS ESTRATÉGICO DE TEXTOS CIENTÍFICOS DE PSICOLOGÍA: COMPARANDO EL APRENDIZAJE HÍBRIDO CONTRA EL AULA DE CLASE

Luis Fernando González Beltrán

Olga Rivas García

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257612

CAPÍTULO 13.....165

ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS EN EDUCACIÓN AMBIENTAL

María Amelia Scoppa

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257613

CAPÍTULO 14.....179

ANDANDO NA LINHA: DISCIPLINA E SOCIABILIDADES NO TRANSPORTE URBANO DE SÃO LUÍS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

María das Graças do Nascimento Prazeres

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257614

CAPÍTULO 15 190

LA CONDICIÓN HUMANA COMO EXPERIENCIA ORIGINARIA DE LA ESPERANZA Y DE LA FORMACIÓN




Ma. Dolores García Perea

Ana Ma. Mata Pérez

Leticia del Carmen Ríos Rodriguez

Ana Leticia Martínez Mata

 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257615

CAPÍTULO 16	205
CRÓNICA Y VOTOS DEL PRIMER CONGRESO LATINOAMERICANO DE CRIMINOLOGÍA (BUENOS AIRES 1938)	
Mariana Angela Dovio	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257616	
CAPÍTULO 17	216
CONSIDERACIONES METODOLÓGICAS PARA LA ELABORACIÓN DE UNA PROSPECCIÓN ARQUEOLÓGICA UTILIZANDO HERRAMIENTAS SIG	
Miguel Ángel Mora	
Francy Paola Monroy Álvarez	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257617	
CAPÍTULO 18	227
DESENHO DO TRABALHO (WORK DESIGN): UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Silvana Regina Ampessan Marcon	
Lília Aparecida Kanan	
Nicole Cecatto Fontana Diniz	
Sabrina Goettert de Britto	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257618	
CAPÍTULO 19	250
LA MANCHA Y TEJIDO URBANO MEDIANTE LA GEORREFERENCIACIÓN DE CARTOGRAFÍA HISTÓRICA	
Verónica de la Cruz Zamora Ayala	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257619	
CAPÍTULO 20	263
LA PRESENCIA DE LOS EVANGÉLICOS EN LA ARENA POLÍTICA URUGUAYA	
Victoria Sotelo	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_26052257620	
SOBRE OS ORGANIZADORES	283
ÍNDICE REMISSIVO	285

CAPÍTULO 1

SUSTENTABILIDADE E DESIGN: UMA REVISÃO HISTÓRICA

Data de submissão: 22/03/2022

Data de aceite: 08/04/2022

Me. Carlos Viana da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRGS
Porto Alegre/RS
<http://lattes.cnpq.br/0281214069229293>

Dr. Vinicius Gadis Ribeiro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRGS
Porto Alegre/RS
<http://lattes.cnpq.br/2937182050702659>

Dr. Fábio Gonçalves Teixeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRGS
Porto Alegre/RS
<http://lattes.cnpq.br/2445165723239038>

RESUMO: O presente artigo busca elucidar uma revisão bibliográfica sobre Sustentabilidade e sua relação com a área do Design. A pesquisa foi realizada em periódicos nacionais e internacionais, teses, documentos e em livros relevantes para a temática. Aponta-se conceitos e momentos históricos com o objetivo de interpretar como o assunto

foi considerado no decorrer dos anos. Inicia-se com a identificação da evolução do assunto em períodos de Guerras Mundiais e destaca-se as conferências e esforços de países em busca de novos modelos e estruturas sociais. Na sequência aborda-se a inter-relação entre as esferas ecológicas, sociais e econômicas – *Triple Botton Line* – com a identificação de duas estruturas sugeridas para sua hierarquização. Por fim apresenta-se o direcionamento da temática para o cenário atual, com o estabelecimento da Agenda 2030 e os 17 Objetivos de Sustentabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sustentabilidade. Design. Revisão Bibliográfica.

SUSTAINABILITY AND DESIGN: A HISTORICAL REVIEW

ABSTRACT: This research elucidates a bibliographic review on Sustainability and Design. Studies were carried out in national and international journals, theses, documents and relevant books to the subject. Concepts and historical moments are pointed out in order to interpret how the subject was considered over the years. Starts with identification of Sustainable evolution in World Wars periods, highlights the conferences and countries efforts of in search of new models and social structures. Next, shows the interrelationship between the ecologic, social and economic spheres – *Triple Botton Line* – is approached, with the identification of two suggested

structures for its hierarchy. Finally, the direction of the theme for the current scenario is presented, with the establishment of the 2030 Agenda and the 17 Sustainability Goals.

KEYWORDS: Sustainability. Design. Literature Review.

1 INTRODUÇÃO

As primeiras práticas sociopolíticas de proteções ambientais estão associadas ao período da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, com o desenvolvimento de áreas destinadas a proteção ambiental e o surgimento de comunidades ambientalistas ao redor do mundo (FOLADORI, 2001). Já no período da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), o desenvolvimento de substâncias químicas para serem utilizadas como armas e o uso de energias atômicas como instrumentos de destruição em massa, evidenciaram um imenso prejuízo ao meio ambiente, com duras consequências socioambientais (LÓPEZ, 2008).

Nesse cenário de guerra, em 1945, representantes de 50 países reúnem-se em *San Francisco* para redigir a Carta das Nações Unidas e oficializar o nascimento das Organizações das Nações Unidas (ONU), com os objetivos de manter a segurança e a paz mundial, fortalecer as relações amigáveis entre as nações e conquistar colaboração global para resolução de dilemas socioeconômicos (UNITED NATIONS, 2020). O período após a Segunda Guerra, denominado Guerra Fria (1945 – 1991), foi marcado por inúmeros esforços para reconstruir economias e ambientes, também por uma corrida tecnológica espacial que alavancaram o consumo de artefatos industrializados.

Pode-se considerar que os apontamentos sobre desenvolvimento sustentável surgiram em 1972, na primeira Conferência das Nações Unidas acerca do Ambiente Humano. Porém nesse evento que ocorreu em Estocolmo, na Suécia, utilizou-se o termo ecodesenvolvimento como opção para o debate sobre as recomendações ambientalistas, que tinham o objetivo de conter a destruição do meio ambiente a partir do abrandamento do crescimento contínuo e irrestrito, ao mesmo tempo atender as demandas de desenvolvimento dos países subdesenvolvidos (IPIRANGA; GODOY; BRUNSTEIN, 2011; EM DISCUSSÃO, 2012; NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020a). Nessa ocasião foi lançado um Manifesto Ambiental com diversos princípios com o intuito guiar de comunidades para a melhoria e a preservação do ambiente humano. O manifesto apresenta ainda um plano de ações com recomendações divididas em 3 categorias para facilitar a resolução dos objetivos identificados: a) avaliação ambiental – observação da Terra; b) gestão ambiental; e c) medidas de apoio (UNITED NATIONS, 1972). No mesmo ano a Assembleia Geral da ONU deu origem ao Programa das Nações

Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), com objetivo de gerenciar as particularidades do meio ambiente global no que diz respeito aos dados de catástrofes e conflitos, de governanças ambientais, da eficiência no consumo dos recursos, na gestão dos ecossistemas, no emprego de substâncias nocivas e sobre as mudanças climáticas (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020a).

O PNUMA teve influentes atuações em 1973 no combate ao comércio global de espécies da flora e fauna ameaçados ou em risco de extinção; em 1979 com relação a contaminação atmosférica além das fronteiras internacionais; em 1982 com a Lei do Mar, que assegurava direitos à liberdade de navegação e limitava áreas econômicas e extensões das plataformas continentais, sobretudo proteção à biodiversidade marinha; e, em 1989 sobre o monitoramento e a exclusão dos transportes internacionais de resíduos perigosos (VEIGA, 2013; NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020a).

Embora seja possível identificar já no início da década de 1970 designers como Vitor Papanek, Dieter Rams e Joaquim Redig com fortes preocupações ambientais, sociais e econômicas relacionadas aos projetos de design (PAPANEK, 1971; MARGOLIN, 1989; REDIG, 2005), a expressão “desenvolvimento sustentável” foi empregada pela primeira vez em 1979, no simpósio sobre as inter-relações entre desenvolvimento, recursos e ambiente, organizado pelas Nações Unidas (VEIGA, 2007, p. 61).

Dois fatos históricos contribuíram para o aumento das atenções sociais relacionadas ao meio ambiente: a crise do petróleo em 1973, que evidenciou a imprescindibilidade em se diversificar matrizes energéticas mundiais; e o acidente na Usina Nuclear de Chernobyl em 1986, que em virtude de uma série de erros humanos, ocasionaram a explosão de um reator, e provocou incalculáveis danos ambientais, sociais e econômicos (DIXON; FALLON, 1989; KAZAZIAN, 2005).

No ano seguinte a tragédia nuclear, em 1987 a Comissão Mundial do Meio Ambiente – popularmente conhecida por Comissão Brundtland (que havia sido formada em 1983 e faz referência ao nome da médica presidente da Comissão, Gra Harlem Brundtland), lançou o relatório “Nosso Futuro Comum”, que conduz a conceituação de desenvolvimento sustentável para o discurso social: “O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades” (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020a).

O Relatório de Brundtland sintetiza o desenvolvimento sustentável como uma seqüência de mudanças nas quais o consumo dos recursos, os objetivos que impulsionam o desenvolvimento tecnológico, o foco dos investimentos e a transformação organizacional estão em consonância e asseguram condições socioambientais em níveis

de igualdade para as gerações futuras. Em um sentido mais amplo, as barreiras para um desenvolvimento sustentável de fato estariam limitadas pelo avanço tecnológico e social ao ponto de otimizar recursos e respeitar a capacidade da biosfera. (IPIRANGA; GODOY; BRUNSTEIN, 2011; EM DISCUSSÃO, 2012; NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020a).

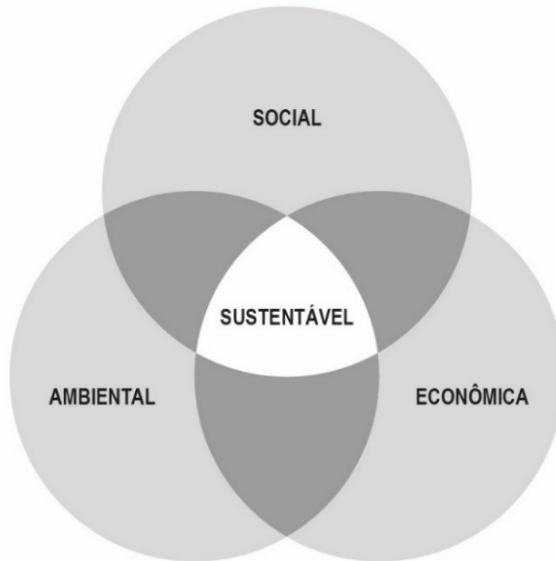
A partir da definição de desenvolvimento sustentável apresentada no Relatório de Brundtland, evidencia-se no design a premissa de contribuir com a projeção, condução e implementação de artefatos e sistemas que, em uma visão antropocêntrica para garantir a permanência dos seres humanos na Terra, proporcionem novos estilos de vida sustentáveis.

A temática da sustentabilidade foi destaque no cenário brasileiro com o evento Eco 92, também chamado de Rio 92 em referência a cidade Rio de Janeiro que sediou a conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1992, ao abordar a temática central com destaque para os limites dos recursos naturais. Os resultados mais significativos alcançados na conferência foram o desenvolvimento do documento Agenda 21, que apresentava 21 objetivos com a premissa de mudar o modelo econômico insustentável para o emprego de ações que renovam e protejam os recursos ambientais, ao incluir proteção da atmosfera, prevenção a poluição das águas e do ar, cessar com a destruição da vida marinha, proporcionar gestão segura e eficiente dos resíduos sólidos, erradicar a pobreza e as dívidas externas dos países em crescimento. E a definição do Protocolo de Kyoto, em 1997, que estabeleceu objetivos obrigatórios de redução dos gases responsáveis pelo efeito estufa, com início ao mercado de créditos de carbono (MALHEIROS; PHILIPPI JUNIOR; COUTINHO, 2008; MARIOTTI, 2013; NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020a).

2 TRIPLE BOTTON LINE

Em 1994 John Elkinton's percebeu que as dimensões ambientais, sociais e econômicas, evidenciadas no Relatório de Brundtland (1987) e na Rio 92, deveriam ser consideradas de forma integrada, e criou o termo *Triple Bottom Line*, para expressar o resultado da integração das áreas mencionadas (ELKINGTON, 1997; 2004). Para um entendimento visual, a Figura 1 representa a união entre as dimensões econômica, social e ambiental, consideradas os pilares da sustentabilidade e a interrelação para que algo possa ser considerado sustentável de fato (ROBERT; PARRIS; LEISEROWITZ, 2005).

Figura 1 - Triple Bottom Line.



Fonte: Adaptado de Elkington (1997), Robert, Parris e Leiserowitz, 2005 e Bosselmann (2009).

Desde a década de 1960 pode-se identificar 3 momentos em que a influência pública delineou a agenda ambiental global. Governos e corporações se adaptaram (e seguirão se adaptando) frente a cada uma dessas fases. Mesmo que após cada movimentação ativista houvesse uma relativa diminuição da preocupação pública, as próximas manifestações ampliavam significativamente os entendimentos e o comprometimento sustentável global. No primeiro momento se percebeu sobre os impactos ambientais e as demandas de recursos naturais, o que resultou em diversas legislações para proteção ambiental. O segundo trouxe à tona um entendimento mais amplo sobre as novas tecnologias produtivas e quais seriam os produtos necessários para o contexto, até se chegar na conclusão de que os processos de desenvolvimento necessitariam ser sustentáveis. E no terceiro, chega-se à compreensão de que o desenvolvimento sustentável necessita de profundas transformações nas lideranças (governamentais e empresariais) e na sociedade como um todo (ELKINGTON, 2004).

Assim como os movimentos citados expressam recortes de contextos socioculturais, as esferas econômicas e por consequência os projetos de design também foram influenciados. Em primeiro momento as corporações passaram a se defender da legislação, para em um segundo movimento assumirem a liderança na produção de artefatos sustentáveis, o que por consequência contribui com a transformação dos padrões de consumo e, em terceira instância, criar mercados para auxiliar na atuação das lideranças empresariais e governamentais (ELKINGTON, 2004).

Erroneamente os usos da palavra sustentabilidade, ou ainda da expressão desenvolvimento sustentável, em muitas vezes são reduzidos a conceitos que dizem respeito somente aos cuidados com a natureza ou com atitudes em busca de cuidados relacionados a esfera ambiental. Porém o conceito de sustentabilidade é muito mais amplo e, assim como muitas concepções sociais que evoluíram com o passar dos anos, hoje entende-se que para haver um desenvolvimento sustentável de fato deve-se englobar também as dimensões sociais e econômicas, e todos os aspectos inerentes as muitas variáveis possíveis dessas relações, com o objetivo da permanência das condições para uma vida autêntica e digna para os próximos serem humanos a habitarem a Terra (JONAS, 1995).

Na continuidade da linha do tempo sobre os entendimentos da temática sustentável, em 2002 ocorreu o evento Rio+10, em Joanesburgo, África do Sul com debates focados em como melhorar a vida das pessoas e conservar os recursos naturais. Para Manzini e Vezzoli (2002), sustentabilidade diz respeito as ações humanas, as quais tem (ou deveriam ter) a incumbência de não intervir nos ciclos naturais em que são fundamentadas, seja em níveis e circunstâncias sistêmicas com abrangências locais, regionais ou globais. Ao mesmo tempo ressaltam o respeito sobre a resiliência da Terra, ou seja, o consumo dos recursos naturais em velocidades menores que a regeneração do ecossistema de extração. Sobretudo os autores apontam que para considerar as atividades humanas sustentáveis, estas devem estar estruturadas a partir de três requisitos primordiais: 1) Fundamentar-se essencialmente de recursos renováveis e otimizar a utilização e ciclo de vida dos recursos não renováveis; 2) Não produzir e acumular lixo incapaz de ser reutilizado pelo ecossistema; e 3) Garantir que corpos sociais respeitem os limites de seus recintos ambientais, assim como possam desfrutar dos ambientes aos quais possuem direito assegurado.

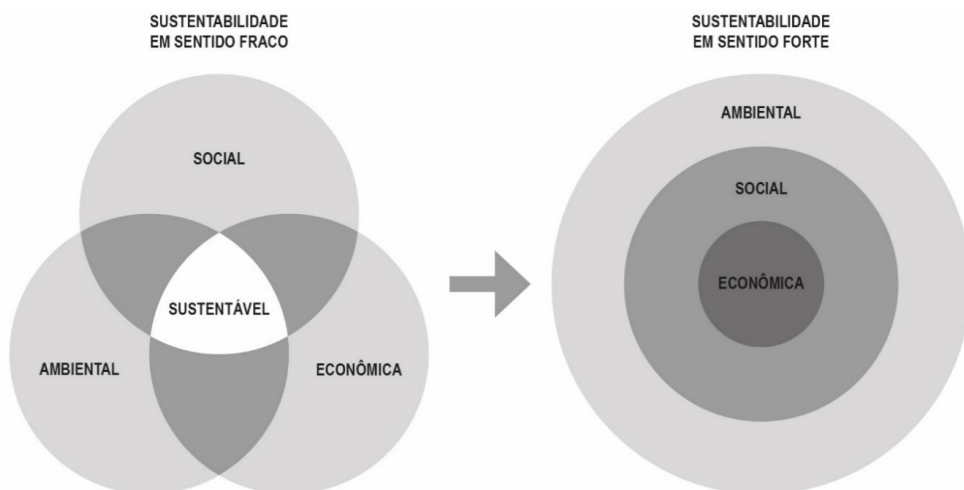
Com o objetivo de maximização do uso dos recursos renováveis, um ecossistema sustentável carece de economia energética, seja ela elétrica, material ou humana. Ambientes com transporte coletivo seguro, ágil e eficiente, por exemplo, proporcionam, além de reduções nos congestionamentos das vias urbanas, baixas nos níveis de emissões de CO₂ na atmosfera e economia de energia humana (MANZINI; VEZZOLI, 2002).

Manzini (2008) salienta que as inovações sociais com base no cotidiano das pessoas, em contextos colaborativos e criativos, representam passos promissores em direção a sustentabilidade. De acordo com o autor, um agente acelerador para que houvesse um aumento no comprometimento com o desenvolvimento sustentável, consiste no fato dos limites dos recursos naturais e, por consequência, da Terra, tornarem-se mais incontestáveis pelas sociedades contemporâneas. Os sentidos dos limites

evidenciados por Manzini (2008) vão além das questões materiais e ambientais, ao se questionar também quais as formas de desenvolvimento capazes de não comprometer o bem-estar das gerações futuras.

O arranjo das esferas sociais, ambientais e econômicas estruturado pela *Triple Bottom Line*, segundo Bosselmann (2009), representa uma percepção sobre o desenvolvimento sustentável em um sentido fraco, na medida que a sustentabilidade aparece como um objetivo difícil de alcançar, sendo o ponto central que, em muitos casos, não está no caminho de grandes corporações e governos. O autor apresenta um outro ponto de vista que representa um sentido forte de sustentabilidade, e sugere que os entendimentos sobre o assunto estejam organizados concêntricamente, de modo que o cenário ecológico limita as atividades dos grupos sociais, que por sua vez limitam as ações oriundas dos contextos econômicos, conforme representado na Figura 2.

Figura 2 - Transição para sustentabilidade em sentido forte.



Fonte: Desenvolvido pelo autor com base em Bosselmann (2009).

A sustentabilidade no sentido forte pressupõe uma proteção hierárquica em que nenhuma atividade econômica pode avançar sobre as esferas sociais, ou seja, sem explorar comunidades fragilizadas, mão de obra infantil ou situações análogas à escravidão, dentre outras tantas mazelas evidenciadas pela atuação do capitalismo parasitário apresentado por Bauman (2010). Da mesma forma limita as ações sociais pela resiliência de ecossistemas, no sentido de que nenhuma atividade humana deva interferir nos ciclos naturais e respeitar o tempo de regeneração do meio ambiente (BOSELNANN, 2009).

O conceito de sustentabilidade no sentido forte (BOSELNANN, 2009) representa uma evolução significativa nos limites de atuação das áreas, porém o desenho proposto

evidencia o cenário econômico, mesmo limitado pelas demais esferas, como alvo central para o desenvolvimento sustentável. Segundo Vezzoli (2010), para que seja possível existir sustentabilidade, esta deve estar assegurada por uma coesão social, em que os valores de equidade pressupõem justa distribuição de recursos e garantia de direitos sobre espaços ambientais, ou seja, em níveis equilibrados de acesso, oportunidade e disponibilidade dos recursos ambientais. Por essa conjectura, o autor sugere que os requisitos para sistemas de design busquem coesão e equidade social, ampliação da empregabilidade, provimento de melhores ambientes de trabalho, incremento da justiça igualitária irrestrita, incentivo do consumo consciente e responsável, integração social, melhora na coesão social e estímulo ao uso e a reconhecimento de recursos locais.

Frente as muitas complexidades envolvidas com a amplitude da sustentabilidade, diversos autores acreditam ser necessário uma revisão nos atuais padrões de consumo, o que implica em uma transição para novos sistemas socioeconômicos e a transformação social como um todo, pois já é de consentimento da comunidade acadêmica científica que muitas das atividades dos seres humanos não são compatíveis para garantir condições condignas para novas gerações (BAUMAN, 2001; 2010; MANZINI; VEZZOLI, 2002; KAZAZIAN, 2005; MANZINI, 2008; 2019; VEZZOLI, 2010; MARIOTTI, 2013). Acredita-se que essa transição está em curso nesse momento, e possivelmente será um movimento social permanente. Nesse paradigma o que determinará a intensidade dessa transformação concentra-se nos níveis de informações acessíveis às pessoas.

Segundo Manzini e Vezzoli (2002), essa transição rumo a sustentabilidade pode transcorrer de duas formas antagônicas: o caminho guiado por escolhas prudentes e conscientes, o que os autores definem como indolor, ou o percurso traumático, em que essa transição se apresenta como a única solução frente a eventos, efeitos e fenômenos catastróficos. Contudo cabe destacar que essa transformação, independente do caminho adotado, não será uma tarefa simples e de fácil execução ao exigir que a sociedade consuma menos e regenere ecossistemas, uma vez que a sociedade de consumo tem seus próprios mecanismos para a manter atrativa aos olhos dos consumidores (BAUMAN, 2010). Nesse contexto o design pode ser associado a construção de projetos inovadores em ecossistemas de cunho sustentável, em um equilíbrio entre produção e regeneração. Dentre os principais desafios exigidos por esse cenário complexo insustentável, destaca-se a mudança da perspectiva de satisfação por posse para uma consciência mais abrangente em que sejam valorizados os resultados positivos sociais (MAZINI, 2008).

Essa transição rumo a sustentabilidade necessita de decisões e ações diretas onde, impreterivelmente, futuro e liberdade sejam unidades indissolúveis. Os artefatos dessa nova economia e as inovações de cunho econômico-social, de maneira simplificada,

podem a partir de suas criações com valores culturais mais fortes, de longa duração e respeitando o uso coerente e ético dos materiais e processos, servir como ferramentas transformadoras da valorização sustentável (FRY, 2011).

Na síntese, ao considerar o contexto global, as intenções dessa transição rumo a um cenário de sustentabilidade irrestrita demandam a reconfiguração das relações entre o consumo e produção, ao passo que a produção se torne recompensadora, digna e atraente, enquanto o consumo prime pela sua totalidade e durabilidade, sem desperdícios e obsolescências programadas (FRY, 2011). Para que seja possível a geração de artefatos aproximados com os conceitos de sustentabilidade no sentido forte (BOSELDMANN, 2009), deve-se considerar a relação do design, inovação e sustentabilidade e a influência dos fatores internos e externos, já mencionados anteriormente, como as objeções orçamentárias e divergências culturais.

3 CONTEXTO GEOPOLÍTICO

De acordo com Veiga (2013), o cenário político se mostra disposto a contribuir com o desenvolvimento sustentável. Os esforços podem ser identificados através do grande número de leis, acordos, protocolos, aditivos que as governanças globais colocam em prática. No Brasil, por exemplo, a Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS) representa um marco para a gestão dos resíduos sólidos no território nacional. A Lei N° 12.305, de agosto de 2010, impõe uma série de requisitos a serem observados sobre os processos industriais, com especial atenção para a logística reversa dos resíduos sólidos (BRASIL, 2010).

Fry (2011) indica três princípios fundamentais para que essa transição rumo a sustentabilidade possa ser implementada: 1) o desenvolvimento e adoção de um sistema econômico diferente do crescimento contínuo; 2) a mudança dos padrões de consumo, principalmente com relação a quantidade e as maneiras que os objetos são consumidos; e 3) a aceitação de que o cenário insustentável vigente não é compatível com a permanência digna de gerações futuras. Mesmo que as evoluções tecnológicas possam trazer inovações significativas aos artefatos e resolver muitas das questões insustentáveis, é preciso considerar, além dos aspectos já mencionados, fatores como aumento e fluxo populacional (VEIGA, 2013).

Em 2012, novamente na cidade Rio de Janeiro, ocorreu a Conferência Rio+20 que resultou em um documento focado em medidas práticas e relevantes para a implementação do desenvolvimento sustentável. Ainda no evento de 2012 foi lançado o projeto para o desenvolvimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

(ODS) (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020a). De acordo com Mariotti (2013) e Veiga (2013), a conferência de 2012 foi prejudicada por algumas questões sensíveis como fato de não se ter abordado a respeito da formação de governanças globalistas, sobre a responsabilidade de nações ricas com o desenvolvimento sustentável, por ter sido interposta pelo marketing verde ao abranger basicamente os aspectos relacionados ao meio ambiente e pela ausência de grandes economias mundiais como Estados Unidos, Alemanha e China.

Por fim, a agenda da ONU sobre sustentabilidade teve no ano de 2015, em *New York*, a Cúpula de Desenvolvimento Sustentável, onde se estabeleceram os novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) a serem alcançados até 2030. Esse trabalho chama-se “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” e os ODS estão subdivididos em 17 categorias, cada uma com suas particularidades e metas específicas conforme a síntese realizada a partir das Nações Unidas Brasil, (2020b):

- 1) Erradicação da pobreza. Com o intuito de findar com todas as formas de pobreza em todos os lugares;
- 2) Fome zero e agricultura sustentável. Além de acabar com a fome, esse objetivo visa assegurar que, principalmente as pessoas em situações de vulnerabilidade tenham acesso a alimentos saudáveis e nutritivos durante o ano todo;
- 3) Saúde e bem-estar. No sentido de garantir uma vida saudável para todas as pessoas de todas as faixas etárias. Nesse contexto espera-se que epidemias como malária, tuberculose e AIDS sejam erradicadas, bem como se tenha um maior controle sobre doenças tropicais.
- 4) Educação de qualidade. Esse objetivo abrange a educação inclusiva e possibilidades para aprendizagem em todos os estágios da vida para todas as pessoas;
- 5) Igualdade de gênero. Com esse objetivo busca-se eliminar todas as formas de violência e discriminação contra mulheres e meninas;
- 6) Água potável e saneamento. Envolve os cuidados com o elemento essencial para a permanência da vida da Terra, assim busca-se o acesso equitativo a água potável para todas as pessoas;
- 7) Energia limpa e acessível. Indica-se que até 2030 a matriz energética seja, na maioria das situações, estruturada a partir de fontes limpas, renováveis e sustentáveis, com preços acessíveis para todos;
- 8) Trabalho decente e crescimento econômico. A partir desse objetivo se busca o crescimento econômico com empregos dignos, inclusivos, para todas as

peças, bem como a erradicação do trabalho infantil, forçado ou análogo a escravidão moderna.

- 9) Indústria, inovação e infraestrutura. Com esse objetivo pretende-se construir organizações inovadoras e resilientes, a industrialização inclusiva, tecnológica e sustentável;
- 10) Redução das desigualdades. Tema amplo com foco na equidade social, no aumento na renda das populações mais pobres, na inclusão social, na proteção salarial, na implementação de políticas migratórias ordenadas e seguras e no incentivo a assistência social;
- 11) Cidades e comunidades sustentáveis. Concentra-se nas atividades para tornar cidades em ambientes inclusivos, seguros e resilientes, na garantia ao acesso à habitação segura e com preços acessíveis para todas as pessoas, urbanização de favelas, e de ambientes inclusivos sustentáveis;
- 12) Consumo e produção responsáveis. Esse objetivo abrange desde a gestão sustentável dos recursos naturais, necessários para a produção de todos os itens produzidos pelas sociedades até implementação de programações sobre consumo e produção;
- 13) Ação contra a mudança global do clima. Adoção de providências imediatas para aumentar a consciência sobre a influência dos seres humanos na mudança climática, bem como colocar em prática, com a mesma urgência, projetos que visem a proteção climática, em especial atenção aos riscos de catástrofes naturais;
- 14) Vida na água. Busca-se a proteção a todo o ecossistema aquático e o uso ético e consciente dos recursos hídricos de mares e oceanos, prevenção e redução da poluição marinha, proteção das zonas costeiras, acabar com a sobrepesca e aumentar o conhecimento científico e transferência tecnológica;
- 15) Vida terrestre. Da mesma forma que objetivo anterior, estende-se os cuidados para os seres terrestres, a proteção das florestas, o combate à desertificação e a perda da biodiversidade;
- 16) Paz, justiça e instituições eficazes. Promover a pacificação entre as sociedades, com acesso à justiça responsável e eficaz, com redução de todas as formas de violência e do tráfico de produtos e substâncias ilícitos, com atenção especial para as medidas no combate ao financiamento de armamento ilegal, ao crime organizado e a corrupção;
- 17) Parceira e meios de implementação. Por fim, objetiva-se encontrar métodos nos setores financeiros, tecnológicos, nas questões sistêmicas, no comércio

e na capacitação de países em desenvolvimento para se pôr em prática a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020b).

Deslocar as atividades projetuais para além das esferas habituais pode requerer também novos modelos funcionais para as práticas e para o ensino do design, assim como assentir que os seres humanos estão em uma era de instabilidades e que algo deve ser feito. Ao admitir que o crescimento econômico será, em certo momento inevitável, limitado pela escassez de matéria prima expressa pela extinção dos recursos naturais disponíveis na Terra, entende-se que diversas atitudes devem ser tomadas, assim como sugerem os ODS e tantos outros pesquisadores (MANZINI; VEZZOLI, 2002; KAZAZIAN, 2005; MANZINI, 2008; 2019; VEZZOLI, 2010; MARIOTTI, 2013; VEIGA, 2013; 2019; NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020b). Nesse contexto, todo projeto que busque se aproximar dos conceitos de sustentabilidade carrega uma responsabilidade intrínseca com o futuro, e salienta-se que essa transição rumo a cenários com valores sustentáveis mais presentes representa o reconhecimento e o engajamento à todas as relações sociais, políticas, econômicas e ambientais para o comprometimento com a vida, das gerações atuais e futuras.

A modernidade líquida definida por Bauman (2001) é caracterizada pelas relações efêmeras e de curta duração das sociedades contemporâneas, sejam associadas a pessoas ou artefatos, porém também se evidencia a desconexão das atividades do cotidiano dos seres humanos com os ciclos da natureza. Talvez essa desconexão possa ter sido responsável por muitos dos graves danos ambientais causados na Terra, como por exemplo o acúmulo de substâncias e resíduos tóxicos em ecossistemas naturais, as mudanças climáticas, a extinção de espécies e, sobretudo, a resiliência do planeta (CHICK, MICKLETHWAITE, 2011; DIAMOND, 2011).

Os aspectos ambientais já tiveram o seu momento central no debate sobre o desenvolvimento sustentável, porém, conforme os ODS e segundo diversos autores, evidencia-se na esfera social a maior quantidade de desafios a serem contemplados para que a Agenda 2030 seja alcançada (BECK, 1997; VEZZOLI, 2010; MARIOTTI, 2013; MANZINI, 2019; NAÇÕES UNIDAS, 2020b). Essas transformações sociais indicam que a revisão dos padrões de consumo é inevitável, Mariotti (2013) aponta que o individualismo está em conflito com os princípios sustentáveis e em concordância com Mazini (2019), a cooperação e valorização de contextos sociais tem um papel fundamental para a sustentabilidade.

Assim como nas metodologias de design que são dispostas em diversas fases para facilitar o caminho rumo a solução, os dezessete ODS (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020b) facilitam a visualização de dimensões que não ficavam tão evidentes na relação

Triple Botton Line (ELKINGTON, 1997). O design pode contribuir significativamente com todos os ODS, basta que se tenham iniciativas e investimentos em busca de soluções para as áreas.

Os desafios dessa transformação rumo à sustentabilidade necessitam de diversos processos decisivos que, com a quantidade de informação disponível e as muitas frentes que podem ser contempladas, pode se tornar difícil escolher como agir em projetos em contextos complexos. Requer união político-social e maior compreensão das pessoas, ecossistemas, para que futuro e liberdade sejam conceitos indissolúveis e assegurados (PAPANÉK, 1971; VEIGA, 2007; MANZINI, 2008, 2019, BOSSELMANN, 2009, VEZZOLLI, 2010; FRY, 2011, NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020b). Segundo Medina e Santos (2000), para que se alcancem novos patamares no desenvolvimento sustentável, a educação orientada para tal contexto possibilitará, em um princípio básico, redefinir a formação das pessoas para os cenários futuros.

REFERENCIAS

AHMAD, Shamraiz *et al.* Sustainable product design and development: a review of tools, applications and research prospects. **Resources, Conservation And Recycling**, [S.L.], v. 132, p. 49-61, maio 2018. Elsevier BV.

BACK, Nelson *et al.* **Projeto Integrado de Produtos**: planejamento, concepção e modelagem. Barueri: Manole, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**. Tradução para o português de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BAXTER, Mike. **Projeto de produto**: guia prático para o design de novos produtos. 2. ed. São Paulo: Blücher, 2000. 260 p. Tradução Itiro lida.

BECK, Ulrich. "A Reinvenção da Política: Rumo a uma Teoria da Modernização Reflexiva". IN: BECK, U.; GIDDENS, A. & LASH, S. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BOSSELMANN, Klaus. **The principle of sustainability**: transforming Law and governance. Surrey, England: Ashgate Publishing Limited, 2009.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 12.305**. Casa Civil: 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12305.htm. Acesso em: 03 set. 2020.

BRIX, T. *et al.* Providing Design Solution Repositories in the Field of Mechanism Theory. **18th International Conference on Engineering Design (ICED 11)**. Anais. Lyngby: 2011.

BUREAU OF INDIAN STANDARDS. **IS/ISSO 14040: 2006**: Environmental Management – Life Cycle Assessment – Principles And Framework. New Delhi, India: BIS, 2009. Disponível em: <https://archive.org/details/gov.in.iso.14040.2006/mode/2up>. Acesso em: 13 jan. 2021.

- CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento Sustentável: dimensões e desafios**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- CHICK, Anne; MICKLETHWAITE, Paul. **Design for Sustainable Change: How Design and Designer can drive the sustainability agenda**. UK: AVA Publishing Ltd., 2011.
- DIAMOND, Jared. **Collapse: how societies choose to fail or succeed**. New York: Penguin, 2011.
- DIXON, John A.; FALLON, Louise A.. The concept of sustainability: origins, extensions, and usefulness for policy. **Society & Natural Resources**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 73-84, jan. 1989. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/08941928909380675>.
- ELKINGTON, John. **Cannibals with forks: The triple bottom line of 21st century business**. Oxford: Capstone Publishing Limited, 1997.
- ELKINGTON, John. Enter the Triple Bottom Line. In: HENRIQUES, Adrian; RICHARDSON, Julie (ed.). **The Triple Bottom Line: Does it All Add Up? Assessing the sustainability of business and CSR**. London: Earthscan, 2004. Cap. 1. p. 1-16.
- EM DISCUSSÃO: Rio+20 Em busca de um mundo sustentável**. Brasília (Df): Secretaria Jornal do Senado, n. 11, jun. 2012. Bimestral. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/NOTICIAS/JORNAL/EMDISCUSSAO/rio20.aspx>. Acesso em: 11 dez. 2020.
- FIKSEL, J. **Design for Environment: creating eco-efficient products and processes**. New York, EUA: McGraw-Hill, 1995.
- FOLADORI, Guillermo. **Limites do desenvolvimento sustentável**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- FRY, Tony. **Design as politics**. New York, NY: Berg, 2011.
- IPIRANGA, Ana Silva Rocha; GODOY, Arilda Schmidt; BRUNSTEIN, Janette. Introdução. **Ram. Revista de Administração Mackenzie**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 13-20, jun. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-69712011000300002>.
- JONAS, Hans. **El principio Del responsabilidad: ensayo de una ética para La civilizacion tecnológica**. Barcelona: Harder, 1995.
- KAZAZIAN, Thierry (org). **Haverá a Idade das Coisas Leves**. São Paulo: SENAC, 2005.
- LENS - The Learning Network on Sustainability. **Tools**. Disponível em: http://www.lens.polimi.it/index.php?M1=6&M=3&LR=1&P=tools_select.php. Acesso em: 01 jul. 2019.
- LÓPEZ, Nuria Mirto. Environmental Protection by International Organization in Wartime. **Berlin Conference on the Human Dimensions of Global Environmental Change**. Berlin, 2008.
- MALHEIROS, Tadeu Fabricio; PHILIPPI JUNIOR, Arlindo; COUTINHO, Sonia Maria Viggiani. Agenda 21 Nacional e Indicadores de Desenvolvimento Sustentável: contexto brasileiro. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 7-20, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2008.v17n1/7-20/pt/>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- MANZINI, Ezio. **Politics of the Everyday**. London: Bloomsbury, 2019.

- MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis**: os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: EDUSP, 2002.
- MARGOLIN, Victor. **Design Discourse**. Chicago, EUA: The University of Chicago Press, 1989.
- MARIOTTI, Humberto. **Complexidade e sustentabilidade**: o que se pode e o que não se pode fazer. São Paulo: Atlas, 2013.
- MEDINA, Nana Mininni; SANTOS, Elizabeth da Conceição. **Educação Ambiental**: uma metodologia participativa de formação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **A ONU e o meio ambiente**. 2020a. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>. Acesso em: 03 jul. 2020.
- NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2020b. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 03 jul. 2020.
- PAPANEEK, Victor. **Design for the real world**: human ecology and social change. New York: Pantheon, 1971.
- REDIG, Joaquim. **Sobre desenho industrial (ou design) e desenho industrial no Brasil**. Porto Alegre: Ed. Uniritter, 2005.
- ROBERT, Kates W.; PARRIS, Thomas M.; LEISEROWITZ, Anthony A. What is Sustainable Development? Goals, Indicators, Values, and Practice. **Environment: Science and Policy for Sustainable Development**, [S.L.], v. 47, n. 3, p. 8-21, abr. 2005. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00139157.2005.10524444>.
- UNITED NATIONS. **About the UN**. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-un/index.html>. Acesso em: 03 jul. 2020.
- UNITED NATIONS (Stockholm). **Report of the United Nations Conference on the Human Environment**. 1972. Disponível em: https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/CONF.48/14/REV.1. Acesso em: 20 dez. 2020.
- VEIGA, José Eli da. **A desgovernança mundial da sustentabilidade**. São Paulo: Editora 34, 2013. 232 p.
- VEIGA, José E. **A emergência socioambiental**. São Paulo: Senac, 2007.
- VEIGA, José Eli da. **Para entender o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora 34, 2015. 232 p.
- VEZZOLI, Carlo. **Design de sistemas para a sustentabilidade**: teoria, métodos e ferramentas para o design sustentável de "sistemas de satisfação". Salvador: EDUFBA, 2010.

CAPÍTULO 2

LA ACUSMÁTICA GENERADA POR LOS ESCENARIOS DE ELECTRIC DAISY CARNIVAL (EDC) EN LA CIUDAD DE MÉXICO

Data de submissão: 21/04/2022

Data de aceite: 28/04/2022

Citlaly Aguilar Campos

Universidad Nacional Autónoma de México
CV

RESUMEN: La música electrónica promueve una maravillosa experiencia con la tecnología: Se abre un diálogo entre la máquina que está generando la melodía y nuestra percepción. En palabras de Pitágoras y Jérôme Peignot hay una manifestación acusmática, porque los recursos tecnológicos siempre median las múltiples fuentes sonoras del festival. Si trasladamos esto a nuestra vida cotidiana, hoy en día los humanos nos movemos a través de este tipo de mediaciones acusmáticas: smartphones, redes sociales digitales, aplicaciones, realidad virtual, etc., fomentan una interacción inter e intrapersonal muy diferente a la que existía hace unas décadas. El objetivo de este trabajo es exponer a través de la hermenéutica simbólica (con la ayuda de autores como HG Gadamer y Gilles Deleuze) y con conceptos de arte sonoro con François Bayle, la manera en que el festival musical Electric Daisy Carnival (EDC) en su edición en Ciudad de México, configura un

momento único usando la tecnología como mediación con los asistentes, especialmente con la presentación de coloridos escenarios que muestran un alto desarrollo tecnológico: Son paisajes artificiales que introducen a las personas en una profunda experiencia inmersiva al crear imágenes sonoras. El estudio de este tema nos orienta hacia nuevos campos de comprensión acerca de cómo los humanos establecen un vínculo con el sonido, la música, la danza y la tecnología, especialmente en estos tiempos de pandemia, donde el contacto físico se ha visto restringido, dando lugar a espacios de interacción virtual o mediada por un dispositivo. Es muy importante en la investigación en ciencias sociales tener una visión más holística de los nuevos recursos para comunicar y expresarse.

PALABRAS CLAVES: Acusmática. Festivales musicales. Tecnología. Sonido. Interacción social.

THE ACOUSMATIC GENERATED BY THE STAGES OF ELECTRIC DAISY CARNIVAL (EDC) IN MEXICO CITY

ABSTRACT: Electronic music promotes a wonderful experience with technology: a dialogue is opened between the machine that is generating the melody and our perception. In the words of Pitágoras and Jérôme Peignot, there is an acousmatic manifestation, because technological resources always mediate the multiple sound sources of the festival. If we

transfer this to our daily life, humans move through this type of acousmatic mediations: smartphones, digital social networks, applications, virtual reality, etc., foster an inter and intrapersonal interaction very different from what existed a few decades ago. The objective of this work is to expose through symbolic hermeneutics (with the help of authors such as HG Gadamer and Gilles Deleuze) and with concepts of sound art with François Bayle, the way in which the music festival Electric Daisy Carnival (EDC) in its edition in Mexico City, configures a unique moment using technology as a mediation with the attendees, especially with the presentation of colorful scenarios that show a high technological development: They are artificial landscapes that introduce people into a deep immersive experience by creating images sound. The study of this topic guides us towards new fields of understanding about how humans establish a link with sound, music, dance and technology, especially in these times of pandemic, where physical contact has been restricted, giving space for virtual interaction or mediated by a device. It is very important in social science research to have a more holistic view of new resources for communication and expression.

KEYWORDS: Acousmatic. Music festivals. Technology. Sound. Social interaction.

1 INTRODUCCIÓN

Los festivales de música electrónica han creado una peculiar experiencia estética al construir un diálogo con la audiencia a través de tecnología sofisticada: No se reduce solo a escuchar el set de un dj, es involucrarse dialécticamente con todos los elementos que conforman el evento, como son los escenarios, pantallas, pirotecnia, equipo de iluminación, infraestructura e instalaciones artísticas. Se crea una manifestación acusmática, pues las fuentes sonoras dentro del evento son diversas y siempre mediadas por recursos tecnológicos.

Esto antes de la pandemia por Covid, se realizaba en modo presencial, pero a partir del confinamiento y cancelación de eventos masivos, la cuestión acusmática se ha agudizado, pues no tenemos enfrente de nosotros a la fuente (músicos o artistas) sino que la aproximación es a través de una pantalla o dispositivo, logrando aun así un vínculo con el fenómeno.

El objetivo de este trabajo es exponer como ciertos espectáculos configuran una vivencia única al utilizar la tecnología como una mediación con los asistentes, sobre todo con la presentación de escenarios vistosos que ostentan un alto desarrollo tecnológico: Son paisajes artificiales que introducen a las personas a una profunda experiencia inmersiva y donde el aparato sensorial se adapta a nuevas configuraciones. Se toma como punto de partida a Electric Daisy Carnival (EDC) en su sede en la Ciudad de México.

2 ¿QUÉ ES LA ACUSMÁTICA?

La acusmática fue retomada con entusiasmo a mediados del siglo XX en Europa por artistas sonoros como François Bayle, Pierre Schaeffer y John Cage; que estaban experimentando con nuevas tecnologías como el magnetófono, osciladores y sintetizadores para crear composiciones transgresoras que estuvieran fuera del cánón tradicional de una ejecución en vivo.

Sus orígenes se remontan a la Grecia Antigua, donde el término se comenzó a utilizar en los discípulos de Pitágoras, debido a que al acudir a las sesiones con el filósofo, no lo veían, estaban en una sala dividida por un trozo de tela, donde el mentor se ubicaba del otro lado, con el fin de que solo se enfocaran en su voz y lo que decía, por lo que acusmática se determinó como oír algo sin ver o reconocer presencialmente la fuente (Minsburg, 2008).

“El nombre de música acusmática proviene del griego «akusma», que quiere decir percepción auditiva, y se refiere a la música difundida por medio de altavoces y en la que sobre la escena no hay ningún instrumento” (Alonso, 2013: p. 102). Para la experimentación de arte sonoro del siglo pasado este fenómeno les fue un recurso muy útil, porque permitía salir del cánón académico, donde los conciertos tenían que ser presenciales, en una sala con condiciones determinadas, y la ejecución en vivo ante la audiencia era el rasgo fundamental para que la pieza musical tuviera éxito. La llamada música concreta privilegia el oído y el aislamiento de sonidos que para la audiencia no están presentes en ese momento, sino que gracias a dispositivos tecnológicos pueden disfrutar sin verlos: “La música concreta parte de la aislación de los sonidos existentes dentro de una composición musical; del tomar sonidos concretos, de abstraer sus valores musicales y luego colocarlos en una especie de montaje sonoro-musical” (Ferreiro, 2014).

Aquí surge un término muy importante: El montaje, el cual ya había sido abordado por Walter Benjamin (2003), al mencionar que la realización de una película ofrece un espectáculo que era inconcebible en el pasado. Constituye un proceso que no puede ser encarado desde el campo visual del observador, en cuanto a todos los elementos de producción y filmación.

El montaje para Benjamin permite la representación de un aspecto de la realidad a través de la suma de fragmentos, nos introduce a una realidad llamémosle, ilusoria, donde el goce estético se centra en un conjunto tecnológico articulado: “La obra de arte surge aquí solo a partir del montaje. Un montaje en el cual cada componente singular es la reproducción de un suceso que no es en sí mismo una obra de arte” (Benjamin, 2013: p. 66). Los sistemas de aparatos son los que intervienen en nuestra vivencia con una

película, lo mismo pasa en los festivales de música electrónica, o en otros eventos que acaecieron gracias a la pandemia por Covid-19.

La música electrónica propicia una vivencia con la tecnología: Se abre un diálogo entre la máquina que está generando la melodía y nuestra percepción. Si trasladamos esto a nuestra cotidianidad, actualmente los humanos nos movemos a través de esta clase de mediaciones: los smartphones, las redes sociales digitales, las aplicaciones, la realidad virtual, etc., fomentan una interacción inter e intrapersonal muy distinta a la que era hace algunas décadas, donde la presencia cara a cara con el objeto y estímulo ya no es fundamental para crear una conexión de sentido, emocional o estética: “al escuchar un sonido grabado, registrado, ya no vemos su fuente por lo que podemos escuchar el sonido en si mismo. Con lo cual cualquier sonido grabado es potencialmente utilizable como sonido musical, más allá de los instrumentales. Esto es lo que posibilitó la expresión música acusmática” (Minsburg, 2008).

3 ACUSMÁTICA EN FESTIVALES DE MÚSICA ELECTRÓNICA: EDC MÉXICO

Electronic Daisy Carnival, en febrero del 2020 cumplió 7 ediciones celebrándose en territorio mexicano. Se ha convertido en la segunda sede con mayor importancia, atrás de Las Vegas en Estados Unidos. Es un evento -que en 2020- cubría tres días con una llamativa oferta de dj y productores de música electrónica distribuidos en diferentes escenarios. Ofrece a su vez otras atracciones como juegos mecánicos, instalaciones artísticas, stands comerciales, zona de comida y descanso, entre otras más. Desde 2014, una zona del autódromo Hermanos Rodríguez es el lugar para alojar el evento. Algo que debe tomarse en cuenta debido que las condiciones del terreno pueden no favorecer la expansión de las ondas sonoras, y es donde el fenómeno de la acusmática tiene un gran papel, pues el espacio donde se celebra EDC México es vasto y hay que recorrer considerables distancias entre cada escenario, estrategia para que no se combine el sonido de cada área, la atención se diversifica, y se puede estar como un espectador deambulante o nómada que va asimilando lo que cada área del espacio le ofrece a través de la infraestructura como las bocinas: “las vibraciones sonoras que provienen de un altavoz son una fuerza que deviene audible, que señala otro dispositivo –real y virtual a la vez– del tiempo, los objetos, y las intenciones. El altavoz que difunde lo sonoro es un instrumento diferente a los otros y no es un instrumento neutro” (Alonso, 2013: p. 104).

Se sale del esquema tradicional de audiencia «pasiva» en un concierto, pues en EDC -y la mayor parte de festivales musicales- la experiencia no es solo estar con la vista frente al escenario, en primer lugar, no existen asientos, el *dancefloor* o pista de baile es

sin numeración y permite transitar de forma dinámica. La vivencia se da -en su mayor parte- a través de escuchar, convivir, sentir y bailar. Por lo general, es muy difícil acceder a la parte delantera del escenario y poder contemplar de forma frontal al dj. Por lo que estas estructuras son de gran tamaño, muy llamativas en su diseño, ubican al artista a un nivel elevado, para que desde cualquier distancia se pueda apreciar visualmente el espectáculo. Pero no solo eso, sino que en la música electrónica, lo que en verdad se aprecia es la ejecución sonora, no tanto la apariencia del dj.

El performance que crea el dj lo hace también a partir de una percepción auditiva, pues a partir de su voz o con ciertas frases estimula a la audiencia a realizar ciertas acciones, como el Mosh pit, donde se hace un círculo en el que personas comienzan a bailar frenéticamente dentro del perímetro; el Wall of death es una práctica donde se divide al público en dos secciones y a partir de ciertos sonidos o indicaciones se desata una danza sincrónica. Lo que se ha descrito orienta a entender una imagen de lo sonoro, es decir un diálogo entre el sonido, la idea que se genera en la mente, y la acción que se produce.

La acusmática nos permite insertarnos en lo que François Boyle nombra como i-sonoro, que “se define por él mismo, por sus propias características sónicas, sin hacer referencia a la causa que lo produjo [...] El i-sonoro” es un objeto figural que incluye las marcas codificadas de su producción de escucha” (Alonso, 2013: p. 103) En un festival como EDC, los dj traen una serie de elementos sonoros previamente preproducidos, usan además samples o mash up de otras melodías que remiten a otros artistas y que no están presentes en ese instante. Por ejemplo, en la edición de 2017 en México, Major Lazer y algunos otros productores, tocaron en su set el “Pasito Perrón”, pieza musical que se había viralizado en entornos digitales, y que pudo disfrutarse en ese momento gracias a lo i-sonoro y los registros que crean las grabaciones.

Recordar que las y los productores de música electrónica no necesariamente trabajan con instrumentos musicales de forma presencial, sino que gracias a muestreadores, mezcladores, teclados MIDI y softwares en edición de audio les otorgan grandes posibilidades de creación de objetos sonoros, los cuales se van integrando a la dinámica estética y afectiva del festival gracias también a los recursos tecnológicos como pantallas, iluminación, pirotecnia y por supuesto, la comunicación interpersonal, donde los cuerpos se vinculan a través del baile y de toda una cinética que es creada en el espacio del festival: “La proyección de las imágenes sonoras conlleva cualidades plásticas, estéticas, semánticas y simbólicas que se despliegan en el espacio considerado como paisaje morfogenético” (Bejarano, 1996: p. 18).

4 CONCLUSIONES

Estudiar este tema de la acusmática nos orienta a nuevos campos de comprensión sobre cómo los humanos nos relacionamos con nuestro entorno y con la producción de significados a partir de imágenes sonoras, donde la vista no se privilegia.

La pandemia por Covid-19 permitió que las manifestaciones acusmáticas se potencializaran, teniendo diversos eventos musicales virtuales, donde las personas -al igual que en un festival- solo se conectaban y podían hacer otras actividades en su hogar mientras disfrutaban de los sonidos. Por ejemplo, numerosos dj, usaron los entornos digitales para hacer sesiones en vivo o asincrónicas -ya sea con o sin costo- para compartir con sus seguidores.

Lo mismo pasó con la edición que iba a celebrarse el año pasado en Las Vegas de EDC, la cual fue trasladada a los ámbitos digitales en un espectáculo a distancia con diversos productores y dj de la música electrónica, que sin importar donde estuvieran geográficamente, se conectaron a la transmisión para así celebrar un año más juntos. Claro, no es la misma experiencia, pero como menciona el filósofo alemán H.G. Gadamer (1977), hay que dejarse llevar por las reglas del juego al estar relacionándonos con una expresión artística, pues se entra a una dinámica de revelación y ocultamiento que fomenta la potencialidad de sentido, ya que nos provoca una catarsis al mover nuestra experiencia de vida y el identificarnos con elementos de esa pieza artística: “El trabajo creativo de obras acusmáticas implica procedimientos y métodos en los ámbitos de producción (composición- fijación) y de proyección (interpretación-juego)” (Bejarano, 1996: p. 16).

Esta idea de juego de Gadamer (1977) se liga con el fenómeno acusmático ya que nos introduce a una creación imaginaria que se toma como verdadera, y dentro de esa realidad, la acción de nosotros como participantes es vital, pues vamos dándole una configuración y destino inusitado.

Cerramos con la visión del filósofo francés Gilbert Durand (2007) sobre los símbolos, debido a que las imágenes sonoras que se crean en las manifestaciones acusmáticas están sustentadas en un imaginario tanto personal como colectivo, donde se proyectan significados que van socializándose y apropiándose. Porque además el símbolo hace referencia a abstracciones imposibles de presentar físicamente “la representación simbólica nunca puede confirmarse mediante la presentación pura y simple de lo que significa [...] es transfiguración de una representación concreta con un sentido totalmente abstracto” (p. 15). En un set de EDC pueden emerger a través de lo i-sonoro una serie de elementos simbólicos complejos: desde un animal exótico, un paraje, una deidad, una emoción o sentimiento, un personaje, que como tal no está

presente y que forma parte solo de la imaginación tanto del artista como de nosotros como audiencia.

La acusmática nos adentra en el universo del misterio, de lo inconmensurable, donde volvemos la atención a nuestras raíces como especie, que es fijar atención a diversos estímulos de nuestro entorno, no darle un rol jerárquico al sentido de la vista sino también disfrutar de otro tipo de imágenes como las sonoras, y que dentro de los festivales se combina con muchos estímulos más: “En la música acusmática, se daría una unión del cuerpo y del mundo, que entrarían en resonancia con otros universos desconocidos: Una acusmonía sería entonces la escucha acordada a los mundos que nos son desconocidos y de los que nos separa solamente el espesor virtual de una vibrante membrana” (Alonso, 2013: p. 124).

FUENTES

Alonso, E. (2013). El concepto de “imagen-de-lo-sonoro” en la música acusmática según el compositor François Bayle. *Escritura e imagen*, Vol. 9, pp. 101-124.

Bejarano, C. M. (1996). *Acusmática. Un arte de laboratorio. Informe Especial*. Colombia. pp. 11-19.

Benjamin, W. (2003) *La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica*. México. Itaca.

Durand, Gilbert (2007) *La imaginación simbólica*. México. Siglo XXI.

Ferreiro, A. (2014, 3 julio). La acusmática: De los olores, lo oído y la forma del oír. Andreaferreiro's Blog. <https://andreaferreiro.wordpress.com/2014/07/03/la-acusmatica-de-los-olores-lo-oido-y-la-forma-del-oir/>

Gadamer, Hans-Georg (1977) *Verdad y método*. Tomo 1. Salamanca. Sígueme.

Minsburg, R. (2008, 16 febrero). ¿Qué es la acusmática? Blogspot. <http://raulminsburg.blogspot.com/2008/02/qu-es-la-acusmtica.html>

CAPÍTULO 3

EMOTIONAL AND AFFECTIVE LOGIC IN UNIVERSITY TEACHER RESEARCH TRAINING-19

Data de submissão: 26/02/2022

Data de aceite: 04/03/2022

Derling José Mendoza Velazco

IMF Smart Education and
Camara Minera del Peru CAMIPER
Spain – Peru
dmendozav381@alumnos.imf.com
<https://orcid.org/0000-0001-8275-3687>

Janeth Elizabeth Salvador Moreno

IMF Smart Education
Spain
jsalvadm@profesorescol.imf.com
<http://orcid.org/0000-0003-4252-9271>

ABSTRACT: The present research is justified by pointing out the basic conceptions of emotional and affective logic. These conceptions strengthen the research training of university teachers. The study was developed from a qualitative perspective. The interpretative phenomenological paradigm was applied. As key informants, the participation of 8 (eight) teachers who work at the UTE University of Ecuador during the period 2021-2022 was highlighted.

The research is structured in three phases. The first phase involved the search for and collection of information. The instruments used were the observation guide and the semi-structured interview. In the second phase, the information obtained was contrasted and categorised. Grounded theory and the method of digital contrastation were applied for the analysis. The contrastation was carried out using the current version of the Atlas.ti operating software. The categories emotional logic, affective links and teacher training were obtained. In the third phase, the main objective of a theoretical approach is fulfilled. In the conclusions, the emotional and affective links that the university exerts on the teacher's research training are mentioned. The importance of facilitating a constant updating of the teacher's humanistic vision. University updating through research.

KEYWORDS: Emotions. Teacher training. Humanism. Continuous research.

LA LÓGICA EMOCIONAL Y AFECTIVA EN LA FORMACIÓN INVESTIGATIVA DEL DOCENTE UNIVERSITARIO-19

RESUMEN: La presente investigación se justifica por puntualizar las concepciones básicas de la lógica emocional y afectiva. Estas concepciones fortalecen la formación investigativa del docente universitario. El estudio se desarrolló desde una perspectiva cualitativa. Se aplicó el paradigma

fenomenológico interpretativo. Como informantes claves se destacó la participación de 8 (ocho) docentes que laboran en la Universidad UTE del Ecuador durante el periodo 2021-2022. La investigación se encuentra estructurada en tres fases. La primera fase plantea la búsqueda y recolección de información. Se aplicaron como instrumentos la guía de observación moderada y la entrevista de tipo semiestructurada. En la segunda fase, se desarrolló la contrastación y categorización de la información obtenida. Para el análisis se aplicó la teoría fundamentada y el método de contrastación digital. La contrastación se aplicó el software operativo Atlas.ti versión actual. Se obtuvo las categorías Lógica emocional, vínculos afectivos y formación docente. En la tercera fase, se cumple el objetivo principal de realizar una aproximación teórica. En las conclusiones se menciona sobre los vínculos emocionales y afectivos que ejerce la universidad en la formación investigativa del docente. La importancia de facilitar una actualización constante de la visión humanista del docente. Actualización universitaria mediante la investigación.

PALABRAS CLAVE: Emociones. Formación docente. Humanismo. Investigación continua.

1 INTRODUCTION

In university andragogical practice, the participation of the teaching subject in the research level of higher education is at a stage of complex and systemic action. Through research, spaces are opened for educational innovation, in favor of transformations as a result of theory and practice. The practices are applied as innovations in the social-critical typology characterized mainly by the interaction of those who participate in the innovation process. This participation is a result of the application of the self-reflective method, which suggests the reconstructive analysis of the inherent meanings. Universities possess a humanistic and guiding transformative process in teacher education (Azmi & Noer, 2020).

The andragogical orientation of universities today is not designed to strengthen teachers' research competences (Hirsch, 2016). At the same time, these competences must allow for the consolidation of organisational objectives. Based on emotional intelligence (EI), it is necessary to have a prospective vision of what is happening, with a dialectical sense (Mustafina, et al., 2020). IE raises the various strategies for teacher education. IE facilitates a better understanding of research practice, where holistic knowledge and holistic education are promoted (Supramaniam, et al., 2021). These elements are necessary to be considered by teachers in educational activities (Biesta and S'fstrom, 2018). In the context of university education adjusted to the curricular platform that guides the educational level.

2 THEORETICAL FRAMEWORK

2.1 ANDRAGOGIC RATIONALE

The research is based on different andragogical principles, including participation, self-responsibility, and self-reliance. It is based on conceiving the adult learner as an individual with capacities for self-management, participation and problem-solving derived from his or her needs, interests, and the action of external forces. For Adam (1977), andragogy is the science and art of instructing and educating man permanently. The adult's willingness to learn is oriented towards tasks that favor the development of his or her social roles (Scull, et al., 2020). Therefore, for universities, teachers (generators of knowledge) of their own learning must be provided with tools that encourage ideas, creative processes and innovative proposals. They must also be enabled to master research theory and practice.

In this sense, face-to-face moments should be provided, such as assistance and support events in which, through the workshop technique, interaction and feedback on the andragogical study process is encouraged (García, et al., 2014). Consequently, this principle will allow the integration and maximum development of the adult's individual potential. This potential can be channeled in a constructive direction and change to teacher education. For Alanís (2004), the tendency of teachers in their practices and education is to teach how to handle isolated content, but not to transform it. He also describes the limitation of generating material, techniques or teaching strategies. All of this is a product of the tendency of teaching professionals to be trained under text reproduction schemes (Krichesky and Murillo, 2018).

This supports the idea that education must be in constant change and construction of its meanings (Mendoza, et al., 2021). Therefore, the teacher must be a researcher from the beginning of his or her training. The teacher must be a persevering builder of a practice that aims to be different and efficient, an architect of the classroom, a catalyst of classroom processes (Roessger, et al., 2020). The activity of teacher updating is often carried out consciously and sometimes unconsciously (Snyman & Berg, 2018).

Every educational experience is different. Education is made up of small particular realities, realities that are constructed on a daily basis in the classroom, with the support of students who have realities that are changing, events that condense history, society and culture (Samuel, et al., 2019). The educational reality must be re-signified and reoriented, due to the effective formation that transcends in the learning subject (Standish, 2016).

2.2 THE HUMANIST PARADIGM

The humanistic paradigm challenges behaviorist theories of education. (Mendoza, et al., 2019). According to Hamachek (1987), humanistic education helps to develop people's individuality. It also supports students to recognize themselves as unique human beings and assist students to develop their potential. The university responsibility of humanistic education is essential, as it aims to promote the development of students' personal knowledge between knowledge and belief (Loeng & Omwami, 2018). The humanistic paradigm not only participates cognitively in the university, but as an educational model that flaunts affect.

The inner attitudes of humanism are found among Ausubel's research in formalizing the theory of internalization. Rodriguez (2008) defines meaningful learning as a theory of learning because that is its purpose. The theory of meaningful learning addresses every one of the elements, factors and conditions that guarantee the acquisition, assimilation and retention of the content that the school offers students (Sandín, 2003).

The knowledge of the humanistic paradigm (HP) focuses on relating previous learning to new information. The HP is in opposition to learning by repetition or rote learning, considering that not only knowledge is related, but also understanding (Vásquez, 2012). For this learning to be effective, it is necessary to intuit, to use what teachers know with their interests and research potential.

Social intelligence (SI) establishes an important margin in education, referring to it as an individual ability to perceive information (Salovey & Mayer, 1997). For Wechsler (1940), in his studies of emotional intelligence, the difference he established between "intellectual elements" and "non-intellectual elements" (affective, personal and social factors) is indicated. The full development of intellectual elements in individuals favours their ability to cope with situations. By considering that their emotional act is based on the cognitive assessment of personal circumstances (Rodríguez & García, 1999).

2.3 ONTOLOGICAL FOUNDATION

Ontologically, according to Kuhn (1989), normal science forces nature to fit within the pre-established and relatively inflexible limits provided by the paradigm (Martínez, 2006a). However, the current trend in universities is towards the ontological complementarity of being a teacher (Mendoza, 2016). All this, due to its specific purpose in higher education as a field of training but not of research, through the study of the factors that condition the academicist andragogical teaching and learning processes,

isolated from the emotional intelligence and study-production competences of the university teacher (Campos, 2010).

For Cañón (1993) the ontology of educational entities and even more their epistemology are interpreted in incredibly disparate ways and remain mysterious. The great conceptual diversity between the ontological of being and the epistemological in the educational sciences is established by a limit. This limit in its definition, analysis, description and implementation of the proposal, after the strategic orientations have been elaborated (Adam, 2008).

Thoughts, ideas and memories produce emotions, which are formed in the individual by altered consciousness (Samuel, et al., 2019). They are present in two ways, in an external way by being exalted by emotional reactions, providing joy or sadness. Then internally, by occurring in the thinking of the being, giving therefore, the visualization of low blood pressure, cardiac increase or decrease, especially the remarkable organic functions.

The ability to take control and understand one's own and others' emotions and feelings is referred to as emotional intelligence (Goleman, 1995). EI helps to motivate and engage possible frustrations, which arise in the alteration of impulses. In the same way, EI controls moods by reducing distress, which interferes with the preponderance of rationality and trust with other individuals.

2.4 EMOTIONAL INTELLIGENCE

Emotional intelligence is defined by Mayer and Salovey (1997) as the ability to perceive, appraise and express emotions accurately. It is an ability to access and/or generate feelings that facilitate thinking. It is an ability to understand emotions, the knowledge and ability to regulate emotions resulting in emotional and intellectual growth.

The ability to take control and understand one's own and others' emotions and feelings is referred to as emotional intelligence. Vázquez (2012) asserts that human beings exist in the flow of their emotions. Emotions in philosophy identify cognitive logics in a broad sense. The human being in his natural habitat, recognizing fears, joys and anger, involves them in an eventual way with the desire to interact with or without them, until the moment of formalizing the impulses.

In this sense, in the philosophical orientation of the study, Campos (2010) bases emotions on the functioning of the brain. Emotional stimuli interact with cognitive abilities. Moods, feelings and emotions can affect reasoning ability, decision-making, memory,

attitude and readiness to learn (Goleman, 1995). In conjunction, his studies have shown that bad mood in humans negatively affects harmonious thinking, impairing cognitive, perceptual and emotional abilities. At university, with a climate favorable to its level of adaptation, it is considered an essential factor for learning (Marcelo, 2006).

The outline of the study is based on a philosophical principle, as it considers the aim and goal of the university teacher's research training, as a dynamic conception of knowledge, where the dialectic relationship between subject and object implies learning - knowing - knowledge; elements that the facilitator will subsequently transmit in the development of his or her research procedure.

Therefore, universities in their curricula and study programmed seek to enhance and develop the intellectual level of the participant. According to Mendoza (2016), emotional logic facilitates the capacity for investigative thinking. It allows working in a simple and accessible way, where emotions play a role that can be linked to their environment.

3 METHODOLOGY

The study was developed under a qualitative research approach, through the phenomenological method and supported by an interpretative type of research. Qualitative research produces interpretative data based on people's words, written expressions and observable behavior (Hernández, et al., 2014; Taylor and Bogdan, 2000). From this viewpoint, the qualitative approach is justified in the present study. The study focuses its interest on the natural environment where the vicissitudes occur in order to find the researchers' perception of the situations that occur during the development of university teacher training.

3.1 RESEARCH SUBJECTS

For the study, the informant subjects were selected in a participatory purposive manner (Núñez, 2017). An electronic letter of invitation was sent to 08 (eight) teachers. The criteria were that the informant subjects should be teachers at the UTE University. Have experience in university education. Hold undergraduate, postgraduate and doctoral degrees in different educational areas, both male and female.

3.2 DATA COLLECTION TECHNIQUES

The technique used was the semi-structured interview. In this technique, the interviewer can ask other questions that were not initially contemplated. This is because

an answer can give rise to an additional question (Arias, 2012). From this perspective, the moderated observation guide (Strauss and Corbin, 2002) was applied.

3.3 ANALYSIS TECHNIQUES

Triangulation or contrasting was used as an analysis strategy for the second phase of the study. Triangulation consists of bringing together information through accounts, opinions of authors, theories, observations of a situation from various angles or perspectives. They are then unified, compared or contrasted (Martínez, 2006b).

Information analysis consisted of reducing, categorizing, clarifying, synthesizing and comparing information in order to obtain a complete picture of reality. This process was carried out in a systematic and orderly, but not rigid, way, through a continuous and inductive process. The ATLAS-Ti software was used through the digitalization and formatting of documents. The information was then reduced through coding and categorization, to be presented graphically in structural networks. The links and relationships built from the analysis established the theorization of the study. The theorization was structured by grounded theory (Strauss and Corbin, 2002).

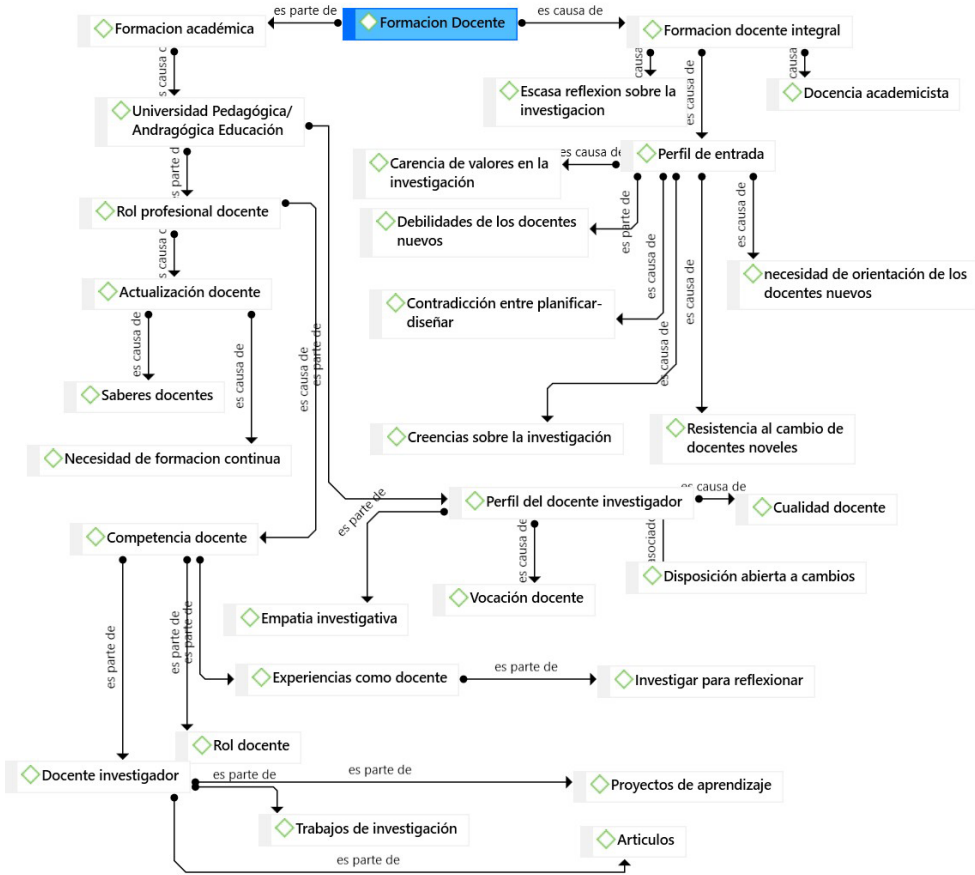
4 RESULTS

The analysis and interpretation of the information obtained is presented as results and conclusions. By means of the events observed in the circumstances in which university educational activities are carried out. The objective was to examine the emotional and affective characteristics of teachers' research training. In order to construct the theoretical elements that support the theoretical approach, a rigorous study of the information was required.

4.1 CATEGORY: TEACHER TRAINING

Training has to do with the ability to learn tools that enhance the performance of subjects, as well as the will to improve. For the researchers, teacher training is responsible for a formative process in which self-training processes are valued.

Image 1. Category: Teacher training.



Source: Mendoza & Salvador (2021).

In this regard, Marcelo (2006) indicates that teacher training is stated as the preparation and professional emancipation of the teacher. In this way, the teacher can critically, reflectively and effectively develop a teaching style that promotes meaningful learning in students. They can also achieve innovative thinking and action, working as a team to develop a common educational project. Faced with this situation, the testimonies of the participants explored the need for a reflective and innovative teaching subject, whose training is developed in the context of their work, together with the rest of their colleagues in favor of collaborative work between teachers in the same area or faculty, as an effective and relevant way of professional teacher training.

University teacher training is a field of knowledge focused on research, as well as on the study of the processes through which teachers learn and develop their

professional competences for the training of other subjects. To this end, it is essential to provide teachers with training focused on the immediate context of research work, where they are trained to analyse the education system and develop their practice as a work of innovation. The informants highlighted the differentiation in their academic andragogical and/or professional training in comparison, as they are graduates of universities where they are not given a research curriculum in education, visualizing in Image 1, category Teacher Training the lack of research preparation by having a low profile in research methodology.

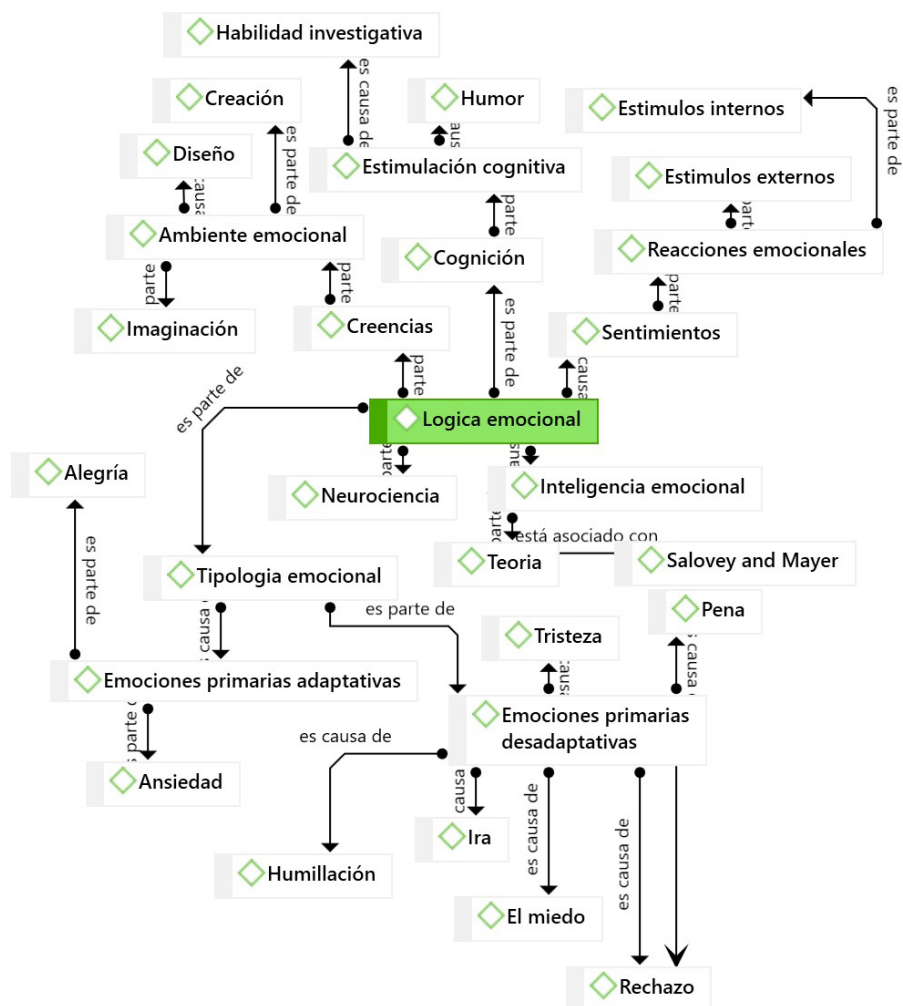
In the same way, the capacity for innovation, reflection and criticism of the educational task is appropriate, so that the teacher is conceived as a born researcher, designer, planner and is committed to the constant change that society implies. It is therefore a question of fostering those capacities that help to overcome the factors that hinder methodological and andragogical renewal, such as lack of awareness, lack of recognition of teaching work, the low value placed on teaching for promotion, lack of training, routine, fear of change, the ageing of teachers themselves and the confusion that the whole process provokes.

For the authors, teacher training in the context of university education involves a series of actions that place the subject who teaches in an incessant search for academic knowledge, which brings him/her closer to making decisions about his/her andragogical praxis and helps him/her to get rid of the uncertainty encouraged by the lack of knowledge in his/her research methodology.

4.2 CATEGORY: EMOTIONAL LOGIC

For the informants, the emotional reason that leads them not to carry out research is the result of beliefs about the complexity of designing a scientific production, as it is conceived as an unattainable goal for teachers. Among the testimonies described by the participants, the emotional reactions stand out, as a result of achievements in articles published in high-ranking indexed journals, in contrast to the teachers who are afraid of being rejected or not having their scientific study accepted.

Image 2. Category: Emotional logic.



Source: Mendoza & Salvador (2021).

The researchers perceived, based on the theories of emotional intelligence, active secondary emotional scars (Mendoza, 2016). Emotional scars allow the adoption of different languages of emission and reception of information, such as fear, anger, sadness, rejection, anxiety, joy and instrumental emotion, this logical language sponsored by natural intelligence prevents external language from taking control of the expressions.

The other form of expression, which opts for primary emotions, is the maladaptive type, detailed in the study environment as grief and humiliation, for example, the rejection of a project, fear of not being able to carry out a scientific article, anger at feeling pressured by the university to demand a research project, categorized as maladaptive primary emotions.

4.3 CATEGORY 3: EMOTIONAL TIES

Image 3. Category: Bonding.



Source: Mendoza & Salvador (2021).

For trainee teachers, it is necessary to break the bonds that hinder decision-making for openness to change (Taylor & Bogdan, 2000). Attitudinal and ideological actions prevent them from working effectively in educational research (Loeng & Omwami, 2018). This is the starting point for a profound change with strategic characteristics that allow for an epistemological and methodological reconstruction in education.

The research results show that affective issues play an important role in university education. For the authors, the affective domain is the elements that make up affect in a general way. Among the affections, tastes, confidence, behavior, emotions, beliefs, preferences and affective relationships were distinguished. Feelings and states of mind were established by the informants by discarding affective relationships as emotional

intelligence, as they did not consider affectivity as a transcendental meeting point between teacher-teaching and teaching-research.

5 THEORETICAL APPROACH

Martínez (2006b) expresses that the theoretical approach is the result of an almost poetic intuition. Hence, the researchers used all their creativity and intuition to theories what they believed they could discover after contrasting the categories.

In this way the emotional link between teaching and research emerges between the applicability of affective links. This link is shaped by different relevant aspects of attitudes, by socio-educational principles, where training ceases to be exact, rigorous and cold and becomes an area of affective knowledge. To introduce teachers to the affective links of research, the provision and knowledge of a wide range of methodology must be undertaken. From the very beginning of their university preparation, teachers must be inquiring into the humanistic principle of teaching. The teacher must be a born and constant researcher. They cannot establish learning by means of the cognitive attainment or prerequisites that a university demands for graduation. The affective and emotional dimension of the educational being must be considered. The affective domain facilitates the emotional logic of being able to understand and encourage constant research by teachers.

BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

Adam, F. (2008). *Universidad y educación de adultos*. CEDEAL.

Adam, Félix. (1977). *Algunos Enfoques Sobre Andragogía*. Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez.

Alanís, A. (2004). *El saber hacer de la profesión docente*. Trillas.

Arias, F. (2012). *El proyecto de investigación*. Editorial Episteme.

Azmi, M. & Noer, F. (2020). El Enfoque Andragogical para Enseñar Habilidades de Habla Inglesa para Estudiantes Universitarios. *J. Appl. Sci. Estoy en 200. Educ*, 2(2), 136-140. <https://doi.org/10.35877/454RI.asci2264>

Biesta, G. y S'fstrom, C. (2018). Un manifiesto para la educación. *Praxis educativa*, 22(2), 20-36. <http://dx.doi.org/10.19137/praxiseducativa-2018-220203>

Campos, A. (2010). Neuroeducación: uniendo las neurociencias y la educación en la búsqueda del desarrollo humano. *Revista digital*, 143. http://www.educoea.org/portal/La_Educacion_Digital/laeducacion_143/articles/neuroeducacion.pdf

Cañón, C. (1993). *La matemática: creación y descubrimiento*. Universidad pontificia de comillas.

- García, E, García, A. y Reyes, J. (2014). Relación Profesor-Alumno y sus Implicaciones para el Aprendizaje. *Ra Ximhai*, 10(5), 279-290. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=46132134019>
- Goleman, D. (1995). *La inteligencia emocional*. Editorial Kairos.
- Hamachek, D. (1987). *Encounters with the self*. Rinehart & Wiston.
- Hernández, R. Fernández, C, y Baptista, P. (2014). *Metodología de la investigación*. McGrawHill.
- Hirsch, A. (2016). Comportamiento responsable en investigación y conducta poco ética en universidades mexicanas y españolas. *Revista de la Educación Superior*, 45(179), 7993.
- Hurtado De Barrera, J. (2007). *Metodología de la investigación. Una comprensión holística*. Ediciones Quirón - Sypal.
- Krichesky, G. y Murillo F. (2018). Colaboración docente como factor para el aprendizaje y la mejora escolar. Un caso de estudio. Un estudio de casos. *Educación XX1*, 21(1), 135-156. <https://doi.org/10.5944/educXX1.15080>.
- Kuhn, T. S. (1989). ¿Que son las revoluciones científicas? y otros ensayos. Paidós.
- Loeng, S. & Omwami, E. (2018). Varias formas de entender el concepto de andragogía. *Educación Cogent*, 5(1). <https://doi.org/10.1080/2331186X.2018.1496643>
- Marcelo, C. (2006). *Formación del profesorado para el cambio educativo*. Editorial PPU.
- Martínez, M. (2006a). *Comportamiento humano. Nuevos Métodos de investigación*. Trillas.
- Martínez, M. (2006b). *Ciencia y arte de la metodología cualitativa*. Trillas.
- Mendoza D., Cejas M., Rivas G., Varguillas C. (2021). Anxiety as a prevailing factor of performance of university mathematics students during the COVID-19 pandemic. *The Education and science journal*, 23(2), 94-113. <https://doi.org/10.17853/1994-5639-2021-2-94-113>
- Mendoza, D. (2016). *La la matemática emocional y afectiva a partir del empleo de las tecnologías de la información y la comunicación en educación media general*. Tesis doctoral. Universidad Pedagógica Experimental Libertador.
- Mendoza, D. Nieto, Z. y Vergel M. (2019). La tecnología y las matemáticas como componente cognitivo. *Revista de Física: Serie de Conferencias*, 1414, 012007. doi: 10.1088/1742-6596/1414/1/012007
- Mustafina, R., Iлина, M. & Shcherbakova, I. (2020). Emotions and their Effect on Learning. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, 25(7),318-324. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27964362035>
- Núñez, J. (2017). Métodos mixtos en la investigación educativa: Hacia un uso reflexivo. *Cadernos de Pesquisa*, 47(164), 632-649. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143763>
- Rodríguez G, Gil J y García E. (1999). *Metodología de la investigación educativa*. Aljibe.
- Rodríguez Palmero, L. (2008). *La teoría del aprendizaje significativo en la perspectiva de la psicología cognitiva*. Editorial octaedro.
- Roessger, K., Roumell, E. & Weese, J. (2020). Repensar los supuestos andragógicos en la era global: cómo las preferencias por el aprendizaje andragógico varían entre las personas y las culturas. *Estudios de Educación Continua*, 42. 10.1080/0158037X.2020.1732335

- Salovey, P. y Mayer, J.D. (1997). *Emotional intelligence*. Revista: Imagination, Cognition and Personality.
- Samuel, Y., Mayra, M., Velazco, D., Santiago, L., Iván, S. y Mauricio, B. (2019). The Solitario y odio dentro de las redes sociales. *Revista Académica de Interdisciplinaria Estudios*, 8(3), 71. <http://www.richtmann.org/journal/index.php/ajis/article/view/10559>
- Sandín, M. (2003). *Investigación cualitativa en educación*. Madrid: Mc Graw Hill.
- Scull, J., Phillips, M., Sharma, U. & Garnier, K. (2020) Innovations in teacher education at the time of COVID19: an Australian perspective. *Journal of Education for Teaching*, 46(4), 497-506. 10.1080/02607476.2020.1802701
- Snyman, M., & Berg, G. (2018). La importancia del perfil del alumno en el reconocimiento del aprendizaje previo. *Educación para Adultos Trimestral*, 68(1), 24–40. <https://doi.org/10.1177/0741713617731809>
- Strauss y Corbin. (2002). *Bases de la investigación*. 2da edición. Universidad de Antioquia.
- Supramaniam, Suganthi, and Kuppusamy Singaravelloo. (2021). Impact of Emotional Intelligence on Organisational Performance: An Analysis in the Malaysian Public Administration. *Administrative Sciences* 11, 76. <https://doi.org/10.3390/admsci11030076>
- Standish, P. (2016). Enseñanza expuesta: Educación en la negación. *Revista de Educación*, 373, 109-120. <https://doi.org/10.4438/1988-592X-RE-2016-373-323>.
- Taylor, S y Bogdan, R. (2000). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. España: Paidós.
- Vásquez Rocca, A. (2012). Nietzsche: de la voluntad de ficción al pathos de la verdad; aproximación estético-epistemológica a la concepción biológica de lo literario. *Revista de la sociedad asturiana de filosofía SAF*, 46, 31 – 3.
- Wechsler, D. (1940). Nonintellective factors in general intelligence. *Psychological bulletin*, 37, 444 - 445.

CAPÍTULO 4

LA TOMA DE DECISIONES Y SU DIMENSIÓN EMOCIONAL

Data de submissão: 09/02/2022

Data de aceite: 30/03/2022

Josefina Álvarez-Justel

Profesora asociada

Departamento de Métodos de
Investigación y Diagnóstico en Educación
Universidad de Barcelona
Barcelona- España
ORCID: 0000-0002-6844-4957

Núria Pérez-Escoda

Profesora titular

Departamento de Métodos de
Investigación y Diagnóstico en Educación
Universidad de Barcelona
Barcelona- España
ORCID: 0000-0001-6314-2792

Èlia López-Cassà

Profesora lectora

Departamento de Didáctica y
Organización Educativa
Universidad de Barcelona
Barcelona- España
ORCID: 0000-0003-3870-8533

RESUMEN: La influencia de las emociones es un aspecto importante en el proceso de la toma de decisiones, especialmente en

la adolescencia. Es valiosa dicha influencia en función del género, curso académico, tipo de centro, nivel educativo familiar y las dimensiones cognitiva y social de la toma de decisiones. En este trabajo se presentan un conjunto de evidencias con estudiantes de 4º de educación secundaria obligatoria (ESO) y de 2º de Bachillerato a los que se aplicó la escala de toma de decisiones de la carrera en secundaria (ETDC-S). Los resultados del estudio apoyan que la dimensión emocional contribuye sustancialmente en el proceso de toma de decisiones y se establecen diferencias significativas de esta dimensión en función del género y el tipo de centro, no así con el curso académico y nivel de estudios de la familia. Asimismo, se constata un vínculo estrecho con las dimensiones cognitiva y social de la toma de decisiones.

PALABRAS CLAVE: Toma de decisiones. Dimensión emocional. Secundaria. Adolescencia.

DECISION MAKING AND ITS EMOTIONAL DIMENSION

ABSTRACT: The influence of emotions is an important aspect in the decision-making process, especially in adolescence. This influence is valuable as a function of gender, academic year, type of school, family educational level, and the cognitive and social dimensions of decision making. This paper presents a body of evidence with students in

4th year of compulsory secondary education (ESO) and 2nd year of bachelor's degree to whom the secondary career decision making scale (ETDC-S) was applied. The results of the study support that the emotional dimension contributes substantially to the decision-making process, and significant differences in this dimension are established according to gender and type of school, but not according to academic year and family level of studies. Likewise, there is a close link with the cognitive and social dimensions of decision making.

KEYWORDS: Emotional dimension. Decision making. Secondary school. Adolescence.

1 INTRODUCCIÓN

La etapa de la educación secundaria constituye un período vital para los adolescentes ya que supone tomar decisiones académicas-profesionales importantes para su futuro y abordar procesos de transición que obligan a tomar elecciones constantemente (Arias y Gentile, 2011; Álvarez-Justel, 2017).

La orientación y la tutoría devienen un valor indiscutible para el desarrollo integral de los jóvenes, ayudándoles a madurar y afrontar sus constantes procesos de toma de decisiones. Proporciona al alumnado espacios de reflexión para un mejor conocimiento de sí mismo, proporcionando información apropiada y actualizada del mundo laboral para asumir con garantías su toma de decisiones, tanto a nivel académico como profesional.

Desde el enfoque comprensivo definido por Álvarez y Rodríguez (2006) se concibe que todo proceso de toma de decisiones contempla tres dimensiones: emocional, cognitiva y social.

En referencia a la dimensión emocional al conjunto de competencias emocionales definidas por Bisquerra y Pérez-Escoda (2007), a la dimensión cognitiva en los planteamientos de Krumboltz (1979) y a la dimensión social en el enfoque de Lent, Brown y Hackett (1996). Por tanto, el modelo comprensivo para la toma de decisiones acoge los aspectos cognitivos, sociales y emocionales. En relación a la dimensión emocional destacamos algunas aportaciones que apoyan su importancia en los procesos de toma de decisiones.

-Mayer y Salovey (1997) afirman que las emociones tienen mucha más vinculación en la toma de decisiones que la cognición.

-Simon (1998) confirma que las emociones forman parte en los mecanismos y procesos de decisión.

-Emmerling y Cherniss (2003) en un artículo sobre la inteligencia emocional y el proceso de elección de la carrera, sostienen la interdependencia de la emoción y la

cognición en el proceso de toma de decisiones y afirman que la teoría de la inteligencia emocional contribuiría a una mejor comprensión del proceso de toma de decisiones vocacional.

-Brown, George-Curran y Smith (2003) mostraron como los estudiantes con buenos niveles de regulación emocional estaban en mejores condiciones de afrontar los procesos de toma de decisiones vocacional.

-Di Fabio (2012) sostuvo que la inteligencia emocional era una nueva variable innovadora en el proceso de toma de decisiones vocacional.

-Los estudios de Lerner, Li, Valdesolo y Kassam (2014) mostraron que las emociones constituyen un poder omnipresente y una energía como conductoras previsible de la toma de decisiones. De esta aportación surgieron un modelo de toma de decisiones que incluyese “inputs” emocionales e “inputs” cognitivos.

-Wichary, Mata y Rieskamp (2016) confirmaron que el estrés emocional impacta en la toma de decisiones mediante la búsqueda de la información vocacional y a través de la selección de estrategias de decisión.

-Santos, Wang y Lewis (2018) obtuvieron conclusiones interesantes del estudio que realizaron sobre la inteligencia emocional y las dificultades en la toma de decisiones vocacional. Así, una adecuada gestión emocional es clave para afrontar un proceso de decisión. Estos trabajos concuerdan con otras investigaciones, en los que se concluye que una deficiente inteligencia emocional tiene relación directa con las dificultades en la toma de decisiones.

-Álvarez-Justel (2019a) demuestra en su estudio el peso equitativo de las dimensiones emocional, cognitiva y emocional en la toma de decisiones vocacional en el alumnado de secundaria.

-Álvarez-Justel y Álvarez (2019b) observaron un rol relevante de la dimensión emocional en el proceso de toma de decisiones vocacional en alumnado de secundaria.

Si ahondamos en el análisis de los trabajos citados, se observa la existencia de diferentes aspectos de la dimensión emocional que es preciso tomar en cuenta al analizar detenidamente el impacto emocional en la elección vocacional. En concreto nos referimos a la dimensión emocional de conciencia emocional, regulación emocional, autonomía emocional, competencias de vida y bienestar y certeza en la elección que se describen en la Tabla 1.

Tabla 1. Aspectos y su descripción de la dimensión emocional.

DIMENSIÓN EMOCIONAL	
ASPECTOS EMOCIONALES	DESCRIPCIÓN
Conciencia emocional	Entender y comprender las propias emociones y establecer diferencias entre pensamientos, sentimientos y conductas.
Regulación emocional	Capacidad para manejar las emociones de forma adecuada en un proceso de toma de decisiones. (Autorregular las emociones negativas y autogenerar emociones positivas).
Autonomía emocional	Capacidad para conocerse mejor, tener una adecuada valoración de sí mismo y autoconfianza (autogestión personal).
Competencias de vida y bienestar	Capacidad para adoptar comportamientos apropiados y responsables a la hora de tomar una decisión, facilitando experiencias de satisfacción y bienestar.
Certeza en la elección	Estar plenamente seguro de la decisión a tomar. Sentirse motivado para tomar la decisión.

Para el estudio con estudiantes de Educación Secundaria obligatoria y Bachillerato se han tenido en cuenta los aspectos anteriormente presentados con los siguientes objetivos:

- Analizar la relevancia de la dimensión emocional en función del género, tipo de centro, curso y nivel educativo de la familia en el proceso de toma de decisiones de los adolescentes participantes.
- Examinar la relación de la dimensión emocional con las dimensiones cognitiva y social de la toma de decisiones en una muestra de jóvenes.

2 MÉTODO

2.1 PARTICIPANTES

La muestra ha sido elegida mediante el método de muestreo intencional por motivos de accesibilidad. Han participado estudiantes de 4º de Educación Secundaria Obligatoria (ESO) y 2º de Bachillerato de 4 centros, dos de ellos públicos y dos privados concertados. Se presenta en la Tabla 2 la distribución de la muestra en función del tipo de centro, nivel educativo y género.

Tabla 2. Distribución de la muestra.

Tipo de centro		Nivel de estudios		Género		Total
Público	Concertado	4º ESO	2º Bachillerato	Mujer	Hombre	
285 (57,76%)	209 (42,24%)	288 (58,93%)	206 (41,07%)	263 (52,83%)	231 (48,17%)	494

2.2 INSTRUMENTOS

Se recogieron datos sociodemográficos y de las dimensiones emocional, cognitiva y social de la toma de decisiones de los participantes mediante la *Escala de toma de decisiones de la carrera en secundaria* (ETDC-S) de Álvarez-Justel y Álvarez, (2019b). Este instrumento permite obtener información de las tres dimensiones (emocional, cognitiva y social) descritas en el modelo comprensivo para la toma de decisiones. Es una escala con 15 ítems de acuerdo a una escala de Likert de 0 a 10, indicando el desacuerdo o acuerdo con el contenido de cada uno. La fiabilidad mediante el coeficiente alfa de Cronbach, es de .86. Se detallan los aspectos y los respectivos ítems de la escala en la Tabla 3.

Tabla 3. Aspectos e ítems de la dimensión emocional en el proceso de toma de decisiones.

DIMENSIÓN EMOCIONAL	
ASPECTOS DE LA DIMENSIÓN	ÍTEMES
Conciencia emocional	1-Tengo en cuenta mis emociones cuando tomo una decisión.
Regulación emocional	2-Cuando tomo una decisión controlo las emociones como la ansiedad y el miedo. 8-Cuando estoy nervioso ante una decisión sé cómo tranquilizarme.
Autonomía emocional	4- Cuando tomo una decisión tengo confianza en mí mismo. 11-Cuando tomo una decisión sé justificarla sin enfadarme.
Competencias de vida y bienestar	13-Sé cambiar mi decisión si me equivoco. 3-Estoy decidido para tomar una decisión sobre estudios y profesión.
Certeza en la elección	6-Entiendo claramente la decisión que tengo que tomar.

2.3 PROCEDIMIENTO

En primer lugar, se contactó con los centros para solicitar la autorización y explicarles el estudio. Posteriormente, tras su aceptación se determinó el plan de trabajo a seguir.

Seguidamente, se explicó a los estudiantes el objeto de estudio, la finalidad de la escala de toma de decisiones y cómo cumplimentarla. Se aplicó la escala en los meses de enero y febrero de 2019 en cada grupo-clase. La duración aproximada de aplicación fue de 10 minutos.

Para el análisis de los datos se utilizó el paquete estadístico SPSS (versión 25.0). Para el estudio de cada una de las variables se analizaron los datos descriptivos y

posteriormente se realizó, el contraste de las medias en función del sexo, nivel educativo y tipo de centro y nivel educativo de la familia con la dimensión emocional de la toma de decisiones utilizando la prueba T de *Student* y el análisis de la varianza (ANOVA). Asimismo, se estudió la correlación entre las variables y su interrelación con el proceso de toma de decisiones mediante la correlación de Pearson.

3 RESULTADOS

3.1 ESTUDIO DE DIFERENTES VARIABLES CON LA DIMENSIÓN EMOCIONAL

Para dar respuesta al primer objetivo del estudio: identificar la importancia de las diferentes variables (género, curso académico, tipología de centro y nivel de estudios de la familia) con la dimensión emocional de la toma de decisiones, se realizó un análisis de contraste de medias a través de la prueba T de *student* y del análisis de la Varianza (ANOVA).

Presentamos los resultados descriptivos y contraste de las medias que han resultado estadísticamente significativas para la variable dimensión emocional de la toma de decisiones (véanse en la Tablas 4 y 5). En la tabla 6 se incluyen las diferencias significativas para el total de la toma de decisiones en función del nivel de estudios de la familia.

Tabla 4. Diferencias de género en la dimensión emocional de la toma de decisiones.

Variable N=494	Chicos (n=245)		Chicas (n=274)		t	gl	sig
	X	Ds	X	Ds			
Dimensión emocional toma de decisiones	48,90	9,50	46,73	9,61	2,579	517	.01

Tabla 5. Diferencias significativas en función del tipo de centro.

Variable N=494	Concertado (n=297)		Público (n=222)		t	gl	sig
	X	Ds	X	Ds			
Total toma de decisiones	98,72	17,52	94,42	17,15	2,793	517	.005
Dimensión emocional toma de decisiones	48,57	9,69	46,67	9,43	2,241	517	.025

Tabla 6. Diferencias significativas del total de la toma de decisiones en función del nivel de estudios de la familia.

Variable N=494	Primarios (n=60)	Secundarios (n=200)	Universitarios (n=220)	F	sig	Bonferroni
Total toma de decisiones	X 93,95 Ds 18,91	94,68 17,52	90,84 16,06	3,808	.01	Secundarios> primarios> universitarios

A partir de los datos obtenidos podemos apreciar diferencias de medias estadísticamente significativas para la *variable género* en la dimensión emocional de la toma de decisiones ($p < .01$), destacando que puntuación más alta se da en los chicos.

Por tanto, nuestro estudio indica que los chicos le dan más importancia a la dimensión emocional que las chicas.

Respecto a la tipología de centro se observan diferencias estadísticamente significativas a favor de los centros privados concertados tanto en el total de toma de decisiones ($p < .005$) como en la dimensión emocional ($p < .025$).

En relación con el *nivel estudios de la familia* las diferencias se producen en el total de toma de decisiones ($p < .01$). Al aplicar la prueba de Bonferroni se observa que los hijos de las familias con estudios de secundaria se sienten más acompañados en su proceso de toma de decisiones que los hijos con familias con estudios primarios o universitarios.

3.2 RELACIÓN ENTRE DIMENSIÓN EMOCIONAL Y DIMENSIONES COGNITIVA Y SOCIAL

Se realizó la correlación de *Pearson* para conocer la relación entre la dimensión emocional, cognitiva y social. Presentamos en la Tabla 7 la correlación entre estas dimensiones de la toma de decisiones.

Tabla 7. Correlación entre las tres dimensiones de la toma de decisiones.

Dimensiones		Emocional	Cognitiva	Social
Emocional	Correlación de Pearson	----		
	Sig. (bilateral)	----		
Cognitiva	Correlación de Pearson	.676	---	
	Sig. (bilateral)	.000		
Social	Correlación de Pearson	.634	.671	----
	Sig. (bilateral)	.000	.000	

Se observan relaciones significativas y positivas entre las dimensiones emocional, cognitiva y social. Asimismo, se confirma una fuerte interacción entre las tres dimensiones a la hora de afrontar el proceso de toma de decisiones y que todas tienen una fuerte relevancia en dicho proceso. Estamos ante unas dimensiones que, aunque miden aspectos distintos forman parte de un mismo constructo: el proceso de toma de decisiones.

4 DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES

Los resultados aportan conclusiones muy relevantes en los que la dimensión emocional juega un papel clave en los procesos de toma de decisiones de los adolescentes, concretamente en estudiantes de secundaria. Este estudio presenta datos similares a otros trabajos previos (Emmerling y Cherniss, 2003; Kidd, 2011; Di Fabio y Kenny, 2012; Lerner, Li, Valdesolo y Kassan, 2014; Wichary, Mata y Rieskamp, 2016; Gomes, 2016; Nelson, Malkoc y Shiv, 2018; Keeling, Schoemaker y Spetzler, 2019; Álvarez-Justel, 2019a).

Nuestro estudio también aporta evidencias en relación a la importancia del género y tipo de centro para la toma de decisiones. Los chicos le dan más importancia a la dimensión emocional en cuanto a tomar conciencia de sus propias decisiones, saber gestionarlas, muestran una mayor autoconfianza y valoración de sí mismo, adoptan comportamientos más adecuados, se encuentran más seguros y motivados a la hora de afrontar el proceso de toma de decisiones. Por ende, están en mejor situación para tomar sus propias decisiones. Respecto al tipo de centro, los participantes que pertenecen a centros concertados se sienten más acompañados en su proceso de toma de decisiones y le dan más relevancia a la dimensión emocional que en los centros públicos. Estas diferencias pueden ser debidas a una mayor incidencia e implicación del centro y de la familia en la ayuda y acompañamiento en la toma de decisiones. Esta aportación coincide con la de otros estudios (Santana y Feliciano, 2011; Olle y Fouad, 2015; Fouad, Kim, Ghosh, Chang y Figueiredo, 2016, Lim y You, 2019), donde se pone de manifiesto que el profesorado y las familias tienen un papel importante en el proceso de toma de decisiones de los adolescentes.

A partir de los resultados de este estudio no parece que exista una relación entre la dimensión emocional y el *curso académico*. No se aprecian diferencias en la dimensión emocional entre el alumnado de 4º de ESO y 2º de bachillerato a la hora de desarrollar su proceso de toma de decisiones. El alumnado de 2º de bachillerato muestra la misma competencia emocional que el alumnado de 4º de ESO. Asimismo, tampoco se observan diferencias en la dimensión emocional en función del nivel de estudios de la familia. Estos resultados están en línea con los encontrados en otros estudios (Wichary, Mata, y Rierkamp, 2016; Simonovic, *et al*, 2017), que han puesto de manifiesto que las variables género, curso académico, tipo de centro y nivel de estudios de la familia influyen, de forma muy significativa, en la toma de decisiones vocacional del alumnado de secundaria. Se propone la realización de nuevos estudios que puedan analizar qué factores pueden incidir en el desarrollo emocional de los adolescentes.

Uno de los hallazgos de este estudio es la fuerte vinculación de las tres dimensiones (emocional, cognitiva y social), en el proceso de toma de decisiones de los estudiantes de secundaria. Por tanto, se confirma que la dimensión emocional tiene tanto peso la emoción como la cognición y la dimensión social en el proceso de toma de decisiones, tiene tanto peso la emoción como la cognición y la dimensión social. Estos resultados son similares a los trabajos de Emmerling y Cherniss, (2003) y más recientemente Keeling, Schoemaker y Spetzler (2019).

Debido a criterios de accesibilidad la muestra no es aleatoria y por tanto conviene ser prudentes en cuanto a la generalización de los resultados, por lo que se sugiere realizar nuevos estudios con otras muestras para comparar los resultados.

El presente estudio aporta datos estadísticamente significativos que confirman la importancia y la repercusión de la dimensión emocional en el proceso de la toma de decisiones en el alumnado de 4º de ESO y 2º de Bachillerato. En posteriores estudios sería interesante conocer la influencia de la dimensión emocional con otras variables que puedan estar influyendo en la toma de decisiones como la autoestima académica, la autoconfianza en la toma de decisiones y el estrés percibido. Todo ello, contribuiría a comprender mejor dicho proceso y ayudar al alumnado de secundaria a afrontar su proceso de toma de decisiones con plenas garantías de éxito. En cualquier caso, podemos concluir que los estudiantes de secundaria requieren una adecuada intervención tutorial mediante programas que ayuden a desarrollar competencias desde las dimensiones emocional, cognitiva y social.

REFERENCIAS

Álvarez, M. & Rodríguez, M. L. (2006). El proceso de la toma de decisiones en la educación secundaria. Un enfoque comprensivo. *Revista de orientación educacional*, 20 (36), 13-38.

Álvarez-Justel, J. (2017). La tutoría en secundaria. *Revista Educatio Siglo XXI*, 35 (2), 65-89. <https://doi.org/10.6018/j/298521>

Álvarez-Justel, J. (2019a). Las dimensiones cognitiva, emocional y social en la toma de decisiones de la carrera en el alumnado de 4º de ESO y 2º de Bachillerato. *Revista Española de Orientación y Psicopedagogía*, 30 (3), 140-153. <https://doi.org/10.5944/reop.vol.30.num.3.2019.26277>

Álvarez-Justel, J. & Álvarez, M. (2019b). *Escala de Toma de Decisiones de la Carrera en Secundaria*. Edición experimental.

Arias, F. & Gentile, A. (2011). *Calidad y reforma de la ESO en España*. Fundación Alternativas.

Bisquerra, R. & Pérez-Escoda, N. (2007). Las competencias emocionales. *Educación XXI*, 10, 61-82.

Brown, C., George-Curran, R. & Smith, M. L. (2003). The Role of Emotional Intelligence in the Career Commitment and Decision Process. *Journal of Career Assessment*, 11 (4), 379-392. <https://doi.org/10.1177/1069072703255834>

Di Fabio, A. (2012). Emotional intelligence: A new variable in career decision-making. In A. Di Fabio (Ed.). *Emotional intelligence new perspectives and applications* (pp. 53-66). Recuperado el 15 de enero de 2019 de <http://dx.doi.org/105772/1188>.

Di Fabio, A. & Kenny, M. E. (2012). The Contribution of Emotional Intelligence to Decisional Style among Italian High School Students. *Journal of Career Assessment*, 20 (4), 404-414. <https://doi.org/10.1177/1069072712448893>

Emmerling, R. J. & Cherniss, C. (2003). Emocional Intelligence and the Career Choice Process. *Journal of Career Assessment*, 11 (2), 153-167. <https://doi.org/10.1177/1069072703011002003>

Fouad, N. A., Kim, S., Ghosh, A., Chang, W. & Figueiredo, C. (2016). Family Influence on Career Decision-Making: Validation in China and the United States. *Journal of Career Assessment*, 24 (1), 197-212. <https://doi.org/10.1177/1069072714565782>

- Gomes, P. M. (2016). *Cognitive-Motivational Determinants of Career Decision-Making Processes: Validation of a Conceptual Model*. <https://reserachgate.net/publications/303661294>.
- Keelin, T., Schoemaker, P. & Spetzler, C. (2019). *Fundamentos para realizar buenas decisiones*. Decision Education Foundation.
- Kidd, J. M. (2011). Career Sense-Making: An Emotional, Cognitive and Social Process. In M. McMahon and M. Watson (Eds). *Career Counseling and Constructivism. Elaboration of Constructs* (pp. 117-129). Nova Science Publishers.
- Krumboltz, J. D. (1979). A Social Learning Theory of Career Decision Making. En A. M. Mitchell, G. B. Jones y J. D. Krumboltz (Eds.). *Social Learning and Career Decision Making* (págs. 1950). The Carroll Press.
- Lent, R. W., Brown, S. D. & Hacketts, G. (1996). Toward Unifying Social Cognitive Theory of Career and Academic Interest Choice and Performance. *Journal of Vocational Behavior*, 45, 79-122. <https://doi.org/10.1006/jvbe.1994.1027>
- Lerner, J. S., Li, Y., Valdesolo, P. & Kassm, K. (2014). Emotion and Decision-Making. *Annual Review of Psychology*, 66, 799-823. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010213-115043>
- Lim, S. A. & You, S. (2019). Long-term effect of parents' support of adolescent career maturity. *Journal of Career Development*, 46 (1), 48-61. <https://doi.org/10.1177/0894845317731866>
- López, E., Pérez Escoda, N. & Alegre, A. (2018). Competencia emocional, satisfacción en contextos específicos y satisfacción con la vida en la adolescencia. *Revista de Investigación Educativa*, 36 (1), 57-73. <https://doi.org/10.6018/rie.36.1.273131>
- Mayer, J. D. & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? En P. Salovey y D. Sluyter (Eds.). *Emotional development and emotional intelligence: Implications for education* (pp. 3-14). Basic Books.
- Nelson, N., Malkoc, S. A. & Shiv, B. (2018). Emotions know best: The advantage of emotional versus cognitive responses to failure. *Journal of Behavioral Decision Making*, 31, 40-51. <https://doi.org/10.1002/bdm.2042>
- Olle, C. D. & Fouad, N. A. (2015). Parental Support, Critical Consciousness, and Agency in Career Decision Making for Urban Students. *Journal of Career Assessment*, 23 (4), 533-544. <https://doi.org/10.1177/1069072714553074>
- Santana, L. & Feliciano, L. (2011). Percepción y apoyo de padres y profesores, autoconcepto y toma de decisiones. *Revista Educación*, 355, 493-519. <https://doi.org/10-4438/1988-592X-RE-2011-355-034>
- Santos, A., Wang, W. & Lewis, J. (2018). Emotional intelligence and career decisión-making difficulties: The mediating role of career decisión self-efficacy. *Journal of Vocational Behavior*, 107, 295-309. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2018.05.008>
- Simonovic, B., Stuppel, E., Gale, M. & Sheffield, D. (2017). Stress and risky decision-making: Cognitive reflection, emotional learning or both. *Journal of Behavioral Decision Making*, 30, 658-665. <https://doi.org/10.1002/bdm.1980>
- Simon, V. M. (1998). Emotional Participation in decision making. *Psychology in Spain*, 2 (1), 100-107.
- Wichary, S., Mata, R. & Rierkamp, J. (2016). Probabilistic Inferences under Emotional Stress: How Arousal Affects Decision Process. *Journal Behavioral Decisión Making*, 29 (5), 525-538. <https://doi.org/10.1002/bdm.1896>

CAPÍTULO 5

THE DOLMNS OF NORTH KOREA - THE PECULIAR STRUCTURE -

Data de submissão: 15/02/2022

Data de aceite: 04/03/2022

Ha Moonsig

Department of History
Yonsei University
Korea

ABSTRACT: It cannot be too much emphasized that the dolmens of North Korea are very important to understand the dolmen culture of the northeastern Asia. The peculiar structures of the dolmens in North Korea, which have been recognized up to now, can be classified according to the form of grave pit, the skill of construction, the things concerned with funeral rites, and so on. It is found out that, in the dolmens of North Korea, the facilities of a boundary of grave were formed by the stones which were piled or spread out within the sites of them. Judging from the view of funeral rites, it certainly proves the kinship or the blood relationship of the buried men in them that many grave pits were found in one boundary of grave. It has been investigated in the table-type dolmens that the stone props were not erected uprightly but tilted slightly inward. Such tilting inward seems to have kept the whole balance of a dolmen. Some of the

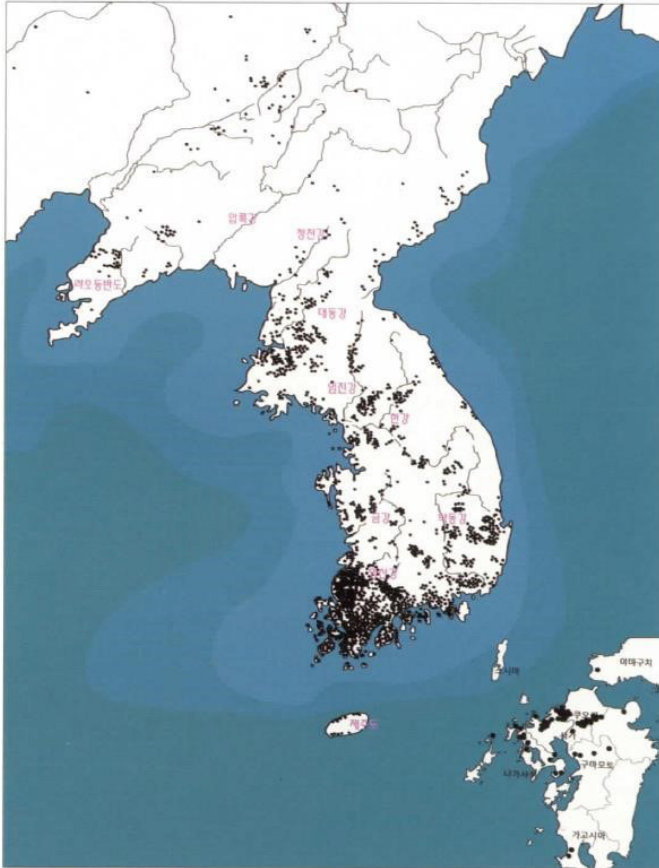
peculiar things concerned with the burial are about partitioning of a grave pit. A grave pit was partitioned into some small spaces, almost divided into three or four partitions. Such partitioning has been investigated in the table-type dolmens as well as the pit-type dolmens. The peculiar features like partitioning of a grave pit can be identified only in the dolmens of North Korea. It has been investigated that the raised floors had been constructed in advance to form the sites of dolmens a little higher than a circumference. The dolmens were erected on the raised floors so that they commanded a fine view to be looked very well from any place, which shows how much people in those days gave attention to geographical features around the site, constructing the dolmens.

KEYWORDS: North Korea. Boundaries of grave. Methods of constructing dolmens. Partition of a grave pit. Funeral rites.

1 INTRODUCTION

The northeastern area of Asia, including the Korean peninsular, is one of the world-famous regions where dolmens are widely scattered. The dolmens in this region are so densely distributed that they have been surveyed, excavated, and studied by many researchers, and that this area has been proved to be a center of the culture of dolmens (Fig. 1).

Fig. 1: A distribution map of dolmens site of North-Eastern Asia.



As the results obtained through the studies of the dolmens in North Korea have widely been introducing in recent years, the importance of the dolmens in the Korean peninsular comes to be highlighted (Choi, M. L., 1999).

According to the results of the studies of the dolmens which have been excavated in North Korea, they are mainly centered on the western coastal parts of Hwanghae and Pyongan province around Pyongyang. And some dolmens were recently found in Sinmyongri, Pungseogoon and in Hyesan on the Kaema Heights (Sok, K. J., 2002). We have scrutinized them and found out some peculiar features of them. It is noticeable that in the process and method of construction they are different from those of the dolmens which discovered in the adjacent places. Even though some of them have been found in the middle and southern regions of the Korean peninsular, Liaodong, and Jilin, most of them have been found in this area to show the local features of them (Ha, M. S., 1999b).

The peculiar structures which have been recognized up to now in the dolmens of North Korea can be classified as the construction skills, the things concerned with funeral rites, and so on according to the forms of grave pit.

In this study some features of such classified parts of the structures will be examined.

2 THE FORMS OF GRAVE PIT

The features which were revealed in the structures of the grave pits can be ascertained in the boundaries of grave, the long grooves on stone props, the capstones, and so on.

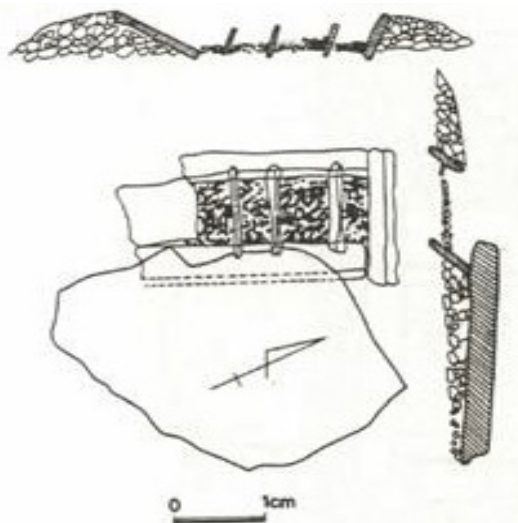
2.1 THE BOUNDARIES OF GRAVE

It has been found out that, in the dolmens of North Korea, the boundaries of grave were formed by the stones which were piled and spread out around the sites of dolmens.

It was investigated that there are only one dolmen in a boundary of grave, and also many dolmens in one. The structures of the boundaries of grave were almost formed by orderly piled pebbles or gravels, but they were built by spreading them out in the dolmens of Wonamri no.7, 8, Pyongwon and Guiilri no.2 Sangwon (Ha, M. S., 1998b).

The borders of them are discriminated by the large stones which are located on the verges of the boundaries. And in most of them the pebbles of gravels are densely piled up near the grave pits and more and more sparsely far away from it (Fig. 2).

Fig. 2: Sanwon guuilri dolmen no.2.



It seems that the size of a grave boundary was determined by the situations of the time when it was constructed rather than by the number of grave pit. Of 14 pit-type dolmens which were excavated, the dolmen of Cheonjindong no. 4, Whangju have the most grave pits of 7, the seven dolmens of them only one grave pit, and the last three to five grave pits (Sok, K. J., 1979).

And it is remarkable that these facilities were ascertained in the table-type dolmen of Hakgokri no.2, Yeoncheon and Osangri no.1, Ganghwa which were recently excavated (Sejong Univ. Museum, 2003: Lee, H. K., 2002).

In the view of funeral rites the fact that many grave pits were found in one boundary of grave proves that people buried in them were kinsmen or relatives with the ties of blood (Fig. 3).

Fig. 3: Hwangju cheonjindong dolmen no.4 (boundaries of grave).



2.2 THE GROOVES ON STONE PROPS

It is noticeable that the long grooves ascertained on the stone props in the dolmen of Noamri, Anack among the table-type dolmens which have been investigated in North Korea (Fig. 4), are carved at the part where a stone prop and an end stone come in contact with each other (Sok, K., J., 1993).

Fig. 4: Anak noamri dolmen.



The stone props are fitted together with the end stones to be a completely closed space, so that the dolmen keeps the best stability. In case of the table-type dolmens, the grooves were investigated, along with on the dolmens of Dosanri, Kochang, on those of Ximucheng no.1, Haicheng, on Baidianz and Dahuangdi, Zhuanghe, and on Shipengshan, Gaizhou in Liaoning as well as on those of Taipinggou no.1 and Daishatan no.1 in Liuhe (Ha, M. S., 1999b).

Comparing the features which are commonly discovered on the dolmen of Noamri and on some of such dolmens with those of other dolmens, the capstones of them are larger and the stone props are not elected upright, but tilted slightly inward (Ha, M. S., 1998b).

It seems to have been a method which was generally used in constructing a large table-type dolmen to carve the grooves on the stone props of it for them to be fitted together with the end stone (Ha, M. S., 1999b).

2.3 THE CAPSTONE

When the function of dolmen is regarded as a grave, it is certain that a capstone could exist to make a closed space of grave pit and to protect the body of a dead man.

The capstone itself is thought as having covered the grave pit, particularly, in the table-type dolmens. Though it is inferred that most of the pit-type dolmens had lid-stones, they have rarely been discovered. This may be because the materials of the lids were different. In case that a broad and large stone was used, it has well been maintained, but in case of a wooden lid, it is only inferred that it were been there (Kim, C. W. & Yun, M.B., 1967). Moreover, because the capstones function as also lid-stones in the table-type dolmens and the pit-type dolmens which have them, the sizes of them, particularly, the length are closely related with the size of grave pits (Fig. 5).

Fig. 5: Eunyul gwansanri dolmen no.1 (cap-stone).



3 THE CONSTRUCTION SKILLS

Looking into the ways which were used to carry the capstones which weights some ten tons in constructing dolmens and to lift them onto the stone props, it was revealed that the methods of constructing dolmens in those days had been on the very well advanced stage. The system of weights and measures and the methods and processes of constructing them, which were generally employed in those days, can be inferred on the base of those methods of constructing dolmens (Daniels, G., 1980).

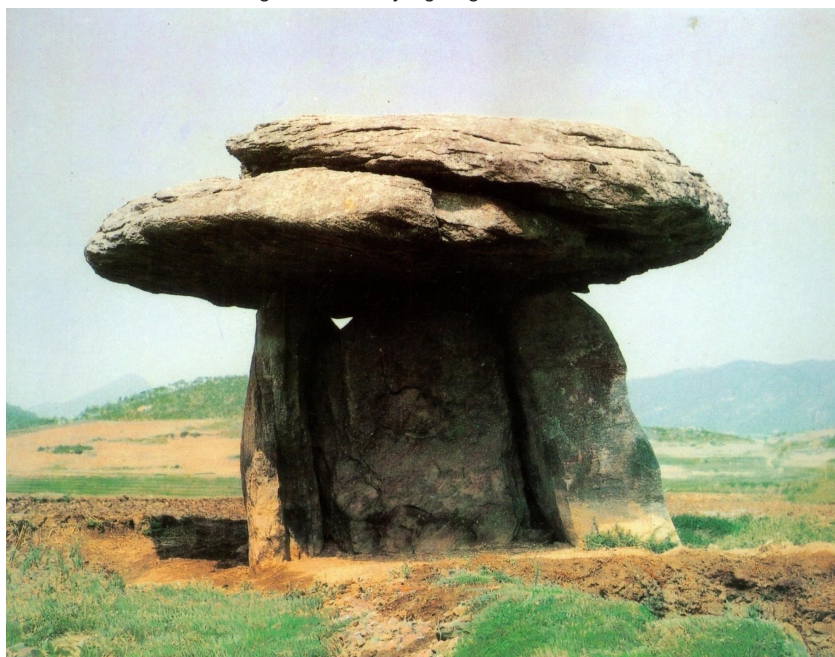
3.1 TILTING STONE PROPS SLIGHTLY INWARD

As the important function of stone props in the table-type dolmens is to keep the balance of capstone not to fall down, stone props have to be erected uprightly. Still it has

been investigated in some of the dolmens of North Korea that the stone props of them are not erected but tilted slightly inward for the whole balance. Such tilting were found in the dolmens of Kwansanri no.1, Eunyul, of Songsindong no.22, Yeuntan, of Seokcheonsan no.10, Younggang, of Munheungri no.3, Kangdong, and so on (Sok, K. J., 1979).

The technique which can be recognized not only in the dolmens of North Korea but also in those of Liaoning and Jilin is considered one of general principles of construction mechanics to have been applied on the developing process of the skills of constructing dolmens, and regarded as considerably advanced (Fig. 6).

Fig. 6: Baecheon yongdongri dolmen no.2.



3.2 THE THINGS CONCERNED WITH WEDGE STONES

The precondition for keeping the whole balance to prop up the capstone in the structure of the table-type dolmens is that horizontal balance should be sustained completely. The wedge stones, which had been put through the gaps between capstone and stone props to maintain the horizontal balance and to erect them uprightly, were discovered in the dolmens of Noamri, Anrak of Seokcheonsan no.12, Younggang, and of Jangri no.1, Sangwon (Sok, K. J., 1993 : Ha, M. S., 1999b).

In the dolmen of Noamri the stone props and the end stones were erected and then the wedge stones were put through the gaps between them. In those of

Seokcheonsan no.12 and Jangri no.1 the wedge stones were placed on the bases of the stone props and the end stones (Fig. 7). These wedge stones found in the dolmens of North Korea are different from those discovered in Liaoning and Jilin. The wedge stones in the dolmens of Liaoning and Jilin were put on the bases of the stone props only to even up the heights of them.

Fig. 7: Sangwon jangri dolmen and propping stone groove.



3.3 STONE MOUND BESIDE GRAVE PIT

It has been discovered in the pit-type dolmens of North Korea that, in the case that the grave pits were made of stone coffins or stone lined, stone mounds were piled around the grave pits to protect them. Such stone coffins were found in the dolmen of Cheonjindong no.1, of Whangju, no.2 near Cheonjindong Junior High School, of Kwangseongdong no.6 and 9, of no.6 at Seongmun point 1 and of no.4 of Seongmun point 2, Kwangseongdong, Sariwon, and the stones lined in those of Mukbangri no.4, no.17, no.20 and no.31, Gaecheon (Kim, D. I., 1988: Ha, M. S., 1998b) (Fig. 8).

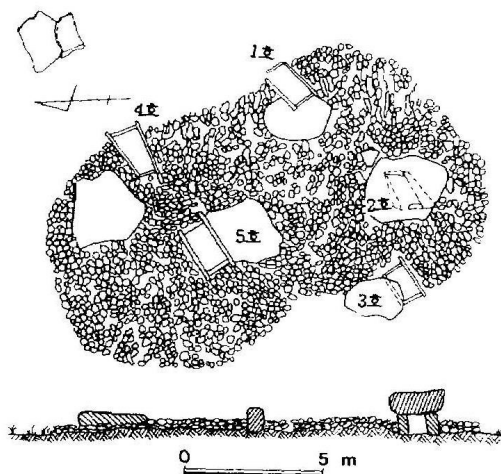
Fig. 8: Gaechoen mukbangri dolmen no.31 (burial chamber).



The common features which are ascertained in the dolmens with such stone mounds are that they were all found in the pit-type dolmens and that the stone walls of the grave pits were made of thin board stones (moon-sik Ha, Tae-sop Cho, Sujin Kong, 2020).

The facilities of stone mound beside the grave pits are very similar with those of the boundaries of grave. But they are different in the fact that while the boundary facilities were piled or spread with pebbles or gravels to demarcated a grave, the stone mounds were heaped only beside grave pits (Fig. 9). In fact, the dolmens of Sindaedong no.2, Whangju and of Kwangseongdong no.1 at Seongmun point 1 in Sariwon show the differences clearly (Kim, D. I., 1988).

Fig. 9: Sariwon seongmun dolmens.



3.4 THE PITS IN THE GROUND

There have been trials to bring back the original processes by reconstructing the largescale labor force and the level of the skills which had been employed in those of constructing dolmens. The trials have almost been carried through inferring the methods to quarry and carry capstones, the scale of the labor mobilization for constructing them and how large the society of those days was.

It has been watching with keen interest that the materials to make it possible to bring back the original process of constructing the table-type dolmens were recently discovered in the course of excavating the dolmens of North Korea. Many dolmens of North Korea, including the dolmen of Songsindong no.1 were excavated and then the processes of constructing them were identified as follows. First the pits in the ground were dug out to the same sizes as those of stone props (or end stones) before they were erected, then the stone props were uprightly erected (Fig. 10), and then the gaps between the stone props and the pits in the ground were filled up with little stones and clay and hardened for them to stand firmly (Sok, K. J., 1993).

Fig. 10: Pyongyang mangyongdae dolmen and burial chamber.



4 THE PECULIAR STRUCTURE CONCERNED WITH FUNERAL RITES

The dolmens which is ones of prehistoric graves seem to have been built for the burial of a dead body according to the customary practice of funeral rites which had

been prevailed in those days. Such a burial custom has more conservative and traditional qualities than any other feature of culture, and therefore is hardly changed.

Among the features of the structure of the dolmens which have been excavated in North Korea, the peculiar things concerned with the burial are that a grave pit for a corpse was divided into some partitions, and that the end stones which have the function to close the grave pits in the table-type dolmens leave partly open to be a kind of gate in order that the dead man may go for an outing.

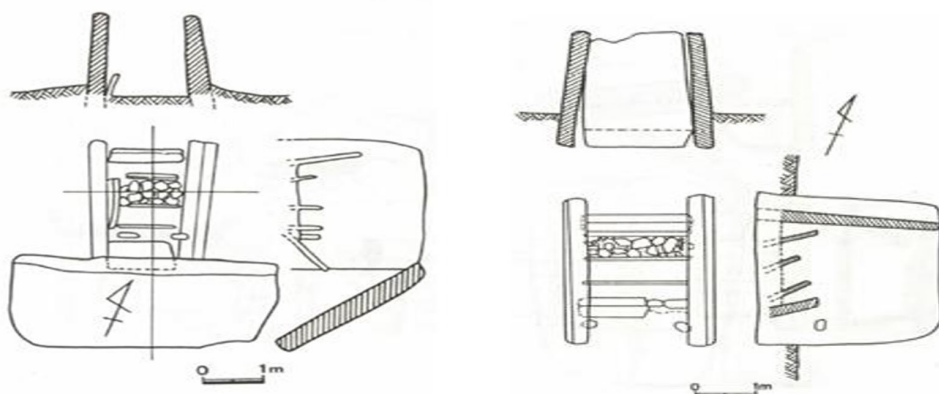
4.1 THE PARTITION OF A GRAVE PIT

It is remarkable that the fact that a grave pit was partitioned into some small spaces have discovered in the those of North Korea. Such a peculiar structure recognized in many dolmens, along with the dolmen of Pyongchon no.9, Yeontan has been found in a good deal of dolmens, having no relation with the type of dolmen, and however, up to date, far more times in the table-type dolmens (Ha, M. S., 1998b).

The dolmens in which such structure was excavated are those of Pyongchon no.9, Seokjanggol no.1 and Songsindong no.20, 22, 31 in Yeontan, Guilri no.2 in Sangwon, and so on.

The grave pits were almost divided into three or four partitions and the grounds of them were treated in various ways. And the human bones which had been buried with one laid upon another were excavated in most of the grave pits. Particularly in the dolmen of Songsindong no.22 the bones for some individuals were excavated (Fig. 11).

Fig. 11: Yeontan songsindong dolmens no.20 and 22.



The fact that human bones were found in each partition of a grave pit enables to construe it respectively as a independent grave pit (Ha, M. S., 1997).

The peculiar feature like such partitioning of a grave pit can be identified only in the dolmens of North Korea among them in the north-eastern area of Asia. Such a grave pit is considered a family grave, in that it can be inferred reasonably that the buried men in it were family members or kinsmen.

4.2 THE FUNCTIONS OF END STONES

The important function of the end stones in the table-type dolmens was to form a grave pit together with the stone props, and then to close it finally when constructing the dolmen had almost been finished. It have been discovered that one of the end stones in both sides of the dolmens in North Korea was fitted together with the stone props completely, but the other was somewhat open to form a space under the cap stone (Fig. 12). The end stones which had a function as a gate were found in the dolmens of Noamri, Anack and of Munheungri no.3, Kangdong (Sok, K. J., 1991 ; 1993).

Fig 12: Gangdong munheungri dolmen no.1.



5 THE OTHERS

Other than the things stated previously, some peculiar facts have been investigated. We come now to the raised floors in which dolmens were to be erected, the grave pits which had two partitions under a cap stone, and the grounds of grave pit which had a special treatment.

5.1 CONSTRUCTING A RAISED FLOOR

The dolmens have been investigated which enable to confirm the fact that the raised floors had been constructed in advance to form the sites of them a little higher than a circumference, and then they had been erected up. Such dolmens situated on the higher places than their surroundings commands a fine view to be looked very well from any place, which shows how much people in those days gave attention to geographical features around the sites, constructing the dolmens (Tamura, Koichi, 1996).

These things have been confirmed in the dolmens of Kwansanri no.1, Eunyul and of Munheungri no.2, Kangdong. The dolmens on such raised floors are all table-type, and topographically on the ridges which are a little higher than the surroundings. It seems that they were formed in the way that the earth around them was piled and hardened for them to be raised up to about a height of 50 centimeters. Taking into consideration the facts that the stone props were slightly tilted inward, that the cap stones are comparatively large, and that so on, the dolmens seems to have been built in a somewhat advanced level of the skills of constructing dolmens (Fig. 13).

Fig. 13: Eunyul gwansanri dolmen no.1.



Besides, It seems to have had something to do with a function of dolmen that such a raised floor was formed for constructing dolmens in such a way. The dolmens on such artificially formed floors command so fine a view that they can be looked clearly from far away. Therefore they seems to have had also a symbolic function, along with that of grave (Ha, M. S., 1999a).

In that such raised floors which were formed before building the dolmens have discovered not only in the dolmens of North Korea but also in those of Xiaoquantun in Jinxuan, Shipengyu in Daishiqiao, and Baidaiantz in Zhuanghe, this construction method seems to have had a local distinctive quality (Tamura Koichi, 1996).

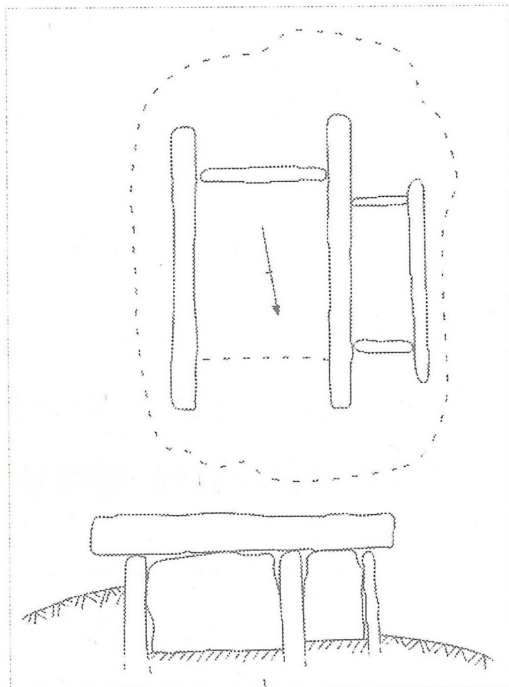
5.2 THE PARTITIONS OF GRAVE PIT UNDER A CAP STONE

According to the results from having excavated dolmens, there is usually only one grave pit under a cap stone in most of them. However, in some dolmens of North Korea, two grave pits have been discovered under one cap stone.

The dolmens in which such partitions have been excavated are those of Cheonjindong no.5 and 6, of Geukseongdong no.1 and 11, and of Kindong no.7, Whangju. The dolmens of Cheonjindong no.5 and 6 and of Geukseongdong no.11, Whangju have features of complex tombs. The rest of them are independent (Ha, M. S., 1998b).

These two grave pits found out under one cap stone are different from a subordinate coffin beside a grave pit. It is considered very important that a cap stone had a symbolic character rather than protected the grave pits. And it is inferred that people who had been buried in them were kinsmen or close relatives with the ties of blood (Fig. 14).

Fig. 14: Two grave pits discovered under one cap stone(Yeontan geumgyodong dolmen no.5).



5.3 THE TREATMENT OF THE GROUND OF GRAVE PIT

In almost grounds of grave pits of the dolmens, broad stones or pebble-stones were laid out, and occasionally they were bare (Fig. 15).

Fig. 15: Gaecheon mukbangri dolmen no.33.



The treatment of the ground of grave pit in the dolmen of Yaksadong, Euncheon, among those in North Korea, is remarkable because it is a little peculiar in comparison with the others. It have been excavated that in the dolmen of Yaksadong, the floor of grave pit was covered with broad stones under which a thin layer of charcoal was spread out (Na, M. K., 1988). The fact that charcoal was spread out on the floor of grave pit was also found out in the dolmen of Zhaoqiugou in Dongfeng, Jilin among the dolmens which have been discovered up to now. But they seem to be different from that of the dolmen of Yaksadong.

That of the dolmen of Yaksadong is regarded as having had something to do with the drainage of grave pit in that charcoal was spread out very evenly, but on the other hand, in that of Zhaoqiugou, the charcoal which was made in a cremation seems to have been remained in a part of the floor.

6 CONCLUSION

It cannot be too much emphasized that the dolmens of North Korea are very important to understand the dolmen culture of the northeastern Asia. Like other

prehistoric sites, it seems possible to understand the features of them which have been investigated up to now in the same ways as taken to understand those of the southern and middle region of the Korean peninsular, and the northeastern region of China.

The peculiar features of the dolmens of North Korea which have been examined in this study can be summarized as follow.

1. The peculiar structures of the dolmens in North Korea, which have been recognized up to now, can be classified according to the form of grave pit, the skill of construction, the things concerned with funeral rites, and so on.
2. It is found out that, in the dolmens of North Korea, the facilities of a boundary of grave were formed by the stones which were piled or spread out within the sites of them. Judging from the view of funeral rites, it certainly proves the kinship or the blood relationship of the buried men in them that many grave pits were found in one boundary of grave.
3. It has been investigated in the table-type dolmens that the stone props were not erected uprightly but tilted slightly inward. Such tilting inward seems to have kept the whole balance of a dolmen. It seems to have been one of general principles of construction mechanics to be applied on the developing process of the skills of constructing dolmens.
4. Some of the peculiar things concerned with the burial are about partitioning of a grave pit. A grave pit was partitioned into some small spaces, almost divided into three or four partitions. Such partitioning has been investigated in the table-type dolmens as well as the pit-type dolmens. The peculiar features like partitioning of a grave pit can be identified only in the dolmens of North Korea. And they are very different from features of complex tomb.
5. It has been investigated that the raised floors had been constructed in advance to form the sites of dolmens a little higher than a circumference. The dolmens were erected on the raised floors so that they commanded a fine view to be looked very well from any place, which shows how much people in those days gave attention to geographical features around the site, constructing the dolmens.

REFERENCES

Chapman, R., 1981. The emergence of formal disposal areas and the 'problem' of megalithic tombs in prehistoric Europe, *The Archaeology of Death*, Cambridge Univ. Press, pp. 71-81.

Chi Kon-gil, 1982. A study of Dolmen Distribution in Northeastern Asia, *Journal of the Korean Archaeological Society* vol. 12, pp. 245-261.

Chi Kon-gil, 1983. Reconstrucion on the Dolmen Society in Korea, *Yidaesahakyeongu* vol. 13/14, pp. 1-5.

Choi Mong-lyong, 1984. *A study of the Yongsan River Valley Culture: The Rise of Chieftdom Society and State in Ancient Korea*, Seoul: Dongsongsas.

Choi Mong-lyong, 1999. Origin and Diffusion of Korean Dolmens, *Hanguk Sanggosa Hakbo* vol. 30, pp. 161-171.

Daniel, G., 1980. Megalithic Monuments, *Scientific American* 243-1, pp. 67-76.

Do Yu-ho, 1959. A Study of Megalithic Culture in Korea, *Munhwayusan* vol. 2, pp. 1-8.

Ha Moong-sig, 1988. A Comparative Study on the Dolmen Culture in Kungang and Namhangang Basins of Korea, *Sohn Pow-kee Paksa ChungnyunKinyum Kogo Inlyuhak Nonchong*, Seoul: Chisiksanoeobsa, pp. 519-568.

Ha Moong-sig, 1997. *Studies on the Northeast Asian Dolmen Culture*, Seoul: Sungshil Univ. Litt. D. Thesis.

Ha Moong-sig, 1998a. Studies on the Dolmen Culture of Jilin Province in China, *Hanguk Sanggosa Hakbo* vol. 27, pp. 27-65.

Ha Moong-sig, 1998b. *Kochosenjiyeok eui goindol yeongu (The Dolmen of Old Choson)*, Seoul: Paeksan Chalyowon.

Ha Moong-sig, 2001. A Comparative Study of the Dolmens in the North-Eastern Part of Asia, *The Paek-San Hakpo* vol. 59, pp. 5-25.

Jane Portal, 2000. *Korea: Art and Archaeology*, London: British Museum Press.

Jin Xudong, 1991. Graves with stone lid in the South of Dongfeng County were investigated an excavated in 1987. *Liaohai Wenwu Xuekan* vol. 12, pp. 12-22.

Kim Byong-mo, 1981. A Study on the Origin of Korean Megalithic Culture, *Journal of the Korean Archaeological Society* vol. 10/11, pp. 55-78.

Kim Byong-mo ed, 1982. *Megalithic Cultures in Asia*, Seoul: Hanyang Univ. Press.

Kim Dong-il, 1988. Excavation Report on the Koangungdong Dolmens in Saliwon, *Chosunkogoyeonku* vol. 4, pp. 22-23.

Kim Che-won, Yun Mu-byong, 1967. *Studies of Dolmens in Korea*, National Museum of Korea.

Kim Jung-bae, 1996. Studies on the Dolmens in Korea and Liadong Bandao, *Prehistory and Ancient History* vol. 7, pp. 78-81.

Lee Sang-gil, 1994. Burial ritual in a Dolmen, *Komunhwa* vol. 45, pp. 95-113.

Lee Young-moon, 1993. *A Study of the Dolmen-Society in Chonnam Province*, Korea National Univ. of Education, Ed. D. Thesis.

Lee Hyeong-koo, 2002. *Ganghwa Osang-ri Dolmens*, Institute of Archaeology Sunmoon Univ.

- Moon-sik Ha, Tae-sop Cho, Sujin Kong, 2020. The Characteristics of Dolmens in Korea and recent Research results, *L'anthropologie* 124-4, pp. 1-17.
- Na Myeong-kwan, 1988. Excavation Report on the Yaksadong Dolmens in Korea, *ChosunKogoYeonku* vol. 2, pp. 47-48.
- Sejong Univ. Museum, 2003. *The Dolmen in Yeoncheon*.
- Sok Kwang-jun, 1979. Research on the Dolmens in Northwestern Korea, *KogoMinsok Nonmunchip* vol. 7, pp. 109-182.
- Sok Kwang-jun, 1991. Excavation Report on the Munheung-ri Dolmens in Kangdong, *ChosunKogoYeonku* vol. 4, pp. 2-7.
- Sok Kwang-jun, 1993. Excavation Report on the Noam-ri Dolmens in Anrak, *ChosunKogoYeonku* vol. 1, pp. 2-7.
- Sok Kwang-jun, 2002. *A Study on the Dolmen Tombs in Korea*, Seoul: Jungsim.
- Seo Kuk-tae, 2016. *The Dolmen Tombs in Ancient Korea*, Pyeongyang: Korea Social Science Publishing House.
- Taoyan, 1981. Megalithic Culture in Liaodong Bandao. *Lilunyu Shijian* vol. 1, pp. 62-63.
- Tamura Koichi, 1996. Research on the Dolmen of Liaodong Bandao, *The archaeology in Northeastern of Asia* vol. 2, pp. 95-120.
- The Archaeology Department, of Kyushu Univ. 1997. *An Integrated Study of Megalithic Dolmens in East Asia*.
- Wang Hongfeng, 1993a. Dolmens in the South of Jilin: the problems of need to study, *Liaohai Wenwu Xuehan* vol. 16, pp.1-8.
- Wang Hongfeng, 1993b. A Study of Tombs with Stone Awning, *Collection of Green Fruits*, The Department of Archaeology, Jilin Univ., pp. 245-255.
- Wu Jiachang, 1994. Primary research on the Dolmens in Liaodong Bandao, *Northern Cultural Relics* vol. 4, pp. 14-15.
- Xiaobing, 1980. Megalithic Culture, *Liaoning Daxuexuebao* vol. 2, pp. 65-66.
- Xu Yulin, 1994. *Liaodong Bandao Shipeng*, Liaoning Provincial Institute of Archeology and Cultural Relics, in China.
- Xu Yulin, Cui Yukuan, 1990. Excavation Report of Dongshan Big Stone coffin Tomb, *Liaohai Wenwu Xuehan* vol. 10, pp. 1-8.
- Zhang Zhili, 1990. A study on the funeral rites of northeastern in primitive society, *Guminsu Yan Jiu* vol. 1, pp. 25-53.

CAPÍTULO 6

HISTÓRIA DO SISTEMA CIRCULATÓRIO: EVOLUÇÃO DOS CONHECIMENTOS

Data de submissão: 10/02/2022

Data de aceite: 25/02/2022

João Carlos Mateus

Escola das Ciências Agrárias e
Veterinárias – ECAV

CECAV: Centro de Estudos de Ciências
Agrárias e Veterinárias

Universidade de Trás-os-Montes e
Alto Douro, Departamento de Zootecnia
Apartado 1013, 5001-801

Vila Real, Portugal

<https://orcid.org/0000-0002-9452-7692>

RESUMO: Procuramos ao longo deste texto apresentar a evolução dos conhecimentos sobre o sistema circulatório desde a antiga civilização Egípcia, passando pela civilização Grega, pela escola de Alexandria e pela civilização Romana. Nesta última salienta-se o contributo Claudius Galenus, embora com algumas imprecisões, para o conhecimento do sistema circulatório. As teorias de Galeno iriam perdurar por mais de 1500 anos. A era atual da ciência experimental começou nas universidades europeias fundadas entre os séculos X e XIII. Com o renascimento surgiram novas formas de pensar e de praticar. A dissecação de corpos humanos passou a ser prática corrente, e com ela avanços foram feitos relativamente aos conhecimentos

sobre o sistema circulatório. O polímata Renascentista Leonardo da Vinci foi um dos primeiros a se opor aos dogmas anatómicos de Galeno. Em contraste com Galeno, da Vinci descreveu o coração como um músculo e considerou os átrios como câmaras cardíacas. Deve-se a Miguel Serveto a descoberta e descrição pela primeira vez, no ocidente, da circulação pulmonar. A Universidade de Pádua fundada em 1222 por um grupo de estudiosos da Universidade de Bolonha em busca de mais liberdade académica. Por causa de sua autonomia académica e independência de influências políticas ou religiosas, Pádua foi o destino dos melhores cientistas da Europa da época. Nomes como Andreas Vesalius, Realdo Colombo, Fabrício D'Aquapendente foram alguns dos destacados professores de Anatomia na escola de Pádua. Andrea Cesalpino, de todos os predecessores de Harvey, foi o mais merecedor de crédito pela descoberta da circulação do sangue. Coube a William Harvey, médico e anatomista inglês do século XVII, a descoberta do modelo da circulação sanguínea sistémica. Além de descobrir que o sangue circulava nos animais, inclusive em humanos, foi o primeiro a apresentar um modelo lógico para a circulação sanguínea, baseado na observação e experimentação, e que continua a ter aceitação genérica. Para a História, Harvey será sempre um precursor da ciência moderna em geral, e da fisiologia em particular, em que a observação atenta e a evidência pela experimentação constituíram-se em metodologias precedentes ao

desenvolvimento natural das conclusões e dos conceitos. A descoberta do sistema circulatório fechado continua a ser hoje a maior descoberta “isolada” em fisiologia e medicina, se não na ciência em geral, sendo considerada a maior revolução científica da fisiologia moderna.

PALAVRAS CHAVE: Sistema circulatório. Circulação pulmonar. Circulação sistêmica. Claudius Galenus. William Harvey.

HISTORY OF THE CIRCULATORY SYSTEM: KNOWLEDGE EVOLUTION

ABSTRACT: We seek throughout this text to present the evolution of knowledge about the circulatory system since the ancient Egyptian civilization, through the Greek civilization, the Alexandrian school and the Roman civilization. In the latter, the contribution of Claudius Galenus stands out, although with some inaccuracies, to the knowledge of the circulatory system. Galen's theories would last for over 1500 years. The current era of experimental science began in European universities founded between the 10th and 13th centuries. With the renaissance came new ways of thinking and practicing. The dissection of human bodies became common practice, and with it advances were made in terms of knowledge about the circulatory system. The Renaissance polymath Leonardo da Vinci was one of the first to oppose Galen's anatomical dogmas. In contrast to Galen, da Vinci described the heart as a muscle and considered the atria as cardiac chambers. Michael Servetus was responsible for the discovery and discretion for the first time, in the West, of the pulmonary circulation. The University of Padua founded in 1222 by a group of scholars from the University of Bologna in search of more academic freedom. Because of its academic autonomy and independence from political or religious influences, Padua was the destination of the best scientists in Europe at the time. Names such as Andreas Vesalius, Realdo Colombo, Fabrício D'Aquapendente were some of the outstanding professors of Anatomy at the school in Padua. Andrea Cesalpino, of all Harvey's predecessors, was most credited with discovering the circulation of the blood. It was up to William Harvey, an English physician and anatomist of the 17th century, to discover the model of systemic blood circulation. In addition to discovering that blood circulates in animals, including humans, he was the first to present a logical model for blood circulation, based on observation and experimentation, and which continues to have general acceptance. For History, Harvey will always be a precursor of modern science in general, and of physiology in particular, in which careful observation and evidence through experimentation constituted methodologies preceding the natural development of conclusions and concepts. The discovery of the closed circulatory system remains today the greatest “single” discovery in physiology and medicine, if not science in general, and is considered the greatest scientific revolution in modern physiology.

KEYWORDS: Circulatory system. Pulmonary circulation. Systemic circulation. Claudius Galenus. William Harvey.

1 INTRODUÇÃO

Nesse artigo, vamos abordar a descoberta do sistema cardiovascular e a evolução sobre o que sabemos a seu respeito. Não costumamos pensar de onde vieram todos os conhecimentos que temos hoje, tudo acaba se tornando tão banal e básico, já que temos

a realidade em que vivemos tão entranhada em nós mesmos. Mas já parou para pensar como é impressionante a descoberta de cada detalhe que temos de conhecimento na vida de hoje? Quantos conhecimentos atuais que são básicos para nós, não foram uma enorme revolução ao serem descobertos? Foi assim com o sistema cardiovascular.

2 A CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA E GREGA

As primeiras explicações dos fenômenos naturais baseavam-se em forças sobrenaturais, e os mistérios do corpo eram entendidos em termos dos mistérios maiores dos deuses. A primeira referência escrita conhecida sobre o coração e circulação encontra-se no texto de medicina do antigo Egito, o Papiro de Ebers ou de Edwin Smith, datado de aproximadamente de 1550 a.C., mas com base em observações registradas por Imhotep em 3000 a.C. (Katz, 1957, El Maghawry *et al.*, 2014). À época, o autor já estava ciente de que o coração era o centro e a força motriz de um sistema de vasos distribuidores. Também o pulso foi associado à atividade do coração. Os princípios da medicina egípcia forneceram a base para a ciência médica da Grécia antiga. Aqui, a elaboração de ideias continuou na tradição dos antigos egípcios, com observação cuidadosa na busca de causalidade natural. Assim, como no antigo Egito, uma ciência leiga floresceu à sombra de um culto religioso proporcionando grandes avanços na anatomia descritiva, mas muito pouca compreensão sobre as funções, nomeadamente, do sistema circulatório. Nos cem anos anteriores, Hipócrates (460 a 377 a.C.) presenciou muitas tentativas de vincular as funções do corpo a órgãos específicos. Alemaeon de Croton (cerca de 500 a.C.), embora principalmente um filósofo, foi um dos primeiros a praticar dissecação humana e experimentação com animais na Grécia (Katz, 1957). Ele propôs que o cérebro, e não, como se acreditava anteriormente, o coração, era o centro do intelecto, e que a vida do animal dependia do movimento do sangue. Diógenes estava familiarizado com o pulso e provavelmente realizou dissecação humana, embora a sua descrição dos vasos sanguíneos fosse confusa e ele não reconhecesse a origem desses vasos a partir do coração. As obras atribuídas a Hipócrates representam o auge da medicina grega. Em seus poucos escritos sobre fisiologia, Hipócrates subscreveu a teoria dos 4 humores e acreditava que o cérebro, e não o coração, era o centro da inteligência. Na descrição do coração ele fez referência ao pericárdio, à aurícula, ao septo, aos ventrículos, às válvulas semilunares (incluindo sua ação como válvulas) e às cordas tendíneas. Aristóteles (384 a 322 a.C.) foi responsável pelos avanços mais significativos na fisiologia feitos pelos gregos antigos. Para além de descrever 3 (ventrículo direito que recebia a veia cava e algumas veias pulmonares, o ventrículo esquerdo, câmara central, de

onde saía a artéria aorta, e o átrio esquerdo que recebia parte das veias pulmonares) das 4 câmaras cardíacas, também descreveu os vasos que conectam os pulmões ao coração, uns conectando-se à câmara direita (o ventrículo direito) e os outros à câmara esquerda (o átrio esquerdo). Ele acreditava que esses vasos transportavam ar, ele ainda não tinha ideia de uma circulação pulmonar e pensava que o ar se misturava com o sangue no coração. Ele reconheceu e diferenciou estruturalmente a veia cava e a aorta e escreveu sobre a vasculatura periférica: “À medida que os vasos sanguíneos avançam, tornam-se gradualmente menores e menores até que finalmente seus tubos ficam tão finos, não sendo mais capazes de transportar o sangue (Fulton 1930). O coração para Aristóteles ocupava uma posição primária na função do corpo.

3 A ESCOLA DE ALEXANDRIA

Cerca de 300 anos antes de Cristo, Alexandria ostentava um notável avanço cultural e intelectual. A Escola de Medicina de Alexandria foi fundada principalmente nos ensinamentos de Hipócrates. Nesta época, três figuras eminentes moldaram a visão sobre o sistema cardiovascular (ElMaghawry et al, 2014): Praxágoras, Herófilo e Erasistratus. Praxágoras de Cos (340 a.C.) foi um anatomista com renome no início da história da medicina alexandrina. Ele foi o primeiro a identificar diferenças anatômicas entre artérias e veias. Ele teorizou que as artérias começam no coração e carregam o pneuma, ou o espírito vital, enquanto as veias se originam no fígado e carregavam o sangue. Na semiótica, ele foi o primeiro a reconhecer os valores diagnósticos do pulso (ElMaghawry *et al.*, 2014). Herófilo de Calcedônia (355-260 a.C.), foi um estudioso de Praxágoras; ele reconheceu que as artérias têm paredes mais espessas do que as veias, mas também notou a exceção desta regra nos vasos pulmonares. Erasistratus de Iulis em Ceos (315-240 a.C), trabalhando inicialmente com Herophilus, considerava o coração a fonte tanto de artérias quanto de veias. Ele postulou um sistema no qual as veias distribuem o sangue pelo corpo, enquanto as artérias contêm apenas ar. No entanto, ele observou que as artérias - quando perfuradas - sangram. Para explicar o paradoxo do sangramento das artérias, ele sugeriu que o sangue se move das veias para as artérias por meio de canais invisíveis depois que as artérias esvaziam seu conteúdo de ar para o corpo (Serageldin, 2013).

4 A CIVILIZAÇÃO ROMANA

O próximo capítulo da história da medicina foi escrito em Roma. Como a medicina de todas as civilizações, a medicina romana começou na mitologia e, embora os médicos sejam ocasionalmente mencionados nos escritos de Roma do século IV a.C., os romanos

não desenvolveram uma profissão médica própria. Com a conquista da Grécia no século II a.C. a medicina romana passou a sentir a forte influência dos médicos gregos. Claudius Galenus (129 a 221 DC), um proeminente médico, cirurgião e filósofo, nasceu em Pérgamo (atualmente localizado perto da cidade de Bergama, na Turquia) por volta de 129 DC. Ele estudou medicina em Pérgamo, Esmirna, Corinto e Alexandria. Mais tarde, ele residiu em Roma e se tornou o médico dos imperadores romanos: Marco Aurélio, Cômodo e Septus Severo. Galeno deixou um legado quase insuperável de escritos médicos e filosóficos que influenciariam as ciências médicas por vários séculos. As teorias médicas de Galeno foram fundadas nos conhecimentos até então adquiridos da anatomia e fisiologia grega e na lógica dedutiva de Aristóteles. No entanto, a maioria dos estudos anatômicos de Galeno foram baseados em observações feitas em animais vivos ou mortos, particularmente macacos e bois, uma vez que o acesso a corpos humanos estava proibido. De acordo com Galeno, o fígado era a fonte de todas as veias e o principal órgão para a produção de sangue. Os nutrientes eram preparados no intestino para formar o quilo, que era então transformado em sangue pelo fígado. Este sangue de cor mais escura movia-se da veia hepática para a veia cava, desta para o coração direito e deste para todas as partes do corpo. Galeno também acreditava haver três formas de pneuma (Katz, 1957): o *espírito vital* derivado do ar a partir dos pulmões, o *espírito animal* formado pelo espírito vital no cérebro e o *espírito natural*, formado a partir do material nutritivo produzido no fígado. O fígado ao produzir o sangue adiciona-lhe o *espírito natural*. A mistura resultante é então transportada para todo o corpo por meio do sistema venoso, sendo o movimento um fluxo e refluxo, em vez de um fluxo contínuo. O *espírito vital* chega ao coração esquerdo através das veias pulmonares e o *espírito natural* passa do ventrículo direito para o esquerdo através de pequenos poros existentes no septo interventricular. Esta mistura de sangue de cor mais clara e cheio de vitalidade é então bombeado pela contração ventricular para todo o corpo pelo sistema arterial. Em contraste com a teoria de Erasístrato, Galeno acreditava que as artérias estavam cheias de sangue, que era infundido com o espírito vital por uma mistura de ar proveniente dos pulmões através das veias pulmonar e era aquecido no coração. Para Galeno o próprio coração não era um músculo e não tinha uma função de bombeamento; o sangue simplesmente passava por ele. Como Erasístrato, Galeno adotou que o sangue não era reciclado, mas sim evaporado ou consumido pelos órgãos por meio de um sistema aberto de passagem única (Aird, 1992). A ascensão do Cristianismo marcou o fim das antigas escolas de ciência. Estas últimas não foram abolidas pelo Cristianismo; elas foram assimiladas por ele. Cristo tornou-se o Deus da cura e as tradições médicas dos antigos tornaram-se parte da Igreja. Os escritos dos médicos gregos e romanos foram escondidos em mosteiros onde eram lentamente e laboriosamente copiados.

5 A ÉPOCA MEDIEVAL

Durante o início do período medieval, o centro da ciência médica mudou-se para o Império Romano do Oriente. Do quarto ao sétimo século da era cristã, as obras médicas mais importantes foram escritas em Constantinopla e foram compilações de escritos antigos, com poucas notas acrescentadas à compreensão das funções do sistema cardiovascular. Nesta altura a medicina árabe desfrutou de um período de ascendência desde a época das conquistas de Maomé, no século VII, até o século XIII. Como seus predecessores bizantinos, os médicos árabes devotaram a maior parte de suas energias a copiar e comentar textos antigos, uma tarefa que resultou na preservação de muitos dos escritos clássicos. Este período foi acompanhado por pouca experimentação e quase nenhuma dissecação. No século XIII, porém, um médico de Damasco, Ibn Al-Nafis negou a possibilidade de o sangue passar pelo septo interventricular e disse ao invés: “O sangue vai pela artéria pulmonar até aos pulmões para aí se misturar com o ar. É depois reconduzido para a cavidade esquerda do coração através da veia pulmonar. Ficava assim descrita a circulação pulmonar. Este talentoso médico árabe não tinha concepção de uma circulação sistêmica e sua descrição da circulação pulmonar perdeu-se e não teve grande contributo para as descobertas feitas depois dele (Katz, 1957).

6 AS UNIVERSIDADES EUROPEIAS

A era atual da ciência experimental começou nas universidades europeias fundadas entre os séculos X e XIII (EIMaghawry *et al.*, 2014). Quando a prática da medicina foi proibida ao clero nos séculos XII e XIII, essas universidades tornaram-se o centro de uma nova cultura médica. Como na cidade de Alexandria mil anos antes, a escola de Salerno tornou-se numa encruzilhada para a cultura médica. A menção à dissecação humana começou a aparecer discretamente nos escritos das universidades do final do século XIII e início do século XIV. Os primeiros anatomistas foram mais influenciados pelos escritos passados do que pelas dissecações que testemunhavam e não é surpreendente encontrá-los retratados sentados a pelo menos 2 metros do cadáver que estava sendo dissecado por um ajudante. No entanto, estas humildes dissecações, com seu uso muito limitado quanto ao método observacional, podem ser consideradas como contendo os primórdios de nossa cultura científica. Em 1316 Mondino de Luzzi (1270 a 1326) publicou pela primeira vez um manual para dissecação humana (EIMaghawry *et al.*, 2014). Ele descreveu um coração de três câmaras consistindo pelo ventrículo direito, ventrículo esquerdo e pequenas cavidades no septo através das quais o sangue passava da direita para a esquerda. Henri de Mondeville, um contemporâneo de Mondino na escola de medicina de Montpellier, também descreveu um terceiro ventrículo dentro do

septo e sua descrição dos movimentos do sangue foi claramente baseada nos escritos de Aristóteles e Galeno. Este estado de ignorância não poderia sobreviver ao advento de uma dissecação pensada e cuidadosa. A última grande barreira ao estudo anatómico foi removida por volta de 1480 por uma bula do Papa Sixtus IV sancionando a dissecação humana. A partir deste momento o número de anatomistas aumentou, muitas partes do corpo humano foram descritas com precisão pela primeira vez e as bases para uma nova ciência estavam sendo construídas. O polímata Renascentista Leonardo da Vinci (1452-1512) foi um dos primeiros a se opor aos dogmas anatómicos de Galeno (EIMaghawry *et al.*, 2014). Em contraste com Galeno, da Vinci descreveu o coração como um músculo e considerou os átrios como câmaras cardíacas. Os seus desenhos anatómicos do coração e das suas válvulas eram altamente precisos. É interessante que da Vinci também forneceu as primeiras descrições de coronárias ateroscleróticas. No entanto, Da Vinci foi influenciado pela anatomia galénica. Por exemplo, ele desenhou as quatro câmaras do coração, representando claramente os poros invisíveis para a passagem do sangue do ventrículo direito para o esquerdo.

Miguel Serveto (1511-1553), foi um filósofo e teólogo espanhol. Ele publicou um tratado teológico intitulado “Cristianismo restituído” onde desafiou as visões de Galeno e propôs que o sangue deve passar pelos pulmões, onde é misturado com o ar, quando passa do ventrículo direito para o ventrículo esquerdo (EIMaghawry *et al.*, 2014). Além disso, não é simplesmente ar, mas ar misturado com o sangue que retorna ao coração esquerdo pela veia pulmonar. Estava assim descrita a circulação pulmonar pela primeira vez no Ocidente.

7 A ESCOLA DE PÁDUA

A Universidade de Pádua é uma das universidades mais antigas do mundo. Foi fundada em 1222 por um grupo de estudiosos da Universidade de Bolonha em busca de mais liberdade académica. Durante o Renascimento e sob a influência da República de Veneza, a faculdade de medicina da Universidade de Pádua testemunhou sua idade de ouro. Por causa de sua autonomia académica e independência de influências políticas ou religiosas, Pádua foi o destino dos melhores cientistas da Europa da época.

Andreas Vesalius (1514-1564) nascido na Bélgica, foi professor de anatomia na Universidade de Pádua sendo considerado por muitos como o fundador da anatomia moderna. Aos 29 anos, Vesalius reformulou o estudo da anatomia humana por meio de sua obra-prima de sete livros “De Humani Corporis Fabrica”, publicada em 1543 (EIMaghawry *et al.*, 2014). Ao contrário de Galeno, Vesalius realizou sistematicamente dissecações de cadáveres humanos e desafiou muitas das visões anatómicas de Galeno.

No sexto livro da *Fabrica*, focado no coração e órgãos associados, Vesalius retificou a noção de Galeno de que os grandes vasos sanguíneos se originam do fígado. Além disso, na segunda edição de 1555, questionou a existência dos poros interventriculares (Katz, 1957). Realdo Colombo (1516–1559) foi um anatomista italiano e estudioso de Vesalius na Universidade de Pádua (ElMaghawry *et al.*, 2014). Colombo não conseguiu comprovar a presença dos poros interventriculares descritos por Galeno. Ele escreveu uma descrição precisa da circulação pulmonar, 6 anos após a publicação de Servetus. Ele teorizou o trânsito pulmonar do sangue em vez de sua passagem pelos poros invisíveis. Colombo também descreveu as ações das 4 válvulas do coração no direcionamento do fluxo de sangue, mas ao atribuir às veias a função de transportar sangue nutritivo para a periferia, ele caiu na armadilha do galenismo (Katz, 1957).

Fabrizio d'Aquapendente (1537-1619), também conhecido como Fabricius, foi um pioneiro em embriologia, anatomia e cirurgia (ElMaghawry *et al.*, 2014). Durante sua cátedra de anatomia em Pádua, ele fez uma descrição das válvulas presentes nas grandes veias que tornam o fluxo inverso de sangue venoso impossível. Este médico do século XVI foi professor de anatomia e cirurgia de William Harvey, na época em que William Harvey estava a estudar medicina em Pádua. Não admira que os desenhos das válvulas venosas deste último sejam notavelmente semelhantes às desenhadas por Fabricius.

Andrea Cesalpino (1519-1603), de todos os predecessores de Harvey, foi o mais merecedor de crédito pela descoberta da circulação do sangue (Arcieri, 1945). Segundo ele da veia cava ocorre um fluxo para o ventrículo direito, de onde se abre o caminho para os pulmões. Dos pulmões, o sangue regressa ao ventrículo esquerdo do coração, de onde então se abre um novo caminho para a aorta e que existem certas membranas estrategicamente colocadas à entrada dos vasos de forma a impedir o refluxo do sangue. Assim, há uma espécie de movimento perpétuo através do coração e pulmões para a aorta. No entanto, seus conceitos sobre a circulação eram mais químicos do que físicos, envolvendo a evaporação e condensação contínuas do sangue nos tecidos.

8 WILLIAM HARVEY

Coube a William Harvey (1578-1657), médico e anatomista inglês do século XVII, a descoberta do modelo da circulação sanguínea sistêmica. Após uma primeira fase educacional, graduou-se em Artes no Gonville e Caius College de Cambridge (1597), onde permaneceu até finais de 1599 para completar os estudos de medicina (Androustos *et al.*, 2011). No ano seguinte Harvey foi para Pádua, para aprender anatomia e medicina na que, na época, era considerada a melhor escola médica europeia (Schultz, 2002). Durante dois anos, Harvey foi discípulo de Hieronymus Fabricius, após o que regressou

a Inglaterra, sendo investido como Doutor em Medicina pela Universidade de Cambridge e iniciando o exercício da profissão prática, em 1602 (Ackerknecht, 1982; Ribatti, 1914). Nos anos seguintes, Harvey praticou e ensinou medicina em Londres, mantendo-se interessado numa questão então por esclarecer, que era a do fluxo sanguíneo no organismo humano (12). As investigações de Fabricius sobre as válvulas venosas e a sólida formação anatômica cultivada em Pisa, desde Vesalius, foram determinantes para as pesquisas que Harvey projetava realizar. Por duvidar das teorias então vigentes no ensino médico tradicional, decidiu basear o seu trabalho em observações e não em conjecturas. Para o efeito realizou numerosas disseções e investigações experimentais em diferentes espécies de animais, de sangue frio e quente, entre os quais veados das coutadas reais, beneficiando do seu estatuto de médico da corte. Além de descobrir que o sangue circulava nos animais, inclusive em humanos, foi o primeiro a apresentar um modelo lógico para a circulação sanguínea, baseado na observação e experimentação, e que continua a ter aceitação genérica. Porém, aqueles resultados e conceitos, que Harvey vinha divulgando desde 1615 aos seus alunos viriam a ser publicados somente treze anos mais tarde, no famoso livro “*Exercitatio Anatomica de Motu Cordis et Sanguinis in Animalibus*” (Sobre o movimento do coração e do sangue nos animais que ficou conhecido por “*De Motu Cordis*”) (Bolli 2019; Ribatti, 2014). Nesse pequeno volume de 72 páginas (da edição original em latim) Harvey apresentou com elegância o que observara nas disseções realizadas e as conclusões a que havia chegado. Entre outras, merecem particular destaque as seguintes (Martins-Silva, 2009):

- a) A disposição das válvulas cardíacas permitia que o sangue fluísse somente num sentido.
- b) Os ventrículos contraíam-se simultaneamente, depois das aurículas, passando o sangue do ventrículo direito para a aurícula esquerda e, daqui, para o ventrículo esquerdo através dos pulmões (refutando assim o disposto por Galeno, em que o sangue seria diretamente encaminhado de um ventrículo para o outro através de perfurações invisíveis do septo interventricular).
- c) Os movimentos do sangue eram determinados pelo coração e não pelo fígado; também rejeitou a ideia de que o sangue seria movimentado por sucção cardíaca, pois que ao removê-lo do animal, o coração continuava a contrair-se, à semelhança de um saco muscular; nessa base propôs que aquela função se assemelhava à de espremer o sangue para a aorta e artéria pulmonar.
- d) No seguimento desta conclusão estabeleceu que o sangue proveniente do coração circulava num sistema de vasos diferentes daquele que o transportava em sentido inverso da periferia para o coração.

- e) O sangue que circulava nas artérias e nas veias era o mesmo, assim como as artérias e as veias faziam parte do mesmo sistema transportador de sangue.
- f) A pulsação resultava do enchimento das artérias com sangue resultante da sístole ventricular; por esse mecanismo as artérias dilatavam o que daria origem ao pulso.
- g) Ao multiplicar o número de batimentos cardíacos por dia pelo volume residual de sangue colhido no coração de um cadáver humano, demonstrou ser impossível que o sangue fosse consumido quando chegava aos tecidos e constantemente substituído por novas quantidades formadas pelo fígado a partir do quilo alimentar, conforme fora admitido por Aristóteles e depois incorporado no ensino médico desde Galeno; por conseguinte, a quantidade de sangue bombeado diariamente pelo coração seria muito superior à quantidade de líquidos e alimentos ingeridos por dia e à capacidade da hipotética regeneração do sangue pelo fígado; em alternativa, Harvey considerou que o sangue existente teria de circular continuamente na rede vascular, sempre no mesmo sentido, passando das artérias para as veias, destas para o coração, e depois de novo para as artérias, em circuito fechado constante. A ligação entre o sistema arterial e venoso seria assegurado por anastomoses arteriovenosas ou por uma porosidade existente nos tecidos que deixariam passar o sangue do fim da extremidade arterial para o sistema venoso. Com a ajuda do microscópio recém-inventado, Marcello Malpighi (1628-1694) solidificou os conceitos de Harvey e foi o primeiro homem a descrever, em 1661 (Schultz 2002), os capilares pulmonares e alvéolos (Schultz, 2002; ElMaghawry *et al.*, 2014).
- h) À semelhança das válvulas cardíacas, a existência e funcionamento de válvulas no sistema venoso asseguravam a unidirecionalidade do fluxo sanguíneo no sentido do coração.
- i) Harvey admitiu a variabilidade da fluidez do sangue, ao observar que o sangue (venoso) se tornava mais fluido quando ele passa pelos pulmões e regressa ao coração.
- j) Tendo por base as considerações anteriores, o coração passou a ocupar, primordialmente para Harvey, a posição de órgão que impulsiona o sangue e não o local onde este se misturaria com o ar; esta função passaria a ser identificada com os pulmões.

O ceticismo e a controvérsia gerados pelo modelo de circulação sanguínea proposto por Harvey arrastaram-se por mais uns vinte anos, sendo praticamente encerrados, somente depois da sua morte, por Marcello Malpighi que conseguiu observar

com o auxílio do microscópico, recém inventado, os pequenos canais, ou capilares, por onde passa o sangue do sistema arterial para o sistema venoso (Schultz, 2002). Por seu lado, “*De Motu Cordis*” foi o instrumento que marcou a separação entre passado e futuro, entre um novo modo de pensar e de resolver problemas do conhecimento, e o outro, o das tradições antigas, do conservadorismo e da ignorância, propalados desde a Antiguidade (Martins-Silva, 2009). William Harvey é corretamente considerado o pai da fisiologia e da medicina modernas. Seu trabalho não apenas estabeleceu uma propriedade seminal do sistema cardiovascular, mas também demonstrou o poder da computação e do método científico que dinamizou o longo caminho que percorremos desde seus dias e continuará a nos servir bem no longo caminho que temos que percorrer (Schultz, 2002). A descoberta do sistema circulatório fechado continua a ser hoje a maior descoberta “isolada” em fisiologia e medicina, se não na ciência em geral, sendo considerada a maior revolução científica da fisiologia moderna (Schultz, 2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aird WC. (1962) Discovery of the cardiovascular system: from Galen to William Harvey. *Journal of Thrombosis and Haemostasis*. 9 (suppl. 1): 118–129.
- Androustos, G.; Karamanou, M. e Stefanadis C. (2012). William Harvey (1578-1657): Discoverer of Blood Circulation, *Hellenic J Cardiol*; 53: 6-9.
- Arcieri, J. P. (1945): *The Circulation of the Blood and Andrea Cesalpino of Arezzo*. New York, S. F Vanni.
- Ackerknecht H. E. (1982). *A Short History of Medicine*. Baltimore JHU Press.
- Bolli, R. (2019). William Harvey and the Discovery of the Circulation of the Blood. *Circ Res*. 124: 1300-1302.
- ElMaghawry, M; Zanatta, A e Zampieri, F (2014). The discovery of pulmonary circulation: From Imhotep to William Harvey. *Global Cardiology Science and Practice* 2014:31.
- Fulton, J. F. (1930): *Selected Readings in the History of Physiology*. Springfield, Illinois, Charles C. Thomas.
- Katz, A. M. (1957). Knowledge of the Circulation Before William Harvey. *Circulation*, Volume XV, May 1957.
- Martins-Silva, J. (2009). Da descoberta da circulação sanguínea aos primeiros factos hemorreológicos (1.ª Parte). *Rev Port Cardiol*, 28 (11): 1245-1268.
- Ribatti, D. (2009). William Harvey and the discovery of the circulation of the blood. *Journal of Angiogenesis Research*, 1:3.
- Serageldin I. (2013). Ancient Alexandria and the dawn of medical science. *Global Cardiology Science & Practice*. 2013:47.
- Schultz, S. G. (2002). William Harvey and the Circulation of the Blood: The Birth of a Scientific Revolution and Modern Physiology. *News Physiol Sci* 17: 175-180.

CAPÍTULO 7

LA COMBINACION DE EJERCICIOS FÍSICOS Y ALIMENTACIÓN ADECUADA COMO TRATAMIENTO DE LA OBESIDAD EN NIÑOS EN EDAD PREESCOLAR

Data de submissão: 03/02/2022

Data de aceite: 14/04/2022

Lcda. Johanna Margoth Povea Cevallos

Unidad Educativa Fiscal Río Marañón
Guayaquil, Ecuador

MSc. Paolina Castro

Dr. Damián Enrique Dattus Torres

<https://orcid.org/0000-0002-3447-1615>

RESUMEN: La presente investigación está encaminada a promover el empleo del ejercicio físico con fines preventivos, para tratar desde una alimentación de alto valor nutritivo, evitar enfermedades como la obesidad en niños ecuatorianos, a partir del diagnóstico dado por el criterio de las costumbres alimenticias en sus hogares de Guayaquil. Se ofrece un sistema de comidas propias de la ciudad de Guayaquil en Ecuador complementados por juegos de movimiento, a partir del asesoramiento de madres jóvenes y abuelas que con la aplicación de dietas caseras y de bajo costo, balanceando los hidratos de

carbono, junto con las proteínas y alimentos azufrados, les facilita una mejor calidad de vida para sus órganos como hígado, corazón y el sistema musculo esquelético. Es una guía que permite a las docentes que trabajan en fundaciones o centros de acogida elaborar un trabajo sistemático de alimentación, logrando unirse en la misión de tener hijos o estudiantes en buen estado físico de salud.

PALABRAS CLAVES: Obesidad infantil. Lonchera escolar. Alimentación. Ejercicios físicos.

A COMBINAÇÃO DE EXERCÍCIOS FÍSICOS E NUTRIÇÃO ADEQUADA COMO TRATAMENTO DA OBESIDADE EM CRIANÇAS EM IDADE PRESCOLAR

RESUMO: Esta pesquisa visa promover o uso do exercício físico para fins preventivos e para, a partir de uma dieta de alto valor nutricional, evitar doenças como a obesidade em crianças equatorianas, com base no diagnóstico dado pelos critérios de hábitos alimentares em suas casas, em Guayaquil, Equador. O trabalho analisa e oferece um sistema de refeições típico da cidade, complementado por sugestões de exercícios físicos e jogos de movimento e com a aplicação de dietas caseiras e de baixo custo, que equilibram carboidratos e proteínas e facilitam uma melhor qualidade de vida para órgãos como fígado, coração e sistema musculoesquelético. É um guia que permite aos professores que atuam em fundações ou

centros de acolhimento realizar um trabalho sistemático de alimentação, conseguindo unir-se na missão de ter crianças ou alunos em boa saúde física.

PALAVRAS-CHAVE: Obesidade infantil. Alimentação escolar. Exercícios físicos.

1 INTRODUCCIÓN

Dentro de la educación, la Preescolar es la que ha experimentado el mayor crecimiento durante los últimos años en el continente americano, en su conjunto y en especial Ecuador, como parte de la región. La matriculación a inicial se debe dar a partir de los tres años, hasta los cinco años, pero generalmente ante el modernismo que invade las neuronas de la sociedad, muchas costumbres han cambiado sobre todo en las madres jóvenes que no tienen la pericia para llegar a preparar alimentos baratos y saludables que desencadenan la obesidad además de por sí les dejan esa tarea a las abuelas.

La infancia es, por ello, un período crucial para actuar sobre la conducta alimentaria, ya que las costumbres adquiridas en esta etapa van a ser determinantes en el estado de salud del futuro adulto. Otra de las causas de la obesidad es la inactividad física, reconocido como una determinante cada vez más importante para la salud. Trabajar en aras del mejoramiento de salud del ser humano es una labor responsable y halagadora, y más aún en un campo tan amplio como la cultura física.

Se agregan los sistemas de atención infantil que incluyen los programas preescolares formales y no formales, es claro que se hace necesario difundir ampliamente la necesidad de prestar atención a los niños durante sus primeros años de vida. Esta es una investigación del contexto de la obesidad: la dieta, el ejercicio, el juego, la cultura familiar alimentaria y de recreación.

2 LA OBESIDAD

La palabra obesidad se deriva del latín *obesus* que significa: persona que tiene demasiado sobrepeso. Ser obeso no es lo mismo que ser sobrepeso. Por lo general el obeso o con tendencia a la obesidad, esta excedido de peso y en riesgo de tener enfermedades graves.

El sobrepeso y la obesidad se definen como una acumulación anormal o excesiva de grasa que puede ser perjudicial para la salud. El índice de masa corporal (IMC) es un indicador simple de la relación entre el peso y la talla que se utiliza frecuentemente para identificar el sobrepeso y la obesidad en los adultos. Se calcula dividiendo el peso de una persona en kilos por el cuadrado de su talla en metros (kg/m²). La definición de la OMS es la siguiente:

Un IMC igual o superior a 25 determina sobrepeso.

Un IMC igual o superior a 30 determina obesidad.

El IMC proporciona la medida más útil del sobrepeso y la obesidad en la población, puesto que es la misma para ambos sexos y para los adultos de todas las edades. Sin embargo, hay que considerarla a título indicativo porque es posible que no se corresponda con el mismo nivel de grosor en diferentes personas. (Organización Mundial de la Salud, 2015)

Para dar seguimiento a este incremento de la masa corporal en los niños, existen en los centros de salud y en las instituciones infantiles de Ecuador (Dirección Provincial de Salud de Pichincha, 2011), la valoración a través de la tabla percentil, donde refiere que los niños de estas edades tienen un peso corporal entre 15 a 18 kg y una talla de 103 cm aproximadamente, estableciendo que los niños por encima de 97 percentil se consideran obesos.

La obesidad fue considerada como una epidemia Mundial por la organización Mundial de la salud en el año 1998, debido a que existen más de mil millones de sobrepeso y por lo menos trescientos millones de estos son obesos, producto a los cambios demográficos y a la disminución de las actividades físicas.

La obesidad es una enfermedad crónica, compleja y de origen multifactorial que se caracteriza por un exceso de masa grasa y por ende un peso corporal con respecto al sexo, edad y talla correspondientes para cada individuo. El tejido adiposo es un tipo de tejido conectivo especializado, y tiene diferentes funciones como almacenar energía a través de los triglicéridos. Los acumula y al almacenar energía como por ejemplo cuando se terminan los glúcidos, los triglicéridos participan en la amortiguación de los ácidos grasos y con ello mejorar el rendimiento físico y cognitivo.

Según la Organización Mundial de la Salud (Gil, 2012), la obesidad junto con el sobrepeso, son las enfermedades metabólicas con mayor prevalencia en el mundo. El sobrepeso y la obesidad son dos factores de riesgo que inducen la aparición de enfermedades crónicas no transmisibles (ECNT) como enfermedades cardiovasculares, diabetes mellitus tipo 2, síndrome metabólico, osteoartritis, apnea del sueño y algunos tipos de cáncer de mama, endometrio o colon.

Según la organización mundial de la salud la obesidad es la enfermedad crónica no transmisible más frecuente, que resulta de la interacción entre el genotipo y el medio ambiente, se caracteriza por una proporción anormalmente elevada de grasa corporal, que suele iniciarse en la infancia y en la adolescencia.

Al presentarse en los niños, la cronicidad puede desencadenar la aparición de una masa magra que lleva al aumento del peso con relación a la de otros niños. Pero no solo la

grasa aparece, ya se puede tener entre sus falencias daños a nivel renal o hepáticos que acrecienta el riesgo de mortalidad temprana. (Gil, 2012)

Eso significa que lo que está sucediendo en la cadena de la obesidad es que los padres no están cumpliendo con los hijos esa doble función, de ser buenos dietistas y que sepan de educar en lo físico.

Según (Moreira, 2014)

A nivel infantil, con datos del 2013, se estima que la cantidad de niños con sobrepeso menores de 5 años era de 42 millones y que cerca de 31 millones vivían en países en desarrollo y la prevalencia de sobrepeso y la obesidad infantil a nivel mundial ha aumentado de 4,2% en 1990 a 6,7% en 2010 y se espera que esta tendencia alcance 9,1% para 2020 lo que equivaldría a 60 millones de niños.

La obesidad infantil es el principal factor de riesgo para el desarrollo de obesidad en el adulto, que se asocia a un número mayor de factores de riesgo cardiovascular y a la disminución de la esperanza de vida, mostrando dos indicadores: menor actividad física con mayor ingesta calórica; cambios en el estilo de vida además de predisposición genética. Además, se presentan factores de riesgo como la ausencia de la actividad deportiva, junto con una vida sedentaria frente a la TV, el consumo bajo de frutas y verduras; y el consumo elevado de pasteles, dulces, refrescos dulces, embutidos como salchichas.

El Grupo Internacional de Trabajo para la Obesidad (IOTF) y la Organización Mundial de la Salud (OMS) han calificado la obesidad como la epidemia del siglo XXI por las dimensiones adquiridas a lo largo de las últimas décadas, su impacto sobre la morbilidad, la calidad de vida y el gasto sanitario, donde se incluye este grupo etario, lo cual le da novedad, actualidad e importancia en este texto que se presenta. (Calleja Fernández, 2013)

Según Marcos (2014), existe una asociación entre el número de horas de sueño a los 7 años y la obesidad: aquellos que duermen más de 10 horas son menos obesos que los que duermen menos (se postula que por afectación de la secreción de hormona de crecimiento, un mayor tiempo de exposición a factores ambientales favorecedores de obesidad y menos actividad física, duermen más los que realizan más actividad). También se encontró relación entre el consumo de bebidas azucaradas y el peso (calorías extras).

Durante el año 2013, médicos como Luis Franco Bonafonte, Francisco Rubio, Neus París y Pilar Oyón, como miembros de la Unidad de Medicina del Deporte del Hospital Universitario Saint Joan de Reus de la Universidad Rovira Virgli en Tarragona España hicieron un estudio analítico y comparativo acerca de los adolescentes con normopeso y obesidad: análisis de las diferencias en la actividad deportiva (Franco, 2014)

La obesidad en edades pediátricas representa un grave problema de salud pública, siendo una de las causas más importantes de morbilidad prematura evitable. En la prevención y tratamiento de la obesidad juegan un papel importante factores como la alimentación y la actividad física. Dicha actividad física puede estar limitada por la propia condición física, el nivel de motivación o autoestima y otros factores a nivel familiar. Los niños obesos son más sedentarios y dedican 62,6 minutos / semana a actividades deportivas, mientras el grupo con normopeso dedica un 50% más de tiempo a dichas actividades (94,5 minutos/ semana).

Los adolescentes obesos tienen una peor condición física y menor adaptación cardiovascular al esfuerzo, así como una peor opinión sobre sí mismos a nivel físico, pero también como personas. El IMC y peso de los progenitores es significativamente superior en el grupo de obesos y su nivel socioeconómico y educativo es menor en los padres con dicho grupo. Llegando a la conclusión que la menor actividad física de los adolescentes obesos hace prioritaria su promoción en este grupo. Dicha promoción debería estructurarse en programas que tengan en cuenta los aspectos diferenciales de estos adolescentes, que tienen una peor condición física, una menor autoestima y pertenecen a familias con niveles socioeconómicos y formativos más bajos, y unos patrones familiares de obesidad característicos.

La prevención es más eficaz cuanto más temprano se realice, fundamentalmente en niños con factores de riesgo e incluye:

- Atención al monitoreo del peso. El crecimiento de los cinco primeros años se caracteriza por la dinámica del cambio, por tanto, las medidas sucesivas tomadas en la consulta de puericultura deben ser inscriptas en una gráfica, que permite la evaluación del peso corporal.
- Lactancia materna exclusiva hasta el sexto mes de vida. No introducir alimentos antes de esta edad.
- Información a los padres sobre alimentación saludable, recalcando la importancia del desayuno y evitar los alimentos como premio.
- Fomentar el ejercicio y la actividad física en los mayores de 3 años, subir y bajar escaleras, caminar, juegos en equipos, y al aire libre con la práctica sistemática de deportes.
- Disminuir el tiempo dedicado al televisor, videos, y computadoras.

El control se constituye una interesante etapa en el desarrollo de los niños y su función principal, es la de promover un adecuado progreso en el diseño de la dieta a la que toda familia, debe ser diestra, lo que significa un normal proceso de maduración, de desarrollo evolutivo y educativo en el organismo de los niños.

Sin embargo, aún no existe un programa alimentar y de actividades físicas bien desarrolladas, diseñadas especialmente para ellos en nuestras instituciones educacionales. Trabajar en áreas del mejoramiento de la salud del ser humano es una labor responsable y halagadora, y más aún en un campo tan amplio como la educación desde las edades más tempranas.

Por todo ello, se hace necesario abordar la alimentación, la actividad física y utilización de los juegos de movimiento con fines terapéuticos, para atender las carencias presentes en el siguiente problema a investigar: ¿Cómo contribuir al tratamiento de los niños de 3 a 7 años de edad con tendencia a la obesidad? Objetivo: Proponer una alimentación adecuada y juegos de movimiento con fines terapéuticos para el tratamiento a los niños de 3 a 7 años de edad con tendencia a la obesidad.

3 TRATAMIENTO DIFERENCIADO DE LOS NIÑOS CON TENDENCIA A LA OBESIDAD: ALIMENTACIÓN ADECUADA CON EJERCICIOS

3.1 LA ALIMENTACIÓN

El reconocimiento de la importancia de estos primeros años de vida es la valoración de la acción educativa que se realice sistemáticamente en ellos, y en concreto la necesidad de una oportuna intervención en edades tempranas desde la alimentación sana.

Esta intervención abarca años esenciales como es el caso de niños de 3 a 7 años, evitando el consumo de chocolates, tortas, caramelos, chupetes y helados de chocolate que los acompaña constantemente en su dieta, y el organismo ante la falta de ejercicio hace que la grasa se acumule. El glucagón interviene ante esta realidad en la lipólisis y la lipasa las desintegra. Ante el aumento del número de adipocitos se acumulan en la niñez hasta la vida adulta y aparecen con tejido adiposo, además se asocian condicionantes como factores genéticos, metabólicos, fisiológicos, sociales y conductuales.

Al ingerir estos alimentos tienen carbohidratos que luego se transforman como quilomicrones hasta los adipocitos como triaglicérolos. La lecitina es una proteína que llega al cerebro donde actúa sobre los receptores del hipotálamo que modera el apetito, pero cuando está alterado este receptor hay alteraciones de control.

La grasa en el organismo cumple un importante papel biológico, porque entre otras funciones constituye una magnífica fuente de energía para el movimiento y otros desempeños vitales, pero cuando se acumula en exceso, es motivo de enfermedad.

Para evitar la obesidad, además del control dietético es importante el ejercicio físico, que se combine con los juegos, para evitar que lleguen a los diez años y se produzcan los primeros trastornos. Consumir líquidos, tener una alimentación adecuada y

hacer ejercicio todos los días permite transformar malos hábitos, que luego ocasionaran que los niños sufran por la diabetes y la hipertensión arterial. A esos malos hábitos se unen el consumo de hamburguesas, longanizas, bolón con chicharrón. En Guayaquil se utilizan mucho las salchipapas y puestos de hamburguesas.

Los malos hábitos alimentarios, la poca actividad física y ciertos rasgos psicológicos propios de la persona son los factores que propician la aparición de este padecimiento. Actualmente se caracteriza a la sociedad contemporánea, donde no está excluido Ecuador, con un estilo de vida donde las comodidades que brinda el avance técnico posibilitan a las personas vivir sin realizar trabajos físicos importantes, facilitando medios recreativos en lo que no hay que moverse constantemente, garantizando así un descanso prolongado en el organismo contribuyendo considerablemente a esta enfermedad.

El Ecuador es un país situado en la línea ecuatorial y goza de dos estaciones muy diferenciadas, el invierno y el verano, por lo que en su mayoría se obtienen productos de ciclo largo. Al ser un país de vecindad territorial arbórea continua y gran productora de productos alimenticios, ayudado por el clima, el Ecuador goza de demasiados productos, pero muy mal aplicados a veces por sus habitantes, siendo la educación desde el preescolar tanto a las madres como a los niños lo que va a permitir mejorar el nivel y calidad de vida de la comunidad educativa.

Veamos algunos de los productos que permitirán que, tanto con el ejercicio como con la dieta, se evite la obesidad infantil. Entre los alimentos más comunes y sanos que consumen los niños en Guayaquil, se tienen a:

3.1.1 La cebada

Posee buenas ventajas con menos gluten que el trigo, evita la acumulación de grasas en el hígado combatiendo la depresión y la ansiedad. Contiene cobre, zinc, potasio, magnesio, es el cereal que mayor cantidad de fibra tiene; regula el colesterol es tónico cardiaco, ofrece vitamina k. Protege los capilares y evita el cáncer.

La preparación de la cebada se puede hacer desde la preparación de agua fresca para cebada. En esta se utiliza con una bolsa de cebada, parecida al agua de horchata, rinde cinco litros, dos latas de leche evaporada, dos tazas de azúcar, una lata de leche Nestlé y un batidor con el abrelatas. Se agregan dos tazas de azúcar y revolver, dos litros de agua por una taza de cebada, y el hielo al gusto.

Luego de agregar cebada, azúcar, leche Nestlé, leche evaporada y hielo, da este aspecto el agua de cebada para los calores de la ciudad de Guayaquil en Ecuador o en el verano europeo.

Otro alimento que se puede preparar con la cebada es:

3.1.2 Leche de cebada

A partir de grano perla que se lava con chorro de agua. Una vez lavado se lo lleva a la licuadora y se le agrega una ramita de canela. Se licúa la cebada con medio litro de agua.

Se debe poner la cebada dentro de la licuadora y una vez preparada servirla, así la presencia de masa magra en los niños lleva al aumento de la masa corporal y sus diferencias entre los asientos, el tipo de comida que ingieren en los recreos, ya es llamativa. Esto muchas veces se acompaña de el mimo de parte de los padres que no hace posible que mejoren las exigencias escolares para con ellos en la parte de los ejercicios que mejorarían su capacidad respiratoria y la prevención con la lonchera escolar ha hecho un favor a muchas familias para que los niños adopten otro tipo de dietas que mejoren la realidad del niño.

Se necesita la presencia de la licuadora y de un cedazo para el consumo de la cebada. Así queda lista para ser ingerida. La cebada incluso se prepara con leche y caldo de carne, que permite las enfermedades de los pulmones. Lo mismo para las inflamaciones de la garganta de los niños y también se aplican cataplasma de cebada con vinagre.

La ventaja del uso de la cebada es el de ser un producto de bajo costo y con ello se asegura una continuidad en su consumo. Además es propia de la zona ecuatorial y se garantiza su presencia.

3.1.3 Las verduras

Las verduras como el tomate, brócoli, patatas o papas, alcachofa, zapallo, champiñón, pepino, cebolla, maíz, calabacín, zanahoria, ajo, proporcionan una importante alimentación para los niños. El jugo de tomate contiene licopeno que previene el cáncer. Se debe preparar con agua, contiene calcio, hierro, potasio y fósforo. Protege el corazón del niño y controla la presión arterial. El brócoli es rico de vitamina C y K, zinc y el hierro. Posee compuestos antioxidantes contra el cáncer, cuida del corazón, los huesos, y para la menopausia. El pepino contiene agua, aporta fibra y el 97% es líquido, contiene calcio, hierro, potasio, se consume también en ensaladas y nutrientes. El pepino es diurético ante las infecciones urinarias, mejora la digestión porque contiene fibra siendo un adelgazante natural, limpia los poros combatiendo los dolores musculares, rehidrata y suaviza la piel.

La zanahoria es un excelente remedio para la anemia, ya sea como ensalada, jugo o puré, equilibra el organismo. Ayuda a cicatrizar las úlceras. Sirve para eliminar toxinas. El ajo es el mejor antibiótico natural. Se lo puede consumir como suplemento, pero se come muchas veces crudo.

Lo importante es prevenir y evitar una alimentación con elementos que contengan demasiado carbohidratos y grasas, alimentación que puede llevar a un niño a la obesidad.

Se debe insistir en la necesidad de una oportuna intervención educativa y en la casa para evitar que los niños sigan consumiendo cachitos y las manzanas carameladas, pero el consumo de azúcar es necesario en los niños por lo tanto se debe educar la ingesta de alimentos, así en el desarrollo psicomotor a lo largo de la infancia, dada las importantes repercusiones que éste tiene en el desarrollo integral de los niños, les va a proporcionar demasiado peso y no consumen las verduras suficientes.

3.1.4 Consumo tradicional de platos en Guayaquil

El consumo de alimentos de los niños en la ciudad de Guayaquil se asocia a la cultura alimentaria de la población. Los abuelos que en su mayoría se dedican a la alimentación de sus nietos en los hogares donde ambos progenitores trabajan, son los encargados de transmitir su cultura alimentaria a sus hijos, y conservar la tradición en el consumo de alimentos tanto en el desayuno como en el almuerzo.

En un análisis que se hizo en uno de los hoteles de la ciudad, a las diez de la mañana de un sábado del mes de abril de 2017, se pudo evidenciar que a esa hora había niños alimentándose en su mayoría con adultos, y los alimentos que allí habían eran: jugos de papaya, huevos pasados (hervidos), muchines, tortilla de huevos. Ya en el almuerzo, Guayaquil se caracteriza por platos como el seco de pollo, chivo, y los caldos de pata, tronquito, y de bolas.

Sin embargo, los tipos de comidas que preparan los hogares de matrimonios jóvenes siguen siendo la desventaja frente al sistema de alimentación sana, porque no existe una cultura de alimentación de las mujeres jóvenes que sepan dónde y cómo preparar esos alimentos para la familia. La cultura de las abuelas es representativa en la vida de las familias, y con ellos se va heredando la forma de alimentarse sin que exista un estudio capaz de tener alimentación sana y saludable, que evite la acumulación de grasas en el cuerpo.

3.1.5 El arroz con menestra y carne

El arroz es el alimento básico y el sustituto alimenticio. El arroz contiene hidratos de carbono, controla la diabetes, recomendado por sus fibras evita el cáncer de colon y de mama. El manganeso del arroz evita los radicales libres, el manganeso ayuda en la síntesis de ácidos grasos. El arroz contiene selenio tan importante en la regulación de la hormona tiroidea.

Ya en el caso de la menestra con fréjoles que es muy apetecido por los niños, igual tienen carbohidratos, no contienen colesterol, no es un vegetal. Ayuda a prevenir los niveles abruptos del azúcar. Luego de ese plato, ya viene la carne, que contiene sus propiedades de acuerdo a qué tipo. La carne de cerdo es muy energética, y las más proteicas son el pollo y el pavo. El conejo es el que tiene más calcio y la que contiene más hierro es la del buey y la del cerdo. La carne que tiene más potasio es el cabrito y la que contiene más grasa es la de cerdo, por lo tanto, es la que más se debe evitar en los niños obesos. En cuanto al cordero es el que más colesterol tiene y le sigue el cerdo. El cerdo es el que más ácidos grasos tiene. La carne con más vitamina B tiene es la del pollo. El buey tiene más vitamina E y mucho hierro.

3.1.6 El bolón de verde

El bolón de verde con chicharrón estará más lleno de ácidos grasos y colesterol si contiene carne de cerdo, pero culturalmente se debe educar que la carne del chicharrón también puede ser de pollo o pavo que son carnes más saludables. El banano verde contiene propiedades que incluirían que se hierva el verde con cáscara y luego se la retire. La cáscara del verde contiene potasio. Por lo tanto, se lo deben preparar a los niños en forma de bolones sin choncho, de tortillas, y de empanadas. Cada uno de esas preparaciones pueden ser entregadas con jugos y ensaladas que les permite mejorar su actividad diaria.

3.1.7 El guineo y el banano

Es muy bueno como propiedades anticancerígenas. Se lo puede preparar de diferentes formas que evite la acumulación de grasa en el organismo del niño. El postre de guineo con canela en polvo, azúcar morena y nieve de vainilla. Se le agrega aceite a la sartén para que la mantequilla no se quemé. Luego se le agrega la mantequilla y en dos minutos ya se ponen los pedazos de guineo.

Según (Bajaña, 2015)

El banano es un alimento con alto valor nutritivo, es un fruto rico en potasio, calcio, magnesio, fósforo, hierro y en vitaminas A, B, C, y E. Éste se puede consumir en distintas formas, como productos deshidratados (harinas, hojuelas y snacks); como también en concentrados, jugos y purés. (Pág. 2)

3.1.8 El camarón

Los camarones son altos en yodo y no contienen grasas. Regula el nivel de energía y el funcionamiento correcto de las células. Cien gramos de grasas aportan solamente

1,40 de grasa. Los camarones también son ricos en hierro, potasio, calcio, selenio y contiene vitaminas como la E o la B12.

3.1.9 El agua de coco

El agua de coco es un potente diurético y sirve para eliminar cálculos renales. Contribuye a eliminar las bacterias que se ubican en las vías urinarias y combate las infecciones. Favorece la salud bucal.

El agua de coco puede reemplazar a la leche materna o como sustituto del plasma, es rica en cobre, zinc, cobre, hierro, magnesio y potasio, contiene vitamina E y D. Equilibra el mejor nivel electrolítico, contiene citohormonas contra la trombosis, antiinflamatorio, es alcalinizante. Para los niños con diabetes es bueno para la pérdida de peso y ayuda a cicatrizar las heridas y dar tono y elasticidad en la piel.

3.1.10 La toronja

La toronja es rica en flavonoides, desintoxica las células y las ventajas es que se la encuentra en cualquier supermercado de Guayaquil, en Ecuador. En experimentos realizados con personas que padecían de artritis reumatoide, lupus eritematoso, esclerosis múltiple, y dermatitis utópica.

Se estableció que el consumo de una dosis diaria de jugo de toronja, provocaba que la medicación de drogas inmunosupresoras sea menor porque aumentaba la función de inmunidad en la sangre, inhibiendo las enzimas que logran romper la ciclopirina cuando quieren alcanzar el flujo circulatorio.

4 LA IMPORTANCIA DE LAS ACTIVIDADES FÍSICAS

Junto con esa buena dieta barata y de alto control proteico, debe ser acompañado con una buena dieta de ejercicios. Las habilidades motrices no solo aparecen en esta edad, sino que son el resultado del trabajo sistemático desde las edades más tempranas. Desde el primer año de vida el niño comienza a orientarse en el entorno, a realizar sus primeras acciones motrices las que se irán desarrollando progresivamente con el tránsito a otros años de vida, logrando perfeccionarlas con el trabajo sistemático y diferenciado de las maestras.

En la edad preescolar es de vital importancia tener presente la atención diferenciada a los niños obesos durante la realización de actividades físicas, ya que da lugar a la elevación de los niveles de autoestima de cada niño y a conocer sus posibilidades de acción dentro del grupo en que participan. Logran comprender o tener conciencia de

hasta donde pueden llegar y cómo superar una habilidad complicada para ellos, cuando ponen a prueba sus potencialidades con la de sus compañeros, los ayuda a liberarse de tensiones, encuentran alegría y sentido de vivir, elevando su calidad de vida.

Su constante motivación por participar en las diferentes actividades y juegos de movimientos, es signo de interés y gusto por lo que realizan. Estos juegos resultan desde el punto de vista psicológico una ventana abierta para su utilización como terapia física, permitiendo la participación activa y voluntariosa de todos los que deseen participar en ellos con el fin de reforzar sus habilidades motrices adquiridas, y mejorar su estado de salud y un mejor desarrollo de la musculatura.

El desarrollo y el mantenimiento de la obesidad puede verse afectado cuando los mecanismos neuroendocrinos con disfunciones hormonales alterados. La gestión del aula, se basa en el cambio en los hábitos alimentarios y aumentar la actividad física desde la educación en los juegos y la educación física; pero no solamente aquello sino que a estos niños hay que inducirlos a actividades extras como llevarlos al jardín a regar las plantas, a llevar los balones del juego. De esa forma se evita el uso de fármacos que pueden tener efectos secundarios.

Los niños aun siendo niños pueden perder peso. Al revisar el historial bibliográfico sobre este interesante tema científico, se constata por el doctor (Moro Martín, 2013) un gran número de trabajos han generado un especial interés en el concepto de “períodos críticos del niño”, interpretados como etapas del desarrollo en las cuales alteraciones fisiológicas incrementan el riesgo de condiciones adversas en la salud futura. Estos períodos serían el primer y tercer trimestre del embarazo, infancia temprana, etapa del rebote adipocitario (de 3 a 8 años de edad) y la adolescencia.

Atendiendo a que hoy día se reconoce, que los patrones genéticos de la humanidad no han sufrido cambios, pero sí los factores ambientales, las instituciones educativas deben lograr un cambio donde todos se eduquen en los hábitos nutricionales y del ejercicio físico, donde debe participar también una de las áreas básicas del desarrollo humano, como es el desarrollo psicomotor, sobre el cual va a estar centrado el interés acá referido.

Según (Berghtein, 2014)

La literatura acerca del tema de la obesidad en países tan dispares en desarrollo y climas, como Canadá, Australia, Gran Bretaña, Estados Unidos, China, Ecuador, Perú, México, Portugal, etc., coincide tanto en la prevalencia como en el análisis de sus múltiples causas y su impacto en la salud pública, y propone poner más énfasis en la actividad física escolar y hacer de ella una actividad prioritaria junto con la promoción de otros hábitos saludables.

Por lo tanto, es necesario destacar la necesidad de que los profesionales de la educación, entre los que hay que incluir a los de la Educación Física y en lo especial a los

de la Enseñanza Preescolar, posean una adecuada comprensión del proceso de desarrollo humano y en particular del desarrollo psicomotor de los niños en estas edades para evitar la tendencia a la obesidad desde edades tempranas. Los docentes se convierten también en entes propagadores de una cultura del diálogo y la felicidad, basada en el conocimiento que tengan de la dieta apropiada como son las ensaladas, frutas y los jugos.

Pero comprender este proceso psicomotor no debe limitarse a un corto conocimiento descriptivo de las diferentes habilidades y características de cada etapa evolutiva, sino que se debe procurar conocer también los factores que, junto con los procesos madurativos en el organismo, intervienen para un desarrollo adecuado de estas habilidades psicomotrices como se observa el balanceo del niño en columpios apropiados para ellos mediada su seguridad por una colchoneta. De tal forma que se evita el sedentarismo. El jugar las canicas, las sogas, el saltar sogas es una de las formas de evitar la obesidad, se duerme mejor y se tiene menos problema.

4.1 LOS NIÑOS CON TENDENCIA A LA OBESIDAD Y SU RELACIÓN CON LAS ACTIVIDADES FÍSICAS

La sociedad actual permite que la imagen gobierne y con ello la realidad y la autoestima del niño se acrecientan o se disminuye, dependiendo de la cantidad de masa muscular o adipocitos que se tenga en la distribución del cuerpo.

Dentro del aula, la presencia de un niño obeso llama mucho la atención porque tienen dificultades para relacionarse con los demás y el epíteto que acompañan a una persona que tenga esa estructura. Entre las niñas, ellas buscan generalmente a una niña como amiga que no tenga la misma masa muscular, pero también tienen trastornos de la imagen personal, y problemas para entrar entre las bancas, movilizarse por sobre las escaleras, y el espacio entre los expresos.

Dentro de la Educación Física los juegos de movimiento ocupan un lugar preponderante por su gran valor psicológico, biológico y pedagógico, lo que hace que se conviertan en un medio necesario para el desarrollo integral de los niños y adolescentes.

Mediante estos juegos podemos contribuir al desarrollo de diferentes procesos psíquicos: Los cognitivos, afectivos y volitivos, dentro de los cognitivos se encuentran las sensaciones, percepciones, pensamiento, lenguaje, memoria, atención, entre otras. Los afectivos son emociones y sentimientos y dentro de los volitivos se encuentran, el valor, la decisión, perseverancia, iniciativa, independencia, dominio, y responsabilidad.

La realización de estos juegos físicos contribuye a mantener estable el estado de ánimo, las relaciones con otros niños y los adultos, a regular la conducta, a sentirse útiles,

a cooperar con los demás, a valorar la calidad de sus acciones, a planificar y organizar sus juegos y a expresar imágenes con movimientos corporales.

Cada juego de movimiento lleva implícito los objetivos a trabajar teniendo en cuenta que los materiales a utilizar estén acorde a las habilidades a lograr en este año de vida, así como las posibles acciones a realizar en cada uno para que los niños logren los objetivos propuestos. Cuando se corre se mueve el 70% de todos los músculos. Mientras corren, los niños liberan sustancias químicas mensajeras y así evitan la obesidad, logran fortalecer el sistema muscular y así se depositan más minerales en los huesos.

Es la etapa de la adquisición de las habilidades motrices básicas: caminar, correr, saltar, escalar, trepar, cuadrupedia, reptación, lanzar y capturar, las cuales constituyen la base para su vida futura. (Peraza Zamora, 2013) Así se reduce el riesgo de padecer la diabetes, y las enfermedades de las vías respiratorias se reducen y ayudan a prevenir todo tipo de enfermedades.

Estas habilidades motrices no solo aparecen por efectos de maduración biológica, sino también de la actividad práctica del niño en el medio que lo rodea. Desde el primer año de vida el niño comienza a orientarse en el entorno, a conocer su cuerpo y a realizar sus primeras acciones motrices, partiendo de la organización de su propio cuerpo, el niño progresivamente amplía su espacio, logrando establecer la relación espacio temporal, así como las relaciones con otros niños propiciando la ayuda mutua y desarrollando las iniciativas que surgen dentro de las propias actividades.

El desarrollo físico es un indicador de crecimiento y desarrollo del organismo infantil, así como favorece a la protección y fortalecimiento de la salud, participa activamente en el desarrollo multilateral de la personalidad y garantiza el crecimiento y perfeccionamiento de los diferentes sistemas y funciones del organismo, así como la formación de un modo de vida más sana.

La etapa preescolar del desarrollo comprendida entre 0 -6 años se caracteriza por grandes cambios en el desarrollo motor. Es donde se trabajan diferentes habilidades motrices básicas que son la base para el trabajo individual en cada año de vida.

4.2 ESTAS FASES SE PUEDEN ENUMERAR Y SEGUIR EN:

4.2.1 Calentamiento

Permite que la fibra muscular alcance un nivel de temperatura que favorezca el desarrollo de posteriores movimientos: calentando motores, y evitando dolores. Sobre todo, en los lugares de clima frío el calentamiento debe ser de mayor tiempo.

4.2.2 Circuito

Es el lugar en el que se realiza la rutina de ejercicios con todas las actividades que hay que seguir para realizar lo planificado por la maestra.

Es importante que los niños puedan saltar y que el material tenga la madera como fondo recubierta con un material de hule o plástico que evite una caída dramática.

4.2.3 Invasión de las ardillas

Las ardillas representan pelotas que los niños patean con la finalidad de desgastar energía. Poco a poco los juegos de movimientos que se van utilizando en la edad preescolar y escolar, se hacen más complicados, y constituyen la más importante actividad por medio de la cual se adquiere experiencia, se perfila en ellos de manera cada vez más nítida, un determinado sentido de coherencia y se manifiesta la imaginación creadora teniendo en cuenta las necesidades y gustos de los niños.

Los ejercicios, los juegos, las distintas formas del trabajo manual y las actividades relacionadas con los movimientos motrices constituyen uno de los más importantes medios para la educación de un niño sano. Los niños corren al ritmo de la música luego se dice un color, y ellos tienen que tocar al aro de ese color.

Ya en la actividad anterior es importante la presencia de los aros y de la colchoneta, con la finalidad de garantizar la seguridad y el desarrollo de la imaginación en los niños.

4.2.4 Natación

Natación es una relajación y diversión para los niños y es muy completa porque permite que trabajen casi todos los músculos del cuerpo, especialmente los de piernas y brazos. Además, estimula las capacidades motrices, su motricidad fina y gruesa les permite practicar otros tipos de deporte y si a edades tempranas se hace será mejor para enfrentar miedos, disminuyendo el temor a actuar en el agua.

4.2.5 Agachaditos

Los niños se arrastran sin hacer caer la madera que se ubica de cono a cono.

4.2.6 Juegos

Unas de las condiciones que aumenta la resistencia del organismo del niño a las diversas enfermedades es el seguimiento a su desarrollo físico, que depende de la forma en que esté organizada su vida, del medio que le rodea y de su educación. Es

difícil subvalorar la importancia que tienen los juegos de movimiento en el desarrollo físico y neurológico de los niños, la creación a tiempo de los hábitos motores y su perfeccionamiento consecutivo. A ello contribuyen en gran medida los ejercicios naturales y los propios juegos como actividad lúdica que propicia la sistematicidad de habilidades y ejercicios físicos ya conocidos.

En las instituciones infantiles se realizan diferentes actividades motrices dirigidas fundamentalmente al desarrollo físico general de los niños, teniendo en cuenta el año de vida, objetivos a trabajar, y la etapa del curso.

A continuación, se describen los juegos:

Juego 1: Circunvalando pelotas.

Objetivos: Correr a una distancia,
Lanzar de diferentes formas.

Se forman los niños en dos equipos en líneas diferentes, a la voz de dos maestras los primeros niños de cada equipo cogerán del círculo una pelota y en posición con la pelota, agarrarán la pelota libremente, posteriormente deben darle dos vueltas al punto orientador que es el punto medio frontal y pectoral y regresan corriendo hasta donde está la segunda maestra o niño líder del grado. Luego en posición de piernas abiertas, girarán y balancearán el cuerpo, girarán los brazos.

Doblando las piernas desde la derecha y luego a la izquierda tratando que la flexión sea interpretada por el cerebro como un esfuerzo. El esfuerzo genera la necesidad de recompensar al cuerpo con los elementos que se necesitan como la necesidad de glucosa.

Es importante que la rutina se aplique al menos diez veces de izquierda a derecha y viceversa, para luego descansar dos minutos y continuar con la rutina. Es importante que sea al aire libre para que mejore la oxidación de la glucosa y el niño se siente mejor en el ambiente que el docente le ha recreado. Esos circuitos de trabajo se pueden repetir con la ayuda de líderes de rutina elegida entre los propios niños.

A partir del movimiento de las piernas se fortalecen la musculatura, pero también se logra disfrutar del movimiento. Disfrutar del movimiento implica una satisfacción simpática a nivel del sistema nervioso central, que le permite al organismo del niño reconocer los movimientos como agradables, de tal forma que juego, dietas adecuadas y cuidado de la salud se complementan.

Es importante el buen calentamiento para concentrarse en el ejercicio que viene, pero también para ayudarle al sistema muscular y nervioso a salir del estado que es poco elástico y así se evita problemas musculares y evita los efectos del ácido láctico.

La inclinación de las rodillas permite que la niña requiera de poner su columna en la posición correcta y ese movimiento la llevará a que requiera mayor cantidad de energía que la lleve a la liberación de energía y con ello se logra disminuir grasa.

Regla: Cuando se caiga alguna pelota, el niño debe recogerla y continúa el recorrido, perdiendo puntos su equipo. Al formar grupos de competencia se logra involucrar al niño o niña a procesos de socialización tan necesarios en la vida escolar.

La distancia entre los niños y las pelotas y puede aumentar o disminuir de acuerdo a la distancia del tronco a la punta de los dedos.

Juego 2: Juguemos al equilibrista del salto.

El salto no debe ser hecho en ayunos. Entendiéndose como ayuno a no comer hasta seis horas. Correr y saltar pone todo el cuerpo en movimiento.

Objetivos: Saltar superando los obstáculos alineados en el piso.

Saltar a una distancia.

Realizar equilibrio luego del salto.

Se forman los niños detrás del obstáculo, a la señal de la maestra, los primeros niños saldrán caminando con los brazos extendidos lateralmente con un objeto en cada mano, deben tener un objeto distractor en cada mano, un salto a cada obstáculo que se encuentra y continuar la trayectoria hasta las banderitas las que bordearán y continúan el recorrido corriendo hasta llegar al final de cada equipo.

Regla: El niño que en el recorrido caminando lo realice corriendo, comenzará de nuevo el juego.

Variante 1: El juego puede realizarse sin objetos en las manos y aumentar la distancia entre los niños.

Del otro lado, hasta 30 de estos ejercicios.

Junto con la actividad física, también se utilizarán los batidos para bajar peso. Los siguientes son ejemplos de batidos para bajar peso:

Con la posición de los brazos hacia arriba y con ello se logra aumentar el esfuerzo y aumente el consumo de grasa. Esa misma rutina ha de lograr que se produzca un continuo movimiento a nivel de la cintura como es el caso del movimiento circular y de izquierda a derecha la cintura.

El ejercicio de puntillas es importante y con ello se logra que los músculos de la pantorrilla se fortalezcan y con ello se logra que el consumo de energía aumente y con ello se transforma la glucosa y se degrada evitando la retención de grasa y con ello los niños ganen peso. También es importante subir las piernas y bajar las piernas con la finalidad de aumentar el esfuerzo.

4.3 LA IMPORTANCIA DEL JUEGO EN LA REALIDAD DEL NIÑO OBESO

Todo lo anteriormente advertido se convierte en plataforma teórico-metodológica para la construcción de juegos de movimientos que contribuyan a disminuir la tendencia a ser obesos en tan temprana edad de 3 a 4 años. Para obtener un mayor éxito en este tratamiento, debe incluirse a las familias de los niños con este diagnóstico, y a las docentes que los atienden según el año de vida así como al personal de salud.

Los ejercicios que se realicen deben estar acorde al peso de cada niño, y no someterlos a participar en ellos contra su voluntad, incluyendo en los juegos ejercicios de acuerdo a las posibilidades de cada niño. Estos ejercicios deben iniciarse de forma suave, no bruscamente para evitar el rechazo de los niños, deben practicarse diariamente y vincularlos con juegos que sean del agrado e interés de ellos.

Entre la importancia de las actividades físicas y del juego en la realidad del niño obeso, se tiene una reducción o mejora de muchos factores que complican la obesidad:

4.3.1 Dolor articular

Al tener un sobrepeso y un aparato óseo que se desarrolla en base a procesos de crecimiento establecidos, el dolor se puede presentar. Pero también se puede dar dolor por factores naturales como el crecimiento.

4.3.2 Sedentarismo

El sedentarismo se concibe como el mal hábito de repetir las actividades diarias en forma continua, con la finalidad de cumplir con las actividades en forma continua, pero sin tomar en cuenta otras actividades complementarias que bien se las puede hacer con una (Aránguiz, 2013). En una forma sintetizada podemos considerar que la percepción anterior de la actividad física ha tenido un cambio favorable que parte desde el área de salud y que ha sido asimilado en forma paulatina por el sector educacional, relacionando lo corporal, lo intelectual y lo espiritual. Actualmente, se requiere actividad física.

En un estudio realizado por el Hospital 10 de octubre de la Habana se presentó que el 13,4% de los pacientes que tenían osteoartritis eran obesos, y el 8,9% diabéticos. Eso demuestra que los niños que no controlen su peso, el futuro que les espera no siempre es el más adecuado. Se debe evitar estar viendo la televisión continuamente y con ello se convierte en sedentarismo.

4.3.3 El bullying por la obesidad

La obesidad provoca en los niños - según encuesta realizada - dolores articulares, y problemas en las maniobras que a diario deben hacer en las escuelas y ante la impotencia de ellos al realizarlas ocasiona el bullying. Son muchos los niños que sufren de mofa por ser diferentes. El prototipo, estereotipo y arquetipo de las personas, ya parece estar determinada en la mente del niño, capaz de hacerse la idea de que existe un solo modelo de fenotipo y no es así, el niño obeso muchas veces es tomado como objeto de mofa.

4.3.4 Bajo nivel pulmonar

El oxígeno en el momento que se produce el ejercicio físico es capaz de generar oxidación de la glucosa.

4.3.5 Bajo consumo de energía

Siendo la ciudad de Guayaquil uno de los puertos con gran cantidad de calor, son muchos los que siguen su nivel de consumo en base a estos parámetros ecológicos. A más calor, aumenta el consumo de líquidos, por la deshidratación, y con ello la capacidad de eliminar glucosa que se puede almacenar en los procesos de gluconogénesis.

5 CONCLUSIÓN Y SUGERENCIAS PARA EL TRATAMIENTO DE LA TENDENCIA A LA OBESIDAD

El niño del preescolar y preparatoria es un ser en desarrollo que presenta características físicas, psicológicas y sociales propias a su personalidad, que se encuentran en proceso de evolución constante, con un gasto de energía que debe ser reorientado, producto de las relaciones que establece toda su estructura orgánica y el esfuerzo de sus familias y miembros de la comunidad en que viven, así como el entorno de las instituciones a donde asisten.

Unas de las condiciones que aumenta la resistencia del organismo del niño a las diversas enfermedades es su desarrollo físico que depende de la forma en que esté organizada toda su vida, su alimentación, el medio que lo rodea y de la educación que recibe. La labor de la familia y de la escuela es fundamental para la alimentación y para la formación de los hábitos de recreación y el ejercicio.

Otra condición que aumenta la resistencia del organismo del niño a las diversas enfermedades es el seguimiento a su desarrollo físico. Es difícil subvalorar la importancia de las actividades físicas y de los juegos de movimiento en el desarrollo físico y neuropsíquico de los niños, la creación a tiempo de los hábitos motores y su perfeccionamiento

consecutivo. A ello contribuyen en gran medida los ejercicios naturales y los propios juegos como actividad lúdica que propicia la sistematicidad de habilidades y ejercicios físicos ya conocidos.

En las instituciones infantiles se realizan diferentes actividades motrices dirigidas fundamentalmente al desarrollo físico general de los niños, teniendo en cuenta el año de vida, objetivos a trabajar, y la etapa del curso.

La obesidad, y su tendencia, en gran parte es prevenible. Para apoyar a las personas en el proceso de realizar elecciones, de modo que la opción más sencilla sea la más saludable en materia de alimentos y actividad física periódica, y en consecuencia prevenir la obesidad, son fundamentales unas comunidades y unos entornos favorables.

Las instituciones infantiles tienen como función primordial preservar y fortalecer la salud de los niños para lograr su máximo desarrollo integral posible, por lo que, para poder conseguir este objetivo, ha de disponer de espacios, tiempos, materiales, programas de actuación educativa y, sobre todo, de profesionales capaces de asumir esta responsabilidad de forma clara, progresiva y creativa teniendo siempre presente las características individuales y estado de salud de cada niño.

La experiencia de la investigadora en Guayaquil, trabajando con estos niños, ha comprobado que hay una marcada tendencia a ser obesos por limitaciones en cuanto al conocimiento cultural, por una parte, del tipo de alimentación y modo de consumirlo y por la otra, el uso del ejercicio físico para equilibrar los niveles de ingesta y garantizar la psicomotricidad que acompaña el nivel desarrollo del niño en este grupo etario.

Como sugerencia para la reducción de la tendencia a ser obeso a una edad tan temprana de 3 a 4 años, en el plano individual, las personas pueden:

- limitar la ingesta energética procedente de la cantidad de grasa total y de azúcares;
- aumentar el consumo de frutas y verduras, así como de legumbres, cereales integrales y frutos secos;
- realizar una actividad física periódica de conjunto con el niño.

Por consiguiente, en el plano social es importante:

- Dar apoyo a los niños en el cumplimiento de las recomendaciones mencionadas más arriba, mediante un compromiso sostenido y apoyado por sus padres y familias así como la colaboración de las múltiples partes interesadas y;
- Lograr que la actividad física periódica y los hábitos alimentarios más saludables sean económicamente asequibles y fácilmente accesibles para todos, en particular para los niños más pobres. (Organización Mundial de la Salud, 2015)

BIBLIOGRAFÍA

Aránguiz, H. (2013). El sedentarismo no es solo causa de la tecnologización. *Educación física y deporte*, 33.

Bajaña, S. (2015). *Sustitución Parcial de la harina de trigo por harina de banano y su efecto y su efecto en las propiedades físicoquímicas del pan de tipo molde*. Guayaquil: Escuela Superior Politécnica del Litoral.

Berghtein, I. (2014). Obesidad y sedentarismo en niños de 4 años. *scielo.org.ar*, 51.

Calleja Fernández, A. (2013). Modificaciones de los hábitos alimentarios en el almuerzo. *Scielo*, 28.

Dirección Provincial de Salud de Pichincha. (2011). *MANUAL DE CONSEJERÍA NUTRICIONAL*. Quito: Ministerio de Salud Pública.

Franco, L. (2014). Adolescentes con normopeso y obesidad: análisis de las diferencias en la actividad física, resistencia cardiovascular, características familiares y autoevaluación personal.

Gil, J. O. (2012). La Obesidad. *Mediterráneo Económico: Instituto de Nutrición y Tecnología de los Alimentos "José Mataix"*.

Hospital 10 de octubre de La Habana . (2012). Morbilidad y discapacidad física por osteoartritis en el municipio 10 de octubre. *Revista Cubana de Reumatología*.

Marcos, D. (2014). Obesidad. *Pediatría Atención Primaria / Madrid- España*.

Moreira, V. (2014). Obesidad Infantil . *Mediterráneo económico*.

Moro Martín, L. (2013, 2 15). *uvadoc.uva.es*. Retrieved from <https://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/4392/1/TFG-G%20491.pdf>

Myers, R. G. (2012, 3 23). *OEI- Programación - Área educativa*. Retrieved from <http://www.oei.es/linea3/documentos.htm>

Organización Mundial de la Salud. (2015). Obesidad y sobrepeso. *Centro de Prensa de la OMS*, 21.

Organización Mundial de la Salud. (2015, 2 25). *www.who.int*. Retrieved from <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/es/>

Peraza Zamora, C. (2013). Juegos de movimiento para el desarrollo de las habilidades motrices básicas en niños del cuarto año de vida. *efdeportes*, 186.SS.

CAPÍTULO 8

OS RECURSOS NA FAMÍLIA EMPRESÁRIA: UMA VANTAGEM COMPETITIVA PARA A SUSTENTABILIDADE

Data de submissão: 09/02/2022

Data de aceite: 03/03/2022

Jorge José Martins Rodrigues

Instituto Superior de Contabilidade e
Administração de Lisboa
Área Departamental de Gestão
Instituto Politécnico de Lisboa
Portugal
<http://orcid.org/0000-0001-7904-0061>

Maria Amélia André Marques

Escola Superior de Ciências Empresariais
Departamento de Comportamento
Organizacional e Gestão de
Recursos Humanos
Instituto Politécnico de Setúbal
Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-7196-3838>

RESUMO: A partir do conceito de família como instituição social que pode ser percebida como sistema aberto, intergeracional, com um perímetro de geometria variável, com fluxos de entrada e de saída, seja por causas naturais ou por razões de ordem social, o principal objetivo deste capítulo consiste, através de uma revisão de literatura, discutir como a família empresária cria valor, através das gerações, para a sua sustentabilidade. A família empresária dispõe de recursos

intrínsecos que pode disponibilizar às empresas em cuja propriedade participa. É esta vantagem que lhe vai garantir o perpetuar-se através das várias gerações. Este envolvimento é impulsionado pela orientação empreendedora e proatividade dos membros da família empresária, as quais são um *habitus* e um *haver* destas famílias. Partindo da análise do estado da arte, este capítulo pretende contribuir para a acumulação de conhecimento neste domínio, bem como para a delineação de modelos concetuais de análise deste fenómeno.

PALAVRAS-CHAVE: Família empresária. Criação de valor transgeracional. Sustentabilidade. Empresa familiar. Capital social familiar.

RESOURCES IN THE BUSINESS FAMILY: A COMPETITIVE ADVANTAGE FOR SUSTAINABILITY

ABSTRACT: Based on the concept of family as a social institution that can be perceived as an open, intergenerational system, with a variable geometry perimeter, with incoming and outgoing flows, either due to natural causes or social reasons, the main objective of this chapter is to discuss how the entrepreneurial family creates value, across generations, for its sustainability. The entrepreneurial family has intrinsic resources that it can provide to the companies it owns. It is this advantage that will ensure its perpetuity across generations. This involvement is driven by the entrepreneurial

orientation and proactivity of the entrepreneurial family members, which are a habitus and an asset of these families. Carrying out a literature review, our specific aims were to: analyse the state of the art and define potential conceptual models of analysis. Thus, contributing to the accumulation of knowledge in this field.

KEYWORDS: Entrepreneurial family. Transgenerational value creation. Sustainability. Family business. Family social capital.

1 INTRODUÇÃO

A falta de conhecimento das características e particularidades do sistema de relações que se criam nas interações entre a família empresária e o negócio de família, origina um processo involuntário de confusões (Rodrigues, 2017; Rodrigues et Marques, 2019). Aquelas debilidades desencadeiam a paulatina perda de competitividade dos negócios, podendo chegar um momento, em que sob a propriedade da família, a empresa já não seja viável no mercado, com a conseqüente perda de património familiar e, às vezes, uma deterioração das relações entre familiares. Os empresários que desejam manter a propriedade e/ou a gestão em poder da geração seguinte devem promover um processo de sustentabilidade para o negócio e, conseqüentemente para a família empresária. Este processo de mudança é paulatino e estruturado, e inclui a análise, avaliação, definição e implementação de um conjunto de atividades que procuram:

- a) Manter a competitividade do negócio de família, com a finalidade de o perpetuar como fonte de bem-estar económico do clã familiar.
- b) Constituir e/ou manter a família, ou parte dela, como uma equipa de trabalho.

Como conseqüência destas atividades, havendo harmonia na família empresária, esta poderá disponibilizar um conjunto único de recursos à empresa familiar, vantagem competitiva que não está ao alcance das empresas não familiares. Assim, aquelas parecem poder gerar maior valor para os seus constituintes organizacionais, apesar de a maioria delas tenderem a desaparecer ou perder uma parte importante do seu património durante a segunda geração ou na passagem para a terceira geração (Gallo et al., 2009). A sobrevivência da família empresária no longo prazo requer não só uma política apropriada de consumo e investimento dos seus recursos, mas também o reforço constante dos valores morais responsáveis pela criação de riqueza da família nas gerações anteriores.

Cientes de que o conhecimento e as ideias atuais sobre a família empresária oscilam entre conceitos cientificamente comprovados até às boas intenções, porventura *naïfs*, o que os torna questionáveis (Gallo et al., 2009), a opção metodológica para este artigo assenta na análise de literatura (Gioia et al., 2013), procurando captar o conceito

de sustentabilidade do negócio de família, por acreditarmos que a maior parte deste conhecimento está fragmentado e necessita de ser organizado em modelos teóricos mais completos.

Na sequência da apresentação e discussão prévia deste trabalho em fórum científico internacional, o objetivo principal do capítulo consiste em descrever o “*state of art*” do processo de criação de valor sustentável, o qual se poderá inserir numa proposta de modelo suficientemente genérico e abrangente, qual mosaico árabe, para que o mesmo possa ser aplicado a qualquer tipo de família empresária, possa ser confirmado ou rejeitado por outros investigadores e ajude a compreender os riscos e oportunidades, as tendências sociais, culturais, políticas, ambientais – os seus *stakeholders* relevantes – e como a família empresária tem impacto junto deles, tem capacidade de dialogar e estabelecer parcerias com os mesmos.

A estrutura do capítulo inicia-se com a introdução ao tema. O segundo ponto apresenta o modelo VRIO, segundo a teoria dos recursos. O ponto três expõe o fator família no negócio familiar. O ponto quatro descreve o empreendedorismo transgeracional e o ponto cinco apresenta o empreendedorismo transgeracional e o ponto seis refere-se à criação de valor transgeracional, o qual deverá constituir o processo sustentável da família empresária com vista à sua perenidade. Por fim apresenta-se a Nota Final.

2 TEORIA DOS RECURSOS – O MODELO VRIO

No quadro da teoria dos recursos (Penrose, 1959; Barney, 1991), o modelo VRIO apresenta-se como um modelo de referência no campo da gestão estratégica, para identificar recursos organizacionais complexos, intangíveis e dinâmicos, com o objetivo de obter uma vantagem competitiva (Penrose, 1959; Wernerfelt, 1984; Barney, 1991). Prahalad *et Hamel* (1990) defendem que a verdadeira fonte de vantagem competitiva deverá ser procurada na capacidade de gestão da empresa para agregar o potencial das tecnologias com as aptidões de produção em competências, as quais, capacitarão essa empresa para se adaptar rapidamente às oportunidades proporcionadas pela mudança. Para os mesmos autores, as competências nucleares são constituídas pela aprendizagem coletiva: comunicação, envolvimento e um profundo compromisso com o trabalho nas zonas de fronteira da empresa.

A idiosincrasia dos recursos e competências são potenciais fontes de vantagem competitiva sustentável e de melhor desempenho organizacional, devido a serem inimitáveis e estarem fortemente relacionadas com uma determinada empresa (Teece, 2007). A longo prazo, a vantagem competitiva sustentável depende das capacidades

dinâmicas da empresa, ou seja, da sua capacidade de construção, adaptação, integração e reconfiguração interna e externa das suas aptidões, recursos e competências funcionais, para aproveitar rapidamente as oportunidades geradas pela mudança no meio envolvente (Teece *et al.*, 1997).

Logo, uma empresa que detenha recursos valiosos, raros, insubstituíveis e organizados – VRIO – tem uma potencial vantagem competitiva (Barney, 1986). Porém, se os mesmos recursos forem difíceis de imitar, então, a vantagem competitiva transforma-se numa potencial vantagem competitiva sustentável.

No entanto, os recursos não podem ser avaliados isoladamente, pois, o seu valor depende da sua relação com as forças do mercado. O modelo VRIO assume que, adicionalmente à posse dos direitos de propriedade (ou possibilidade de deles dispor) dos recursos valiosos, raros e não imitáveis, estes também deverão estar organizados. Logo, uma empresa deverá estar ou ser concebida de forma a tirar benefícios da potencial utilidade proporcionada pelos recursos de que dispõe, direta ou indiretamente.

A visão baseada nos recursos considera que todas as empresas de um mesmo setor económico possuem determinados recursos e capacidades que lhe são intrínsecas. Assim, este modelo sugere quatro questões a que um gestor deverá responder sobre um recurso ou capacidade, para determinar o seu potencial competitivo, a saber:

- a) O valor. O recurso permite que a empresa explore uma oportunidade do meio envolvente e/ou neutralize uma ameaça desse mesmo meio envolvente?
- b) A raridade. O recurso é controlado, hoje, por um pequeno número de empresas concorrentes?
- c) A inimitabilidade. As organizações sem esse recurso enfrentam uma desvantagem de custo para o obter ou para o desenvolver?
- d) A empresa. As políticas e processos da empresa são concebidas para dar suporte à exploração dos seus recursos valiosos, raros e difíceis de imitar?

O modelo VRIO tem subjacentes dois pressupostos básicos sobre os recursos e capacidades que uma empresa pode controlar: a heterogeneidade e a inimitabilidade. São, pois, estes dois pressupostos, baseados nas imperfeições dos mercados de fatores, que permitem explicar por que algumas empresas superam outras, num mesmo setor económico. Se uma empresa possui recursos e capacidades que outras não detêm, e se estas consideram que é muito oneroso imitar esses recursos e capacidades, a empresa que possui esses ativos tangíveis e intangíveis pode obter uma vantagem competitiva, neste caso, sustentável. Ou seja, aquela empresa disporá de uma vantagem competitiva sustentável se tiver rendibilidades acima do normal, durante longos períodos de tempo.

3 A FAMÍLIA Á LUZ DA TEORIA DOS RECURSOS

Com base nos pressupostos de heterogeneidade e inimitabilidade da teoria dos recursos, Habbershon *et Williamson* (1999) demonstram que as empresas controladas por uma família empresária são particularmente idiossincráticas e a teoria dos recursos explica como elas podem criar e manter uma vantagem competitiva. Esta é obtida, potencialmente, através de um conjunto complexo de fatores sistêmicos que resultam da interação dos subsistemas da família empresária: família de controlo, negócio e indivíduo membro da família.

Esta influência única e sistémica pode ser obtida através dos recursos e capacidades organizacionais (Habbershon *et al.* 2003), as quais podem ser percebidas como características fortemente incorporadas numa família empresária. Este conceito é, então, o resultado de todas as interações daqueles subsistemas e pode ser formalizada numa função utilidade de três ramos:

- a) Ramo favorável “f+”. Refere-se às influências positivas do fator família, distinto (*distinctive*), e que detêm o potencial de proporcionar uma vantagem competitiva em termos de criação de valor;
- b) Ramo neutro “f₀”. Refere-se à influência neutral da família empresária em relação ao desempenho da organização;
- c) Ramo desfavorável “f-”. Regista as influências negativas do fator família, restrito (*constrictive*), que detêm o potencial de limitar a competitividade.

O fator família permite identificar a fonte da idiossincrasia do perfil dos recursos detidos por uma empresa familiar controlada por uma família empresária e fornece orientações para explicar como elas criam *outcomes* heterogêneos (Serrano *et al.* 2006). Para Sirmon *et Hitt* (2003) os recursos são condição necessária mas não suficiente para se atingir uma vantagem competitiva sustentável, devendo ser geridos de modo apropriado, por um processo constituído por três componentes complementares e interdependentes, não necessariamente sequenciais: inventário dos recursos (avaliação, aquisição e retenção), agregação desses recursos e alavancagem dos mesmos.

A gestão efetiva dos recursos da empresa familiar pode ser vista como criação de riqueza, quer para a família empresária quer para a empresa familiar. Zellweger *et al.* (2010) desenvolveram um modelo que descreve como o fator família poderá variar conforme as famílias empresárias, e como parte destas são, claramente, mais capazes de desenvolver aquela característica, sendo de considerar três dimensões (Chrisman *et al.* 2005):

- a) Envolvimento. Considera o envolvimento da família empresária na posse do capital, na gestão, no controlo da empresa familiar e na sucessão transgeracional;
- b) Intenção. Descreve a essência do negócio familiar e a visão da família empresária;
- c) Identidade organizacional. Descreve os comportamentos coletivos e a identidade da organização.

A sobreposição destas três dimensões permite uma avaliação qualitativa da tipologia do fator família (distinto ou restrito) e separa as categorias de famílias de acordo com a sua aptidão para desenvolverem recursos únicos e competências que influenciem diferentes níveis de desempenho e competitividade. Chrisman *et al.* (2003) sublinham que a criação de riqueza não é necessariamente o único ou o principal objetivo de toda a empresa familiar (visão mono objetivo), antes apresenta um complexo sistema de objetivos económicos e não económicos. Estes últimos ligados ao reconhecimento social, sentimentos pessoais ou empatia com outros atores sociais. Esta prossecução dos objetivos não monetários é conseguida através da perceção de um benefício gerado pelas atividades desenvolvidas pela empresa familiar que aumente a satisfação de todas as partes interessadas, independentemente do valor monetário gerado – dividendo emocional (Martínez, 2012).

Portanto, ao prosseguir os objetivos não económicos, a empresa familiar pode melhorar o seu desempenho económico, através dos efeitos de sinergia entre os primeiros e os segundos. Assim, em relação a este modelo bidimensional, os mesmos autores afirmam que é correto substituir a criação de riqueza pelo objetivo mais genérico de criação de valor, o qual corresponde à maximização da função utilidade da família empresária e inclui a satisfação dos objetivos económicos e emocionais. Böhm-Bawerk (1884), na teoria do valor, define o bem-estar pela inclusão dos bens materiais e também por qualquer coisa que o indivíduo considere desejável e valiosa.

3.1 A ESCALA F-PEC

Klein *et al.* (2005) construíram uma escala de medição da potencial influência da família empresária sobre a empresa familiar, através das dimensões: poder, experiência e cultura (F-PEC *scale*), a saber:

- a) O poder (P) da família empresária sobre a empresa familiar advém da posse da propriedade (direitos de voto), influência e participação nos órgãos de governo e de direção da empresa;

- b) A experiência (E) da família empresária refere-se à geração que iniciou a empresa familiar; pode ser medido pela geração em que a propriedade se encontra, pela geração que no momento atua na gestão ou está representada na direção/conselho de administração ou pelo número de membros da família que nela trabalham;
- c) A cultura (C), enquanto traço distintivo que provém da existência do predomínio de uma cultura própria da família empresária, pode ser percebida pelo grau de sobreposição entre a cultura dessa família e a cultura da empresa familiar, bem como pelo grau de compromisso da família empresária com a empresa familiar.

Irava et Moores (2010), por sua vez, identificam como dimensões do fator família os recursos humanos (reputação e experiência), recursos organizacionais (tomada de decisão e aprendizagem) e recursos de relacionamento (redes de contatos). Estas redes duráveis de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento podem ser assimiladas ao conceito de capital social (Bourdieu, 1980; Portes, 1998), proporcionando benefícios que resultam dos atuais e potenciais recursos colocados à disposição da empresa familiar. Este capital social parece ser um recurso tácito para a empresa familiar por ser difícil de imitar, quer pelas empresas familiares concorrentes quer pelas empresas não familiares, constituindo-se como uma potencial vantagem competitiva daquelas.

No contexto da família empresária este capital social desenvolve-se ao longo do tempo e de gerações, sendo formado pelos valores e normas da família (Frank et al. 2010). Ora, supõe-se que o fator família – nas suas dimensões humana, organizacional e de relacionamento –, resultará dos efeitos de sinergia de todos os seus membros, contribuindo, assim, para que o todo seja superior ao somatório das partes (efeito de sinergia). Isto se existir harmonia e coesão entre os membros do grupo social que é a família empresária (Ensly et Pearson, 2005); caso contrário, existirão perdas de eficiência, contribuindo para um empobrecimento da Sociedade onde se insere a família empresária (D'Allura et Erez, 2009).

Logo, o fator família compreende o conjunto de recursos e capacidades idiossincráticos derivados da interação entre a família (acervo histórico, tradições e ciclo de vida familiar correlacionado com as gerações), membros da família (seus interesses individuais, competências intrínsecas e estágio de vida pessoal em que se encontram os proprietários, os gestores participantes ou restantes membros da família) e o negócio (ciclo de vida relacionado com o estágio das empresas, as suas estratégias globais e estruturas de mercado) (Bornholdt, 2005).

É por isso que a empresa familiar e a família empresária possuem características que dificilmente se reproduzem em negócios não familiares, tais como: a disposição para sacrifícios pessoais e familiares em épocas de crise, a forte reputação família-empresa no mercado, a lealdade e a confiança existentes entre familiares, a procura de relacionamentos – internos e externos – mais duradouros e uma liderança mais longa e estável – o chamado *efeito família* (Dyer, 2006), os investimentos de longo prazo e a sensibilidade às questões sociais da comunidade onde a empresa se insere e atua.

Porém, em empresas familiares de sucesso parece encontrarem-se as características comuns (Tondo, 2008):

- a) A família empresária atua mais como guardiã dos valores e da estratégia que orientam o negócio, do que procura maximizar o lucro para os sócios/acionistas;
- b) A família empresária e os principais executivos da empresa familiar procuram com muita intensidade e tenacidade, a continuidade da mesma;
- c) Os membros da família com vínculo à empresa possuem conhecimento acumulado sobre o produto que vendem e/ou produzem e/ou o serviço que prestam, o que constitui uma vantagem competitiva sustentável (Barney, 1991; Teece, 2007).

Assim, a família empresária, instituição social na qual as decisões relacionadas com os seus públicos são influenciadas pela sua relação com uma família ou famílias, está inserida em redes sociais de pertença, nos sistemas normativos e no contexto histórico, é dinâmica, complexa e pluralista, pelo que não poderá ser compreendida na sua globalidade através da utilização de teorias únicas ou por métodos lineares, gravitando em seu redor os conceitos de motivação, confiança, poder e liderança (Randerson *et al.*, 2015; Rodrigues *et Marques*, 2019; Rodrigues, 2017).

3.2 NOME DE FAMÍLIA E IDENTIDADE EMPRESARIAL

No universo simbólico da família empresária e da empresa familiar a utilização do nome ou apelido de família é um ativo intangível tão valioso como as ações (Lima, 2003). É visto como um investimento com elevada rentabilidade, por exigir menos publicidade para os produtos ou serviços oferecidos ao mercado pela empresa familiar; se mal gerido, o nome de família, no global, pode ter um impacto negativo (Olivares, 2016; Laffón *et al.*, 2016). Como tal, o nome de família, enquanto marca, é um ativo com valor económico que os seus detentores precisam de criar e proteger.

Estratégica e morfologicamente, o nome de família adequado ao negócio tem uma influência positiva nos *stakeholders* e o seu impacto no valor da empresa familiar pode ser

medido e quantificado como um todo. O nome de família, no início, é apenas instrumental, e a sua manutenção melhora o desempenho comercial, as relações institucionais e os contatos da empresa familiar.

Assim, um nome de família deverá estar estrategicamente alinhado com os interesses gerais da empresa familiar podendo afetar a confiança que os investidores nela depositam. O nome da família empresária no negócio serve como forma particular de ser e estar no mesmo através de ligações com os empregados, reforça a satisfação e experiência dos clientes ou inspira confiança na comunidade em que se insere. Normalmente, as variáveis utilizadas para medir esta reputação são a dimensão da empresa, a duração do negócio, o volume de vendas, a zona geográfica de influência natural da empresa, setor económico, a propriedade do capital ou a geração que está na direção da empresa, a utilização do nome próprio do patriarca, seja total ou parcial, direta ou indiretamente, acrónimos, o nome próprio do fundador ou de uma personalidade relevante de entre os membros da família ou de alguns nomes de familiares do clã (Olivares, 2016). O nome da família empresária, numa empresa familiar, constitui um recurso intangível, pelo que a gestão deste nome, quando utilizado em comum pela família empresária e pela empresa familiar, deverá obter uma ligação ao fator família, em ordem a obter uma diferenciação e vantagem competitiva por via dos ativos intangíveis (Olivares, 2016).

4 EMPREENDEDORISMO TRANSGERACIONAL

A orientação empreendedora, como fonte de influência do potencial transgeracional, é percecionada como uma abordagem que procura captar a tendência de as famílias darem continuidade às empresas familiares e tem diferentes modos de mensuração das suas categorias específicas (Cruz *et Nordqvist*, 2012; Zellweger *et Sieger*, 2012; Sciascia *et al.*, 2013).

As famílias empresárias não são entidades homogêneas; antes consistem em diferentes tipos (Sharma, 2004; Chrisman *et al.*, 2005) que interagem com os seus próprios negócios, a família e os seus membros individuais (Habbershon *et Williams*, 1999). Essas interações criam condições sistémicas únicas, as quais podem potenciar ou diminuir o impacto das vantagens competitivas no desempenho do sistema social que é a empresa familiar (Habbershon *et al.*, 2003, 2010), o que levou os autores a cunharem aquelas interações como empreendedorismo transgeracional – o processo através do qual a família empresária utiliza e desenvolve o seu espírito empreendedor para influenciar a utilização de recursos e a criação de capacidades para gerar criação de valor económico, financeiro e social, através de sucessivas gerações.

É por isso que o desempenho da empresa familiar depende do fator família, o qual se refere ao conjunto idiossincrático de recursos e capacidades que resultam daquele sistema particular de interações (Marchisio *et al.*, 2010).

O potencial transgeracional é a probabilidade de sucesso através das gerações da família empreendedora (Habbershon *et al.*, 2010) e conduz à criação de valor transgeracional. Para captar a maior ou menor importância dos recursos, aquele modelo é influenciado por dois subsistemas de fatores contextuais (Habbershon *et al.*, 2010):

- a) Fatores de contexto externo, os quais incluem o setor económico, o meio envolvente, o estágio do ciclo de vida da família empresária, o envolvimento desta na gestão do património e sua governabilidade familiar;
- b) Fatores de contexto interno, que compreendem a orientação empreendedora (atitudes) e o fator família (*familiness* – recursos).

De referir que a noção de empreendedorismo transgeracional tem sofrido metamorfoses ao longo do tempo, convergindo para a noção de criação de valor transgeracional (Zellweger *et al.*, 2012).

4.1 FATORES DE CONTEXTO EXTERNO

Os fatores de contexto externo exercem a sua influência de modo indireto sobre a empresa familiar e referem-se ao setor económico, ao estágio do ciclo de vida da família empresária, ao meio envolvente e ao envolvimento daquela família na gestão do património e sua governabilidade familiar.

4.1.1 Setor económico

Um setor económico, por definição, é constituído pelo conjunto de empresas que disponibilizam produtos, bens ou serviços que são substitutos próximos; essas empresas influenciam-se umas às outras, devido às diferentes estratégias utilizadas, com a finalidade de prosseguirem os seus objetivos próprios (Hitt *et al.*, 2008). Estas estratégias são concebidas, em parte, devido às características de cada setor económico, podendo a intensidade competitiva e o potencial de rentabilidade destes ser analisados através do modelo das cinco forças – ameaça de novos entrantes, poder de negociação dos fornecedores, poder de negociação dos clientes, ameaça de produtos substitutos, rivalidade interna do setor (Porter, 1980).

Cada setor é caracterizado pela sua estrutura, pelo comportamento das empresas que o constituem e por uma série de indicadores que medem o desempenho do mercado,

pois a estrutura da indústria influencia o comportamento das empresas, e este, por sua vez, influencia o seu próprio desempenho e o do setor (Jacquemin, 1979; Cabral, 1994).

4.1.2 Estádio do ciclo de vida da família empresária

O empreendedorismo transgeracional é percebido como sendo a aptidão para criar valor ao longo das gerações, através de um comportamento empreendedor (Habbershon *et Pistrui*, 2002), por isso, as famílias empresárias necessitam de ter uma orientação empreendedora para o seu negócio (Cruz *et Nordqvist*, 2012). Então, o nível de envolvimento dos membros da família empresária influencia o relacionamento entre as dimensões da orientação empreendedora e o desempenho da empresa familiar (Casillas *et Moreno*, 2010; Cruz *et Nordqvist*, 2012). O estágio de desenvolvimento da família empresária, tem sido reconhecido como uma variável que influencia a orientação empreendedora, com autores a sugerirem que a mesma é maior na primeira geração e que diminui através das sucessivas gerações (Cruz *et Nordqvist*, 2012).

No primeiro estágio, o comportamento da empresa familiar é influenciado pelo empreendedor (Gersick *et al*, 1997). Quando a empresa familiar é gerida pelo fundador, este detém uma posição central na organização, o que lhe garante o poder suficiente para conduzir as atividades do negócio de acordo com a sua própria visão. Com o passar do tempo a influência do fundador diminui e cresce o nível de formalização da estrutura, com a consequente perda de capacidade de inovação, da assunção de risco, a baixa de proatividade e do comportamento empreendedor (Zhara, 2005).

Na segunda geração – sociedade de irmãos – a empresa familiar é guiada por uma abordagem virada para o exterior, onde os sinais do meio envolvente são mais importantes que no estágio anterior, onde predominava a liderança do fundador (Cruz *et Nordqvist*, 2012). A dinâmica do meio envolvente cria mais oportunidades, as quais constituem um desafio para a nova geração.

A empresa familiar controlada pela terceira geração e seguintes é socialmente mais complexa e mais influenciada por tensões políticas e de poder entre os diferentes ramos da família empresária. Esta situação poderá levar a uma inércia que restrinja a orientação empreendedora, caso em que a presença de gestores profissionais pode desafiar as coalizões de poder existentes no seio da empresa familiar, promovendo a mudança e aprimorando a orientação empreendedora (Cruz *et Nordqvist*, 2012).

4.1.3 Meio envolvente

O meio envolvente é constituído pelas dimensões da sociedade que influenciam diretamente o setor e as empresas que nele atuam (Hitt *et al.*, 2008). Assim, a

especificidade do meio envolvente em que a empresa familiar se move pode ser de natureza hostil às suas atividades, ser dinâmico nos seus processos, oferecer recursos e capacidades únicos a esse tipo de empresa, deter um tipo particular de estruturas de propriedade ou ter uma influência específica da família empresária na gestão da empresa familiar (Casillas *et* Moreno, 2010).

A dinâmica de processos refere-se às rápidas mudanças nas dimensões que afetam o meio envolvente e à imprevisibilidade de mudança de comportamentos de clientes e fornecedores. Tal, cria novas oportunidades de negócio, encorajando a empresa a identificar e explorar tais oportunidades, através de um comportamento empreendedor. A hostilidade refere-se à agressividade competitiva e à falta de recursos e de oportunidades para serem exploradas. Logo, a empresa que tenha um comportamento mais empreendedor pode obter vantagens sobre as suas concorrentes (Casillas *et* al., 2011).

4.1.4 Envolvimento da família empresária

O envolvimento da família empresária refere-se ao grau em que os membros dessa família controlam a propriedade da empresa familiar, participam na sua organização e estruturas de gestão (Chua *et* al., 1999; Zahra, 2005) e o capital social familiar que lhe podem disponibilizar (Sorensen *et* Bierman, 2009).

4.1.4.1 O quê e o como do envolvimento

O envolvimento dos membros da família na empresa familiar introduz uma dimensão única no governo da família empresária, ao definir, em sentido amplo, como as ações dos atores organizacionais deverão ser consistentes com os objetivos da coalização dominante (Steier *et* al., 2015). Este envolvimento caracteriza-se por intenções e motivações distintas, logo, por objetivos, estruturas de governo e recursos diferentes, que afetam as decisões estratégicas da empresa familiar (Chrisman *et* al., 2016). Assim, o entendimento do fator família espera que se compreenda, quer o que deve ser quer o como deve ser, o envolvimento da família empresária na empresa familiar.

A dimensão conteúdo – o quê – informa sobre o tipo e a quantidade de *stock* de recursos disponíveis numa empresa familiar (Habbershon *et* al., 2010).

A dimensão “como”, está no cerne do processo empreendedor e ajuda a compreender os caminhos através dos quais a família empresária ou os gestores da empresa familiar adquiriram e adquirem aptidões ou competências para agrupar e potenciar os recursos daquela empresa na criação de vantagens competitivas (Habbershon *et* al.,

2010). Sobre como as decisões são tomadas e o processo pelo qual a empresa familiar gera a respetiva diferenciação, ainda pouco se sabe (Chrisman *et al.*, 2016).

A relação entre o envolvimento da família empresária e o crescimento da empresa familiar permite identificar argumentos a favor de uma menor orientação para o crescimento desta, pelo menos no curto prazo, pois o controlo da família empresária parece impor restrições ao capital (Carney, 2005), com a empresa familiar a tender colocar a sua continuidade antes do crescimento, de forma a manter o *status* (Gersick *et al.*, 1997).

Assim, a continuidade da empresa familiar é uma construção multifacetada, que faz sentido na interpretação da empresa familiar multigeracional (Gioia *et Chittipeddi*, 1991; Gioia *et al.*, 2000; Pieper *et al.*, 2015). São as interações entre os subsistemas família, gestão e propriedade que conduzem à aprendizagem; as pessoas mudam continuamente, e com elas, a organização a que pertencem. Logo, nem os membros da família empresária nem a própria família empresária se podem considerar sistemas estáveis (Gallo *et al.*, 2009).

Logo, o envolvimento da família empresária poderá ter um papel importante no modo como uma empresa familiar equilibra as suas ações empreendedoras na procura de sustentabilidade ao longo das gerações (Goel *et Jones*, 2016):

- a) Através de iniciativas de exploração de produtos, serviços ou mercados existentes, onde a empresa já atua (*exploitation*). Só por si, estas ações não são suficientes para a sobrevivência a longo prazo, pois, o meio envolvente muda e a organização não pode permanecer estática;
- b) Através da exploração de novas oportunidades de negócio, novos produtos, serviços e mercados (*exploration*). Estas atividades incluem procura, assunção de risco, descoberta, experimentação e flexibilidade de novas oportunidades, com a finalidade da reorientação das competências da organização, tendo aquelas como fonte das vantagens competitivas.

Como se percebe, o êxito do processo de gestão utilizado por uma empresa familiar assenta na diversidade e multidimensionalidade do envolvimento da família empresária, sendo por essa razão que a influência desta é percebida como constituindo o oxigénio que alimenta o fogo da orientação empreendedora dos seus membros (Rogoff *et Heck*, 2003) e desempenha um papel claro na identificação de novas oportunidades de negócio, no reconhecimento dessas oportunidades e na conseqüente decisão de iniciar novos negócios, bem como no processo de mobilização de recursos para as atividades empreendedoras.

Este conceito de atividade empreendedora é entendido como a manifestação de um conjunto de práticas executadas por membros de diferentes gerações da família empresária que convergem para a construção e renovação de empresas familiares

empreendedoras (Habbershon *et al.*, 2010). Estas práticas são facilitadas pela pertença a uma família empresária, em cujo seio são formados como empresários, desde pequenos, educando-os num sistema de relações sociais vinculadas a negócios que os prepara para a sua futura vida profissional, através de formação nas melhores escolas possíveis. Para além de terem condições para uma boa preparação, têm também uma forte motivação ideal e simbólica: a continuidade do êxito do projeto económico da família empresária (Lima, 2003).

4.1.4.2 Capital social familiar

A ênfase da teoria dos recursos no fator família tem como núcleo essencial o capital social (Bourdieu, 1980; Portes, 1998), enquanto rede de relações duradoura considerada fundamental, em especial na deteção de oportunidades e criação de novos negócios. Sorensen *et Bierman* (2009) ampliam aquela visão de capital social para as especificidades da empresa familiar, criando a noção de capital social familiar, enquanto conjugação do capital social, do capital humano e do capital financeiro. A sua manifestação está associada ao facto de os recursos da família empresária ou os seus ativos (conjunto de direitos) superarem o passivo (conjunto de deveres).

Para a noção de capital social familiar são ainda convocados os conceitos de confiança mútua e infraestrutura moral (Hoffman *et al.*, 2006; Sorenson *et Bierman*, 2009) e o senso familiar (Enslly *et Pearson*, 2005). A confiança mútua é desenvolvida e percebida pelas relações entre os membros da família empresária, dada a experiência de trabalho conjunto entre a empresa familiar e a família empresária (Hoffman *et al.*, 2006), a qual gera cooperação e colaboração, e facilita a resolução de problemas (Sorenson *et Bierman*, 2009). A infraestrutura moral e o senso familiar representam o relacionamento entre membros da família empresária e a relação destes com a comunidade. Assim, o elemento central é a confiança, considerada como um meso conceito que permite verificar a integração de aspetos psicológicos e organizacionais (Eddleston *et al.*, 2010). Sirmon *et Hitt* (2003) elegem como principais recursos que distinguem a empresa familiar da empresa não familiar: capital humano, capital social, capital de sobrevivência, capital paciente e estruturas de governo.

Em particular, o capital social, o qual deriva da reciprocidade das relações de confiança entre os indivíduos e a empresa familiar, facilita as atividades de criação de valor, sendo o recurso da família empresária que constitui a distinção do efeito família (Pearson *et al.*, 2008). O capital social familiar, como se percebe, é afetado pela dinâmica de fatores como o núcleo familiar e a estabilidade da dinastia empresarial, das interações intra-grupo e inter-grupo, interdependência dos membros da família e coesão desta.

4.2 FATORES DE CONTEXTO INTERNO

Os fatores de contexto interno exercem a sua influência de modo direto sobre a empresa familiar. São de realçar duas variáveis fundamentais para se compreender a dinâmica da criação de valor transgeracional:

- a) A conceção da orientação empreendedora, percebida como uma abordagem que procura captar a tendência da família empresária em manter as empresas familiares sob o seu controlo;
- b) As competências empreendedoras proporcionadas pela família empresária (Floriani, 2012), como condição necessária á orientação empreendedora. Logo, competências empreendedoras são o que o individuo precisa de saber, saber fazer e saber agir, para enfrentar o mundo globalizado e para identificar oportunidades de negócio (Zampier *et* Takahashi, 2011).

4.2.1 Orientação empreendedora

O conceito de orientação empreendedora, empreendedorismo organizacional ou empreendedorismo transgeracional (Habbershon *et* Pistrui, 2002; Habbershon *et* al., 2010; Kellermanns *et* al., 2016; Nordqvist *et* Zellweger, 2010), tiveram na sua origem o trabalho de Miller (1983). É o reconhecimento da capacidade de um individuo identificar situações nas quais se podem introduzir novos produtos, serviços, métodos organizacionais ou outros, através de novos meios, fins ou relacionamento meios-fins (Echardt *et* Shane, 2003). Miller (1983) reconhece a importância do líder, do individuo que empreende, mas acrescenta o papel desempenhado pela estrutura da organização e a importância da construção da estratégia, deslocando a ênfase das capacidades inovadoras do individuo para a atividade empreendedora da organização. Então, a orientação empreendedora pode ser percebida como um *habitus*, ou seja, um conhecimento adquirido por aprendizagem explícita ou implícita e também um *haber* (Bourdieu, 1989).

Para mensurar e testar o conceito orientação empreendedora Miller (1983) identificou três dimensões: assunção de riscos, proatividade e comportamento inovador. Lumpkin *et* Dess (1996) incluíram mais duas dimensões complementares daquelas: autonomia e agressividade competitiva; Lazzarotti *et* al. (2015) acrescentam a rede de relações. Habbershon *et* al. (2010) entendem que as atitudes são constituídas pela autonomia, o comportamento inovador, a assunção de risco e a proatividade; por recursos, os mesmos autores entendem o capital financeiro, humano, físico, social, de conhecimento, cultural e o intangível.

Aquelas seis dimensões responsáveis pela ação empreendedora são independentes mas relacionadas entre si, e a sua relação com o desempenho organizacional depende diretamente da forma como a empresa familiar atua na tomada de decisões e de gestão das atividades empresariais (Casillas *et* Moreno, 2010).

4.2.1.1 Assunção de riscos

Parece haver consenso sobre o comportamento empreendedor implicar, necessariamente, a aceitação de risco de alguma espécie (McClelland, 1972). Logo, a propensão de assumir riscos é um fator essencial ao empreendedorismo.

O risco está relacionado com a disposição da administração de uma empresa familiar em atribuir grande quantidade de recursos a projetos para desenvolvimento de oportunidades. O risco assumido pode ser entendido como o nível até ao qual o empreendedor compromete os recursos, sendo que a maior aversão ao risco parece surgir na empresa familiar (Zahra, 2005; Naldi *et* al., 2007). Martin *et* Lumpkin (2003) afirmam que estas, quanto mais antigas forem mais avessas são ao risco. Para Casilhas *et* Moreno (2010) a predominância da família empresária tende a reduzir a influência de assumir o risco sobre o crescimento. Para Zelleweger *et* Sieger (2012), nas empresas familiares de longa duração o risco é multidimensional, pois o risco de propriedade é elevado e reflete a menor predisposição daquelas na assunção de decisões arriscadas.

4.2.1.2 Proatividade

As iniciativas ou esforço despendido com a procura antecipada de novas oportunidades, relacionadas ou não com os negócios atuais da organização, bem como por uma participação em mercados emergentes, são entendidas como proatividade (Lumpkin *et* Dess, 1996; Venkatraman, 1989).

A empresa familiar também pode ser proactiva através da introdução de novos produtos e marcas competitivas, estratégias de eliminação das operações que estão na maturidade ou em estado de declínio relativamente ao ciclo da vida dos produtos; participação em mercados emergentes; antecipação e persuasão de novas oportunidades, podendo levá-las a alcançarem vantagens competitivas e maiores lucros económicos (Lieberman *et* Montgomery, 1988).

A proatividade não envolve apenas mudança, mas também a disposição de agir face a essas ideias de mudança em relação à concorrência (Lumpkin *et* Dess, 1996). Martin *et* Lumpkin (2003) constataram que a proatividade não é consistente nas empresas familiares de sucesso, porque não conseguiram provar que a proatividade diminui com as

gerações futuras. Para Casilhas et Moreno (2010) as empresas familiares mais proactivas revelam maiores taxas de crescimento, mas a influência da família empresária tende a inverter a situação, por reduzir a influência da proatividade sobre o crescimento.

4.2.1.3 Comportamento inovador

O comportamento inovador assenta na predisposição do indivíduo para avaliar e identificar oportunidades, bem como a criatividade. Ao considerar-se o comportamento inovador com criatividade, cremos que o empreendedor é capaz de associar as observações diversificadas dos tipos e formas de empreendimentos (Degen, 1989). A riqueza é criada quando existem no mercado estruturas que são ultrapassadas através da introdução de novos bens e serviços, fazendo com que as organizações cresçam (Schumpeter, 1943), pelo que os processos de inovação representam uma reorganização das mesmas (Markides, 1998).

O empreendedorismo não existiria sem a inovação, enquanto tendência para as empresas suportarem novas ideias, experiências e o lançamento de novos processos, primeiro que os seus concorrentes (Miller, 1983; Covin et Miles, 1999).

A inovação requer criatividade e até uma obsessão em a alcançar, sendo a investigação e desenvolvimento uma importante fonte de inovação (Miller et al., 2015). A inovação é das dimensões em que se encontra maior grau de consenso sobre o seu relacionamento positivo com o crescimento de uma empresa, sendo que as mais jovens e mais pequenas são mais inovadoras que as mais antigas e maiores, pois o envolvimento do fundador no órgão de administração contribui para reforçar os resultados da estratégia de inovação da empresa, na medida em que aquele ajuda à sua implementação (Carney, 2005).

A empresa familiar tem uma maior capacidade de desenvolver padrões de comportamento empreendedor, pois a sua sobrevivência depende da sua capacidade de entrar em novos mercados com produtos ou serviços inovadores (Ward, 1987; Zahra et al., 2004) e tendem a ter as suas estruturas mais centralizadas na primeira geração (Chrisman et al., 2003), por isso, o processo de decisão pode ser desenvolvido mais rapidamente.

Na empresa familiar a inovação é considerada uma das dimensões mais importantes da orientação empreendedora para o desempenho a longo prazo, em conjugação com a autonomia e a proatividade (Nordqvist et Melin, 2010). Para Casilhas et Moreno (2010), a influência da família vai intensificar a influência da inovação sobre o crescimento e a mudança nas gerações das empresas familiares, pode aumentar o nível de capacidade de inovação interna e externa (Zelleweger et Sieger, 2010).

4.2.1.4 Autonomia

A autonomia é um comportamento de ação que expressa a independência do indivíduo e apresenta-se por um comportamento independente do empreendedor e pela prática de forte liderança por parte deste (Lumpkin *et* Dess, 1996). Trata-se da vontade do empreendedor em introduzir inovações por meio da experimentação e de processos criativos com intuito do desenvolvimento de novos produtos ou serviços; é a liberdade concedida a equipas e indivíduos, incentivando-os a exercer a sua criatividade e a levar em frente uma ideia até à sua concretização. É feita uma distinção entre autonomia interna e externa.

A primeira refere-se à capacidade dos indivíduos dentro de uma organização, enquanto a segunda se refere aos agentes externos, fornecedores, clientes, bancos e outras instituições (Nordqvist *et* al., 2010).

A autonomia na empresa familiar tende a diminuir ao longo das gerações (Lumpkin *et* Martin, 2003) com as empresas familiares mais antigas a exibirem elevados níveis de autonomia externa (Zelleweger *et* Sieger, 2010). Para Casilhas *et* Moreno (2010) o envolvimento da família empresária vai influenciar negativamente a influência da autonomia no crescimento.

4.2.1.5 Agressividade competitiva

A agressividade competitiva define-se pelo comportamento de disputa com os concorrentes por posições e nichos de mercado. É fundamental, como condição de sobrevivência no seu mercado de atuação. Assim, o ímpeto de forçar a entrada num mercado e desafiar a concorrência pode ser entendido como agressividade competitiva, e corresponde a uma forte postura ofensiva dirigida aos concorrentes (Lumpkin *et* Dess, 1996). Há uma distinção importante entre as dimensões proatividade e agressividade competitiva, as quais têm conceitos distintos, que variam de acordo com o desempenho de cada empresa. A proatividade é a resposta às oportunidades, enquanto a agressividade competitiva é a resposta às ameaças. Esta parece ser a menos relevante das dimensões da orientação empreendedora na empresa familiar (Martin *et* Lumpkin, 2003).

4.2.1.6 Redes de relações

As redes de relações são diferentes das redes de contatos e não se confundem com estas. Nas primeiras importa a profundidade das relações, as quais pressupõem reciprocidade e envolvimento, enquanto nas redes de contatos o que importa são os

contatos que temos, os quais podem ser ativados ou abandonados, conforme a necessidade (Giddens, 2013; Lima, 2003).

Assim, as redes de relações são uma forma de capital social que proporcionam o acesso a recursos a quem pertença a essas redes (Portes, 1998) pelo que assumem relevância no campo do empreendedorismo, na medida em que as construções dos seus relacionamentos as tornam imprescindíveis para a entrada em novos mercados, para a internacionalização dos negócios e, inclusive, para a sustentação das organizações (McClelland, 1962; Basile, 2012; Covin *et* Miller, 2014; Miller, 2011).

Em particular, as grandes organizações dependem cada vez mais de redes de subcontratação, como forma de evitar a exposição a incertezas de mercado e aos custos de inovação, sendo a empresa familiar geradora de diferentes formas de inovação, conforme a sua trajetória (Alvarez *et al.*, 2006). A celebração de parcerias ou acordos de cooperação entre as organizações ou indivíduos apresenta-se como uma das principais práticas dos empreendimentos inovadores para a formação das redes de relações.

A celebração de acordos de cooperação, o trabalho colaborativo em parcerias, as alianças estratégicas e a atuação em rede são alguns dos mecanismos utilizados pelas empresas para o desenvolvimento de inovações (Oberg *et* Grundström, 2009). Miller (2011) ao revisitar o seu trabalho seminal também destacou a possibilidade de algumas ligações entre a orientação empreendedora com outras teorias, entre as quais a teoria de redes, chamando ainda a atenção para algumas questões, como a do equilíbrio entre as relações com clientes, concorrentes e fornecedores, e a sua influência sobre a orientação empreendedora, salientando também a necessidade de mais trabalhos que estudem as ligações entre a orientação empreendedora e as estruturas de rede.

Assim, para Zellweger *et* Sieger (2012) um elevado e permanente nível das dimensões da orientação empreendedora não é condição necessária para o sucesso a longo prazo da empresa familiar. Pelo contrário, a orientação empreendedora é dinâmica e adapta-se ao longo do tempo. Na mesma linha de raciocínio, Salvato *et al.* (2010) concluem que a empresa familiar precisa de manter constantemente a sua atenção no futuro, mas respeitando as realizações e sacrifícios feitos pelas gerações anteriores. O impacto dos fatores internos e externos sobre a orientação empreendedora é mais importante nas empresas familiares de segunda geração, reduzindo-se à medida que caminham para a terceira geração e posteriores. Os fatores internos (gestores e investidores não familiares) ganham destaque na terceira geração e seguintes (Cruz *et* Nordqvist, 2012).

4.2.2 Recursos

A noção do fator família transporta-nos para o seio da família empresária, a qual se encontra no centro da compreensão do empreendedorismo na empresa familiar. Ora, sendo aquela um campo social, com as suas estruturas próprias, onde se geram interações entre os subsistemas que a constituem, emerge daí um sem número de fatores específicos ligados à lógica de funcionamento de cada família empresária, com as suas hierarquias, envolvimento, regras do jogo próprias e modo de organização específico (Accardo, 2006). Por isso, Habbershon *et al.* (2010) referem que a teoria dos recursos (Barney, 1986, 1991; Wernerfelt, 1984) complementa a orientação empreendedora.

Aquela teoria é a base teórica original do *familiness* (Pearson *et al.*, 2008) e aponta para a especificidade dos negócios como um conjunto de recursos que podem criar vantagens competitivas, na medida do valor desses recursos, da sua raridade, da sua limitação e substituição, o que faz com que o perfil dos recursos de uma dada organização – o mesmo é dizer, a noção do fator família – conduzirá ao sucesso do seu desempenho.

5 CRIAÇÃO DE VALOR TRANSGERACIONAL

O construto transgeracional é complexo e multidimensional, sendo entendido como a percepção da probabilidade de sucesso da família empresária (Habbershon *et al.*, 2010). Este sucesso mede-se, em geral, pela criação de valor, independentemente da sua forma de repartição posterior. Em geral, a existência de vantagem competitiva numa empresa corresponde à capacidade de criação de valor acima da média da concorrência (Barney, 1991). Essa criação de valor corresponde ao intervalo entre a disposição do valor a pagar pelo cliente e o custo de oportunidade do fornecedor (Frank, 1994).

Este modo de cálculo do valor criado deixa perceber a sua dependência do contexto de inserção da empresa e das suas relações na cadeia de valor (Porter, 1985). Em função das interações entre clientes e fornecedores, a empresa pode criar mais valor e expandir as fronteiras do intervalo entre a disposição do valor a pagar e o custo de oportunidade do fornecedor. O valor criado não é, necessariamente, o valor apropriado pela empresa.

Enquanto o custo de oportunidade do fornecedor e a disposição do valor a pagar pelo cliente são os extremos que definem o intervalo de criação de valor, o preço e o custo definem o intervalo do valor apropriado pela empresa. A parte do valor criado apropriada pela empresa é o lucro, a manifestação mais direta da criação de valor, aqui assimilada como criação de riqueza.

Na interação com os clientes, a diferença entre a disposição do valor a pagar e o preço define o excedente do cliente, ou seja, o valor capturado por este (Frank, 1994;

Thompson et Formby, 1998). Ao gerar maior excedente para o cliente, a empresa poderá explorar a assimetria favorável entre os seus produtos ou serviços e os da concorrência, cobrando um prémio, se conseguir manter o valor de oportunidade do fornecedor.

Porém, se a empresa com vantagem competitiva decidir manter a paridade do preço com a concorrência, obtendo a preferência do cliente e o conseqüente aumento da quota de mercado, poderá apropriar-se de parte do excedente do cliente a seu favor, aumentando, assim, a sua riqueza. No outro extremo da cadeia de valor, no processo de negociação com os *stakeholders*, são definidos os valores a apropriar por fornecedores, colaboradores, gestores e outros intervenientes no negócio. Em tese, cada participante é capaz de se apropriar de todo o excedente criado; contudo, a diferença de contexto entre os atores influenciará a percepção de valor e a capacidade de negociação de cada um (Lippman et Rumelt, 2003). Porém, a simples existência de vantagem competitiva não é condição suficiente para uma maior criação de valor.

Em geral, a família empresária procura transmitir às gerações futuras a sua herança – riqueza acumulada, consubstanciada em bens ou ativos económicos e não económicos. Esta transmissão levanta algumas questões: o quê?, a quem?, quando?, como transmitir? A resposta a cada uma destas questões exerce influência, quer no comportamento da família empresária quer no desempenho da empresa familiar, bem como no montante da herança a transmitir (Carr et al., 2016). Parte dos bens ou ativos económicos da família empresária estão relacionados com o negócio ou negócios da empresa familiar controlada, mas podem também estar fora desse âmbito.

Quando a família do empreendedor está envolvida na criação do negócio, ela própria pode disponibilizar recursos que a maior parte das vezes não estão acessíveis ao empreendedor, só por si.

São exemplos de recursos e capacidades da família empresária:

- a) Recursos intrínsecos ao empreendedor: idade, género, educação, experiência, formação académica, formação em gestão;
- b) Recursos da família: Recursos humanos e recursos financeiros;
- c) Orientação empreendedora:
 - i. Assunção de riscos – seguir oportunidades com incerteza;
 - ii. Proatividade – ênfase na persistência e criatividade para transpor obstáculos, até que o novo conceito esteja completamente implementado;
 - iii. Comportamento inovador – desenvolvimento de novos produtos, serviços ou processos únicos;

- iv. Autonomia – expressa a independência do indivíduo em introduzir inovações;
- v. Agressividade competitiva – ações de disputa por posições de mercado;
- vi. Redes de relações – redes informais, redes externas, redes institucionais.

A disponibilização daqueles recursos torna o empreendedor socialmente mais motivado, mais leal e mais comprometido com todas as partes interessadas (Miller *et al.*, 2016). Contudo, nem todas as empresas dispõem de recursos únicos e sobrevivem sem eles. Assim, também nem toda a empresa familiar beneficia do fator família, por não deter recursos únicos e inseparáveis que conduzam a uma vantagem competitiva.

Portanto, o impacto dos recursos e capacidades proporcionados pela família empresária à empresa familiar deve-se à influência das interações sistemáticas entre a família empresária e o negócio (Habbershon *et al.*, 2003), podendo estas criar sinergias favoráveis ou desfavoráveis que proporcionem vantagens ou desvantagens competitivas. Como se percebe, o problema reside em ainda não se compreender completamente como a propriedade, a gestão e os valores da família empresária interagem para criarem características únicas para as organizações familiares (Serrano *et al.*, 2006).

6 NOTA FINAL

A família empresária é um constructo sobre o qual ainda pouco se sabe, apesar de ser ancestral e da sua importância e influência nas estruturas organizacionais que exploram negócios de família. Por complexo que é, o mesmo deve ser analisado por múltiplas perspectivas teóricas, pois aquela influência nas empresas familiares faz-se notar pela disponibilização de recursos idiossincráticos únicos – físicos, financeiros, sociais, humanos – o *familiness*, os quais não estão disponíveis para qualquer outro tipo de organização não familiar.

Este é um tema inserido na teoria dos recursos da firma, que exige uma abordagem sociológica, pois refere-se também a comportamentos e atitudes dos membros da família consanguínea que constituem a família empresária. Por sua vez, esta última é uma instituição social percebida como sendo um sistema aberto, com um perímetro de geometria variável, com fluxos de entrada e de saída no sistema, seja por causas naturais ou por razões de ordem social, o qual contribui para o processo de criação de valor transgeracional sustentável, através do empreendedorismo das diferentes gerações da família empresária. Esta é a condição necessária que justifica o porquê de a simples disponibilização daqueles recursos valiosos, raros e inimitáveis, só por si, não garantirem

uma vantagem competitiva para a criação de valor sustentável e a perenidade do negócio ou negócios que sustentam a família empresária ao longo o tempo.

Como limitações aponte-se o caráter contingente do constructo família empresária, o qual tem mudado com os tempos e influencia os estudos desenvolvidos. A pesquisa sobre a família empresária deve ser constante e multidisciplinar, pelo que para investigação futura se sugere a análise de outros textos, com o fim de obter uma maior compreensão daquele constructo, que facilite a apresentação de um modelo integrador de várias dimensões teóricas daquele tipo de família, e que seja, ao mesmo tempo aberto, inclusivo e sustentável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Accardo, Alain (2006). *Introduction à une sociologie critique: Lire Pierre Bourdieu*, 3^{ème} ed., Marseille, Agone.

Aldrich, Howard E., Cliff, Jennifer E. (2003). "The pervasive effects of family on entrepreneurship: toward a family embeddedness perspective", *Journal of Business Venturing*, 18 (5): 573-596.

Alvarez, Sharon A., Ireland, R. Duane, Reuer, Jeffrey J. (2006). "Entrepreneurship and strategic alliances", *Journal of Business Venturing*, 21 (4): 401-404.

Barney, Jay B. (2002). *Gaining and sustaining competitive advantage*, 2nd ed., Upper Saddle River, N. Y., Prentice Hall.

Barney, Jay B. (1991). "Firm resources and sustained competitive advantage", *Journal of Management*, 17 (1): 99-120.

Barney, Jay B. (1986). "Types of competition and the theory of strategy: Toward an Integrative framework", *Academy of Management Review*, 11 (4): 791-800.

Basile, Alexander (2012). "Entrepreneurial orientation in SME's: risk-taking to entering international markets", *Far East Journal of Psychology and Business*, 7 (2): 1-17.

Böhm-Bawerk, Eugen von (1884). *Capital and Interest: A Critical History of Economic Theory* [1884], in <http://oll.libertyfund.org/titles/bawerk-capital-and-interest-a-critical-history-of-economic-theory>, em 03-11-2021.

Bornholdt, Werner (2005). *Governança na empresa familiar: implementação e prática*, Porto Alegre, Bookman.

Bourdieu, Pierre (1989). *O poder simbólico*, Lisboa, Difel.

Bourdieu, Pierre (1980). "Le capital social – notes provisoires", *Actes de la recherche en sciences sociales*, 31: 2-3.

Cabral, Luís (1994). *Economia industrial*, McGraw-Hill Portugal.

Carney, Michael (2005). "Corporate governance and competitive advantage in family-controlled firms", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29 (3): 249-265.

- Carr, Jon C., Chrisman, James J., Chua, Jess H., Steier, Lloyd P. (2016). "Family firm challenges in intergenerational wealth transfer", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40 (6): 1197-1208.
- Casillas, José C., Moreno, Ana M., Barbero, José L. (2011). "Entrepreneurial orientation of family firms: Family and environmental dimensions", *Journal of Family Business Strategy*, 2 (2): 90-100.
- Casillas, José C., Moreno, Ana M. (2010). "The relationship between entrepreneurial orientation and growth: The moderating role of family involvement", *Entrepreneurship and Regional Development*, 22 (3-4): 265-291.
- Chrisman, James J., Jess H. Chua, Alfredo Massis, Tommaso Minola e Silvio Vismara (2016). "Management processes and strategy execution in family firms: from "what" to "how"", *Small Business Economics*, 47 (3): 719-734.
- Chrisman, James J., Jess H. Chua e Pramodita Sharma (2005). "Trends and directions in the development of a strategic management theory of the family firm", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29 (5): 555-576.
- Chrisman, James J., Jess H. Chua e Lloyd P. Steier. (2003). "An introduction to theories of family business", *Journal of Business Venturing*, 18 (4): 441-448.
- Chua, Jess H., Chrisman, James J. e Sharma, Pramodita (1999). "Defining the family business by behavior", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 23 (4): 19-39.
- Covin, Jeffrey G. e Danny Miller (2014). "International entrepreneurial orientation: Conceptual considerations, research themes, measurement issues and future research directions", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 38 (1): 11-44.
- Covin, Jeffrey G. e Morgan P. Miles (1999). "Corporate entrepreneurship and the pursuit of competitive advantage", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 23 (3): 47-63.
- Cruz, Cristina e Mattias Nordqvist (2012). "Entrepreneurial orientation in family firms: a generational perspective", *Small Business Economics*, 38 (1): 33-49.
- D'Allura, Giorgia e Amir Erez (2009). "The family as a group: Implications for governance and organizational performance in family firms", in Chiara, Di Guardo Maria, Pinna Roberta, Zaru Dante (org.). *Per lo sviluppo, la competitività e l'innovazione del sistema economico: Contributo degli studi di organizzazione aziendale* (pp. 252-276). Milano: Franco Angeli, 408.
- Degen, Ronald Jean (1989). *O empreendedor: fundamentos de iniciativa empresarial*, São Paulo, McGraw-Hill.
- Dyer, W. Gibb (2006). "Examining the «family effect» on firm performance", *Family Business Review*, 19 (4): 253-273.
- Eckhardt, Jonathan e Scott Shane (2003). "Opportunities and entrepreneurship", *Journal of Management*, 29 (3): 333-349.
- Eddleston, Kimberly A., James J. Chrisman, Lloyd P. Steier e Jess H. Chua (2010). "Governance and trust in family firms: An introduction", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 34 (6): 1043-1056.
- Enslly, Michael D. e Allison W. Pearson (2005). "An exploratory comparison of the behavioral dynamics of top management teams in family and nonfamily new ventures: Cohesion, conflict, potency, and consensus", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29 (3): 267-284.

- Floriani, Oldoni Pedro (2012 [2007]). *Empresa familiar ou ... Inferno familiar?*, 2ª ed., Curitiba, Juruá Editora.
- Frank, Hermann, Manfred Lueger, Lavinia Nosé e Daniela Suchy (2010). "The concept of «Familianness»: Literature review and systems theory-based reflections", *Journal of Family Business Strategy*, 1 (3): 119-130.
- Frank, Robert H. (1994). *Microeconomia e comportamento*, Lisboa, McGraw-Hill de Portugal.
- Gersick, Kelin E., John A. Davis, Marion M. McCollom e Ivan Lansberg (1997). *De geração para geração: Ciclos de vida das empresas familiares*, 3ª ed., São Paulo, Negócio Editora (trad. de Nivaldo Montingelli Jr. de *Generation to generation: Life cycles of the family business*. Boston, Harvard Business School Press.
- Giddens, Anthony (2013). *Sociologia*, 9ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gioia, Dennis A. e Kummar Chittipeddi (1991). "Sensemaking and sensegiving in strategic change initiation", *Strategic Management Journal*, 12 (6): 433-448.
- Gioia, Dennis A., Majken Schultz e Kevin G. Corley (2000). "Organizational identity, image, and adaptative instability", *Academy of Management Review*, 25 (1): 63-81.
- Goel, Sanjay e Raymond J. Jones III (2016). "Entrepreneurial exploration and exploitation in family business: A systematic review and future directions", *Family Business Review*, 29 (1): 94-120.
- Grant, Robert M. (1991). "The resource-based theory of competitive advantage: Implications for strategy formulation", *California Management Review*, 33 (3): 114-135.
- Habbershon, Timothy G. e Mary L. Williams (1999). "A resource-based framework for assessing the strategic advantages of family firms", *Family Business Review*, 12 (1): 1-25.
- Habbershon, Timothy G. e Joseph Pistrui (2002). "Enterprising families domain: Family-influenced ownership groups in pursuit of transgenerational wealth", *Family Business Review*, 15 (3): 223-237.
- Habbershon, Timothy G., Mary L. Williams e Ian C. MacMillan (2003). "A unified systems perspective of family firm performance", *Journal of Business Venturing*, 18 (4): 451-465.
- Habbershon, Timothy G.; Mathias Nordqvist e Thomas M. Zellweger (2010). *Transgenerational entrepreneurship*, in Nordqvist et Zellweger (Eds.). *Transgenerational entrepreneurship: Exploring growth and performance in family firms across generations*, Edgard Elgar Publishing Ltd, 2-37.
- Haynes, George, WALKER, Rosemary, ROWE, Barbara R., HONG, Gong-Soog (1999). "The intermingling of business and family finances in family-owned businesses", *Family Business Review*, 12 (3): 225-239.
- Hitt, Michael A., R. Duane Ireland e Robert E. Hoskisson (2008). *Administração Estratégica*, 7ª ed., São Paulo, Thomson.
- Hoffman, James, Mark Hoelscher e Ritch Sorenson (2006). "Achieving sustained competitive advantage: A family capital theory", *Family Business Review*, 19 (2): 135-145.
- Irava, Wayne J. e Ken Moores (2010). "Clarifying the strategic advantage of familiness: Unbundling its dimensions and highlighting its paradoxes" *Journal of family business strategy*, 1 (3): 131-144.

- Ireland, R. Duane, Michael A. Hitt e David G. Sirmon (2003). "A model of strategic entrepreneurship: The construct and its dimensions", *Journal of Management*, 29 (6): 963-989.
- Jacquemin, Alexis (1979). *Économie industrielle européenne, structures de marché et stratégies d'entreprise*, Paris.
- Kellermanns, Franz; Jorge Walter, T. Russell Crook, Benedict Kemmerer e Vadake Narayanan (2016). "The resourced-based view in entrepreneurship: A content-analytical comparison of researchers' and entrepreneurs' views", *Journal of Small Business Management*, 54 (1): 26-48.
- Klein, Sabine B., Joseph H. Astrachan e Kosmas X. Smyrniotis (2005). "The F-PEC scale of family influence: Construction, validation, and further implication for theory", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29 (3): 321-339.
- Laffón, Alberto Pinillos, Fernando Olivares Delgado e Daniel Rodríguez Valero (2016). "El nombre de la marca corporativa. Una taxonomía de los nombres de empresa familiar en España", *Revista Latina de Comunicación Social*, 71: 750-774.
- Lazzarotti, Fábio, Alissane Lia Tasca da Silveira, Carlos Eduardo Carvalho, Carlos Ricardo Rossetto e Jonatha Correia Sychoski (2015). "Orientação empreendedora: Um estudo das dimensões e sua relação com desempenho em empresas graduadas", *RAC - Revista de Administração Contemporânea*, 19 (6): 673-695.
- Lieberman, Marvin B., Montgomery D. B. (1988). "First-mover advantages", *Strategic Management Journal*, 9: 41-58.
- Lima, Antónia Pedroso de (2003). "Relações familiares na elite empresarial de Lisboa", in PINTO, António Costa, FREIRE, André (Org.) (2003). *Elites, Sociedade e Mudança Política*, Celta Editora, Lisboa, pp 151-180.
- Lippman, Steven A. e Richard P. Rumelt (2003). "A bargaining perspective on resource advantage", *Strategic Management Journal*, 24 (11): 1969-1086.
- Lumpkin, G. Tom e Gregory G. Dess (1996). "Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance", *Academic of Management Review*, 21 (1): 135-172.
- Marchisio, Gaia, Pietro Mazzola, Salvatore Sciascia, M. Miles e Joseph A. Astrachan (2010). "Corporate venturing in family business: The effects on the family and its members", *Entrepreneurship and Regional Development*, 22 (3-4): 349-377.
- Markides, Costa (1998). "Strategic innovation in established companies", *MIT Sloan Management Review*, 39 (3): 31-42.
- Martin, W. L. e Lumpkin, G. T. (2003). "From entrepreneurial orientation to "family orientation": generational differences in the management of family businesses", Paper presented at the 22nd Babson College Entrepreneurship Research Conference, Wellesley, MA, USA.
- Martinez, Luís Carlos Sánchez (2012). "Dividendo emocional: elpale de los accionistas en la responsabilidad empresarial", *Revista de Responsabilidad Social de la Empresa*, 12 (vol. 4, n° 3); 15-45.
- McClelland, David C. (1972). *A sociedade competitiva: realização e progresso social*, Rio Janeiro, Expressão e Cultura.
- McClelland, David C. (1962). "Business drive and national achievement", *Harvard Business Review*, 40 (4): 99-112.

- Miller, Danny (2011). "Miller (1983) revisited: A reflection on EO research and some suggestions for the future", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 35 (5): 873-894.
- Miller, Danny (1983). "The correlates of entrepreneurship in three types of firms", *Management Science*, 29 (7): 770-791.
- Miller, Danny, Mike Wright, Isabelle Le Breton-Miller e Louise Scholes (2015). "Resources and innovation in family businesses: The janus-face of socioemotional preferences", *California Management Review*, 58 (1): 20-40.
- Miller, Danny, Lloyd Steier e Isabelle Le Breton-Miller (2016). "What can scholars of entrepreneurship learn from sound family businesses?", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40 (3): 445-455.
- Naldi, Lucia, Mattias Nordqvist, Karin Sjöberg e Johan Wiklund (2007). "Entrepreneurial orientation, risk taking, and performance in family firms", *Family Business Review*, 20 (1): 33-47.
- Nordqvist, Mattias e Leif Melin (2010). "Entrepreneurial families and family firms", *Entrepreneurship and Regional Development*, 22 (3-4): 211-239.
- Oberg, Christina e Christina Grundström (2009). "Challenges and opportunities in innovative firms' network development", *International Journal of Innovation Management*, 13 (4): 593-613.
- Olivares-Delgado, Fernando, Alberto Pinillos-Laffón e Maria Teresa Benlloch-Osuna (2016). "An approach to patronymic names as a resource for familiness and as a variable for family business identification", *European Journal of Family Business*, 6 (1): 3-45.
- Pearson, Allison W., Jon C. Carr e John C. Shaw (2008). "Toward a theory of familiness: A social capital perspective", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 32 (6): 949-969.
- Penrose, Edith T. (1959 [1995]). *The theory of the growth of the firm*, 3th ed., Oxford, Oxford University Press, 272.
- Pieper, Torsten M., Anne D. Smith, Jerry Kudrats e J. H. Astrachan. 2015. "The persistence of multifamily firms: founder imprinting, simple rules, and monitoring processes", *Entrepreneurship theory and practice*, 39 (6): 1313-1337.
- Porter, Michael E. (1985). *Competitive Advantage: creating and sustaining superior performance*, N.Y., The Free Press.
- Porter, Michael E. (1980). *Competitive Strategy: Techniques for Analyzing Industries and Competitors*, New York, McMillan Publishing, Free Press.
- Portes, Alejandro (1998). "Social capital: Its origins and applications in modern sociology", *Annual Review of Sociology*, 24: 1-24.
- Prahalad, C. K. e Gary Hamel (1990). "The core competence of the corporation", *Harvard Business Review*, 68 (3): 79-91.
- Randerson, Kathleen, Cristina Bettinelli, Alain Fayolle e Alistair Anderson (2015). "Family entrepreneurship as a field of research: Exploring its contours and contents", *Journal of Family Business Strategy*, 6 (3): 143-154.
- Rogoff, Edward G. e Ramona Z. Heck (2003). "Evolving research in entrepreneurship and family business: recognizing family as the oxygen that feeds the fire of entrepreneurship", *Journal of Business Venturing*, 18 (5): 559-566.

Rodrigues, J. e Marques, M. A. 2019. Family Firms And Family Business: A Conceptual Approach About The Ambiguities, Paradoxes And Uniqueness Of Family Businesses. *European Journal of Social Sciences Studies*, [S.l.], dec. 2019. Available at: <<https://oapub.org/soc/index.php/EJSSS/article/view/698>>. Date accessed: 2 apr. 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.46827/ejsss.v0i0.698>

Rodrigues, J.J. 2017. Relações de poder no campo família empresária. Dissertação de Mestrado em Sociologia. FCSH-Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: UL-FCSH.

Salvato, Carlo, Francesco Chirico e Pramodita Sharma (2010). "A farewell to the business: Championing entrepreneurial exit in family firms", *Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal*, 22 (3-4): 321-348.

Schumpeter, Joseph A. (1943 [2003]). *Capitalism, socialism and democracy*, USA, Taylor & Francis.

Sciascia, Salvatore, Mazzola, Pietro, Chirico, Francesco (2013). "Generational Involvement in the Top Management Team of Family Firms: Exploring Nonlinear Effects on Entrepreneurial Orientation", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 37 (1): 69-.

Selznick, Philip (1957). *TVA and the grass roots: a study in the sociology of formal organization*, N. Y., Harper & Row.

Serrano, Cristina Cruz, Timothy G. Habbershon, Mattias Nordqvist, Carlo Salvato e Thomas Zellweger (2006). "A conceptual model of transgenerational entrepreneurship in family-influenced firms", wp, *STEP Research Project*.

Sharma, Pramodita (2004). "An overview of the field of family business studies: Current status and directions for the future", *Family Business Review*, 17 (1) 1-35.

Sirmon, David G. e Michael A. Hitt (2003). "Managing resources: Linking unique resources, management, and wealth creation in family firms", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 27 (4): 339-358.

Sorenson, Ritch L. e Leonard Bierman (2009). "Family capital, family business, and free enterprise", *Family Business Review*, 22 (3): 193-195.

Steier, Lloyd P., James J. Chrisman e Jess H. Chua (2015). "Governance challenges in family businesses and business families", *Entrepreneurship theory and practice*, 39 (6): 1265-1280.

Stewart, Alex (2003). "Help one another, use one another: Toward an anthropology of family business", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 27 (4): 383-396.

Teece, David J. (2007). "Explicating dynamic capabilities: The nature and microfoundations of (sustainable) enterprise performance", *Strategic Management Journal*, 28 (13): 1319-1350.

Teece, David J., Gary Pisano e Amy Shuen. (1997). "Dynamic capabilities and strategic management", *Strategic Management Journal*, 18 (7): 509-533.

Thompson, Arthur A. e John P. Formby (1998). *Microeconomia da firma*, 6ª ed., Rio de Janeiro, Prentice-Hall do Brasil.

Tondo, Cláudia (Org.). 2008. *Desenvolvendo a empresa familiar e a família empresária*, Porto Alegre, Ed. Sulina, Brasil.

Venkatraman, N. (1989). "Strategic orientation of business enterprises: The construct, dimensionality and measurement", *Management Science*, 35 (8): 942-962.

Ward, John L. (1987). *Keeping the family business healthy: How to plan for continuous growth, profitability, and family leadership*, Jossey-Bass, CA.

Wernerfelt, Birger (1984). "The resource-based view of the firm", *Strategic Management Journal*, 5 (2): 171-180.

Zampier, Marcia Aparecida, Takahashi, Adriana Roseli Wünsch (2011). "Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa", *Cadernos Ebape. BR*, 9 (Ed. Especial): 564-585.

Zahra, Shaker A. (2005). "Entrepreneurial risk taking in family firms", *Family Business Review*, 18 (1): 23-40.

Zahra, Shaker A, Hayton, James C., Salvato, Carlo (2004). "Entrepreneurship in family vs. non-family firms: A resource-based analysis of the effect of organizational culture!", *Entrepreneurship Theory and Practice*, 28 (4): 363-381.

Zellweger, Thomas, Eddleston, Kimberly A., Kellermanns, Franz W. (2010). "Exploring the concept of familiness: Introducing family firm identity", *Journal of Family Business Strategy*, 1 (1): 54-63.

Zellweger, Thomas, Sieger, Philipp (2012). "Entrepreneurial orientation in long-lived family firms", *Small Business Economics*, 38 (1): 67-84.

CAPÍTULO 9

CORRELACIÓN ENTRE MASTICACIÓN, APRENDIZAJE Y MEMORIA EN NIÑOS Y PRE ADOLESCENTES

Data de submissão: 06/03/2022

Data de aceite: 25/03/2022

Karen Vanesa Rhys¹

Magister en Formador de Formadores
Facultad de Ciencias de la Salud
Universidad Adventista del Plata
Argentina

María Eugenia Méndez Bovio

Odontóloga
Facultad de Ciencias de la Salud
Universidad Adventista del Plata
Argentina

RESUMEN: La alimentación con dietas blandas y la masticación alterada, o la ausencia de la misma se asocia con modificaciones en las principales funciones cognitivas como déficits de aprendizaje y memoria. Objetivo: conocer si existe relación de influencia entre la masticación, atención, memoria y aprendizaje en niños y pre adolescentes escolarizados. Materiales y métodos: se diseñaron y utilizaron dos cuestionarios - Cuestionarios Masticación, Aprendizaje, Atención y Memoria (MAAM) para niños y pre adolescentes. Constan de dos dimensiones: Atención y Masticación. Construidos con preguntas dicotómicas de fácil resolución. Se validó el Cuestionario

¹ No existe conflicto de intereses de ningún autor.

Masticación, Aprendizaje, Atención y Memoria (MAAM) para pre adolescentes. La muestra fue de 131 personas. Resultados: se obtuvieron datos llamativos y deficientes en cuanto al análisis de las funciones cognitivas, coincidentes con una tipología de alimentación a base de comidas con texturas procesadas y picadas. Se destaca un 57,5% que prefieren comer alimentos con texturas blandas, un 69,9% de consistencia procesada y un 74,0% comían alimentos de consistencia blanda cuando eran pequeños. El 69,9% presentan dificultades para recordar objetos y el 75,3% para concentrarse. Se encontró que hay correlación entre las variables del estudio. Conclusiones: al ver que la masticación tiene influencia sobre las funciones cognitivas, se considera imprescindible avanzar en este eje de investigación para mejorar la salud integral de los pacientes y de la sociedad.

PALABRAS CLAVES: Masticación. Funciones cognitivas. Dieta blanda. Desarrollo cognitivo y cuestionario.

CORRELAÇÃO ENTRE MASTIGAR, APRENDER E MEMÓRIA EM CRIANÇAS E PRÉ-ADOLESCENTES

RESUMO: A alimentação com dietas brandas e a mastigação alterado, ou a ausência dela, está associada a alterações nas principais funções cognitivas, como déficits de aprendizado e memória. Objetivo: conhecer se existe uma relação de influência entre

mastigação, atenção, memória e aprendizagem em crianças e pré-adolescentes educado. Materiais e métodos: foram elaborados e utilizados dois questionários - Questionários de Mastigação, Aprendizagem, Atenção e Memória (MAAM) para crianças e pré-adolescentes. Eles consistem em duas dimensões: Atenção e Mastigação. Construído com perguntas dicotômicas fáceis de resolver. O Questionário de Mastigação, Aprendizagem, Atenção e Memória (MAAM) para pré-adolescentes foi validado. A amostra foi de 131 pessoas. Resultados: obtiveram-se dados marcantes e deficientes quanto à análise das funções cognitivas, coincidindo com uma tipologia de alimentos baseada em alimentos com texturas processadas e picadas. Destaca-se 57,5% que preferem comer alimentos de textura macia, 69,9% de consistência processada e 74,0% comiam alimentos de consistência mole quando pequenos. 69,9% têm dificuldade em lembrar objetos e 75,3% em se concentrar. Constatou-se que existe correlação entre as variáveis do estudo. Conclusões: visto que a mastigação tem influência nas funções cognitivas, considera-se essencial avançar nessa área de pesquisa para melhorar a saúde integral dos pacientes e da sociedade.

PALAVRAS-CHAVES: Mastigação. Funções cognitivas. Dieta branda. Desenvolvimento cognitivo e questionário.

1 INTRODUCCIÓN

Para Okeson (2008), la masticación es la actividad neuromuscular coordinada, automática y aprendida del sistema estomatognático, importante para el crecimiento craneofacial y la correcta ejecución de las demás funciones estomatognáticas. Según Torres-Arango (2015), participa principalmente en la ingesta de alimentos y la digestión de nutrientes, siendo un proceso integral por el cual las piezas dentarias trituran y muelen los alimentos, logrando así fácil deglución. Además, Kubo (2010), muestra que la función masticatoria es importante para mantener y promover la salud en general, ayudando a preservar correctamente las funciones físicas y sistémicas, psicológicas y cognitivas del ser humano. Existe literatura, por ejemplo, Ono (2010), que asegura que la masticación ayuda a mantener las funciones cognitivas del hipocampo, región del sistema nervioso central necesaria para el buen desempeño del aprendizaje y la memoria espacial y a largo plazo.

La Organización Mundial de la Salud (OMS) (2001), definió la alimentación complementaria como todo aquel alimento sea líquido o sólido diferente a la leche materna, que se incorpora e introduce en la dieta del niño. Para Cuadros-Mendoza (2017) uno de los objetivos que se logran cumplir incorporando la alimentación complementaria es promover el adecuado crecimiento y desarrollo neurocognitivo.

Northstone (2001), dice que la consistencia más apropiada de la comida del niño pequeño depende de la edad y el desarrollo neuromuscular.

Aguirre-Siancas (2014) habla de que las funciones cognitivas, como funciones mentales intelectuales relacionadas con el procesamiento de la información. Para Azuma (2017), la memoria y el aprendizaje se entienden como procesos continuos, considerándose al aprendizaje como la función cognitiva mediante la cual adquirimos conocimiento y practicidad; y la memoria como el proceso por el cual el conocimiento adquirido por el aprendizaje es almacenado y codificado. Carulla (2010) piensa que la memoria a corto plazo es la que opera estrechamente con las funciones ejecutivas, mientras que la memoria de largo plazo almacena información y su duración es ilimitada, que se divide en declarativa y explícita; o no declarativa o implícita.

Para Chen (2015) fisiológicamente, la información sensitiva de los tejidos asociados a la masticación y del sistema estomatognático se transmiten a varias regiones del sistema nervioso central a través de los núcleos del nervio trigémino, lo que resulta en una influencia significativa en la función del hipocampo y un feedback sensorial que es importante para el desarrollo masticatorio. Fukushima-Nakayama (2017) asegura que la estimulación masticatoria que llega al núcleo mesencefálico del trigémino activa diferentes vías que se proyectan hacia ciertas estructuras del sistema nervioso central, las cuales se relacionan con funciones superiores como el aprendizaje consciente, la atención y la memoria. Mizraii (2005) dice que el hipocampo es una estructura del cerebro que es particularmente susceptible a estructuras y cambios funcionales por la dieta. La masticación se regula en el Centro Masticatorio automático, también llamado Generador Central de Patrones Masticatorios (CM-GCP).

Es imponderable la importancia que exhibe el desarrollo cognitivo de poblaciones infantil y pre adolescente, los estados de memoria, atención y aprendizaje, como también el desarrollo de la función masticatoria. Casi no existen estudios en Latinoamérica por lo que se utilizó el Cuestionario: Masticación-Atención, Aprendizaje y Memoria (MAMM) para Pre Adolescentes, validado por Rhys y Méndez (2021) y el Cuestionario MaMM para niños.

2 OBJETIVO

Conocer si hay influencia de la masticación en las principales funciones cognitivas como atención, memoria y aprendizaje.

3 MATERIALES Y MÉTODOS

Se realizó un estudio con enfoque cuantitativo, observacional, descriptivo, de corte transversal, no experimental y con muestreo no probabilístico. La población de

estudio fueron 131 personas. Niños de entre 3 años con dentición primaria completa a 10 años escolarizados, y pre adolescentes de entre 11 a 13 años que asistieron a escuelas primarias en localidades de la provincia de Entre Ríos.

Para evaluar la posible influencia de la masticación en las funciones cognitivas de niños y pre adolescentes se brindó un cuestionario directo, anónimo y voluntario, Cuestionarios MAMM, para Pre Adolescentes y Niños. Las preguntas a los participantes y sus responsables las realizó un único operador, de manera personal. Desarrollado para analizar las preferencias y prioridades de la tipología de los alimentos consumidos y elaborados por los participantes del estudio o allegados y evaluar el desarrollo cognitivo de los mismos. El mismo cuenta con dos dimensiones, una evalúa las funciones cognitivas como la atención, memoria y el aprendizaje, y la otra dimensión la masticación. Las preguntas son de respuestas dicotómicas, Sí y No. El tiempo de la toma lleva aproximadamente unos 15 minutos para completarlo.

Cuestionario: Masticación- Aprendizaje, Atención y Memoria (MAAM) para Niños

Este es un cuestionario voluntario y anónimo, lo que deberá completar fehacientemente. Si en algún momento desea no responderlo, (antes o durante), podrá hacerlo sin consecuencias ni registros.

Lea atentamente cada una de las preguntas y marque con un círculo la opción que mejor encuentre como respuesta.

Sexo del menor:	Edad del menor:		
País:	Provincia:	Año/Grado al que asiste el menor:	
Sexo del responsable:	Edad del representante:		
1.	¿Está usted pendiente de lo que come su hijo/a?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
2.	¿Es usted responsable en decidir la consistencia de la comida que come su hijo/a?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
3.	¿Prioriza alimentos de consistencia y textura blanda (flan/yogur firme/soufflé) y textura procesada (puré/sopa)?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
4.	¿Prioriza alimentos de textura sólida y picado fino (arroz/compota/carne picada/verduras picadas)?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
5.	¿Prefiere elaborarle comidas rápidas y sencillas a su hijo/a?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
6.	¿Obliga a su hijo/a que termine el plato de comida?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
7.	¿Está usted pendiente de que su hijo/a mastique y trague correctamente?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
8.	¿Prioriza verduras cocidas (sopas/puré) tanto como a las verduras crudas?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
9.	¿Prioriza frutas cocidas (compotas/frutas enlatadas al natural) tanto como a las frutas crudas?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
10.	¿Suele cocinar con alimentos que tengan semillas/frutos secos?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
11.	¿Suele cocinar con alimentos que tengan vitamina A (batata/morrón/zanahoria/mango)?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
12.	¿Si su hijo/a no tiene hambre, trata de hacer que coma de cualquier manera?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
13.	¿Si usted no guiara o regulara la alimentación de su hijo/a, él/ella comería mucho menos?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
14.	¿Se toma el tiempo necesario para elaborar comidas caseras y nutritivas?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
15.	¿Si su hijo/a es pequeño/a, prioriza la comida hecha papilla/puré?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
16.	¿Su hijo sigue comiendo comida hecha papilla o en la multiprocesadora?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
17.	¿Le inculco a su hijo/a masticar la comida con tranquilidad y a conciencia?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
18.	¿Su hijo/a toma todas las comidas en su casa?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No
19.	¿Su hijo/a come en horarios que usted no lo ve?	<input type="radio"/> Sí	<input type="radio"/> No

Cuestionario: Masticación- Atención, Aprendizaje y Memoria (MAAM) para Pre adolescentes

Este es un cuestionario voluntario y anónimo, lo que deberá completar fehacientemente. Si en algún momento desea no responderlo, (antes o durante), podrá hacerlo sin consecuencias ni registros.

Lea atentamente cada una de las preguntas y marque con un círculo la opción que mejor encuentre como respuesta.

Sexo: _____ Edad: _____
País: _____ Provincia: _____
Año/Grado: _____

ATENCIÓN y APRENDIZAJE

1.	¿Tu mamá/papá/familiar te hace recordar muchas cosas que te olvidas?	Sí	No
2.	¿Te cuesta concentrarte a veces?	Sí	No
3.	¿Olvidas llevar objetos contigo que necesitas, o los dejas y luego tienes que volver a buscarlos?	Sí	No
4.	¿Empiezas a leer algo sin darte cuenta de que ya lo habías leído antes?	Sí	No
5.	¿La mayoría de tus notas están entre 7 y 8?	Sí	No
6.	¿Asististe o asistís a maestra particular o apoyo escolar?	Sí	No
7.	¿Asistís o asististe a un especialista y/o psicopedagogo?	Sí	No
8.	¿Te es dificultoso leer un párrafo largo entero de un libro/revista?	Sí	No
9.	¿Alguna vez te llevaste materias a diciembre?	Sí	No
10.	¿Alguna vez te llevaste materias a marzo?	Sí	No

MASTICACIÓN

11.	¿En tu casa priorizan verduras cocidas tanto como a las verduras crudas?	Sí	No
12.	¿Te gusta consumir alimentos que tengan vitamina A (batata/morrón/ zanahoria/mango)?	Sí	No
13.	¿Recuerdas hasta que edad tomaste mamadera?	Sí	No
14.	¿Al momento de comer, te tomas el tiempo necesario y masticas toda la comida?	Sí	No
15.	¿Desayunas en tu casa?	Sí	No
16.	¿Almuerzas en tu casa?	Sí	No
17.	¿Meriendas en tu casa?	Sí	No
18.	¿En tu casa priorizan alimentos de textura blanda (flan/gelatina/soufflé) o textura procesada (puré/sopa)?	Sí	No
19.	¿En tu casa priorizaron cuando eras pequeño alimentos de textura blanda o procesada?	Sí	No
20.	¿Te gustan más los alimentos de textura sólida y picado fino (arroz/compota/carne picada/verduras picadas) que los alimentos de consistencia sólida (queso duro/tostadas/carne)?	Sí	No
21.	¿En tu casa priorizaron cuando eras pequeño alimentos con texturas sólidas pero cortados y picados finos?	Sí	No
22.	¿Te gusta consumir alimentos que tengan semillas/frutos secos?	Sí	No
23.	¿En tu casa elaboran alimentos que tengan vitamina A?	Sí	No
24.	¿Suelen comprar comida hecha y por despacho desde los negocios?	Sí	No

Se aplicó la Prueba t de diferencias de medias para muestras independientes, a partir de la cual se compararon las respuestas dadas por los sujetos, con el fin de conocer si cada uno de los ítems discriminaba entre las puntuaciones ubicadas en los cuartiles superior e inferior respectivamente. Para confirmar la consistencia interna del cuestionario se realizó el alfa de Crombach con un resultado de 0,71, muy bueno.

Para estudiar la multidimensionalidad del cuestionario se exploró la estructura factorial usando el método de análisis de componentes principales, rotación oblimin y rotación varimax. El valor de Kaiser-Meyer-Olkin (0,703) y la prueba de esfericidad de Bartlett fue estadísticamente significativa ($p=0,000$); Se realizó también la prueba de sedimentación de Cattell que representa gráficamente la magnitud de los auto valores. Se explicó el 45,77% de la varianza total. Se analizaron estadísticamente los datos y respuestas obtenidas utilizando el programa estadístico PSPP 1.4.0 (2020). En base a los objetivos del estudio primeramente se realizó un análisis estadístico descriptivo para reportar las características sociodemográficas de la muestra. Para estudiar la posible influencia entre las variables se efectuó pruebas de Chi cuadrado y Prueba ANOVA. En todos los análisis y pruebas se consideraron estadísticamente significativas para $p<0,05$. Si bien el instrumento final evaluado y validado presenta 24 preguntas, se dejaron 7 del cuestionario inicial que se consideran de relevancia odontológica, aunque no estadística.

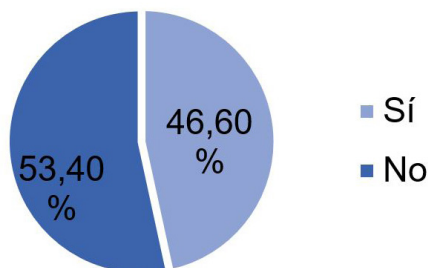
El presente trabajo fue aprobado por el Comité de Ética de la Universidad Adventista del Plata el día 21 de septiembre de 2021, con número de resolución 16/21.

4 RESULTADOS

La muestra seleccionada estuvo conformada por 58 sujetos entrevistados, quienes eran los responsables de menores, los cuales 55 pertenecen al sexo femenino correspondiendo al 94,8% y 3 que pertenecen al sexo masculino que corresponde al 5,2% del total de la muestra. Las edades de los responsables oscilan entre 23 y 55 años siendo la edad promedio 5,28 con una desviación estándar de 7,16. Las edades de los sujetos menores oscilan entre 3 y 10 años siendo la edad promedio 6,78 con una desviación estándar de 2,26, la edad más representada fue 9 años. El nivel escolar al cual asisten los sujetos menores oscila entre sala de 3 a quinto grado. En cuanto a la distribución por cursos, el 15,5% lo hace en sala de 3, el 8,6% en sala de 4, el 5,1% en sala de 5, el 10,3% en primer grado, el 18,9% en segundo grado, el 27,5% en tercer grado, el 8,6% en cuarto grado y el 3,4% en quinto grado.

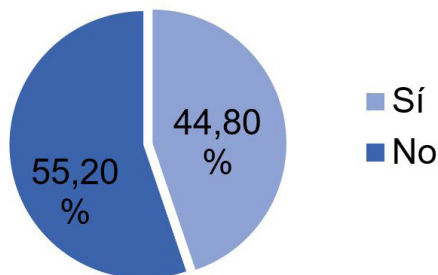
Pregunta 3. Cuando se pide a los encuestados que respondan si priorizan en la alimentación de sus hijos a los alimentos de consistencia y textura blanda y textura procesada el 46,6% responden afirmativamente y el 53,4% negativamente (ver Gráfico 1).

Gráfico 1. Porcentajes sobre la priorización alimentaria.



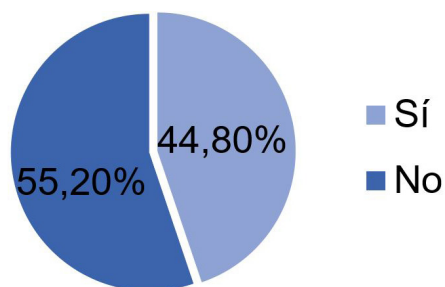
Pregunta 5. El 55,2% expresan que no prefieren elaborarles comidas rápidas y sencillas a sus hijos, mientras que el 44,8% afirman que sí (ver Gráfico 2).

Gráfico 2. Porcentajes sobre la preferencia de comidas rápidas y sencillas.



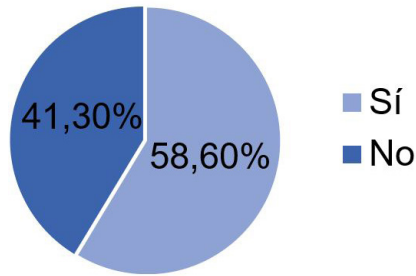
Pregunta 6. El 55,2% expresan que no obligan a sus hijos a terminar el plato de comida, mientras que el 44,8% afirman que sí (Gráfico 3).

Gráfico 3. Porcentajes sobre la obligación de terminar el plato de comida.



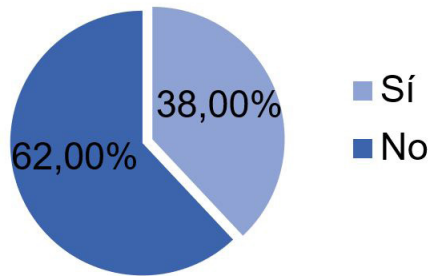
Pregunta 9. A la pregunta de si los encuestados suelen priorizar frutas crudas como cocidas, el 58,6% de ellos afirman cocinar con ambas texturas, y el 41,3% aseveran no hacerlo (Gráfico 4).

Gráfico 4. Porcentajes sobre la priorización alimentaria de frutas crudas y cocidas.



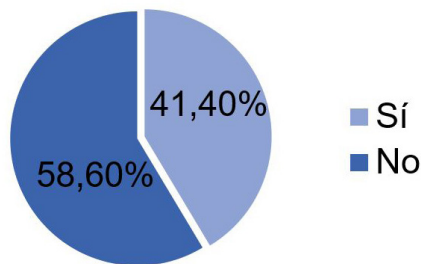
Pregunta 12. Los encuestados, de manera no tan predominante, con el 62,0% afirman que no ayudan a su hijo/a para que coman aun cuando no tienen hambre, mientras que el 38,0% afirman que sí lo hacen (Gráfico 5).

Gráfico 5. Porcentajes sobre la incentivación de comer.



Pregunta 15. El 58,6% de los sujetos encuestados responden que no priorizan la comida hecha papilla o puré si su hijo/a es pequeño, el 41,4% afirman que sí (Gráfico 6).

Gráfico 6. Porcentajes sobre la priorización de comida hecha puré en hijos menores.



A continuación, se exponen los resultados obtenidos del análisis de los datos recabados a través de la administración del cuestionario MAAM para pre adolescentes.

La muestra socio demográficamente estuvo conformada por 73 sujetos menores, los cuales 40 pertenecen al sexo femenino el cual corresponde al 54,8% y 33

pertencientes al sexo masculino que corresponde al 45,2% del total de la muestra. Las edades de los sujetos oscilan entre 10 a 13 años siendo la edad promedio 11,26 con una desviación estándar de 0,95, la edad más representada fue 11 años. El nivel escolar al cual asisten los sujetos oscila entre 5° y 6° grado.

Tabla 1. Análisis descriptivo del Cuestionario MAAM para Pre adolescentes.

Pregunta	Resp.	Total		10 años		11 años		12 años		13 años	
		N	%	n	%	n	%	N	%	n	%
1. "¿Tu mamá/papá/familiar te hace recordar muchas cosas que te olvidas?"	Si	61	83,6	15	20,5	25	34,2	12	16,4	9	12,3
	No	12	16,4	1	1,3	7	9,6	3	4,1	1	1,3
2. ¿Te cuesta concentrarte a veces?"	Si	55	75,3	12	16,4	25	34,2	10	13,7	8	10,9
	No	18	24,7	4	5,4	7	9,6	5	6,8	2	2,7
3. "¿Olvidas llevar objetos contigo que necesitas, o los dejas y luego tienes que volver a buscarlos?"	Si	51	69,9	13	17,8	23	31,5	7	9,6	8	10,9
	No	22	30,1	3	4,1	9	12,3	8	10,9	2	2,7
4. "¿Empiezas a leer algo sin darte cuenta de que ya lo habías leído antes?"	Si	45	61,6	12	16,4	20	27,3	7	9,6	6	8,2
	No	28	38,4	4	5,4	12	16,4	8	10,9	4	5,4
5. "¿La mayoría de tus notas están entre 7 y 8?"	Si	52	71,2	12	16,4	22	30,1	10	13,7	8	10,9
	No	21	28,8	4	5,4	10	13,7	5	6,8	2	2,7
11. "¿En tu casa priorizan verduras cocidas tanto como a las verduras crudas?"	Si	33	54,8	8	10,9	13	17,8	7	9,6	5	6,8
	No	40	45,2	8	10,9	19	26	8	10,9	5	6,8
18. "¿En tu casa priorizan alimentos de textura blanda (flan/gelatina/soufflé) o textura procesada (puré/sopa)?"	Si	42	57,5	12	16,4	18	24,6	4	5,4	8	10,9
	No	31	22,5	4	5,4	4	5,4	11	15	2	2,7
19. "¿En tu casa priorizaron cuando eras pequeño alimentos de textura blanda o procesada?"	Si	54	74,0	13	17,8	23	31,5	10	13,7	8	10,9
	No	19	26,0	3	4,1	9	12,3	5	6,8	2	2,7
20. "¿Te gustan más los alimentos de textura sólida y picado fino (arroz/compota/carne picada/verduras picadas) que los alimentos de consistencia sólida (queso duro/tostadas/carne)?"	Si	51	69,9	15	20,5	20	27,3	8	10,9	8	10,9
	No	22	30,1	1	1,3	12	16,4	7	9,5	2	2,7
21. "¿En tu casa priorizaron cuando eras pequeño alimentos con texturas sólidas pero cortados y picados finos?"	Si	60	82,2	13	17,8	26	35,6	12	16,4	9	12,3
	No	13	17,8	3	4,1	6	8,2	3	4,1	1	1,3
24. "¿Suelen comprar comida hecha y por delivery?"	Si	45	61,6	13	17,8	16	21,9	9	12,3	7	9,5
	No	28	38,4	2	2,7	16	21,9	6	8,2	3	4,1

En referencia a las preguntas, se estableció que a la pregunta 1 de manera destacada el 83,6% de los sujetos encuestados afirman que necesitan alguien que les recuerde algunas cosas, siendo el grupo principal los pre adolescentes de 11 años con un 34,2% (n= 25), siguiéndole los de 10 años con un 20,5% (n= 15), 12 años con un 16,4% (n= 12) y por último los de 13 años con el restante 12,3% (n= 9). En la pregunta 2 el 75,3% de los participantes afirman que a veces les cuesta concentrarse, y el 24,7% aseveran que no. Observando la relación que tienen las edades respecto a la pregunta 3 se observó que el 69,9% de los sujetos confirman que sí se olvidan, mientras que el 30,1% no lo hacen y los pre adolescentes con 11 años (31,5%, n= 23) y 10 años (17,8%, n= 13) son los que más olvidan objetos. Para la pregunta 4 el 61,6% de los encuestados afirman que sí, y el 38,4% afirman lo contrario, siendo también los pre adolescentes de 11 años (27,3%, n= 20) los que más afirman positivamente. En la pregunta 5 notamos que el 71,2% sus notas están entre 7 y 8 mientras que para el 28,8% no lo están. Cuando analizamos la pregunta 11 vemos que para las cuatro edades de pre adolescentes encuestados no hay diferencia sustancial entre sus respuestas afirmativas, sin tanta diferencia un total de 54,8% de pre adolescentes afirmaron que sí y un 45,2% que no, siendo igual cantidad entre los de 10 y 12 años (10,9%, n= 8). Respecto a la pregunta 18 el 57,5% de los encuestados aseveran que en su casa se prioriza alimentos con textura blanda o procesada, mientras que el 42,5% refieren que no, siendo la edad de 11 años (24,6%, n= 18) la que más afirmaciones tiene. En la pregunta 19 observamos que el grupo de 10 años (17,8%, n= 13) y 11 años (31,5%, n= 23) son los que más aseveran que en su casa priorizaban alimentos de textura blanda cuando eran pequeños; en el total un 74,0% afirmó que sí y un 26,0% que no en dicha pregunta. Observando las respuestas de la pregunta 20 notamos que el 69,9% tienen preferencia por alimentos de textura sólida y picado fino, mientras que el 30,1% no la tienen. En la pregunta 21 podemos ver que el 82,2% de los encuestados recuerdan y afirman que sí, en tanto el 17,8% recuerdan que no. Por último, en pregunta 24 un 61,6% afirman comer comida ya hecha y preparada, y un 38,4% no. (Tabla 1).

Se encontró que del total de pre adolescentes estudiados, el 57,5% (n= 42) suelen comer alimentos con textura blanda o textura procesada en su casa, también el 69,9% (n= 51) prefiere alimentos picados (textura procesada o picado fino), y en cuanto al contexto familiar se observa que el 74,0% (n= 54) comían cuando eran pequeños alimentos de textura blanda y de textura procesada también (82,2%, n= 60). Éstos mismos sujetos son los que declaran tener dificultades para concentrarse (75,3%, n= 55), para recordar objetos o cosas importantes (69,9%, n= 51) y afirman tener alteraciones en cuanto a la atención (Tabla 1).

Las respuestas afirmativas no son necesariamente positivas, ya que para nuestro instrumento la afirmación se concibe como lo contrario a la normalidad. Para observar si existe asociación entre las respuestas de los pre adolescentes en ambas dimensiones del cuestionario con sus respectivas edades y grado de escolaridad, se aplicó la prueba Chi-cuadrado de Pearson. No se evidencia asociación estadísticamente significativa entre el total de respuestas obtenidas en el cuestionario y la edad y sexo (Tabla 2).

Tabla 2. Porcentaje y análisis de respuestas afirmativas según escolaridad y sexo.

		Cuestionario - Cantidad de respuestas positivas							
		Baja		Media		Alta		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
Grado	5to	1	1,4	19	26,0	13	17,9	33	45,2
	6to	1	1,4	24	32,9	15	20,5	40	54,8
	Total	2	2,7	43	59,0	28	38,3	73	100,0
Chi cuadrado $p=0,974$									
Sexo	Masculino	1	1,4	20	27,4	12	16,4	33	45,2
	Femenino	1	1,4	23	31,5	16	22,0	40	54,8
	Total	2	2,7	43	59,0	28	38,3	73	100,0
Chi cuadrado $p=0,946$									

El grado de escolaridad y la edad de los preadolescentes, con un n de 58 sujetos que respondieron entre 3 a 6 respuestas afirmativas y un n de 15 sujetos que respondieron entre 7 a 10 respuestas afirmativas, expuso una relación estadísticamente significativa (Tabla 3).

Tabla 3. Porcentaje y análisis de respuestas afirmativas según escolaridad y sexo.

		Dimensión Atención – Cantidad de respuestas positivas							
		Baja		Media		Alta		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
Grado	8	-	-	31	42,4	2	2,7	33	45,2
	9	-	-	27	37,0	13	17,9	40	54,8
	Total	-	-	58	79,4	15	20,5	73	100,0
Chi cuadrado $p=0,005$									
Sexo	Masculino	-	-	21	28,8	12	16,4	33	45,2
	Femenino	-	-	37	50,7	3	4,1	40	54,8
	Total	-	-	58	79,4	15	20,5	73	100,0
Chi cuadrado $p=0,002$									

El grado de escolaridad y la edad de los preadolescentes, con un n de 18 sujetos que respondieron entre 5 a 9 respuestas afirmativas y un n de 53 sujetos que respondieron entre 10 a 14 respuestas afirmativas, expuso una relación estadísticamente significativa (Tabla 4).

Tabla 4. Porcentaje y análisis de respuestas afirmativas según escolaridad y sexo.

		Dimensión Masticación - Cantidad de respuestas positivas							
		Baja		Media		Alta		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%
Grado	8	1	1,4	8	10,9	24	32,9	33	45,2
	9	1	1,4	10	13,7	29	39,7	40	54,8
	Total	2	2,6	18	24,6	53	72,6	73	100,0
Chi cuadrado $p=0,044$									
Sexo	Masculino	1	1,4	8	10,9	24	32,9	33	45,2
	Femenino	1	1,4	10	13,7	29	39,7	40	54,8
	Total	2	2,6	18	24,6	53	72,6	73	100,0
Chi cuadrado $p=0,003$									

Las variables son la masticación y las funciones cognitivas pero la edad de los menores fue una variable que atravesó a las dos anteriores. La tabla 5 filtra estas interrelaciones. El análisis de varianza examinó las diferencias en las medias y se puede decir que el Anova mostró que no existen diferencias estadísticamente significativas entre los grupos (Tabla 5).

Tabla 5.

Total Cuestionario	N	Edad del menor			
		Media	Desv. Estándar	Mínimo	Máximo
Baja	2	11,00	,000	11	11
Media	43	11,26	,902	10	13
Alta	28	11,29	1,084	10	13
Total	73	11,26	,958	10	13

$p= 0,921$

Para confirmar la existencia de asociación entre las dos dimensiones del cuestionario, se realizó la prueba estadística Chi-cuadrado en ciertas preguntas, arrojando la mayoría de ellas un resultado significativo. Se evidencia que al 21,91% ($n= 16$) les cuesta concentrarse a veces y son los que más suelen comprar comida hecha y por delivery con el 53,42% ($n= 39$). Se encontró asociación estadísticamente descriptiva ($p=0,004$). También podemos notar que el 15,06% ($n= 11$) empiezan a leer algo sin darse cuenta de que ya lo habían leído antes y son también los que más suelen comprar comida hecha y por delivery con el 46,53% ($n= 34$) Se encontró asociación estadísticamente descriptiva ($p=0,02$) (Tabla 6).

Tabla 6. Porcentaje y análisis de preguntas 2 y 4 en relación a pregunta 24.

		Pregunta 24. "¿Suelen comprar comida hecha y por delivery?"		
		No	Sí	Total
Pregunta 2. "¿Te cuesta concentrarte a veces?"	No	12	6	18
	Sí	16	39	55
	Total	28	45	73
Chi cuadrado $p=0,004$				
		Pregunta 24. "¿Suelen comprar comida hecha y por delivery?"		
		No	Sí	Total
Pregunta 4. "¿Empiezas a leer algo sin darte cuenta de que ya lo habías leído antes?"	No	17	11	28
	Sí	11	34	45
	Total	28	45	73
Chi cuadrado $p=0,002$				

Se encuentra relación entre el 20,54% de sujetos ($n= 15$) afirmando que su mamá/papá/familiar le hacen recordar cosas que se olvidan con los pre adolescentes que afirman su preferencia por alimentos de textura sólida y picado fino con un 61,64% ($n= 45$). Se encontró relación estadísticamente significativa (Tabla 7).

Tabla 7. Porcentaje y análisis de pregunta 1 en relación a pregunta 20.

		Pregunta 20. "¿Te gustan más los alimentos de textura sólida y picado fino (arroz/compota/carne picada/verduras picadas) que los alimentos de consistencia sólida (queso duro/tostadas/carne)?"		
		No	Sí	Total
Pregunta 1. "¿Tu mamá/papá/familiar te hace recordar muchas cosas que te olvidas?"	No	7	5	12
	Sí	15	45	61
	Total	22	51	73
Chi cuadrado $p=0,020$				

5 DISCUSIÓN

Actualmente, no se halló bibliografía vinculada a la población específica de este estudio que pruebe la influencia a la que este trabajo demostró. La evidencia más concreta disponible es con animales de experimentación o en adultos posiblemente porque el control sobre las variables que afectan tanto las funciones cognitivas como la de la masticación es dinámico y complejo.

Se coincide con el trabajo de Fukushima-Nakayama (2010) realizados en animales utilizando pruebas de aprendizaje, quienes afirman que a largo plazo la alimentación a base de dietas blandas da como resultado deficiencias en el aprendizaje y la memoria, consecuente con lo que se expone en el presente trabajo donde la mayoría de los pre adolescentes que mostraron dificultades en la concentración y atención, masticaban alimentos de texturas blandas. La disfunción podría acelerar el envejecimiento del hipocampo.

Este trabajo supone junto con el de Yoshiyuki (2008) que es de suma importancia el estudiar y conocer cómo el masticar produce una mejora en el rendimiento cognitivo. Baker (2004) concluye que el simple hecho de masticar chicle mejora el rendimiento de la memoria, la atención y el lenguaje. Dicha afirmación asiente con el ideal de comenzar desde la niñez a masticar.

Torres-Arango (2015) muestra que el 59,0% de su población (responsables de menores) persisten en brindar dietas de fácil masticación, similar a este trabajo, donde el 46,6% de los adultos encuestados respondieron que priorizan dietas blandas para los menores. Ellos demuestran que un 58,5% de los adultos manifiestan que es más fácil, cómodo y rápido dar alimentos blandos a los niños. Este trabajo lo abala con un 44,8% de los representantes que prefieren elaborar comidas rápidas y sencillas un 61,6% de los pre adolescentes tienen mayor inclinación por las comidas ya hechas y preparadas.

6 CONCLUSIONES

El presente trabajo demostró la importancia de la masticación y de las funciones cognitivas, a la vez que estableció la influencia positiva y significativa entre estos dos tópicos. Es imperiosa la necesidad de avanzar y profundizar en estos temas si se pretende una sociedad más sana, justa y equitativa.

El sistema estomatognático brinda múltiples funciones, entre las principales se encuentra la masticación. Morder no es masticar, por lo que la interdisciplinariedad entre diversas profesiones de la salud como la Nutrición, Fonoaudiología, Neurología, la Odontología, entre otras, es la génesis de un tratamiento exitoso.

Los pacientes son seres holísticos que precisan de respuestas integrales, este trabajo brinda una herramienta útil para analizar y limitar posibles alteraciones en las capacidades de las personas.

BIBLIOGRAFÍA

Aguirre-Siancas EE. (2014). La memoria y el aprendizaje y su relación con la masticación. *Rev Mex Neuroci.* 15(6): 351-354.

Azuma K, Zhou Q, Niwa M, Kubo KY. (2017). Association between mastication, the Hippocampus, and the HPA Axis: A Comprehensive Review. *Int. J Mol Sci.* 18(8): 1687.

- Baker JR, Bezance JB, Zellaby E, Aggleton JP. (2004) Chewing gum can produce context-dependent effects upon memory. *Appetite*. 43: 207-210.
- Carulla LS, Aguilera F. (2010). El uso del término "cognitivo" en la terminología de salud. Una controversia latente. *Rev Psiquiatr Salud Ment Barc*. 3(4): 137-144.
- Chen H, Iinuma M, Onozuka M, Kubo KY. (2015) Masticar mantiene la función cognitiva dependiente del hipocampo. *Int J Med Sci*. 12 (6): 502-509.
- Cuadros-Mendoza CA, Vichido-Luna MA, Montijo-Barrios E, Zárate-Mondragón F, Cadena- León JF, Cervantes-Bustamante R, Toro-Monjárez e, Ramírez-Mayans JA. (2017). Actualidades en alimentación complementaria. *Acta Pediatr Mex*. 38(3): 182-201.
- Fukushima-Nakayama Y, Takehito O, Hayashi M, Inoue M, Wake H, Takashi O, Nakashima T. (2017) Reduced Mastication Impairs Memory Function. *J Dent Res*. 96(9): 1058-1066.
- Geurten M, Majerus S, Lejeune C, Catale C. (2018). Cuestionario de memoria (Q-MEM): una nueva medida del funcionamiento de la memoria cotidiana en niños en edad escolar. *Neuropsicología aplicada: Niño*. 7(1): 44-51.
- Kubo KY, Ichihashi Y, Kurata C, Iinuma M, Mori D, Katayama T, Miyake H, Fujiwara S, Tamura Y. (2010). Masticatory function and cognitive function. *Okajimas Folia Anat Jpn*. 87(3): 135-140.
- Mizraji M, Ingver C, Kolenc F. (2005) Neurofisiología de los mecanorreceptores periodontales humanos. *Actas Odontol*. 2(1): 51-58.
- Northstone K, Emmett P, Nethersole F. (2001) The effect of age of introduction to lumpy solids on foods eaten and reported feeding difficulties at 6 and 15 months. *J Hum Nutr Diet*. 14: 43-54.
- Okeson Jeffrey P. (2008). *Oclusión y Afecciones Temporomandibulares*. Ed Elsevier Co. 6ta. Edición.
- Ono Y, Yamamoto T, Kubo K, Onozuka M. (2010). Occlusion and Brain function; mastication as a prevention of cognitive dysfunction. *J Oral Rehabil*. 37: 624-640.
- Rhys K, Méndez Bovio ME. (2021). Validación del cuestionario masticación - atención, aprendizaje y memoria para pre adolescentes (MAAM). *Revista Ocronos*. Vol. IV. N° 12. Pág. 111-120. ISSN 26038358. <https://revistamedica.com/cuestionario-maam>
- Torres-Arango MI. (2015). Persistencia de dieta blanda en niños que asisten a un Servicio de Odontología Pediátrica de Cali. *Rev Areté*. 15(2): 70-77.
- O.M.S. World Health Organization. (2001). Complementary Feeding: Report of the Global Consultation and Summary of Guiding Principles. Geneva, Switzerland: World Health Organization.
- Yoshiyuki H, Takayuki O, Kenichi K, Hiroi N, Atsumichi T, Hiroo I, Minoru O. (2008) Effects of chewing in working memory processing. *Neuroscience Letters*. 436: 189-192.

CAPÍTULO 10

O BEM E O MAL: A DISPUTA PEDAGÓGICA PELA ALMA INDÍGENA NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DAS AMÉRICAS

Data de submissão: 09/02/2022

Data de aceite: 28/02/2022

Leandro Lente de Andrade

Universidade Federal do Norte do Tocantins
Tocantins, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6917189940573959>

RESUMO: A dicotomia entre o Bem e o Mal presente na mentalidade europeia é materializada no encontro entre o Velho Mundo cristão e o Novo Mundo sob domínio das forças malignas. Tais representações e explicações de ordem metafísicas possuem dimensão educacional, em que o Bem é materializado na atuação dos missionários católicos e o Mal na ação do Diabo e seus instrumentos de engano – os caraibas e pajés. É nesse recorte que o trabalho é proposto, tendo como fonte as cartas jesuíticas do século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Exemplo. Jesuítas. Autobiografia. Missão.

GOOD AND EVIL: THE PEDAGOGICAL STRUGGLE FOR THE INDIGENOUS SOUL IN THE BEGINNING OF THE PORTUGUESE COLONIZATION OF THE AMERICAS

ABSTRACT: The dichotomy between Good and Evil present in the European mentality is

materialized in the encounter between the Old Christian World and the New World under the domination of evil forces. Such representations and metaphysical explanations have an educational dimension, in which Good is materialized in the performance of Catholic missionaries and Evil in the action of the Devil and his instruments of deception – the Caribbean and shamans. It is in this cut that the work is proposed, having as source the Jesuit letters of the sixteenth century.

KEYWORDS: Education. Well. Bad. Dispute. Representations.

1 INTRODUÇÃO

A predominância do pensamento cristão na Idade Média na Europa, como foi visto, também incorpora as noções gregas de selvagem e bárbaro. Como é próprio das conciliações produzidas no acordo entre a fé e a razão, a filosofia é moldada para adequar-se à teologia cristã. Nesse sentido, “la teologia, que intentaba atrapar en sus redes los mitos paganos, se inclinaba por suponer influencias satánicas e infernales en el comportamiento de los salvajes” (BARTRA, 1992, p. 102). As interpretações das causas dos comportamentos dos grupos alheios à fé cristã ganhavam um novo elemento oriundo de

um mundo bipolarizado. A dicotomia entre o Bem e o Mal daria contorno as explicações de ordem natural.

A Companhia de Jesus reforçaria a divisão entre os dois poderes em conflito. A espiritualidade inaciana tinha como fundamento, no processo de “gestação” dos companheiros, a escolha entre o estandarte de Cristo ou o estandarte do Maligno nos Exercícios Espirituais.¹ O propósito das missões era, de fato, uma disputa territorial com os demônios, os quais na Europa eram representados pelos protestantes; ao sul, pelos mouros e turcos; e, nas Américas, pelos ameríndios. Não é à toa que os companheiros eram conhecidos como soldados de Cristo, diante de seu treino, sua disciplina militar e atuação na linha de frente do “campo de batalha”. Se na Europa os jesuítas participavam da guerra espiritual contra os protestantes e as várias facetas do império do diabólico, “no Brasil, o trabalho de conversão era a priori concebido como uma guerra santa contra o demônio” (GAMBINI, 1988, p. 159).

2 DESENVOLVIMENTO

Como o trabalho trata de algo que ocorreu no passado, toda a metodologia é histórica, cuja forma de utilização dos resultados é básica, por suas contribuições na compreensão e avanço do conhecimento científico não visarem aplicação prática. No que tange o nível de interpretação a ser realizado, a pesquisa pode ser classificada como qualitativa, com objetivos tanto descritivos quanto explicativos. Tomo com princípio metodológico de que o conteúdo analisado deva “ser obtido a partir da realidade concreta, com dados fornecidos por personagens que viveram naquele ambiente” (CASIMIRO, 2006, p. 9). Portanto, obviamente, as fontes consultadas são, quando não diretas dos sujeitos quinhentistas, dos escritos de autores que estiveram envolvidas no contexto do século XVI. E, ainda, ao recorrer a historiografia, me apropriarei de estudiosos que também tiveram como princípio a sustentação de seus argumentos com base nas fontes documentais primárias.

Parto do pressuposto teórico de que a História deva ser lida e interpretada tendo em vista a produção material do homem. Tal como, pioneiramente, Marx (2004, p. 115 et seq.) inaugurando o que seria chamado por Engels de materialismo histórico e, contemporaneamente, pelo representante da História Cultural francesa, Roger Chartier

¹ Gambini (2000), analisando os Exercícios Espirituais do ponto de vista da psicologia, afirma: “o meditante era incentivado a usar seus sentidos imaginários para visualizar o Inferno com todos os seus detalhes climáticos, temperaturas, sons, odores etc. Psicologicamente, esse exercício corresponderia a uma projeção por meio da função de sensação, isto é, trata-se de um treino da sensação para produzir uma percepção do mundo dogmáticamente prescrita em vez de realista” (p. 123). A frequente inculcação dogmática, moldaria a percepção de mundo do jesuíta com base nessas experiências. As experiências do imaginário reforçariam os dogmas da teologia cristã.

(2002, p. 75-76): deve-se negar a compreensão histórica idealista de Hegel. Não obstante, a História não se resume às relações econômicas. Diante do complexo contexto que o recorte é proposto, cabe uma abordagem cultural, não culturalista (CASTANHO, 2010). A importância do diálogo com outras áreas do conhecimento, tal como a Antropologia, a Literatura, a Psicologia, etc. como ferramentas a serem utilizadas na compreensão da realidade objetiva, por meio da leitura crítica das fontes. Assim sendo, sigo a interpretação dos documentos levando em consideração aquilo que João Adolfo Hansen (1995) chamou de fundamentos retóricos “teológico-políticos”.

No que diz respeito ao encadeamento das discussões toma-se a liberdade de transitar entre o singular e o todo, entre os conceitos e as teorias, entre os documentos e a historiografia, entre o objeto e o seu entorno, entre o texto e o contexto; pois, “a parte não exclui o todo, nem a totalidade exclui a parte” (CASIMIRO, 2006, p. 10). Entendendo, assim, que a decomposição da ciência não possui uma finalidade em si mesma, mas que faz um retorno útil ao todo (social, econômico etc.), diante da compreensão das relações humanas de escala geográfica menor e um reduzido espaço de tempo (BRAUDEL, 2005).

Imerso nas trevas era a condição do índio. Desde seu corpo, suas vestes e ornamentos, sua casa, seus utensílios, seus instrumentos, sua música, suas festas tudo coberto pela escuridão. Todo conteúdo que contraria o cristianismo é tomado como mentiroso e, obviamente, possui uma figura maligna por trás. “dizen muchas cosas falsas y mentiras que el demônio, su padre, les enseña” (LEITE, 1956, p. 384, grifo meu)². Todo o conhecimento indígena que contrariasse o cristianismo era mentiroso, logo, também seria do Diabo, o pai da mentira (Jo 8:44). Para o jesuíta, o demônio estaria ao redor do cristão, como um leão que ruga, buscando a quem devorar (1 Pe 5:8); já o nativo, certamente, estaria sendo mastigado pelas hostes satânicas.

A dicotomia seria transformada em arte pedagógica no teatro de Anchieta. No Auto da pregação universal, teatro estudado por Paulo Romualdo Hernandez (2008), o Bem e o Mal encontrariam seus personagens e estariam presentes na disputa pelos índios por todo o enredo. O auto “encena o combate dialógico entre as figuras do Mal, os aňanga Guaixará e Aimbirê e seus aliados, contra as do Bem, Karaibebé e seus aliados” (HERNANDES, 2008, p. 32). Semelhantemente,

no Auto representado na festa de São Lourenço, o jesuíta iniciou a encenação com um martírio. Depois da morte do santo, Guaixará, o rei dos diabos, conclamava Aimbirê e Saraiva, seus comparsas para perverter uma aldeia (RAMINELLI, 1996, p. 114).

²Carta dos meninos órfãos escrita pelo Pe. Francisco Pires (Baía) ao Pe. Pero Doménech (Lisboa), em 5 de agosto de 1552.

Diante da encenação, o índio parece ser posto, por Anchieta, como neutro espiritualmente; daí a disputa ferrenha entre os representantes do Bem e do Mal. A inconstância também seria vista como uma oscilação entre as forças opostas. Desconsiderando, portanto, todo traço da cultura indígena e seus diferentes parâmetros interpretativos do mundo, que explicariam suas práticas; o nativo é visualizado ante a um mundo compartimentado, o até mesmo “maniqueísta” no lato sensu, entre o Bem e o Mal cristão.

3 CONCLUSÃO

O distanciamento entre a revelação havia degenerado o índio, a teologia natural não era capaz de produzir bons frutos longe tutela da Igreja. Portanto, a educação cristã era seria vista, por Simão de Vasconcelos, como um resgate do nativo da sua condição degenerada. Na teoria, o fazer educacional jesuíta é profundamente enraizada em suas bases escolásticas. Ao que tudo indica, os padres não sabiam, mas a conversão do índio iria muito além daquilo que a educação jesuíta trabalhou: a mera repetição da doutrina, da aplicação dos sacramentos, da inibição de certos costumes etc. A conversão deveria alterar as categorias de compreensão da realidade que o índio firmemente possuía, incrustada em sua cultura. Converter o índio implicaria em fazê-lo adotar a temporalidade cristã, a relação entre o passado em declínio e a restauração no futuro.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BARTRA, Roger. **El salvaje en el espejo**. Universidade Nacional Autónoma de México Coordinación de Difusión Cultural Ciudad Universitaria, México, D. F.: Ediciones Era, 1992.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. A longa duração. In: **Escritos sobre a história**. Trad. Jacó Guinsburg e Tereza da Mota. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. Mediações entre educação, história e cultura no Brasil colonial. In: **História, cultura e educação**. LOMBARDI, J. C.; et. al. (orgs.). Campinas: Autores Associados, 2006.

CASTANHO, Sérgio. **Teoria da história e história da educação**– por uma história cultural não culturalista. Campinas: Editora Autores Associados, 2010.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. 2ª ed. Algés-PT: DIFEL, 2002.

GAMBINI, Roberto. **Espelho índio**: a formação da alma brasileira. São Paulo: AxisMundi / Terceiro Nome, 2000.

_____. **O espelho índio**: os jesuítas e a destruição da alma indígena. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

HANSEN, João Adolfo. O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil. Nóbrega - 1549 – 1558. In: **Rev. Inst. Est.**, SP, 38:87-119, 1995.

HERNANDES, Paulo Romualdo. **O teatro de José de Anchieta**: arte e pedagogia no Brasil Colonial. Campinas: Editora Alínea, 2008b.

LEITE, Serafim. MONUMENTA BRASILIAE v. I (1538-1553) In: **MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU** volumen. 79. Monumenta Missionum Societatis Iesu vol. X, Missiones Occidentales. Org.: Serafim Leite. Romae: Via dei Penitenzieri, 20, 1956.

LOYOLA, Inácio de. **Exercícios Espirituais**. Tradução: Vital Cordeiro Dias Pereira, S. J. 3. ed. Braga-PT: Livraria Apostolado da Imprensa, 1999.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização**: a representação do índio de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

CAPÍTULO 11

EL REALISMO TRANSCENDENTAL DE LA CERTEZA SENSIBLE. LA COSA EN SÍ Y EL ESTO Y LA SUPOSICIÓN¹

Data de submissão: 10/02/2022

Data de aceite: 15/03/2022

Dr. Leonardo Filippi Tome²
UNSAM- CONICET, Argentina

RESUMEN: El presente trabajo explora la suposición (Meinen) de la Certeza Sensible en relación con el problema de la “cosa en sí” en el contexto de una crítica al realismo transcendental. Para ello realizaremos una breve comparación entre el primer posicionamiento del pensamiento frente a la objetividad (Metafísica) tal y como se expone en los *Vorbegriffe* de la Enciclopedia,

¹ El presente trabajo fue presentado y publicado con el título «*La “cosa en sí” como supuesto de la certeza sensible: una crítica al realismo de la conciencia natural*» en *Lo real: dimensiones teóricas y prácticas: actas de las VII Jornadas Nacionales de Filosofía Moderna*; editado por Romina Pulley; Eduardo Assalone. Mar del Plata: UNMP, 2019. Esta versión se encuentra revisada, resumida y corregida.

² Leonardo Filippi Tome es doctor en filosofía. Realizó sus estudios de grado y postgrado en la Universidad Nacional de San Martín (UNSAM). Argentina. Ha realizado sus estudios de doctorado como becario CONICET-UNSAM. Su tesis lleva por título: “*Génesis y concepto de las figuras de la conciencia*”. Una lectura histórico-sistemática de la primera sección de la “*Fenomenología del espíritu*” de Hegel.” Colabora como investigador en el Laboratorio de Investigación en Ciencias Humanas (LICH). Forma parte de la Sociedad Iberoamericana de Estudios Hegelianos (SEH). lfilippitome@unsam.edu.ar.

y el punto de vista que la conciencia tiene del esto u el objeto en la primera figura de la Fenomenología del espíritu.

PALABRAS CLAVES: Cosa en sí. Conciencia. Sensibilidad. Fenomenología. Idealismo.

THE TRANSCENDENTAL REALISM OF SENSE-CERTAINTY. THE THING IN ITSELF AND THE THIS AND THE SUPPOSITION

ABSTRACT: This paper explores the assumption (Meinen) of Sensible Certainty in relation to the problem of the “thing in itself” in the context of a critique of transcendental realism. For this we will make a brief comparison between First Attitude of Thought to Objectivity (Metaphysics) as it is exposed in the *Vorbegriffe* of the Encyclopedia, and the point of view that consciousness has of this or the object in the first figure of the Phenomenology of the spirit.

KEYWORDS: Thing in itself. Consciousness. Sensitivity. Phenomenology. Idealism.

1 INTRODUCCIÓN

El primer capítulo de la *Fenomenología del espíritu* de Hegel (abr. Phg) arroja la siguiente paradoja: por un lado, esta figura representa una certeza; por el otro, una suposición. De allí el título completo de esta figura: *La certeza sensible o el esto y la suposición* (abr. CS).

Pero esta figura no contiene sólo un supuesto, sino varios. El más notable es el que Hegel menciona de manera explícita. Dicho en muy pocas palabras la cuestión sería más o menos la siguiente: La CS cree que por medio de la intuición sensible se relaciona con determinados objetos, «concretos» y «singulares». Pero como demostrará esta dialéctica en realidad su objeto es lo «abstracto» y lo «universal». El lenguaje mismo, dirá Hegel, da cuenta de esta universalidad refutando así nuestra suposición; cuando digo “esto” no digo ningún objeto en particular, tal y como supongo, sino todo esto en general, es decir, «el esto universal» (*das allgemeine Diese*). Lo mismo sucede con el “Yo”. Cuando digo “este” supongo un yo singular, pero en realidad no digo ningún este en concreto, sino todo yo en general. “Yo”, es una indicación universal que vale lo mismo para cualquier yo que lo enuncie o lo piense.

El tema por tratar en esta ocasión tiene que ver con otro de los supuestos relacionados con la dialéctica del *este* y el *esto* de la CS. Básicamente este supuesto tematiza la concepción realista (metafísica) que la conciencia natural tiene de los objetos sensibles y su fundamento último, vale decir: la idea de que las cosas sensibles son algo en sí mismas, cuya “realidad” (*Wirklichkeit*) es absolutamente independiente de la conciencia que la concibe. Dicha concepción, por lo tanto, lleva implícita de alguna manera la idea de “cosa en sí” (*Ding an sich*).

Como es sabido, la noción de “cosa en sí” se encuentra en referencia a la filosofía crítica. Partiendo de la distinción entre fenómeno y noúmeno, Kant, se sirvió de este concepto como un elemento clave para la distinción entre el *idealismo* y el *realismo transcendental*. La filosofía crítica sólo concede realidad efectiva (*Wirklichkeit*) a los fenómenos determinados en la idealidad transcendental del espacio y el tiempo que, como tales, no pueden existir fuera de la intuición sensible. Por el contrario, según se afirma en la *Crítica de la Razón Pura*: «el realista transcendental se representa los fenómenos externos (si se admite la efectiva realidad de ellos [*Wirklichkeit*]) como cosas en sí mismas, que existen independientemente de nosotros y de nuestra sensibilidad [...]». (Kant, KrV, A369). En la filosofía transcendental el supuesto de la cosa en sí se encuentra de este modo en el centro de la crítica a la metafísica dogmática. Lo que la cosa sea en sí misma, en la medida que no pertenece al ámbito de los fenómenos, queda por lo tanto excluida de toda experiencia posible. Ni es objeto de conocimiento posible, ni se puede predicar la existencia de ella, más que como un supuesto. Se trata en definitiva de dos posturas completamente diferentes donde el concepto de cosa en sí establece el límite entre una y otra. Dicho concepto por consiguiente divide las aguas entre el realismo e idealismo transcendental. Sabemos también, que este concepto sumamente problemático ha dado lugar a un sin número de discusiones e interpretaciones entre los postkantianos

de finales del siglo XVIII. El así denominado “escándalo de la cosa en sí” mantuvo en vilo a la generación Reinhold (1758-1823) Maimon (1754-1800) Beck (1761-1840) y Schulze (1761-1833), impulsando el surgimiento del idealismo alemán cuyos máximos representantes acabarán siendo Fichte, Schelling y Hegel. No es este el lugar para entrar en detalles sobre todo lo que este problema representa. Pero hay que señalar que la importancia de esta discusión y la solución o no de este problema implica entre otros temas la posibilidad o imposibilidad del idealismo entendido como un sistema coherente de la razón. Como sostiene Eusebi Colomer:

Kant, en efecto, hizo del «yo pienso», de la conciencia que acompaña toda representación, el principio supremo del conocimiento. Nada puede ser conocido que no esté en relación con el «yo pienso». En Kant, sin embargo, subsiste un elemento exterior a la autoconciencia, la cosa en sí, que permanece por ello esencialmente desconocida. Los idealistas advierten inmediatamente en el planteamiento kantiano la mezcla discordante de dos puntos de vista incompatibles: la aposterioridad del empirismo y la aprioridad del idealismo. Admitir con Kant una cosa en sí independientemente de todo conocimiento es a sus ojos un radical sinsentido. La cosa en sí, el único obstáculo que impide al «yo pienso» convertirse en principio absoluto, constituye la raíz de todas las aporías del kantismo. La cosa en sí es solo un estorbo inútil y embarazoso. (Colomer, 2006, p. 13).

La noción de “cosa en sí” puede entenderse en al menos dos sentidos. Simplificando demasiado las cosas diríamos: 1- Como un sustrato material de los objetos percibidos, vale decir, como una sustancia real. En cuyo caso el término “cosa en sí” expresa la esencia del objeto intuido sensiblemente, esto es, lo que las cosas son verdaderamente en sí mismas independientemente de lo que el sujeto pueda o no conocer acerca de ellas. Esta concepción se corresponde en términos generales con el realismo. 2- En un sentido muy diferente, podemos pensar la cosa en sí como un «objeto transcendental» y correlato del fenómeno, esto es, en todo caso, como un objeto dado solo al pensamiento, mas no a la intuición sensible, sino solo como noúmeno. (Kant, KrV, A 250) Esta concepción corresponde al idealismo transcendental y sus derivados. El punto de vista que la conciencia natural tiene del *esto* (el objeto) y que pondremos a consideración en este caso se corresponde, *mutatis mutandi*, al primero. Mientras que el punto de vista del “*este*” (el yo) representa más bien al segundo. Ambas concepciones están representadas en esta dialéctica del *esto* y el *este*. En este sentido, en la dialéctica del *esto* y el *este* encontramos una contraposición entre el realismo y el idealismo, donde el resultado indica que mediante ninguno de estos dos puntos de vistas conocemos lo que las cosas son en verdad. En el primero, la conciencia peca de un objetivismo realista e ingenuo; en el segundo, sin embargo, de un subjetivismo idealista e igualmente ingenuo. Por cuestiones de extensión nos referimos en este caso solo al punto de vista realista que la conciencia tiene de los objetos.

2 EL SUPUESTO DE LA CERTEZA SENSIBLE

Comencemos por el principio. Evidentemente la cuestión aquí es la sensibilidad y su certeza. ¿Qué intuimos cuando percibimos sensiblemente? ¿De qué modo las cosas afectan nuestra intuición? ¿Cuánta certeza provee la sensibilidad? ¿Qué estatus ontológico tienen los objetos sensibles? Etc. Puesto en estos términos podría pensarse que se trata aquí de un problema de naturaleza cartesiano. Pero “certeza” aquí no debe ser tomada en ese sentido. La CS no es un primer principio absoluto sobre el cual poder erigir el nuevo edificio de la ciencia, como el *cogito*, sino apenas un supuesto, aun por ser depurado. Menos aún sería esto posible cuando de lo que se trata es del saber sensible. Hay tal vez algún punto en común, señala Ludwig Siep: «Hegel sigue también en cierta medida el método cartesiano de ejercer la duda en principio sobre la sensibilidad. Pero para él no se trata de la confiabilidad en nuestros sentidos, sino de una tesis sobre el saber». (Siep, 2015, p. 84). En realidad son caminos en uno y otro caso muy diferentes, y todavía podríamos decir más, tal vez sean inversos. En efecto, Descartes parte de la duda sobre el saber sensible y llega a la certeza, Hegel, por el contrario, parte de la certeza y lo que confirma a través de esta experiencia es algo más que la mera «duda» (*Zweifel*); es la «desesperación» (*Verzweiflung*, como se verá al final del capítulo). En rigor, todas estas son preguntas que han encontrado a lo largo del tiempo distintos tipos de enfoque y, por lo tanto, también distintos tipos de respuestas. En este sentido, la diversidad de «posicionamientos» (*Stellungen*) en torno a dicha temática van desde el realismo al idealismo, pasando por el racionalismo y el empirismo, hasta las distintas teorías del conocimiento, la epistemología y la ontología. En los *Vorbegriff* de la *Enciclopedia de las Ciencias Filosóficas* (abr. *Enz*) encontramos una síntesis de estos posicionamientos. (Hegel, 2010, §19- 83). Sobre tales posicionamientos volveremos más adelante. Antes de ello precisemos primero cuál es el punto de vista de Hegel sobre tales cuestiones correspondiente a esta primera figura. Hay que señalar que en este caso el enfoque de Hegel es el de una *fenomenología* del espíritu, con todas las particularidades y dificultades que sabemos que esto implica.

La PhG pretende comEnzar con nuestra conciencia ordinaria de las cosas (*das natürliche Bewusstsein*), y llevarnos desde ahí a la perspectiva verdadera del Geist. El trabajo es llamado una «fenomenología» porque trata del modo como las cosas aparecen a la conciencia o de las formas de la conciencia [...] Pero “aparición” aquí no debe ser contrastada con “realidad”; lo que es más real, lo absoluto, es esencialmente auto-apariencia. La fenomenología no es una ciencia de cosas menores, que pudieran dejarse atrás, sino un modo de acceder al conocimiento absoluto, de hacer lo absoluto “aparente”. (Taylor, 2010, p. 112).

La CS versa sobre la relación entre la conciencia y sus objetos de conocimientos, concretamente: en la medida que éstos se manifiestan fenoménicamente en la intuición

sensible. Esta es la relación más inmediata, simple y básica de la conciencia con respecto al saber. Se trata de un saber que, en principio, no es un saber de sí, sino de lo otro de sí. La CS reproduce una dialéctica “similar” (mas no igual desde luego) a la de Schelling y Fichte. Una dialéctica, salvando las diferencias, entre el Yo y el No-Yo. (Hyppolite, 1991, p. 73).

La conciencia, por su parte, es en esta certeza solamente como puro yo, y yo soy en ella solamente como puro éste y el objeto, asimismo, como puro esto. (Hegel, 1979, p. 82)

Desde el principio la cuestión se plantea como una relación inmediata (*Beziehung unmittelbare*) entre la conciencia y la cosa. La noción de “cosa” no tiene aún la determinación de la «cosa en sí» (en el sentido de *ding an sich*). En esta relación inmediata lo esencial consiste en que lo que se manifiesta es el puro ser de la cosa (*die Sache*).

Yo, éste, no estoy cierto de esta cosa [Sache] porque me haya desarrollado aquí como conciencia y haya puesto en marcha el pensamiento de diversos modos. Ni tampoco porque la cosa [die Sache] de que estoy cierto sea en ella misma, atendiendo a multitud de diversas cualidades, una relación plena de riqueza o un múltiple comportamiento con respecto a otras. Nada de esto interesa a la verdad de la certeza sensible; ni el yo ni la cosa tienen aquí la significación de una mediación múltiple; el yo no significa un representarse o un pensar múltiple, ni la cosa tiene la significación de múltiples cualidades, sino que la cosa es, y es solamente porque es; ella es: he ahí lo esencial para el saber sensible, y este puro ser o esta inmediatez simple constituye la verdad de la cosa. Y asimismo la certeza, como relación, es una pura relación inmediata [*Beziehung unmittelbare*]: la conciencia es yo y nada más, un puro éste; el singular sabe un puro esto o lo singular. (Hegel, 1979, p. 82).

Uno de los problemas que subyace a la CS es cómo las cosas externas afectan a la intuición, como el puro ser se relaciona con el puro yo. Esta figura se identifica con el punto de vista de «la conciencia natural» (*Das natürliche Bewußtsein*). (Hegel, 1979, p. 89). Aquí, la pura aprehensión sensible de «la cosa» (*die Sache*) constituye el «saber inmediato» (*unmittelbare Wissen*) en el cual la conciencia deposita su «certeza» (*Gewißheit*). Dicha certeza, sin embargo, consiste tan sólo en un hecho que puede describirse de manera muy simple, esto es: no hay dudas de que lo que se manifiesta se manifiesta tal y como es intuido. Puede decirse que la CS piensa en estos términos: «siendo nuestro objeto el saber tal como se manifiesta, por el momento tomaremos sus determinaciones a la manera como inmediatamente se ofrecen, y no cabe duda de que se ofrecen del modo como las hemos captado». (Hegel, 1979, p. 75). Como si la CS digiera: veo lo que veo tal y como lo veo. Ciertamente nadie podría cuestionarlo. «No cabe duda de que [las cosas sensibles] se ofrecen del modo como las hemos captado». (p. 75). Ni siquiera Descartes, que duda de todo, pondría cuestionar esto. Hay intuiciones sensibles, es un hecho. Sobre este hecho hay plena certeza. Desde luego, esta no es la certeza de la autoconciencia, sino la certeza

meramente sensible, pero se trata en fin de una certeza; la cosa es, simplemente porque es. Pero visto por el lado del supuesto de esta figura la cosa es diferente. Por el contrario, acreditar si tales intuiciones se corresponden efectivamente con “objetos reales”, vale decir, que captamos la verdad de las cosas tal y como ellas son en sí mismas tan solo mediante la intuición, es otro problema muy distinto. El mero dato de la intuición resulta insuficiente a la hora de responder a esta cuestión. No podemos determinarlo sin antes asumir un supuesto o establecer algún tipo de conjetura. Así planteada la cuestión existen solo dos posibilidades, o bien damos por cierto que hay adecuación o correspondencia entre lo que la cosa es y el modo en el cual se manifiesta ante la conciencia natural, o bien no la hay. Cualquiera de las dos posibilidades implica tomar una posición determinada, lo cual no es más que un supuesto. Haciendo un juego de palabras podríamos decir que para la conciencia tomar posición (cualquiera sea), implica una su-posición, vale decir, es tanto un poner como un suponer. Ambos puntos de vista, que están representados tanto en el *esto* como en el *este*, son ciertamente puntos de vista de la conciencia; son modos opuestos y contradictorios de considerar la misma relación. Acerca de todo esto trata la certeza y el supuesto de la conciencia en esta figura. Hay que ser muy precisos en esta cuestión: el supuesto no radica solamente en creer que pueda o no (lo mismo da en ese sentido) haber tal correspondencia o adecuación entre lo que la cosa sea en verdad y lo que la cosa es para la conciencia que la intuye. El supuesto consiste, además, en creer que las categorías de verdad y realidad, que son en rigor modos de relacionarse entre la conciencia y sus objetos de representación, pueden acaso ser definidas de manera absoluta por fuera de esta «pura relación» [*reine Beziehung*]. Lo que significa en última instancia suponer que hay cosa en sí. El saber es ya la relación misma, pues como afirma Hegel en la Introducción: no podemos salir por fuera de esta relación para ver (saber) como son las cosas en sí mismas. Asumir sin más que existen tales cosas en sí mismas reales y verdaderas independientemente de esta relación constituye aquí el supuesto originario de la conciencia natural. De este hecho puntual, de esta certeza y de esta misma suposición será precisamente de lo que se nutre la dialéctica de la CS. Volvamos sobre la siguiente cuestión: ¿de qué modo se manifiesta la cosa en el saber sensible? Paradójicamente, dirá Hegel, el «contenido concreto de este saber» que no es otra cosa que el conocimiento inmediato que la conciencia tiene de su objeto (tal y como este se manifiesta), se presenta «como el conocimiento más rico» en grado superlativo. (Hegel, 1979, p. 82). Tanto más aún, se dirá, como un conocimiento de una «riqueza sin límites», casi infinito. (p. 82) Pero al final de esta experiencia se reconocerá que esto no es más que un mero supuesto, ya que en rigor se trata del contenido «más pobre» y «abstracto». (p. 82). ¿Pero cómo se explica esta diferencia? Una forma de comprender en que se

basa esta diferencia es atendiendo a la «oposición» (*Gegensatzes*) fundamental que se haya en la esencia misma de la conciencia y los supuestos que ello conlleva: la oposición sujeto-objeto.

3 OPOSICIÓN SUJETO-OBJETO

La CS parece una figura fácil de comprender si uno se deja guiar por el grado de simplificación que se suele encontrar en ciertos comentaristas. Pero no lo es. No está de más aclararlo. La mayor dificultad reside en todo caso en poder dimensionar en toda su magnitud los verdaderos problemas filosóficos que esta figura expone, que indudablemente son varios. No hay que esmerarse demasiado, sin embargo, para asimilar que la dialéctica del *esto* y el *este* refiere indirectamente a las nociones de *sujeto* y *objeto*. Esa es, si se quiere, la parte fácil. Lo difícil, no obstante, reside en todo lo que ello implica. En uno de los clásicos de la literatura acerca de la *Phg*. Jean-Pierre Labarrière afirma que:

La “certeza sensible”, al principio de la obra, exige, para comprender su verdad y particularidad estructural, que se vuelque en ella toda la problemática que define las relaciones entre sujeto y objeto, tal como la explana con máximo alcance la recapitulación de las diferentes fases de la filosofía occidental. (Labarrière, 1985, p. 31).

Labarrière no abunda en detalles acerca de lo que debería entenderse por “toda esta problemática”, pero nos da una pista importante. Como lo hemos anticipado, una recapitulación tal (de las diferentes fases de la filosofía occidental o, por lo menos, de la filosofía moderna) podemos encontrarla de manera muy clara y sintética en los *Vorbegriff* de la *Enciclopedia* (Enz). Aquí Hegel retoma el punto de partida de la filosofía moderna resumiendo los tres posicionamientos principales del pensamiento (léase: conciencia - Sujeto) frente a la objetividad (conciencia - Objeto). Todos estos «posicionamientos» (*Stellungen*) o, puntos de vistas, son ciertamente pre-supuestos, o diríamos más bien «*Vorbegriff*» (lit. preconceptos). Todos tienen su basamento de una forma u otra en la distinción sujeto – objeto, y como tales, tienen aquí también en la CS relación directa con la dialéctica del *esto* y el *este*. Sin pretender realizar aquí una comparación exhaustiva entre los *Vorbegriff* y la CS tal vez podamos ver si algo de todo aquello nos permite interpretar algunas cuestiones relacionadas con esta figura. El primero de estos posicionamientos lleva por título *Metafísica* y dice así:

La primera actitud es el proceder ingenuo [das unbefangene] que sin [tener] aún conciencia de la oposición [Gegensatzes] del pensar dentro de sí y frente a sí [esto es la oposición sujeto-objeto], incluye la creencia [Glauben] en que, mediante la reflexión [Nachdenken], conoce la verdad [die Wahrheit erkannt], o sea, que ha sido llevado ante la conciencia lo que los objetos [Objekte] son verdaderamente. (Hegel, 2010, §26)

Mucho de esta actitud metafísica hay en la CS, principalmente desde el punto de vista del esto (el objeto). Así debemos entender algunas de las afirmaciones de dicha figura. La conciencia cree que mediante la mera aprehensión sensible han sido llevada ante ella «lo que los objetos son verdaderamente»; esto es, en pocas palabras, las cosas tal y como ellas son en realidad. Pues bien, si comparamos esta descripción de los *Vorbegriff* con la *Fenomenología*, vemos que ya al comienzo de la CS Hegel se expresa de manera diferente, pero semánticamente dice lo mismo que allí:

Este conocimiento [el inmediatamente sensible] se manifiesta, además, como el más verdadero, pues aún no ha dejado a un lado nada del objeto, sino que lo tiene ante sí en toda su plenitud. (Hegel, 1979, 82).

En esta figura la conciencia adopta la misma posición de la metafísica ingenua precisamente por carecer de conciencia acerca del verdadero significado de la oposición (sujeto –objeto). (Hegel, 2010, §27) En la CS la conciencia que sabe o conoce (sujeto) y lo sabido (cosa-objeto) se enfrentan como dos cosas esencialmente distintas la una de la otra. O al menos, esto es lo que la conciencia sensible supone.

En ella, lo uno está puesto [ist - gesetzt] como lo que es [Seiende] de un modo simple e inmediato o como la esencia [Wessen], es el objeto [der Gegenstand]; en cambio, lo otro lo está como lo no esencial y mediado, que es allí no en sí [nicht an sich], sino por medio de un otro, el yo, un saber [ein Wissen] que sólo sabe el objeto porque él es [er ist] y que puede ser o no ser. Pero el objeto es, es lo verdadero y la esencia; es indiferente [gleichgültig] a ser sabido o no; y permanece, aunque no sea sabido; en cambio, el saber no es si el objeto no es. (Hegel, 1979, 82).

Aunque no se diga explícitamente, aún, el objeto ya tiene aquí todos los rasgos distintivos de una cosa en sí, tal y como se concibe en el *realismo transcendental*. Se presenta como una sustancia real de carácter ontológico que es independiente al sujeto que la conoce (la conciencia) cuyo signo distintivo es precisamente la permanencia y la indiferencia. El objeto «está puesto», vimos en la cita anterior, como «lo que es» [Seiende], esto es: simplemente como un ente. Y, añade Hegel, «es indiferente [gleichgültig] a ser sabido o no», pues «permanece, aunque no sea sabido». (p.82) El objeto pues, para la CS, es una mera cosa en sí, un ente que se enfrenta al sujeto en el sentido etimológico de la palabra Gegenstand. La oposición como tal ya está dada en la CS misma como una oposición aun irresuelta. Ella no alcanza a comprender todavía que se trata en rigor de la oposición no solamente inmediata sino al mismo tiempo mediata. En este sentido, advierte Hegel:

Si nosotros reflexionamos acerca de esta diferencia, vemos que ni el uno ni los otros son en la certeza sensible solamente como algo inmediato [unmittelbar], sino, al mismo tiempo, como algo mediado [vermittelt]; yo tengo la certeza por

medio [durch] de un otro, que es precisamente la cosa [die Sache]; y ésta, a su vez, es en la certeza por medio de un otro, que es precisamente el yo. (Hegel. 1979, 82).

Pero la conciencia natural que aún no alcanza a concebir esta relación en toda su dimensión «vive con esta fe» en la realidad de los objetos externos, es decir, con esta creencia ingenua de suponer que en lo sensible están dados los «objetos» tal y como ellos son en «verdad». (Hegel, 2010, §28). La conciencia sensible se encuentra muy lejos por el momento de resolver esta contradicción. Tal oposición será retomada en las próximas figuras como materia de reflexión de oposiciones cada vez más elevadas. En ella, en su suposición más concretamente, se gesta el drama espiritual que desencadena la *Ciencia de la experiencia de la conciencia*.

4 LA CRÍTICA AL REALISMO

A modo de conclusión podríamos decir que en este paralelo que hemos esbozado entre la CS y los *Vorbegriff* y, en lo que refiere al punto de vista del *esto*, la conciencia se comporta como el primer posicionamiento de manera ingenua, metafísica y dogmática. Pero la experiencia misma que ella alcanza del objeto refuta su pauta y, entonces, la conciencia asume como nueva pauta buscar la certeza y la verdad por el lado del *este*. El lado del *este*, a su vez, contiene mucho de lo representado en el segundo posicionamiento (que aquí no hemos trabajado). Se trata de un subjetivismo escéptico, pero no menos dogmático, encarnado principalmente por el empirismo y la filosofía crítica. La CS no encontrará la mentada “realidad” en la oposición simple, ni de un lado ni del otro, sino en la totalidad. Pues, la experiencia de la conciencia es la totalidad de estos momentos:

Por donde llegamos al resultado de poner la totalidad de la certeza sensible misma como su esencia, y no ya sólo un momento de ella, como sucedía en los dos casos anteriores, en que su realidad debía ser primeramente el objeto contrapuesto al yo y luego el yo. Así, pues, sólo es la certeza sensible misma en su totalidad la que se mantiene en ella como inmediatez, excluyendo así de ella toda la contraposición [Entgegensetzung] que en lo anterior se encontraba. (Hegel, 1979, 86).

Este movimiento de la conciencia, que ha pasado por la mediación de la experiencia para retornar a su propia inmediatez de la intuición sensible, lejos de superar la oposición más bien la consolida en cuanto tal y termina decantando en el concepto de cosa en sí. La oposición reaparecerá ahora en las próximas figuras, *Percepción*, *Entendimiento*, etc. Hegel señala que la CS realiza siempre esta experiencia, llegando a este resultado por sí misma: «pero en seguida vuelve a olvidarlo y reinicia el movimiento desde el principio». (p.89). En este contexto y llegando a las últimas páginas de este primer capítulo, Hegel formula una serie de críticas al realismo ingenuo que este punto de vista implica.

Es, pues, sorprendente que, frente a esta experiencia, se presente como experiencia universal y también como afirmación filosófica y hasta como resultado del escepticismo, el que la realidad o el ser de las cosas exteriores, en cuanto estos o cosas sensibles, tienen verdad absoluta para la conciencia. Semejante afirmación no sabe lo que dice, ni sabe que dice cabalmente lo contrario de lo que se propone decir. (Hegel, 1979, p. 89).

En efecto, Hegel añade un poco más adelante:

Quienes formulan semejante afirmación dicen, con arreglo a las anteriores observaciones, directamente lo contrario de lo que suponen, y este fenómeno es tal vez el que mejor se presta a llevamos a reflexionar acerca de la naturaleza de la certeza sensible. Hablan de la existencia [Dasein] de los objetos externos [äußerer Gegenstände], que cabe determinar todavía con mayor precisión como cosas [Dinge] reales [wirkliche], absolutamente singulares, totalmente personales e individuales, cada una de las cuales no tiene ya su igual absoluto, y dicen que esa existencia posee certeza y verdad absolutas. Suponen [meinen] este trozo de papel en que escribo, o mejor dicho he escrito, esto; pero no dicen lo que suponen. Si realmente quisieran decir este trozo de papel que suponen y esto es lo que quieren decir esto es imposible, ya que el esto sensible supuesto es inasequible [unerreichbar] al lenguaje, que pertenece a la conciencia, a lo universal en sí. [...] Suponen, por tanto, indudablemente este trozo de papel, que aquí es completamente otro que el de arriba; pero hablan de “cosas reales [Wirkliche Dinge], de objetos externos o sensibles, de esencias absolutamente individuales”, etc.; es decir, sólo dicen de ellos lo universal; por tanto, lo que se llama lo inexpresable no es sino lo no verdadero, lo no racional, lo simplemente supuesto [bloß Gemeint]. (Hegel, 1979, p. 90-91).

El concepto de cosa en sí, expresado con la fórmula Ding an sich aparece ya con más claridad hacia el final de la CS, y concretamente como una crítica al realismo, por lo que, solo reconstruyendo este contexto llegamos a comprender en rigor más cabalmente de qué se trataba esta dialéctica. Hegel parece estar convencido de haber demostrado la verdadera naturaleza de la manifestación sensible e inmediata. Por último, nos gustaría concluir con una cita cuyas enigmáticas palabras tal vez se comprendan mejor en función de lo expuesto.

A este respecto, cabe decir a quienes afirman aquella verdad y certeza de la realidad [Realität] de los objetos sensibles que debieran volver a la escuela más elemental de la sabiduría, es decir, a los antiguos misterios eleusinos de Ceres y Baco, para que empezaran por aprender el misterio del pan y el vino, pues el iniciado en estos misterios no sólo se elevaba a la duda [Zweifel] acerca del ser de las cosas sensibles, sino a la desesperación de él [Verzweiflung], ya que, por una parte, consumaba en ellas su aniquilación, mientras que, por otra parte, las veía aniquilarse a ellas mismas. Tampoco los animales se hallan excluidos de esta sabiduría, sino que, por el contrario, se muestran muy profundamente iniciados en ella, pues no se detienen ante las cosas sensibles como si fuesen cosas en sí [Dingen als an sich], sino que, desesperando de esta realidad [Realität] y en la plena certeza de su nulidad, se apoderan de ellas sin más y las devoran; y toda la naturaleza celebra, como ellos, estos misterios revelados, que enseñan cuál es la verdad de las cosas sensibles [der sinnlichen Dinge]». (Hegel, 1979, 90).

REFERENCIAS

Colomer, E. (2006). El pensamiento alemán de Kant a Heidegger. Tomo II. Herder.

Hegel, G. W. F. (1979) Werke. Auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe. Redaktion Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel, Frankfurt a. M.: Suhrkamp.

-Phänomenologie des Geistes. W Bd. 3. Traducción: Wenceslao Roces, México, D.F. Fondo de Cultura Económica. 1981.

-Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse. Hegel-W Bd. 8: Traducción: Enciclopedia de las ciencias filosóficas en compendio: para uso de sus clases. Ramón Valls Plana, Madrid: Alianza, 2010.

Hyppolite, J. (1991). Génesis Y Estructura De La Fenomenología Del Espíritu De Hegel. Barcelona, España: Península.

Kant, I. (1900). Kritik der reinen Vernunft, en Gesammelte Schriften, Bd. III-IV, Preussische Akademie der Wissenschaften, Berlin, 1900. Traducción. Kant, I. Crítica de la razón pura. Trad. Mario Caimi. Buenos Aires: Colihue, 2007.

Labarriere, P-J (1985). La fenomenología del espíritu de Hegel: introducción a una lectura. México: Fondo de Cultura Económica.

Pinkard, T (2002). Hegel: una biografía. Madrid: Acento.

Siep, L. (2015) and Rendón C. Emel. El Camino De La Fenomenología Del Espíritu: Un Comentario Introductorio Al "escrito Sobre La Diferencia" Y La "fenomenología Del Espíritu" De Hegel. Barcelona: Anthropos, 2015.

Taylor, C. (2010). Hegel. Anthropos.

CAPÍTULO 12

ANÁLISIS ESTRATÉGICO DE TEXTOS CIENTÍFICOS DE PSICOLOGÍA: COMPARANDO EL APRENDIZAJE HÍBRIDO CONTRA EL AULA DE CLASE¹

Data de submissão: 24/02/2022

Data de aceite: 19/03/2022

Luis Fernando González Beltrán

Universidad Nacional Autónoma de México
FES Iztacala. México
<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

Olga Rivas García

Universidad Nacional Autónoma de México
FES Iztacala. México
<https://orcid.org/0000-0002-4036-359X>

RESUMEN: Se crítica recurrentemente a estudiantes de licenciatura por sus dificultades de comprensión lectora y el uso casi exclusivo de memorización mecánica. Para la comprensión lectora, se ha propuesto un heurístico para el análisis estratégico de textos, en estudiantes de Psicología (Santoyo, 2001). Nuestro objetivo fue diseñar una experiencia educativa, añadiendo a la materia un curso de análisis estratégico de textos en una plataforma Moodle o en el salón de clases y comparar su ejecución en seis reportes consecutivos de lectura. Participaron dos grupos de primer semestre de psicología. El promedio alcanzado en el inicio fue muy similar en ambos grupos (0.29 y 0.32). La tendencia

del primer grupo consistió en un incremento sostenido para alcanzar una ejecución casi perfecta después del modelamiento, y conforme los alumnos tuvieron más práctica. El segundo grupo mostró una mayor variabilidad y no alcanzó un nivel tan alto. Mientras que el segundo grupo mejoró en la identificación, el primero lo hizo también en la inferencia y la crítica. Este modelo ofrece una prometedora experiencia formativa, que pretende desbancar la costumbre del copiar y pegar, y que debería de probarse en otras asignaturas, o disciplinas, que requieran la lectura de artículos empíricos.

PALABRAS CLAVE: Aprendizaje híbrido. Comprensión lectora. Análisis de textos. Estudiantes de Psicología.

STRATEGIC ANALYSIS OF SCIENTIFIC TEXTS OF PSYCHOLOGY: COMPARING HYBRID LEARNING AGAINST THE CLASSROOM

ABSTRACT: A recurring criticism of undergraduate students is their inadequate preparation, serious difficulties in reading comprehension and mechanical memorization. For reading comprehension, a heuristic was proposed for the strategic analysis of texts, in Psychology students (Santoyo, 2001). In this paper, we aim to compare the performance of undergraduate Psychology students from two systems: hybrid learning and traditional class, with the strategic analysis of texts. Two

¹ Reconocimientos: Trabajo realizado con el apoyo del Programa UNAM-DGAPA-PAPIME PE306121.

groups of first semester of psychology took part in this work. The average they reached in the beginning was very similar in both groups (0.29 and 0.32). The tendency of the first group consisted in a sustained increase to reach an almost perfect execution, and as the students had more practice. The second group showed greater variability and did not reach such a high level. The differences between the beginning and the final report were significant. While the second group improved in the identification, the first group also improved in the inference and criticism. This model offers a promising formative experience, which seeks to displace the habit of copying and pasting, and which should be tested in other subjects, or disciplines, that require the reading of empirical articles. This hybrid learning is providing an innovative tool.

KEYWORDS: Hybrid learning. Reading comprehension. Text analysis. Psychology students.

1 INTRODUCCIÓN

Los problemas de comprensión lectora no se limitan a los primeros niveles de educación, sino que llegan a los universitarios. Ellos consideran aparte el proceso de lectura del proceso de comprensión. Además, confiesan que no usan estrategias para abordar libros o artículos de investigación, como hacer preguntas antes de la lectura para contestarlas con el texto, ni consideran necesario usar su conocimiento previo para relacionarlo con la lectura. No diferencian entre leer un periódico, un comic o un artículo de investigación. De igual manera, el profesor debe hacer explícito el propósito de la lectura, es decir debe incluir detalladas instrucciones de lo que se espera de los alumnos al leer un texto (Zarzosa, 1997). Los reportes de lectura que se piden a los alumnos usualmente los realizan de manera mecánica y sin darles sentido, abusando de la copia textual y acrítica. En un estudio con universitarios (Carrillo, 2007), menos del 50% lee y comprende un texto en su totalidad. Cisneros, Olave & Rojas (2012), demostraron que los estudiantes utilizan la copia parcial (paráfrasis) y literal como estrategias de comprensión y resolución de preguntas abiertas. Pero lo peor fue que los estudiantes de últimos semestres no mejoraron su capacidad inferencial.

El rezago académico es uno de los principales problemas que enfrenta la educación superior en México. Entre las principales causas de rezago, se han reportado la “necesidad de trabajar”, “llegar tarde a clases” y la “inasistencia” (Mares et al., 2013), aunado a ello tenemos los problemas de comprensión lectora. Este estado de cosas es el que nos orilla a buscar posibles acciones, que solucionen, o al menos minimicen, los problemas que representa la inadecuada formación pre-universitaria. A fin de promover un aprendizaje significativo, que fuera más allá del parafraseo y la identificación, y que no supusiera que las habilidades más complejas surgirían solas, se ha desarrollado el modelo de Evaluación, Intervención y Análisis de procesos (Santoyo & Cedeño, 1986),

del que se desprende un heurístico para el análisis estratégico de textos, que promoviera habilidades complejas. Este procedimiento busca explícitamente la relación con la Guía para la Certificación en Psicología de la APA, considerando que las habilidades que se promueven con este procedimiento, implicadas en las tareas de análisis, evaluación y comprensión, forman parte del proceso activo de revisión de la literatura especializada (Espinosa, Santoyo & Colmenares, 2010). Estos autores aplicaron exitosamente el modelo con tres lecturas, en alumnos de primer, tercer y quinto semestre de psicología. En todos sus grupos observaron incrementos en sus puntajes conforme analizaban más lecturas, con diferencias entre los grupos debido al semestre cursado. González & Rivas (2017) extendieron su metodología, para lo cual se trabajó con un grupo de licenciatura en psicología, con alumnos de primer semestre, como parte de una práctica de un curso de Laboratorio. Al inicio del curso, se les entregó a los participantes el listado de las categorías, sin definiciones, y un artículo que se constituyó como el pre-test. Posteriormente se les entregaron las definiciones de las categorías con ejemplos, y se modeló el análisis con una presentación digital del artículo de Fuller (1947) utilizada por Espinosa et al. (2010). Como actividades del curso se solicitó el análisis de otros cinco artículos. Finalmente, se tomaba como post-test la calificación obtenida al analizar nuevamente el primer artículo. Las diferencias entre pre- y post-test fueron significativas.

A diferencia de los dos estudios citados, aquí probamos el análisis estratégico de textos, comparando dos modalidades, la primera añadiendo a una asignatura un curso de análisis estratégico de textos en una plataforma Moodle, y la segunda en el salón de clases a fin de contrastar la ejecución de los alumnos en su ejecución en consecutivos reportes de lectura.

Nuestros objetivos fueron a) diseñar una experiencia instruccional para el análisis de textos, añadiendo a la clase un curso virtual en una plataforma Moodle; b) diseñar una experiencia instruccional integrada a las actividades en el salón de clases; y c) comparar la ejecución en ambas modalidades.

2 MÉTODO

Participaron dos grupos naturales de la licenciatura de Psicología, uno de 29 alumnos; y otro grupo con 31 estudiantes, ambos de primer semestre de psicología del sistema presencial. Los materiales de lectura fueron del área de psicología, de acuerdo con el programa de la asignatura correspondiente. Ambos grupos tuvieron las mismas seis lecturas. Las categorías de análisis para el reporte se tomaron de Cepeda, Santoyo y Moreno (2010) y fueron las siguientes: 1) Justificación: argumentos del porqué realizar

el estudio; 2) Supuestos Básicos: elementos conceptuales del trabajo; 3) Objetivo del autor; 4) Unidad de análisis: los elementos básicos que constituyen al objeto de conocimiento; 5) Estrategia del autor: cómo se realizó el estudio; 6) Consistencia interna: análisis de la estructuración lógica de los componentes del trabajo; 7) Consistencia externa: evaluación de la importancia de la investigación, las implicaciones teóricas y prácticas, y la vinculación del trabajo con los resultados de otras investigaciones; 8) Conclusiones del autor; 9) Conclusión del lector; y 10) Cursos de acción alternativos: Es una propuesta alterna o creativa del lector para nuevos estudios, planteamientos o procedimientos experimentales.

Cada categoría se calificaba de acuerdo con un puntaje de 1, si responde de forma incorrecta, y hasta 3 si lo hace correctamente, para los casos en que debería identificar o analizar, y en aquellos casos en que requieren deducir, evaluar e integrar, también hay un puntaje de hasta 5, cuando responde de forma creativa y va más allá del texto. Con un total de 10 categorías, el puntaje mínimo de un nivel aceptable de ejecución sería 30, por lo que se calculó un índice de precisión, dividiendo el puntaje que obtenía cada alumno, entre 30.

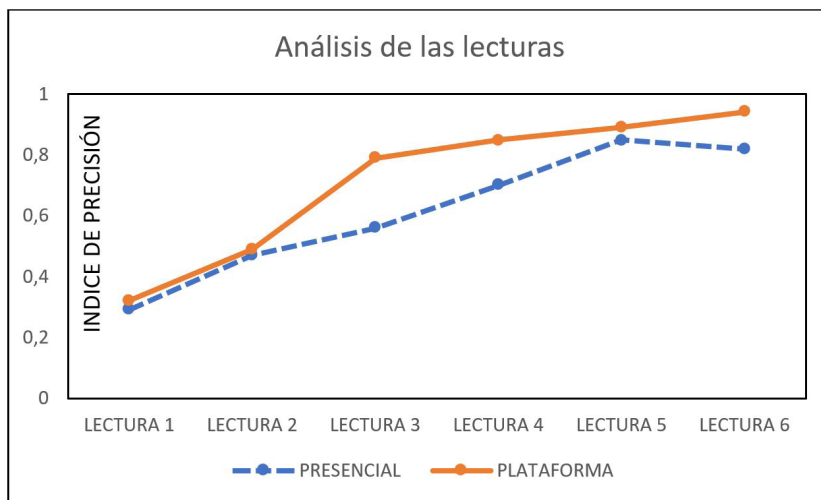
Los alumnos debían leer las categorías con ejemplos, ver la presentación digital del análisis de un artículo (Fuller, 1947), y contestar un cuestionario sobre la categorización y los ejemplos. Entre las preguntas del cuestionario estaban “¿Cuáles categorías las puedes encontrar tal cual en un texto? ¿Cuáles categorías las tienes que construir, desarrollar o inventar tú? ¿Cuáles son las categorías que requieren de otro u otros textos para completarse?” Esta actividad se solicitó al inicio del curso, antes de cualquiera de las lecturas. El cuestionario se retroalimentaba individualmente. De la misma forma, para el total de lecturas la retroalimentación fue personalizada y los puntajes entregados de manera individual. La aprobación del curso representaba el 30% de su calificación en la materia. La diferencia entre los grupos fue que las actividades se realizaron en una plataforma Moodle, o dentro de la clase presencial.

3 RESULTADOS

Se calculó el índice de precisión de los participantes por cada lectura. Se graficó la ejecución promedio conforme avanzaban las sesiones, como se puede apreciar en la Figura 1. Para el grupo plataforma Moodle, el índice inicial fue de .32, y creció rápidamente hasta .94 para la última sesión. La tendencia fue un incremento sostenido para alcanzar una ejecución casi perfecta. Para el grupo presencial, el promedio alcanzado en la primera lectura fue de 0.29, y se incrementa conforme los alumnos tienen más práctica, pero

de forma menos pronunciada que el primer grupo. La última sesión de práctica resultó con un puntaje más bajo (0.82) que la penúltima. Las diferencias entre primera y última lectura para ambos grupos fueron significativas (prueba $F= 6.713$, gl. 3, 30, $p = 0.04$). El incremento en los primeros análisis se debió a las categorías que requerían solo la identificación, que se dominó muy rápido, y conforme avanzaron las sesiones aumentó el puntaje en las tareas de evaluación, y finalmente las de elaboración creativa. Tenemos que señalar que el puntaje para este grupo presencial, fue muy por debajo de los puntajes alcanzados en el pre-test en los trabajos reportados por Santoyo y colaboradores (Espinosa et al. 2010; Santoyo, Colmenares & Morales, 2010), aunque más alto que el promedio del primer semestre reportado por Espinosa et al. (2010), pero no más alto que los semestres tercero y quinto de estos autores. En cambio, el grupo plataforma Moodle presentó un promedio bastante más alto que el reportado por estos autores.

Figura 1. Muestra el índice de precisión promedio para el análisis de las seis lecturas de los alumnos de los dos grupos.



Fuente: elaboración propia.

4 DISCUSIÓN

El curso de análisis estratégico de textos fue exitoso, de un inicio de más del 30% de precisión en el análisis de los artículos, se logró un incremento de 17 y 18 puntos porcentuales para la segunda lectura, y un incremento de 62 y 53 puntos, respectivamente, para la última lectura. La tendencia constante en el incremento del índice de precisión conforme avanzaba su experiencia en el análisis de textos, fue acorde a lo encontrado en los estudios citados antes. Para los altos promedios del índice de precisión en la plataforma, una posibilidad es que los alumnos de ese grupo tienen una retroalimentación más precisa, y completamente individual contra el grupo presencial, donde el tiempo

dedicado a la retroalimentación es muy acotado, y en un contexto grupal, con una situación algo ruidosa y distractora. En segundo lugar, iniciamos este escrito diciendo que los principales problemas de rezago escolar a nivel universitario eran la necesidad de trabajar, llegar tarde a clases y la inasistencia. Estos factores influyeron en el grupo presencial, donde hubo faltas recurrentes, mientras que, en el grupo con plataforma, no influyeron pues los alumnos pudieron ponerse al corriente en el transcurso de la semana entre una lectura y otra. De manera que aunque, la enseñanza puede darse de manera grupal, el aprendizaje es individual.

La ventaja del uso de la plataforma es que la retroalimentación se da muy completa, pues hay más tiempo para señalarla, se tiene que redactar de forma precisa, y no hay una presión por la presencia de los alumnos que esperan su turno. Igualmente, los alumnos la pueden revisar una y otra vez, cuando quieran hacerlo. En los cursos masivos, o MOOCs, se sigue la estrategia de entregar su tarea y evaluar dos o tres tareas de sus compañeros. Esto podría utilizarse a fin de que los alumnos vean otras respuestas y que usen otra habilidad, la de evaluar lo correcto de las respuestas de sus compañeros.

Es claro que la acción educativa no debe limitarse a la información, sino trascender a la acción y solución de problemas. Tenemos la esperanza de que los estudios que buscan la expansión del análisis estratégico de textos sigan esa dirección. Al predecir los efectos de su adopción, suponemos una mejora sobre la redacción de una revisión teórica, y también de proyectos y reportes de investigación, con lo que se busca una conjunción de conocimiento, comprensión y habilidades, y esta combinación define el concepto de competencia. Lo que queremos decir es que el entrenamiento de un análisis estratégico de textos, que lleva al dominio de otra habilidad, se considera como transferencia del aprendizaje. En nuestro laboratorio nos hemos dedicado a este tema. González y Rivas (2015) diseñaron un ambiente virtual que incluía, como contextos de práctica profesional, descripciones o viñetas cortas de estudios de casos, historias clínicas y problemas de investigación. Los resultados de dicho entrenamiento, medidos mediante un examen de metodología, favorecieron el post-test, con un incremento del 46% de satisfacción general con relación a su capacidad de presentar sus habilidades metodológicas. En un estudio más reciente, González, Rivas, Mares, Rueda y Rocha (2017) demostraron que un entrenamiento individual en psicología experimental produce mejores resultados, no únicamente en exámenes de metodología, sino en el trabajo grupal por proyectos de investigación. En un futuro cercano, planeamos combinar los distintos procedimientos con el modelo de análisis estratégico de textos.

El hecho de que los alumnos identifican primero, luego evalúan y finalmente aportan de forma creativa, revela que solo los alumnos que inician como consumidores

críticos de la literatura terminan como solucionadores de problemas. Esta actitud crítica es la que permite cuestionar toda argumentación acerca de los efectos de tratamientos, terapias, entrenamientos, etc., sobre el comportamiento. Queremos ver en cada alumno un solucionador de problemas, el mismo debe evaluar el problema, visualizar una solución, y probar si realmente se soluciona el problema. La noción de transferencia abarca la importancia de un contexto que permita el uso de lo aprendido para resolver nuevos problemas. Y finalmente, este contexto realista debe darle mayor poder al estudiante sobre el proceso de su propio aprendizaje; el profesor deja de dirigir un proceso rígido e inflexible, y el estudiante realiza las elecciones pertinentes en cada paso del proceso de aprendizaje, hasta desembocar en la transferencia, solucionando un problema nuevo (González & Rivas, 2016).

Para finalizar, apostamos por una mayor adopción de la estrategia a todos niveles, no solo por todo lo dicho aquí, sino porque explícitamente está diseñado para guardar un paralelo con los lineamientos de la APA, que no únicamente son el estándar en Psicología, sino que se está aceptando en otras disciplinas para orientar la presentación de trabajos en congresos, y hasta para la recepción de artículos de investigación. De forma que el entrenamiento en el modelo representará una gran ventaja para los alumnos que requieran hacer reportes de todo tipo. Seguiremos en la búsqueda de la fórmula para lograr un aprendizaje significativo en nuestros alumnos.

Hemos presentado un estudio que aumenta la generalidad del Modelo de Análisis Estratégico de Textos. En términos de extrapolación, sabemos que alumnos de semestres avanzados, mejoran las habilidades de análisis y evaluación. También sabemos que el tipo de asignatura no es impedimento, siempre y cuando incluyan lecturas de artículos empíricos. Hemos visto que los alumnos pueden lograr un punto de vista crítico cuando, después del análisis de las lecturas, las categorías del modelo se usan para otras tareas. Por ello, no dudamos que, con ajustes, el modelo se adapte para el análisis de textos de corte conceptual y de textos metodológicos. De hecho, es una línea de investigación que actualmente estamos trabajando, de la que esperamos tener los resultados a corto plazo. Una de las características más meritorias del modelo es su gran capacidad de fomentar la investigación acerca de su eficacia en diferentes situaciones. Nuestra labor está guiada por la convicción de que tenemos una estrategia perfectible, y buscamos las condiciones que permitan establecerla en conjunción con el trabajo colaborativo o con otros procedimientos. Como la implementación del aprendizaje híbrido es una modalidad en construcción, se requiere una mayor cantidad de estudios, que, como éste, aporten a su desarrollo.

REFERENCIAS

Carrillo, T. G. (2007). Realidad y simulación de la lectura universitaria: El caso de la Universidad Autónoma del Estado de México. *EDUCERE: Investigación Arbitrada*, 11(36), 97-102.

Cepeda, M. L., Santoyo, C. & Moreno, D. (2010). Base Teórica y descripción de la estrategia de análisis de textos. En M. L. Cepeda & M. R. López (Coordinadoras). *Análisis Estratégico de Textos: Fundamentos Teóricos-Metodológicos y Experiencias Instruccionales*. México: FESI, UNAM.

Cisneros-Estupiñán, M., Olave-Arias, G., & Rojas-García, I. (2012.) Cómo mejorar la capacidad inferencial en estudiantes universitarios, *Educación y Educadores*, 15(1), 45-61.

Espinosa, J., Santoyo V. & Colmenares L. (2010). Mejoramiento de habilidades de análisis estratégico de textos en estudiantes universitarios. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta*, 36(1), 65-86.

Fuller, P. R. (1947). Condicionamiento operante de un organismo humano vegetativo. *American Journal of Psychology*, 62, 587-590.

González B., L. F. & Rivas G, O. (2015). Ambiente virtual para la toma de decisiones estadísticas en Psicología. En M. González-Videgaray (Coordinadora). *Ambientes virtuales y objetos de aprendizaje: Incorporación crítica y reflexiva*. México: Facultad de Estudios Superiores Acatlán, UNAM.

González B., L. F. & Rivas G, O. (2016). Conducta compleja en contextos de solución de problemas: La estadística. En M. L. Cepeda & M. R. López (Coordinadoras). *Conducta Compleja: Fundamentos teóricos y aplicaciones educativas*. México: FESI, UNAM.

González B., L. F. & Rivas G, O. (2017). Contra el copiar y pegar en los reportes de lectura: Análisis estratégico de textos en Psicología. Ponencia presentada en el *Tercer Encuentro universitario de mejores prácticas de uso de TIC en la educación*. UNAM, C.U.

González B., L. F.; Rivas G, O. Mares, G.; Rueda, E. & Rocha, H. (2017) Moodle para el Entrenamiento en Intervención de Estudiantes de Psicología. Ponencia presentada en el *2o Congreso Internacional de Psicología de la FES Zaragoza 2017*.

Mares, G.; González, L. F.; Rivas, O.; Rocha, H.; Rueda, E.; Rojas, L.; Cruz, D. y López, R. (2013). Trayectorias discontinuas en educación superior: el caso de alumnos de la carrera de psicología de Iztacala, México. *Revista Mexicana de Investigación en Psicología*, 5 (1), 71-81.

Santoyo, C. (2001). *Alternativas docentes*. Vol. II. Aportaciones al estudio de la formación en habilidades metodológicas y profesionales en las ciencias del comportamiento. México: PAPIME, UNAM.

Santoyo, C. & Cedeño, L. (1986). El modelo de evaluación, intervención y análisis de procesos: una perspectiva instruccional. *UNESCO: Revista de Tecnología Educativa*, 9, 183-214.

Santoyo, C., Colmenares, L. & Morales, S. (2010). Una estrategia para el análisis de textos científicos con retroalimentación personalizada. En M. L. Cepeda & M. R. López (Coordinadoras). *Análisis Estratégico de Textos: Fundamentos Teóricos-Metodológicos y Experiencias Instruccionales*. México: FESI, UNAM.

Zarzosa, L. (1997). La lectura y escritura en una población universitaria. *Enseñanza e Investigación en Psicología*, 2(1), 94-121.

ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS EN EDUCACIÓN AMBIENTAL

Data de submissão: 08/11/2021

Data de aceite: 24/02/2022

María Amelia Scoppa

Universidad Nacional de Río Cuarto

Profesora en Química y Física

Licenciada en la Enseñanza de las

Ciencias del Ambiente

Ciudad de Río Cuarto

Córdoba - Argentina

<http://lattes.cnpq.br/2743052501727148>

RESUMEN: La enseñanza de las Ciencias Ambientales cada vez cobra más importancia en los espacios curriculares de todos los sistemas educativos, por lo que resulta importante para los docentes identificar las estrategias didácticas que optimicen la labor de diseñar proyectos o actividades con este fin. Se decidió realizar este trabajo exploratorio sobre un conjunto de proyectos llevados a cabo en distintos centros educativos de nivel primario con el interés de encontrar algún modo compartido de construcción de saberes relacionados con la Educación Ambiental, algunas competencias promovidas, comunes y afines que permitiera seleccionar aquellas estrategias didácticas más elegidas por los docentes. Se comenzó con una indagación acerca de los antecedentes de la Educación Ambiental en los lineamientos curriculares

oficiales, de las concepciones de Didáctica que acompañan a estos contenidos y de los Principios Metodológicos que se utilizan para su tratamiento, como son el Trabajo Colaborativo, el Aprendizaje basado en problemas, la Investigación como estrategia didáctica, el Trabajo por proyectos, el Estudio de casos y el Proyecto integrado al aprendizaje de servicios. La metodología implementada consistió en clasificar cada uno de los proyectos seleccionados, según indicadores, que permitió categorizar la inclusión de los Principios Metodológicos mencionados en el párrafo anterior en cada uno de estos proyectos. Estos indicadores, diseñados exclusivamente, permitieron cuantificar de alguna manera el grado de tratamiento de estos principios. Arribando a conclusiones muy interesantes que dejan de manifiesto qué lugar se le da a la Educación Ambiental en las escuelas, cuáles son las estrategias metodológicas preferidas por los docentes para el tratamiento de estos temas, qué relevancia alcanza el aprendizaje de conceptos científicos y cómo se prioriza el aprendizaje de valores.

PALABRAS CLAVES: Educación Ambiental. Metodologías. Estrategias. Didáctica.

TEACHING STRATEGIES FOR ENVIRONMENTAL EDUCATION

ABSTRACT: The teaching of environmental sciences is becoming more and more important in the curricular spaces of all educational

systems. Therefore, it is important for teachers to identify teaching strategies that optimize the work of designing projects or activities for this purpose. It was decided to do this exploratory work on a set of projects carried out in different primary-level educational centres with the interest of finding some shared way of building knowledge related to environmental education, some promoted, common and related competencies that would allow selecting those most chosen teaching strategies. It was begun with an inquiry about the antecedents of environmental education in the official curricular guidelines, the didactic conceptions that accompany these contents and the methodological principles that are used for their treatment, such as collaborative work, learning based in problems, research as a didactic strategy, project work, case studies and the integrated project to service learning. The methodology implemented consisted of classifying each of the selected projects, according to indicators, which allowed to categorize the inclusion of the methodological principles mentioned in the previous paragraph in each of these projects. These indicators, exclusively designed, made it possible to quantify in some way the degree of treatment of these principles, arriving at very interesting conclusions that show what place is given to environmental education in schools, what are teachers' favourite methodological strategies to deal with these issues, what relevance is given to the learning of scientific concepts and how the learning of values is prioritized.

KEYWORDS: Environmental Education. Methodology. Strategies. Teaching approach.

1 INTRODUCCIÓN

Numerosos proyectos se han venido desarrollando en las escuelas primarias y secundarias de nuestro país desde que la Educación Ambiental comenzó a tener presencia en los programas de estudio de todos los niveles del Sistema Educativo. Algunos convocados desde las instituciones educativas, otros por los mismos estudiantes que motivados por las problemáticas ambientales proponen entusiastamente trabajar en ellas y, por supuesto aquellos otros que son promovidos por los docentes desde sus propias prácticas.

Este es un trabajo exploratorio sobre un conjunto de proyectos llevados a cabo en distintos centros educativos de nivel primario de distintas localidades del departamento de Río Cuarto, provincia de Córdoba (Argentina) a fin de identificar metodologías comunes en los docentes para tratar de conocer más acerca de las intenciones, las metodologías y los resultados logrados por ellos cuando se proponen trabajar contenidos de Educación Ambiental.

El interés está puesto en encontrar algún modo compartido para construir saberes relacionados con las problemáticas ambientales o algunas competencias promovidas que nos permita comenzar a pensar en una Didáctica de las Ciencias Ambientales.

Una didáctica que tal vez todavía no tenga perfiles genuinos sino que se enmarque en la Didáctica de las Ciencias Naturales o, tal vez, esté mejor contenida por las Ciencias Sociales.

2 PLANTEO DE LA SITUACIÓN PROBLEMÁTICA

¿Cómo piensan los docentes, sus proyectos de Educación Ambiental? ¿Persiguen un modo de enseñar contenidos relacionados al conocimiento del medio ambiente, o son sólo un producto de buenas intenciones que apuntan a innovar en los diseños curriculares? ¿Qué metodologías prevalecen cuándo inician una intervención pedagógico-didáctica en esta temática? ¿Cuáles son los elementos de la Educación Ambiental que explícita o tácitamente consideran los docentes cómo más relevantes?. ¿Persiguen objetivos disciplinares o apuntan más a una formación de valores en sus estudiantes?

Frente a estos cuestionamientos propusimos las siguientes hipótesis:

- La Educación Ambiental en las escuelas primarias se viene desarrollando desde hace mucho tiempo sin una metodología propia, siguiendo intenciones de los docentes que apuntan más a atender propuestas innovadoras que a la enseñanza de contenidos disciplinares, sean éstos del campo de las Ciencias Naturales, de las Sociales o de las Ambientales.
- Las estrategias metodológicas que los docentes adoptan para la enseñanza de las Ciencias Ambientales en la escuela primaria no están dentro de un marco pedagógico-didáctico que incluya al Constructivismo como referente.
- Los aportes metodológicos que los docentes vienen haciendo a través de los proyectos que ejecutan sobre la enseñanza de la EA comienzan a delinear algunas características que permiten ya, pensar en la construcción de una didáctica propia para estas Ciencias.
- Es posible integrar junto a los docentes una propuesta didáctica que delimite estrategias y contenidos nucleares para la enseñanza de las ciencias del ambiente en la educación primaria.

3 REPASEMOS UN POCO DE HISTORIA

En primer lugar resulta interesante indagar acerca de cuándo comenzó a utilizarse el término “Educación Ambiental” y qué formas de intervención pedagógica adoptaron los docentes y desde qué posicionamiento didáctico lo vienen haciendo. A qué didáctica se han aproximado más, a la de las Ciencias Sociales, a la de las Ciencias Naturales o ya podríamos empezar a hablar de una Didáctica propia para la enseñanza de las Ciencias del Ambiente.

Un buen interrogante inicial es qué concepción de Didáctica debería acompañar a la EA, el Profesor Fernando Melillo (2004) en un texto que él mismo coordinó bajo

el nombre de “*Educación Ambiental, Ideas y propuestas para Docentes*” plantea la complejidad de la situación actual con respecto a este tema. En él expresa: *...si consideramos a la EA como que es en sí misma un campo de intersección, de convergencia de temáticas, problemáticas, disciplinas, perspectivas y metodologías, necesita por lo tanto también, de una concepción de Didáctica entendida como una Práctica Política, Epistemológica y Técnica, cuyos principales marcos conceptuales son el paradigma de la complejidad y el constructivismo.*

Según este mismo autor, la metodología propia de la EA resulta convocante de por sí como uno de los modos posibles del trabajo colaborativo, la investigación grupal, el protagonismo de los chicos, el intercambio interinstitucional, entre otros. (Melillo, F 2004)

Es por eso que se va a estar mirando en este trabajo a la Didáctica de la Educación Ambiental como un campo abierto y en construcción donde las intervenciones docentes son los pilares sobre los que es posible esta construcción. Y son ellas junto a las metodologías y estrategias didácticas que los docentes eligen para sus intervenciones las que nos van a ayudar a dar respuestas.

Para este estudio se tomaron como referencia los principios metodológicos más actuales dentro del constructivismo.

Estos son:

- 1) *El trabajo colaborativo*
- 2) *El aprendizaje basado en problemas*
- 3) *La investigación como estrategia didáctica*
- 4) *El trabajo por proyectos*
- 5) *El estudio de casos*
- 6) *El proyecto integrado al aprendizaje de servicios*

Para la selección de los proyectos se tomó como parámetro fundamental en su estudio aquellos que manifestaran entre sus propósitos “intenciones de promover cambios en las acciones” y esto es porque muchos autores ya han detectado esta particularidad en gran parte de las actividades de EA (F, Melillo 2004; P, Cañal 2009; E, Meinardi 2010.) por lo que convierte a esta intencionalidad en una característica importantísima a tener en cuenta.

En este trabajo, que como se mencionó es exploratorio, se hizo un análisis de sólo cuatro proyectos que fueron seleccionados según los criterios antes mencionados.

Es sólo un inicio, es necesario continuar analizando más casos para que las conclusiones a las que se arriben puedan generalizarse y de esa manera comenzar a dar cimientos a una didáctica propia para la enseñanza de las ciencias ambientales.

4 ANTECEDENTES DE LA EDUCACIÓN AMBIENTAL

Una pregunta interesante que podemos hacernos es ¿cómo surge la Educación Ambiental? Y no estamos haciendo referencia a la concepción de educación ambiental como aquellas prácticas destinadas a inculcar en niños y jóvenes acciones para mejorar su relación con el medio ambiente porque, de ser así deberíamos remontarnos a las sociedades más antiguas ya que desde tiempos remotos esto se viene haciendo. Sino que nos referimos a las intenciones de intervenir pedagógica y didácticamente en los diseños curriculares para incorporar estrategias educativas enfocadas a esta problemática.

Podríamos decir que en la década de los 60 surge el término de Educación Ambiental y en la de los 70 (del Siglo XX), aparece el reconocimiento de la sociedad acerca de la crisis ambiental tanto de carácter planetario como local. Luego, es el Programa Internacional de Educación Ambiental quien asume como horizonte de las prácticas pedagógicas, transmitir conocimientos, formar valores, desarrollar competencias y comportamientos que puedan favorecer la adecuada relación del hombre con el medio y una comprensión y solución de los problemas ambientales.

El Grupo de Pensamiento Ambiental fundado por Augusto Ángel Maya en 1987 crea un espacio de discusión en América Latina a partir de la concepción de que lo ambiental emerge de las relaciones Ecosistema-Cultura que es al mismo tiempo un espacio en donde confluyen “lo social y lo natural” y por lo tanto un sitio en donde conviven las diferentes disciplinas del conocimiento para comprender las determinaciones biunívocas entre estas dos dimensiones. Este grupo con sus investigaciones ha otorgado, y sigue haciéndolo, un importante apoyo conceptual a la docencia desde las universidades nacionales colombianas a través de diferentes programas de propuestas educativas (Maya A. 2003).

Si indagamos en los antecedentes de la Educación Ambiental encontramos diferentes posturas acerca de cuándo y para qué comenzó a considerarse el término, pero podríamos intentar resumir una de estas posturas en palabras de Leonardo Meza Aguilar (1992) en su artículo “Educación Ambiental ¿Para qué?”, donde sostiene que la necesidad de educar sobre las características y funcionamiento del medio ambiente ha estado siempre presente entre los educadores, aunque no recibía el título de educación ambiental y que en este sentido, la educación ambiental surge como una nueva forma de educar con un sentido profundamente crítico, a través de contenidos cuestionadores de la sociedad y sus valores dominantes.

Aunque el para qué está más marcado en la expresión que Daniel Gil (2006) utiliza en su publicación sobre Educación Ciudadana y Alfabetización Científica, donde

dice “...todos necesitamos utilizar la información científica para realizar opciones que se plantean cada día; todos necesitamos ser capaces de implicarnos en discusiones públicas acerca de asuntos importantes que se relacionan con la ciencia y la tecnología; y todos merecemos compartir la emoción y la realización personal que puede producir la comprensión del mundo natural. Y no solamente se refiere a los ciudadanos en términos generales sino también particularmente a los docentes cuando expresa que en la Conferencia de las Naciones Unidas sobre Medio Ambiente y Desarrollo, celebrada en Río de Janeiro en 1992, se reclamó una decidida acción de los educadores para que los ciudadanos y ciudadanas adquieran una correcta percepción de cuál es esa situación y puedan participar en la toma de decisiones fundamentadas (Naciones Unidas 1992). Haciéndose eco de este llamamiento, el *International Journal of Science Education* dedicó, en 1993, un número especial a “Ambiente y Educación” en cuya Editorial (Gayford 1993) reconocía la ausencia de investigación didáctica en este campo (Gil Pérez, D y otros 2000).

5 DIDÁCTICA Y EDUCACIÓN AMBIENTAL

En las décadas posteriores hubo un gran crecimiento en la producción investigadora en Didáctica de las Ciencias Experimentales, muchos trabajos centrados en las ideas que utilizan los alumnos para explicar fenómenos científicos, como la luz, la composición de la materia y también conceptos como la contaminación, el aumento del efecto invernadero, el ozono en la atmósfera, etc. Temas que desde la Didáctica de las Ciencias se los considera como “Ejes transversales” entendiéndolos a éstos como cuerpos de conocimiento que atraviesan a otras áreas y que son definidas como grandes temas que engloban múltiples contenidos que difícilmente puedan adscribirse a ninguna de las áreas y que pareciera que desde esta postura es un lugar ganado en la didáctica de las ciencias por la educación ambiental. Muchos autores fundamentan desde los posturas constructivistas la inclusión en los diseños curriculares, tanto del nivel primario como secundario, a la Educación Ambiental como un Eje Transversal (Garrido Romero, J; Perales palacios, F; Galdón Delgado, M. 2008).

Algo similar ocurre con el movimiento didáctico denominado Ciencia-Tecnología y Sociedad (CTS) que plantea un campo de estudio e investigación para una mejor comprensión de la Ciencia y la Tecnología en su contexto social. Esta corriente, que tuvo sus orígenes en EE UU a partir de la década de los sesentas fue ganando espacios dentro del constructivismo para delinear estrategias educativas que se aplican con bastante éxito como la participación democrática, la resolución de problemas, los debates y

grupos de discusión. Desde esta perspectiva general se le exige a la educación CTS no limitarse a cursos específicos, sino que debe impregnar transversalmente las áreas del conocimiento relacionadas con las ciencias de la Naturaleza y la Tecnología. Tanto es así que actualmente se intenta incorporarle la letra A de Ambiente para expresar que las CTS tienen la intención de dar más énfasis a las consecuencias ambientales en los movimientos científicos y tecnológicos (Pedretti, E. 2003). Podemos pensar con total tranquilidad que esta incorporación es innecesaria ya que la problemática ambiental forman parte de las CTS, al menos así lo podemos encontrar en las fundamentaciones a esta corriente didáctica. Como vemos este es otro de los espacios que la Didáctica delega a la Educación Ambiental.

Pero tampoco estos casos más actuales brindan elementos que inviten a pensar que ellos mismos constituyen los espacios donde se podría estar construyendo la Didáctica de las ciencias ambientales.

6 LA EA EN LOS LINEAMIENTOS CURRICULARES DE LA PCIA DE CBA

Revisando un poco que pasaba en nuestra provincia y ya con respecto a la EA insertada en los lineamientos curriculares, Gertrudis Campaner en *Reflexiones sobre la práctica de la Educación Ambiental* en 1996, menciona que en todas las escuelas de la provincia de Córdoba, se comienza con la puesta en marcha de la reforma curricular, comenzando con el Ciclo Básico Unificado o EGB 3. Así se realiza un estudio (Campaner, G. 1999) acerca de la incorporación de la EA en dicho ciclo, ya que los lineamientos oficiales contemplaban expresamente a la EA como *tema transversal* en todas las áreas del conocimiento. Éste estuvo dirigido a tratar de desentrañar los obstáculos y facilidades de dicha incorporación en especial dentro de la institución educativa para lo cual se realizó un análisis de los contenidos de EA en los distintos niveles de concreción curricular. Se logró establecer los siguientes contenidos generales básicos de toda propuesta educativa de EA, tomándolos como *categorías de análisis* en el estudio y considerándolos actualmente vigentes: a) concepto de ambiente como sistema complejo; b) problemas ambientales, génesis e impacto; c) investigación y evaluación de la situación ambiental; d) compromiso y propuestas de intervención en la solución o prevención de problemas ambientales.

Una propuesta pedagógico-didáctica para el tratamiento de estos temas de Educación Ambiental dentro de las fundamentaciones de los currículos oficiales podemos tomar de Gertrudis Campaner y Ana Lia De Longhi (1997) en “Enseñar a Argumentar”, que está basada en la aceptación de la realidad como multifacética y que existe solamente dentro del contexto de un horizonte socialmente construido y portadora de múltiples

significados. Éste posicionamiento nos permite visibilizar un marco teórico Constructivista para el abordaje de dichos contenidos.

Otra vertiente denominada Socio-Crítica desarrolla una postura también compleja, pero con argumentos, procedimientos y lenguaje vinculados con “cuestiones de poder” y en búsqueda de propuestas más emancipadoras como lo citan en sus trabajos (Gutiérrez Perez, J y Pozo, M. (2006); Campaner, 1997; González Gaudiano, E. (2003); Leff, E. (2004); Tréllez Solis, E 2006) y también es un posicionamiento que está muy presente en los últimos diseños curriculares oficiales.

7 LAS DIDÁCTICAS ESPECÍFICAS

Siguiendo en esta misma línea, si la indagación la hacemos más específica a la didáctica, es decir a las formas de enseñanza que se pretenden para estas temáticas, encontramos en algunos autores que existe una preocupación en señalar que la ciencia cada día se está acercando más a las personas, en un afán de contribuir en el desarrollo de actividades actuales, donde se *“requieren nuevas estrategias de enseñanza y un nuevo diseño”* permitiendo que la ciencia sea enseñable a todas y a todos, (Izquierdo, 2000). Mckeown (2002) nos señala que se deben considerar en la Educación Ambiental, la inclusión de habilidades de pensamiento crítico, habilidades para organizar e interpretar información y datos, habilidad para formular preguntas, y la capacidad de analizar los problemas a los que se enfrentan las comunidades.

Agreguemos aún más preguntas a las formuladas al comienzo de este trabajo: de identificar una didáctica propia de la EA, ¿estaría incluida en la didáctica de las Ciencias Naturales o Experimentales?. ¿Cómo se relacionarían sus objetivos o intenciones educativas? ¿Es necesario, entonces un planteo didáctico propio para la enseñanza de los contenidos de Educación Ambiental?

En Educación Ambiental, Ideas y Propuestas para docentes (2010) que es un material que coordinó el profesor Fernando Melillo donde se muestran proyectos llevados a cabo por maestros, plantea un indicador que podríamos tomar como una fuerte y particular característica de la enseñanza de la EA y que podría constituirse en uno de los pilares de la Didáctica para estas ciencias. En este material Melillo concluye que aunque caracterizados por su heterogeneidad de prácticas, si indagamos y buscamos algún componente o característica común, veremos que todas promueven algún tipo de cambio, más allá del enfoque y la estrategia didáctica que se emplee, se convoca a la acción.

Detengámonos un momento aquí para ver cuáles son los cambios de actitudes y comportamientos que la educación debería promover (Edwards, M; Gil, D y Vilches

2004) ¿Qué es lo que cada uno de nosotros puede hacer 'para salvar la Tierra'? ¿Qué efectividad pueden tener los comportamientos individuales, los pequeños cambios en nuestras costumbres, en nuestros estilos de vida, que la educación puede favorecer? Las llamadas a la responsabilidad individual se multiplican, incluyendo pormenorizadas relaciones de posibles acciones concretas en los más diversos campos, desde la alimentación al transporte, pasando por la limpieza, la calefacción e iluminación o la planificación familiar (Button y Friends of the Earth 1990; Silver y Vallely 1998; García Rodeja 1999; Vilches y Gil, 2003).

La elaboración por los equipos docentes de propuestas concretas de actuación a este respecto, permite ir más allá de la mera discusión y se convierte en una actividad particularmente adecuada para que aborden situaciones próximas a las que se pueden plantear en el contexto escolar.

Pero, ¿a través de que intervenciones pedagógico-didácticas se promueven estas acciones de cambio?

El tipo de cambio al que se hace referencia en los párrafos anteriores, ¿podría facilitarse desde estrategias problematizadoras del conocimiento a enseñar? ¿Y del trabajo cooperativo?

Consideramos que sí, particularmente aquellas que enmarcadas en la Enseñanza de las Ciencias constituyen un tema de investigación educativa actual en diferentes dimensiones: la comunicación en el aula, la resolución compartida de situaciones problemáticas, las posibilidades de su inserción en contextos educativos diversos, las dimensiones necesarias de una formación docente adecuada para ponerlas en acción, etc.

Resulta claro que, si deseamos aproximar a nuestros estudiantes a vivenciar la riqueza de lo que significa el trabajo en Ciencias, es imprescindible plantearles, en el marco de nuestras clases, algunas situaciones problemáticas, problemas o cuestiones de su interés, que deberán resolver bajo la guía del profesor y en un *contexto de construcción del conocimiento* que promueva un diálogo permanente y compartido entre todos los actores de la clase (sus compañeros y el docente). Es decir, deberíamos poder "problematizar nuestras propuestas de enseñanza" (De Longhi, 2007).

Investigaciones educativas actuales han llegado a consensuar que la idea óptima es optar por *una estrategia didáctica* que, debidamente fundamentada, sea *capaz de abarcar la enseñanza de las Ciencias en la escuela como un todo*; es decir, que pueda adaptarse para el diseño y puesta en acción de todas las actividades que se realizan en el aula: las clases teóricas, la resolución de problemas de papel y lápiz, los trabajos prácticos de laboratorio y la evaluación de los aprendizajes (Ferreyra, A. 2010)

El trabajo cooperativo resulta una estrategia imprescindible para una orientación constructivista del aprendizaje de las ciencias y más aún si estamos pensando en la educación ambiental. El trabajo en grupos no solo favorece notablemente el aprendizaje significativo y la inmersión en la cultura científica, sino que contribuye a un buen clima del aula con la integración del alumnado y del docente en una tarea común, constituyendo un instrumento clave para superar las dificultades y estableciendo relaciones positivas de cooperación (Benarroch 2011). Resulta, además, esencial para la apropiación de saberes referidos a la competencia social y ciudadana, la comunicación, habilidades sociales, aprender a aprender, aprender a debatir, a compartir, contrastar puntos de vista y en particular contribuye a la educación en valores, mostrando la superioridad de la cooperación sobre la competitividad, tanto para el aprendizaje de los estudiantes, como para la elaboración de productos de interés real (más allá de los meros ejercicios escolares) y, muy en particular, para abordar eficazmente la problemática central a que se enfrenta hoy la humanidad, que reclama el esfuerzo de la comunidad científica, de la educativa y del conjunto de la ciudadanía: la construcción de un futuro sostenible. (Vilches, A y Gil peréz D 2011).

8 ANÁLISIS DE LOS DATOS OBTENIDOS

Del trabajo exploratorio realizado en varias escuelas de nivel primario de distintas localidades de la zona de influencia de la ciudad de Río Cuarto (*Centro Educativo Perito Moreno, Centro Educativo José María Paz*, ambos de la localidad de Alcira Gigena, *Centro Educativo Bernardino Rivadavia* de la localidad de Coronel Baigorria, y *Escuela Rural Clotilde Guillen de Rezzan* de la localidad de Las Albahacas) se seleccionaron aquellos que entre sus propósitos estuvieran las intenciones de “promover cambios”. Ya habíamos mencionado anteriormente que este objetivo era tomado actualmente por algunos autores como una característica particular de la educación ambiental.

A continuación se presentan cada uno de los proyectos seleccionados con su título, ya que esto los caracteriza, y con el enunciado textual donde se expresa la intención que persiguen en la promoción de cambios.

Proyectos Seleccionados

Proyecto 1 “EL BIODIGESTOR CAMBIA NUESTRO FUTURO”

Centro educativo Bernardino Rivadavia (Coronel Baigorria)

...“*El principal objetivo de la experiencia educativa es el cambio de comportamiento de la población urbana respecto a los residuos domiciliarios*”.

...“*Este proyecto procura modificar la costumbre de desechar de manera indiscriminada los residuos domiciliarios, para evitar las consecuencias negativas a la*

problación, que provocan los basurales, ya causales de incendios, proliferación de vectores, suciedad volando, etc”...

Proyecto 2 ¿ LOS BIDONES DE AGROQUÍMICOS?

Centro educativo Jose María Paz Alcira Gigena

...“La propuesta que surgió con un enfoque educativo de los chicos de quinto y sexto grado, abarca en la actualidad un espectro que va más allá del ámbito educativo, puesto que apunta a hacer conciencia entre los vecinos. Esta tarea se realiza en el marco de un proyecto educativo que apunta a concientizar a los productores sobre el adecuado tratamiento de estos envases”...

Proyecto 3 “APRENDER A VOLAR”

Escuela Rural Clotilde Guillen de Rezzan Las Albahacas

...“Los alumnos en edad escolar permiten a la escuela la formación de multiplicadores de un cambio de actitud con respecto a la localidad, a los patrimonios culturales, de biodiversidad, y además insertar en la sociedad la cultura ambiental de revalorización que favorece el sentido de pertenencia a la región”...

Proyecto 4 CARTONEROS SOLIDARIOS

Centro Educativo Perito Moreno Alcira Gigena

...“Con este proyecto buscamos concientizar a los niños de la importancia del reciclado, del ahorro y de mantener limpio a nuestro ambiente, pero sobre todo generar en ellos y en la comunidad toda un cambio de actitud hacia el cuidado de nuestro lugar.

9 CONCLUSIONES

En rigor de las observaciones realizadas se puede interpretar que todos los proyectos de Educación Ambiental que hemos seleccionado para este trabajo son depositarios de contenidos relacionados con la enseñanza de valores, con estrategias de organizaciones sociales en pos de acciones relacionadas con el cuidado del ambiente pero pueden carecer de contenidos científicos relacionados con principios físico-químicos para explicar cualquier tipo de fenómeno que ocurra en la Naturaleza. De igual modo las aplicaciones tecnológicas que tuvieran alguna incidencia en cambios o controles ambientales no son tratadas en los contenidos.

En consecuencia, podríamos concluir que el aprendizaje de valores está por sobre el de conceptos científicos, desde este punto de vista estaríamos más próximos a un Didáctica de las Ciencias Sociales que a una de las Ciencias Naturales o Experimentales y bastante lejos de considerar una Didáctica de las Ciencias ambientales, ya que la aplicación de estas estrategias no presentan rasgos distintivos.

Es importantísimo destacar que todos los proyectos, tanto los que se han seleccionado en este trabajo como los que se han leído pero apartado de la investigación, plantean la problemática ambiental abordada en Jornadas extendidas, proyectos extracurriculares, salidas de campo o actividades de promoción para las escuelas. Esto nos está demostrando que existe en los docentes y directivos cierta resistencia aún a incluir la Educación Ambiental dentro de los diseños curriculares institucionalizados.

En este sentido podríamos estar pensando en las primeras respuestas a las preguntas que nos planteábamos al delimitar el problema. ¿Cómo piensan los docentes estos proyectos? ¿Qué intenciones los guían? ¿Persiguen objetivos disciplinares? ¿O son sólo un producto de buenas intenciones que apuntan a las innovaciones en los diseños curriculares?

Los docentes en Ciencias Naturales, que llevamos bastante tiempo aplicando y estudiando las Didácticas de la Física, de la Química y de la Biología, nos animaríamos a sospechar que hay algo que claramente debería diferenciar a una didáctica para las ciencias ambientales de estas otras y es que la educación ambiental persigue una construcción de saberes más ligados a la comprensión para la crítica, hay algo que es necesario conocer para luego cambiar y en ese cambio participamos directamente todos y este tipo de planteo no lo tiene las otras ciencias. En la educación ambiental buscamos siempre promover un cambio, no alcanza con conocer un problemática, en las otras ciencias no lo es siempre necesario. Nadie enseña la ley de dilatación de los metales para provocar un cambio, tal vez en algunos casos se busque comprender fenómenos para predecir algunos hechos, aplicar conceptos a situaciones diferentes, modificar conceptos previos sobre determinados hechos naturales para cambiar modelos explicativos que se tengan sobre fenómenos, pero el cambio que se busca en la EA tiene otras características.

Pero, por supuesto esto sólo no alcanza, la complejidad que planteábamos en el marco teórico sobre la EA debe ser tenida en cuenta en las intervenciones docentes. Como lo expresa Gertrudis Capaner en “Reflexiones sobre la práctica de la educación ambiental”,... *si los proyectos esgrimen fundamentos científicos, pero muy asépticos, poco críticos, sin vinculación con fundamentos sociales y culturales, descuidando las aportaciones éticas de la EA, se limita la construcción de la idea de ambiente complejo.*

La enseñanza de las Ciencias Ambientales cada vez cobran más importancia en los espacios curriculares de todos los sistemas educativos, es importante entonces llegar a establecer algún tipo de categoría de análisis para determinar si frente a la labor de diseñar un proyecto o actividades de EA podamos hacerlo desde un posicionamiento que nos garantice una didáctica específica para las Ciencias Ambientales.

Las didácticas específicas desarrollan campos sistemáticos del conocimiento didáctico que se caracterizan a partir de una delimitación de regiones particulares del mundo de la enseñanza. Los criterios de diferenciación de estas regiones son variados, desde la multipluridades de parámetros que se pueden aplicar para diferenciar entre clases de situaciones de enseñanza (Camilioni, A. 2013)

Es necesario, por tanto, que los proyectos de EA asuman expresamente las perspectivas constructivistas e investigadoras del actual paradigma didáctico y las incorporen plenamente, tanto en su fundamentación teórica como en las secuencias formativas que se implementen para incluir saberes, relaciones y tecnologías que hoy son dominantes en nuestra sociedad y forman a las nuevas generaciones para que puedan vincularse con ellas de manera más creativas, más libres y más populares.

BIBLIOGRAFÍA

BENARROCH, A. (2011). "Diseño y desarrollo del máster en profesorado de educación secundaria durante su primer año de implantación", en *Eureka*, n. 8(1), pp. 20-40.

CAMPANER, G; DE LONGHI, A.. (1997). Las Argumentaciones en la Educación Ambiental. Revista electrónica de las Ciencias. Vol N° 6. Año 2007.

GAUDIANO, E. 1999. Otra lectura a la Historia de la Educación Ambiental en América Latina y el Caribe. *Tópicos en Educación Ambiental*, 1(1).

BUTTON, J AND FRIENDS OF THR EARTH (1990). ¡Haztelo verde!. Barcelon: Integral.

CAMILIONI, A. (2013). Didáctica General y Didácticas específicas. La Didáctica o es un árbol. Entrevista realizada por Bazán, S. y Devoto, E. *Rev. De Educación*. UNMDP. Fac de Humanidades.

CAMPANER, G. (1996). Reflexiones sobre la Práctica de la Educación Ambiental. Ministerio de Educación de la Nación. Bs As. Argentina.

CAMPANER, G. (1999). La Educación Ambiental en el currículo escolar: un estudio de caso. *Revista de Educación en Biología*. 2 (2). 50-55.

CAÑAL, P y otros (2009). Formando(nos): compartiendo escenarios educativos. Cuadernos de Prácticas Educativas. Ed. Universidad Nacional de Río Cuarto.

DE LONGHI Y ECHEVERRIARZA (2007). Dialogo entre diferentes voces. Un proceso de formación docente de ciencias naturales en Córdoba-Argentina. UNESCO_UNC. ISBN 978-987-572-088-7. Ed. Universitaria.

FERREYRA, A Y DE LONGHI, A (2010) Metodología de la Investigación I 1° Edición Córdoba. Encuentro Grupo Editor. #}

GARRIDO ROMERO, J; PERALES PALACIOS, F; GALDÓN DELGADO, M. (2008). ciencias para educadores. diario de viaje: Madrid. Ed. Pearson.

Gil, D. (2006) citado en D. GIL, A. VILCHES. (2006). Educación ciudadana alfabetización científica: Mitos y Realidades. *Revista Iberoamericana de Educación* N.º 42 pp. 31-53.

GIL-PÉREZ Daniel, VILCHES Amparo, ASTABURUAGA Rosa y EDWARDS Mónica (2000). La Atención a la Situación del Mundo en la Educación de los Futuros Ciudadanos y Ciudadanas. Universitat de València, España. *Investigación en la Escuela*, 40, pp 39-56 (2000).

GONZALEZ GAUDIANO, E. (2003). Educación para la Ciudadanía Ambiental. *Interciencia*. Caracas Venezuela, 28, 10 #}

GRACIA RODEJA, I. (1999). El Sistema Tierra y el Efecto Invernadero. *Alambique*, 20, 75-84.

GUTIERREZ PEREZ, J y Pozo, M. (2006). Modelos Teóricos y Marcos de fundamentación y marcos de fundamentación de la Educación Ambiental. *Revista Iberoamericana de Educación*, 41, 21-68.

IZQUIERDO, M. (2000) Fundamentos epistemológicos de las Didáctica de las Ciencias Experimentales Fundamentos Epistemológicos cap. 2 pp. 35-63.

LEFF, E. (2004). Racionalidad Ambiental. Madrid: siglo XXI.

MAYA, A. (2003). La Diosa Némesis, desarrollo Sostenible o Cambio Cultural. Volumen 2. Ed. Cooperación Universitaria Autónoma de Occidente Colombia.

MCKEOWN, ROSALYN. (2002). Manual de Educación para el Desarrollo Sostenible, versión 2. http://www.esdtoolkit.org/Manual_EDS_esp01.pdf

MEINARDI, E. y otros (2010). "Educar en Ciencias". Paidós Bs As. Argentina

MELILLO, F. Coordinador (2010) "Educación Ambiental, Ideas y Propuestas para Docentes- Nivel Primario. Ministerio de Educación de la Nación Argentina.

MEZA-AGUILAR, L. (1992). Educación ambiental. ¿Para qué?. Nueva sociedad N° 122 Nov-Dic pp 176-18. Mexico.

PEDRETTI, E. (2003). Teaching science, technology, society and Environment (STSE) education: Preservice Teachers' philosophical and pedagogical landscapes. In: ZEIDLER, D. (Org). The role of moral reasoning on socioscientific issues and discourse in science education. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers.

SILVER, D y VALLELY, B, (1998). Lo que tu puedes hacer para salvar la Tierra. Salamanca: Lóquez.

TRELLZ, SOLIS E. (2006). Algunos elementos del Proceso de Construcción de la Educación Ambiental en América Latina. *Rev. Iberoamericana de Educación*, 41. 69-81.

VILCHEZ, A. Y GIL PEREZ, D. (2003). Construyamos un futuro sostenible. Diálogos de supervivencia. Madrid: Cambridge University Press.

VILCHEZ, A. y GIL PEREZ, D. (2011). Década de a Educación para un Futuro Sostenible (2005- 2014): Un punto de inflexión necesario en la atención a la situación del planeta. *Rev Iberoamericana de Educación*. vol 40.

CAPÍTULO 14

ANDANDO NA LINHA: DISCIPLINA E SOCIABILIDADES NO TRANSPORTE URBANO DE SÃO LUÍS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Data de submissão: 28/03/2022

Data de aceite: 14/04/2022

Maria das Graças do Nascimento Prazeres¹

<http://lattes.cnpq.br/9553748484315042>

[No bonde] havia as conversas, as discussões entre os passageiros do bonde; os debates em torno de assuntos do dia; debates ordinário cordiais.

[...] Isto a despeito de haver então o bonde primeira, e bonde segunda classe reservado à ralé de tamancos; ou descalça e sem gravata e sem paletó. Nos bondes de primeira classe, o indivíduo limpo, calçado, engravatado e de paletó e sem embrulho ou pacote na mão, fosse qual fosse a sua cor, a sua raça, a sua profissão, podia viajar, em bonde ou em trem.

Gilberto Freyre

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise do projeto de modernização da cidade de São Luís na Primeira República a partir da inserção dos bondes elétricos no sistema de transporte urbano como símbolos do progresso e da modernidade condicionando à população códigos disciplinadores bem como criando novas

sociabilidades. Esse projeto de modernização idealizava a reordenação do espaço físico da cidade com a finalidade de deixá-la mais salubre e mais saudável, além de melhorar os equipamentos públicos como transporte, iluminação pública, sistema de abastecimento de água e esgoto. Esse modelo advindo da Europa também se propunha a “civilizar” e “disciplinar” os corpos que transitavam por essa cidade. Nesse sentido, os passageiros dos bondes foram submetidos à uma série de normas de conduta para que pudessem “andar na linha” e se apresentarem civilizados dentro dessa nova cidade dita moderna. Portanto, a inserção dos bondes elétricos em São Luís na década de 1920 trouxe significativas modificações no comportamento e na forma do ludovicense se relacionar com a cidade e com o outro, construindo novas sociabilidades. Para a realização deste estudo, consultaram-se relatórios oficiais do Estado do Maranhão, crônicas literárias, jornais, revista e fotografias. **PALAVRAS-CHAVE:** Cidade. Modernização. Transporte urbano.

TOEING THE LINE: DISCIPLINE AND SOCIABILITY IN SÃO LUÍS’ URBAN TRANSPORTATION DURING THE “FIRST REPUBLIC”

ABSTRACT: This paper aims to analyze the project of modernization of the city of São Luís in the First Republic from the insertion of electric streetcars in the urban

¹ Doutoranda desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Endereço Eletrônico: graceprazeress@yahoo.com.br

transport system as symbols of progress and modernity conditioning the population disciplining codes and creating new sociabilities. This modernization project idealized the reorganization of the city's physical space in order to make it healthier and more salubrious, in addition to improving public facilities such as transportation, public lighting, and water and sewage systems. This European model also proposed to "civilize" and "discipline" the bodies that passed through the city. Streetcar passengers were subjected to a series of rules of conduct so that they could "walk the line" and appear civilized in this new modern city. The introduction of electric streetcars in São Luís in the 1920s brought significant changes in behavior and in the way Ludovicense people related to the city and to others, building new sociabilities. For this study, we consulted official reports of the State of Maranhão, literary chronicles, newspapers, magazines and photographs.

KEYWORDS: City. Modernization. Urban transportation.

O serviço de bondes elétricos assim como os demais "melhoramentos" pelos quais São Luís havia passado na virada do século justificava-se pelo fato de que o "progresso" deveria atingir a todos, pois não era possível construir uma imagem de "cidade civilizada", enquanto grande parte da população continuava com "maneiras provincianas". O "mau" comportamento dos segmentos mais pobres no espaço público negava este ideal de progresso. E a cidade era por excelência esse espaço do contraste, onde imperava ao mesmo tempo o fausto e a miséria, a beleza e o indecoroso, a generosidade e o ludíbrio, as virtudes e os vícios. A cidade era o espaço das diferenças, onde habitam os antagônicos, e no que se refere ao social, as cidades modernas não perderam este poder. Pesavento entende a cidade como "o teatro de realizações das diferenças sociais", e o espaço urbano manifesta "não apenas a diferenças de classe e ocupação, mas todo um *ethos*, uma sociabilidade e uma carga de valores que vêm associados àquelas diferenças básicas e originárias, comprovando o quadro de contrastes da cidade." (PESAVENTO, 1999, p. 62)

As classes subalternas além de ser bastante prejudicadas com a precariedade dos serviços públicos, ainda eram vistas como responsáveis pela situação de "atraso" em que se encontravam tais serviços. As intervenções urbanas produzidas para modernizar o espaço da cidade se articulavam com a ordem social, uma vez que o primeiro segmento deu as diretrizes para a elaboração dos "elementos constituintes da ordem urbana e da disciplina social". Era preciso disciplinar as classes populares. Não se podia remodelar o espaço urbano sem que houvesse uma correção dos modos de comportamento. Pechman afirma que

a presença das multidões nas ruas das grandes cidades, a provocação à ordem e a ameaça latente de revolta se constituem num grande desafio à redefinição de uma ordem pública. E a ordem pública passa a ser percebida a partir da necessidade de reordenação do espaço público. (1994, p. 31)

No caso do transporte coletivo, as brigas e os bate-bocas diários que ocorriam dentro dos veículos, além de outros inconvenientes promovidos por estes setores sociais feriam a imagem de “sociedade civilizada”. Assim, as autoridades viram a necessidade de elaborar um conjunto de normas para disciplinar o comportamento dos usuários, a fim de conduzi-los “à boa marcha e regularidade dos serviços de bonde” (Tração Elétrica, In: Pacotilha, 01 de dezembro de 1924, p. 1).

Foi com este intuito que se originou, baseado no artigo 13 do Decreto de 879 de 14 de setembro de 1924, um conjunto de “instruções” que regulavam os modos dos usuários deste coletivo, denotando uma característica das cidades modernas que ao tratar de questões urbanas se preocupavam em “pôr em exercício os serviços de vigilância e segurança pública” (PESAVENTO, 1999, p. 83). Uma de suas primeiras cláusulas se referia ao modo como deveriam estar trajados os usuários dos bondes elétricos. Portanto, assim determinava o artigo 2: “Os passageiros sem paletó ou colarinho, porém bem vestidos em tudo mais só podem viajar nos reboques e na plataforma posterior dos outros carros.” (Tração Elétrica, In: Pacotilha, 01 de dezembro de 1924, p. 1). Ponte verificou que em Fortaleza, capital do Ceará, assim como em outras cidades brasileiras, este tipo de determinação por parte do poder público também vigorou. Segundo este autor, na capital cearense

[...] exigia-se que os passageiros estivessem vestidos com decência: paletó, colarinho e sapatos. Segundo depoimentos de pessoas que viveram na Cidade a partir desse século, grande parte da população, excetuando os muitos pobres, usava cotidianamente paletó (alguns de casimira inglesa ou linho ou muitos de tecido mais rústico), o que é verificável através das fotografias da época. (PONTE, 1993, p. 33)

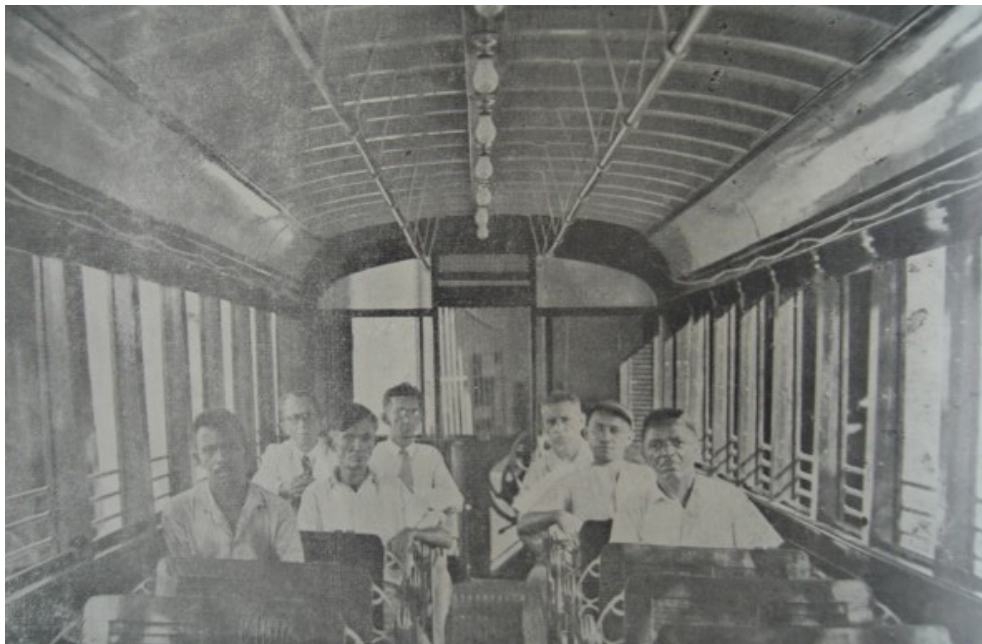
Assim, ao mesmo tempo em que os bondes foram implantados com o objetivo de oferecer transporte cômodo e barato a “todos”, as autoridades promulgavam leis que restringiam a utilização deste serviço às camadas populares, pois estabelecer que a entrada nos bondes fosse permitida somente aos que estivessem “bem” vestidos, deixava uma grande parte da sociedade de fora, pois muitos eram os trabalhadores que residiam longe de seus locais de trabalho e precisavam dos bondes para se locomover diariamente.

Os operários que iam para as fábricas, os vendedores que trabalhavam no mercado, e pessoas com outros tipos de ocupação, dificilmente tinham trajas adequados ao modelo afixado pelo código. Os paletós, os colarinhos e as peças finas exigidas para adentrar nos bondes não combinavam com os uniformes e vestimentas usadas na labuta pela maioria da população ludovicense², e muito menos com o clima quente

² Ludovicense: expressão empregada para denominar as pessoas nascidas em São Luís - MA.

da Ilha³, além de não se ajustarem à realidade econômica dessa população. E ainda, de acordo com esta cláusula, mesmo aqueles passageiros que estivessem “bem vestidos”, porém “sem paletó ou colarinho” só lhes era permitido viajar nas partes posteriores dos veículos. Portanto, ainda que alguns indivíduos das camadas populares chegassem a usar roupas “decentes” para usufruírem deste serviço, a discriminação era preservada nessa hierarquização dos espaços, pois seus lugares nos bondes, assim como no corpo social, já haviam sido determinados – a retaguarda dos coletivos.

Imagem 01: Passageiros no interior de um bonde.



Fonte: Miécio Jorge. Álbum do Maranhão, 1950.

Machado de Assis, ao criticar o comportamento do dito homem moderno da cidade carioca e sua preocupação com a aparência ao circular pela cidade, expressa que na sociedade carioca do início do século “[...] os vestidos e os brilhantes saem a passeio. A graça não fica em casa, nem a elegância, nem a beleza; todos esses bens do céu e da terra amam o ar livre.” (ASSIS, 1994, p. 123.). O homem moderno não se escondia, mostrava-se, saía às ruas. Era um homem praticante da cidade, que flanava por ela. E, ao adentrar ao espaço público, a aparência era sobremodo valorizada, uma vez que “a idéia que o homem tem do belo imprime-se em todo o seu vestuário, torna sua roupa franzida ou rígida, arredonda ou alinha seu gesto e inclusive impregna sutilmente, com o passar

³ A Ilha de *Upaon-Açu*, denominação dada pelos índios tupinambás que significa *Ilha Grande*, onde estão, atualmente localizados os municípios de São Luís (capital do Estado), São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa. No senso comum, é também conhecida como Ilha de São Luís, fazendo referência à capital.

do tempo, os traços de seu rosto” (BAUDELAIRE, 1996, p. 9). Portanto, as roupas eram muito mais que o ato de cobrir-se, de vestir-se, era a indicação da própria personalidade e da posição que se ocupava na sociedade ou que gostaria de ocupar; era uma forma, muitas das vezes, de mascarar aquilo que se entendia por feio, por desagradável. Neste sentido, com as vestes, “o homem acaba por se assemelhar àquilo que gostaria de ser” (BAUDELAIRE, 1996, p. 9).

Machado de Assis, em uma de suas crônicas intitulada “Instruções” ironizava as regras de conduta estabelecidas pelo poder público para os passageiros de bondes elétricos do Rio de Janeiro. Ao introduzir o regulamento, o cronista fluminense destaca que “o desenvolvimento que tem tido entre nós este meio de locomoção, essencialmente democrático, exige que ele não seja deixado ao puro capricho dos passageiros” (ASSIS, 2013, p. 51). Assim, como acontecera na capital da República brasileira, na cidade de São Luís e nas demais cidades que adotaram os bondes elétricos nos seus sistemas de transporte urbano, o progresso acabava por esbarrar no arcaísmo estrutural da sociedade que desejava ser moderna. Verifica-se que foi uma prática comum nas cidades brasileiras a adoção de regulamento de condutas para este tipo de usuário dos serviços públicos, o que demonstra a fragilidade desse modelo de modernização adotado pelo Brasil nos moldes europeus.

O regulamento se pronunciava até mesmo sobre o ato de cuspir nos carros, por não ser apenas uma questão de civilidade, mas principalmente por uma questão de saúde pública. Num momento em que a cidade redobrava sua atenção receosa com os surtos epidêmicos⁴, que ameaçavam os ares ludovicenses e se constituíam como risco permanente para aqueles que habitavam este espaço urbano, um ato desse tipo deixava temerosos aqueles que pretendiam tornar a cidade um lugar salubre.

Ao estudar a saúde pública de São Luís na Primeira República, Almeida afirma que as condições sanitárias deixavam muito a desejar e acarretavam sérios problemas, principalmente para a parcela menos favorecida, que em sua maioria vivia em condições miseráveis. E mais do que isso, além de ser a mais prejudicada com a precariedade dos serviços da saúde pública, essa parcela era vista não como vítima, mas como responsável pela propagação de doenças (2004, p. 240). Assim, sob o pretexto da saúde pública, os menos favorecidos eram empurrados para os lugares mais afastados, o que criava em torno deles uma espécie de cordão de isolamento, enquanto representação acerca das classes populares, entendidas como “construções humanas sobre o real”, naturalizando o social (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 64). Mais especificamente sobre

⁴ Dentre os surtos epidêmicos, destaca-se o da peste bubônica que atingiu a cidade de São Luís nos anos de 1903 e 1904.

eles é que pairava a preocupação do regulamento ao estabelecer que era “estritamente proibido cuspir nos carros”, estando inclusive sujeitos a serem retirados dos veículos aqueles que fossem reincidentes.

A preocupação com a salubridade dos espaços públicos não era exclusividade de São Luís. O Brasil como um todo havia enfrentado inúmeras crises epidêmicas desde a segunda metade do século XIX, principalmente, a cidade do Rio de Janeiro, como destaca Chalhoub ao afirmar que, na capital republicana, a epidemia de febre amarela chegou até mesmo a causar transtornos às atividades comerciais do país e às propostas de implementação de políticas imigrantistas (CHALHOUB, 1996, p. 61-62). Deste modo, o regulamento dos passageiros de bondes elétricos de que Machado de Assis falava em sua crônica não deixou de conter nos seus setenta artigos, um que fosse concernente à preocupação com a saúde pública. Logo no primeiro artigo havia: “Dos encatarrados – Os encatarrados podem entrar nos bondes, com a condição de não tossirem mais de três vezes dentro de uma hora, e no caso de pigarro, quatro.” (ASSIS, 2013, p. 51.)

Apesar de o passageiro ser o alvo principal do regulamento, ele se referia também ao comportamento dos condutores. Aos usuários cabia auxiliar a administração dos empregados e, se alguma coisa irregular fosse encontrada na operação deste serviço, os reclamantes poderiam dirigir-se por escrito à administração. Assim como os passageiros, os condutores dos bondes eram pertencentes aos grupos de menos *status* na sociedade, logo era mais uma forma de controlar a conduta desses grupos. No entanto, nenhuma das dez instruções se referia à empresa que gerenciava o serviço. A falta de cobrança por parte do Estado tornava a *Ulen* dona da situação, pois ela não podia ser cobrada por terceiros.

Como foi visto, anteriormente, foram afixados horários em que os bondes elétricos deviam fazer suas viagens. Essa tabela de horários estabelecidos favoreceu o surgimento de relações das mais diversas entre aqueles que se utilizavam dos bondes nos mesmos horários. Os estreitamentos de laços de amizades, os namoricos e os flertes, as brigas e os confrontos entre os inimigos. Dentro dos bondes sucedia tudo isso.

O interior de um bonde era bastante propício para o início dos flertes. Um espaço em que os corpos se aproximavam e o toque era mais suscetível de acontecer se tornava um local perfeito para o surgimento de amores. Assim, entre uma viagem e outra, muitos namoros foram pegando carona nos bondes elétricos que corriam lentos pelas ruas de São Luís. E não se tratava apenas dos iniciantes, aqueles que já eram enamorados também usufruíam deste veículo, principalmente, para fazerem passeios românticos nos fins das tardes quentes. O bonde que fazia linha para a Estrada de Ferro era um

dos preferidos, pois seu roteiro passava pela Avenida Beira-Mar, o que dava direito ao passageiro de apreciar uma bela visão do pôr-do-sol na Baía de São Marcos⁵. Mas, sem dúvida, o bonde mais utilizado pelos amantes era o que fazia linha para a Praça Gonçalves Dias, um dos principais cartões postais da cidade de São Luís, que unia em uma única paisagem o frescor da arborização das palmeiras que dançavam ao sabor do vento, a visão do sagrado com a presença da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios e uma vista panorâmica do pôr-do-sol no elevado do largo. Este roteiro, tão procurado pelos namorados, ficou conhecido como o bonde romântico, pois era o “preferido dos casais de namorados que procuravam a beleza e tranquilidade do Largo dos Remédios” (Revista Leia Hoje, set/out de 1991, p. 28).

Imagem 02: Praça Gonçalves Dias.



Fontes: Coleções São Luís: Memorabilia de antigos e raros cartões postais; http://biblioteca.ibge.gov.br/colecao_digital_fotografias.php?this_pag=48&palavra_chave=.

⁵ A Ilha de São Luís, localizada no litoral setentrional brasileiro, onde está localizada a cidade de São Luís que se limita ao norte com o Oceano Atlântico, a oeste com a Baía de São Marcos, a leste com as Baías de São José de Ribamar e do Arraial e ao sul com o Estreito dos Mosquitos. Assim, a parte mais antiga da cidade encontra-se nessa área da Baía de São Marcos e, por extensão, a região central onde se concentrava a população e também os serviços.

Imagem 03: Praça Gonçalves Dias.



Fonte: Coleções São Luís: Memorabilia de antigos e raros cartões postais.

As viagens dessa região central até os bairros chegavam a durar um pouco mais de uma hora. Assim, um passageiro que saísse da Estação Central até o bairro do Anil, por exemplo, gastaria esse tempo pra chegar ao seu destino. Era tempo suficiente para construir vínculos com quem viajava no banco ao lado. As viagens longas e lentas neste fluxo entre o centro da cidade e os bairros distantes, na maioria das vezes com os veículos lotados de passageiros, faziam florescer as conversas, as leituras de jornais, livros e revistas, suscitavam nos corações dos mais românticos os namoros, e momentos de amizade, fraternidade e até mesmo de desafeição, ali eram compartilhados.

É inegável que muito disso já existia desde os bondes de tração animal. Contudo, com a regularização dos horários e com a inserção de maior número de usuários, o transporte por tração elétrica acabou por incentivar muito mais as sociabilidades do que os seus antecessores.

Ler um jornal, um folhetim, ou folhear uma revista ou um livreto era a forma que muitos passageiros encontravam de tornar o percurso nos bondes elétricos mais curtos e mais interessantes. A leitura podia acontecer de forma individual quando não se tinha um conhecido dentro do bonde, ou de forma coletiva quando muitas vezes, as discussões sobre as diversas notícias do campo da política, da ciência, das artes tomavam força entre os passageiros que partilhavam as folhas de um mesmo jornal, folhetim ou similar.

O ato de ler nos bondes deixava a viagem mais prazerosa, sem dúvida, pois se conseguia preencher um tempo considerado ocioso. Em um jornal de São Luís, encontrei uma espécie de glossário com título “Leitura para o Bond” com chistes que, possivelmente, foram escritos para distrair um ou outro passageiro que estivesse a bordo de um veículo desse tipo. Na nota pública em 1904 por *A Pacotilha*, está escrito:

Leitura para o bond

Definições

Juízo – harmonia entre a lavoura individual e as asneiras geraes.
Juntas – partes do corpo que estão separadas.
Serapião – homem que terá de rodar mais cedo ou mais tarde, sem puxarem a fieira.
Agapito – letra, que ligada a um vicio fórma um homem como outro qualquer.
Amizade – coincidência de interesses.
Papa – entidade que no augmentativo mette medo às crianças no diminutivo sustenta-as e no natural faz santos.
Distracção – philosophia da conveniencia.
Hermeneutica – borracha applicada ao governo dos povos.
Céu – mundo visto de pernas para o ar.
Inferno – ajustes das contas universaes.
Orçamento – banquete onde todos comem e ninguém fica satisfeito.
Advogado – herdeiro das brigas alheias.
Casamento – suicidio longo.
Musica – crime premeditado.
Aposentadoria – capacidade para ganhar sem trabalhar.
Tapete – victima de quanta discussão aparece.
Peito – parte do corpo que anda aborrecida com o numero dez.
Bengala – manual de educação em alguns casos.
Beijo – unico estalo que não assusta.
Pobreza – fim de mês que nunca termina.
Foz – começo de um fim de um rio.
Lyrismo – recurso de mulher feia.
Molestia de nervos – falta de costura e de pancadas (*A Pacotilha*, 14 de fevereiro de 1904).

Machado de Assis em uma de suas crônicas fala deste hábito que também era percebido nos bondes elétricos que percorriam as ruas cariocas. Em sua narrativa é retratada uma dessas ocasiões em que um passageiro esquece um jornal de Londres dentro de um bonde elétrico: “ – No meio da tanta aflição, vale-nos a leitura, principalmente de folhas inglesas e americanas, quando algum passageiro as esquece no *bond*. Um deles esqueceu anteontem um número do *Truth*. Conhece o *Truth*?” (ASSIS, 1994, p. 176.)

A produção de uma escrita com a apropriação de léxicos dos novos objetos técnicos foi bastante comum entre os literatos da virada do século XIX para o século XX. A inserção de vários objetos técnicos, tais como cinematógrafos, fonógrafos, kodaks e ornatos, máquinas de escrever e outros acabavam por influenciar a escrita e a produção literária dos cronistas, dos poetas, dos jornalistas. Segundo Sússekind, neste momento

a disseminação desses objetos técnicos “pareceu constituir um horizonte técnico com o qual se defrontavam necessariamente os produtores literários brasileiros do período, então de modo hesitante.” (1987, p. 24.) Portanto, os literatos não podiam ser, e não foram indiferentes ao advento de novos recursos técnicos, e apropriaram-se desses novos mecanismos seja no ato de passar as ideias para o papel com a utilização de uma máquina de escrever, seja colocando a técnica como personagem em suas obras, ou até mesmo modificando a técnica literária através da adoção dos novos recursos técnicos.

Assim que os bondes elétricos passaram a percorrer as cidades houve um grande surgimento de novas expressões que se tornaram bastante populares. Dentre os ditos populares mais conhecidos temos: “comprar bonde”, que significa fazer um mal negócio; “pegar o bonde andando”, diz-se de alguém que chega atrasado ou entra numa conversa já iniciada sem saber o que se disse até então; “tomar o bonde errado” era expressão para designar quando se enganava quanto ao resultado de um negócio que se julgava ter êxito; “andar na linha” ou “andar nos trilhos”, falava-se de alguém que era íntegro e correto, principalmente, nos negócios; “cara de bonde” designava uma pessoa em quem não se pode confiar, traidor; “tocar o bonde para frente” era usado para expressar a perseverança após uma fase difícil, um momento de crise; “bigu” era a viagem clandestina nos bondes ou carona; “morcegar” ato de subir ou descer de um bonde em movimento e outros.

Inúmeras expressões surgiram dentro e fora dos bondes, ditos inspirados no cotidiano dos usuários deste tipo de veículos. Expressões que indicam quanto os bondes influenciaram nas sociabilidades daqueles que pertenciam à cidade. Não se pode negar que os *tramways* aguçaram a criatividade dos populares que não economizaram em criar léxicos e adágios que traduziam a presença e importância deles na vida dos cidadãos. Vale ressaltar que muitas dessas expressões ainda hoje são utilizadas, algumas com o mesmo sentido, outras com alteração ou adaptações nos significados.

Portanto, os bondes elétricos se constituíram elementos importantes na formulação de novas sociabilidades dentro do espaço urbano, uma vez que faziam parte do cotidiano da cidade, transportando os ludovicenses de casa para o trabalho, para a igreja, para o teatro, para o cinema, para a escola. Os *tramways* aproximavam não só as distâncias entre o centro e um bairro distante, mas também entre os próprios moradores da cidade, que tinham neste veículo a possibilidade de se conhecerem e firmarem laços de amizade, que envolviam até mesmo os “mortoneiros ou condutores [...] que eram bem tratados pelos passageiros, muitos dos quais se tornaram velhos amigos” (Revista Leia Hoje, set/out de 1991, p.28.). Ponte sintetiza bem o que os elétricos imprimiram no comportamento do homem cidadão. Para este autor, “os bondes significavam um novo

e importante espaço de sociabilidade; em livros, jornais e revistas não é raro encontrar referências a conversas e acontecimentos advindos de seus bancos. Foram, assim como as ferrovias, objetivados como signo de modernidade.” (PONTE, 1993, p. 33)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição Pinheiro de. Saúde Pública e Pobreza: São Luis na Primeira República. In: COSTA, Wagner Cabral da (Org.), *História do Maranhão: Novos Estudos*. São Luis: Edufma, 2004.

ASSIS, Machado de. *Obras completas de Machado de Assis: A Semana (1892-1894)*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de, 1839-1908. *Crônicas escolhidas*; organização, introdução e notas John Gledson. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras: 1996.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

JORGE, Miécio. *Álbum do Maranhão 1950*. [São Luís]: [Imprensa Oficial do Maranhão], 1950.

JOVCHELOVITCH, Sandro. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCH, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandro (Orgs.) *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 64.

PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. In:

BRESCIANI, Stella (Org). *Imagens da Cidade/ Séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero: 1994.

PESAVENTO, Sandra J. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRG, 1999.

PONTE, S. R. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigral, 1993.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

CAPÍTULO 15

LA CONDICIÓN HUMANA COMO EXPERIENCIA ORIGINARIA DE LA ESPERANZA Y DE LA FORMACIÓN

Data de submissão: 18/03/2022

Data de aceite: 30/03/2022

Ma. Dolores García Perea

Instituto Superior de Ciencias de la
Educación del Estado de México
<https://orcid.org/0000-0003-0265-7535>

Ana Ma. Mata Pérez

Centro de Investigación para la
Administración Educativa
<https://orcid.org/0000-0002-2066-2111>

Leticia del Carmen Ríos Rodríguez

Universidad Autónoma de Zacatecas
<https://orcid.org/0000-0002-1005-020X>

Ana Leticia Martínez Mata

Instituto Tecnológico de San Luis Potosí
<https://orcid.org/0000-0002-5865-7449>

RESUMEN: El propósito del presente trabajo es reflexionar el tema de la condición humana como experiencia originaria de la formación. Considerando que la reflexión a realizarse es teórica, los conceptos a privilegiarse son: condición humana, principio de esperanza, formación, inquietud de sí mismo, vivencia y juego. El concepto condición humana es entendido no sólo como una experiencia originaria del ser humano, sino también

como el referente para valorar la importancia y trascendencia de las experiencias de formación logradas a partir de los siguientes dispositivos: inquietud de sí mismo, vivencia y juego. Desde la perspectiva de Arendt, la condición humana es el argumento principal para emplear el término sujeto para referirse a los seres humanos. Tal hecho se debe a que el género humano en su situación personal o colectiva está condicionado, sujeto y atado a todo aquello con lo que está en contacto. El grado de dependencia estará determinado por su subjetividad, su historia de vida, las experiencias laborales, profesionales, académicas y de amistad. Para que el ser humano pueda poner distancia sobre los aspectos que lo condicionan, es necesario que los identifique para que pueda tomar consciencia del grado de sujeción depende de varios factores, entre éstos se encuentran: la tradición, las relaciones humanas, las necesidades biológicas, las experiencias profesionales, laborales, de amistad y personal y los procesos de formación. La formación y la esperanza como alternativas para superar el estado de sujeción debido al poder heurístico que le corresponde a cada una de éstas. Por tal motivo, Los dispositivos de la formación propuestos en el trabajo son: el juego, la vivencia y la inquietud de sí mismo. Éstos al igual que la formación son determinantes para que la condición humana no se restrinja y reduzca a los determinantes del cuerpo biológico del hombre, sino como punto de partida para acceder a las naturalezas caracterizadas por

la cultura y la conciencia anticipatoria del futuro prometedor (Arendt, 1998). Los aspectos a desarrollarse en el trabajo son: Condición humana, La esperanza como impulso, Problematicar la esperanza y la formación, Nociones de esperanza, Nociones de formación y Dispositivos de formación (inquietud de sí mismo, vivencia y juego).

PALABRAS CLAVES: Condición humana. Esperanza. Formación y dispositivo de formación.

1 INTRODUCCIÓN

Tal y como lo expresa el título, el presente trabajo tiene el propósito de reflexionar la experiencia originaria como experiencia originaria de la formación. Para tal efecto, la reflexión a realizarse es de tipo teórico, los conceptos a analizarse son: condición humana, principio de esperanza, formación, inquietud de sí mismos, vivencia y juego y los principales planteamientos son de los autores: Arendt, Ferry, Honoré, Foucault, Gadamer y Bloch.

Es importante señalar que la mayor parte del contenido del trabajo y que está relacionada con el concepto y los dispositivos de formación (inquietud de sí mismo, vivencia y juego), son parte de los resultados obtenidos de la investigación "*Formación, concepto vitalizado por Gadamer*" y, en una menor proporción, concretamente, el concepto esperanza, es parte de los resultados de la investigación "*La noción de formación en Ernst Bloch*".

El concepto de condición humana no ha sido contemplado como objeto de estudiado de alguna investigación desarrollada. Sin embargo, para su desarrollo se privilegia los planteamientos de Hannah Arendt contenidos en el primer capítulo del libro intitulado con el nombre del concepto.

Las preguntas a resolverse son: ¿Qué se entiende por condición humana?, ¿Qué relación tiene con los conceptos: esperanza, formación, inquietud de sí mismo, vivencia y juego?, ¿Por qué estudiar, qué pasa y cuál es el sentido originario de los conceptos: esperanza y formación?, ¿A través de qué conceptos podemos comprender la trascendencia y devenir de ambos conceptos?, ¿Qué significa dispositivos de formación? y ¿Qué significa inquietud de sí mismo, vivencia y juego?

Los presupuestos del trabajo son: 1. El concepto condición humana es experiencia originaria del ser humano, 2. El principio de esperanza, la formación, la inquietud de sí mismo, la vivencia y juego son parte de dicha experiencia originaria, 3. La condición humana es construida por el ser humano y 4. La esperanza, la formación, la inquietud de sí mismo, la vivencia y el juego generan que el horizonte de saber de la condición humana se amplíe y, al mismo tiempo, sea menos particular y más universalizada.

Los aspectos a desarrollarse en el trabajo son: Condición humana, La esperanza como impulso, Problematizar la esperanza y la formación, Nociones de esperanza, Nociones de formación y Dispositivos de formación (inquietud de sí mismo, vivencia y juego).

2 CONDICIÓN HUMANA

Para desarrollar este apartado recorro a los planteamientos hechos por Hannah Arendt.

La condición humana es el estado de condicionamiento, que tiene el ser humano en relación con todas las cosas con las que entra en contacto y que se convierten de inmediato en una condición de su existencia. De ahí la noción de hombre como ser condicionado que está sujeto, atado a todo aquello que le permite vivir y existir. El efecto de tal condicionado, afirma la autora, se debe al resultado de “todo lo que entra en el mundo humano por su propio acuerdo o se ve arrastrado a él por el esfuerzo del hombre pasa a ser parte de la condición humana” (Arendt, 1998).

Parafraseando a Arendt, la condición humana está determinada por todo lo que constituye el mundo de la vida, siendo el mundo físico y natural el hábitat por donde transcurre su vida finita y el espacio temporal donde satisface sus necesidades básicas, es decir, las generadas por la condición biológica, fisiológica e instintiva que caracteriza a todos los seres vivos.

La condición humana está determinada por todo aquello que constituye el mundo terrenal, natural. Por lo tanto, la vida en este mundo es la experiencia originaria humana en virtud de que sin el mundo terrenal, la vida humana como la de otros seres vivos es impensable. A diferencia de otros seres vivos, el ser humano tiene la capacidad de superar, abandonar, escapar, aunque sea momentáneamente el mundo terrenal al satisfacer las necesidades de tipo biológico y fisiológico, para acceder a otro mundo producido y reproducido por seres humanos que habitaron antes que él dicho mundo.

La condición humana está arraiga al mundo terrenal caracterizado por la naturaleza propio del mundo, la cual se presenta ante el ser humano en sus dos sentidos: como prisión de la tierra -llamada también con el nombre de hábitat, morada y casa- y como potencial liberador de la tierra. Por su naturaleza instintiva, el hombre necesita y está atado a la naturaleza terrenal para cubrir sus necesidades básicas, las cuales de manera paulatina, progresiva y permanentemente se incrementan considerablemente por resultado de los modos de actuar y correlacionarse con otros organismos de su mismo o diferentes especie.

Escapar de dicha condición humana no ha sido fácil. Los primeros hombres tuvieron que enfrentar a la naturaleza para seguir viviendo en el mundo terrenal y, después

de un largo periodo histórico y de distintas experiencias, lo han alterado, transformado a partir del avance y desarrollo de la ciencia. Es el deseo de vivir en un ambiente terrenal de menor incertidumbre, ha generado que el ser humano escape a las experiencias originarias primitivas demarcadas y limitadas por la natalidad. En la medida en que pueda superarlas escapando de éstas dependerá de la capacidad de lograr cambios en el mundo terrenal.

Los cambios generados en las maneras y formas de establecer contacto del con el mundo terrenal con otros mundos (sueños, fantasías, ciencias, etc.) no evitan que el hombre siga condicionado en virtud de que puede escapar de las ataduras de las experiencias primitivas generadas en el hábitat natural, pero se atará a otras cosas debido a que su vida no dependen de las actividades para atender las necesidades básicas de la vida. La autora propone la palabra 'labor' para referirse a esta experiencia originaria de vida humana.

Así mismo propone dos términos más para señalar que la condición humana está determinada a otros factores como es el trabajo y la acción. El trabajo entendido como actividad para producir objetos duraderos, ha generado que el estado de condicionamiento humano este determinado por cosas creadas por efecto de la tradición, las costumbres, las ideologías, el mercado, las sensaciones, las sublimaciones, los simbolismos, los ideales, los deseos, las querencias, etc. La acción, en este caso, es el momento desarrollado de la capacidad que le es propia al ser humano para ser emanciparse del estado de sujeción, condicionamiento y ser libre.

Arendt hace una doble afirmación: la condición humana es distinta a la naturaleza humana y la suma total de actividades y capacidades que corresponden a la condición humana no constituye nada semejante a la naturaleza humana. Mientras, hoy en día, en los intentos por definir la naturaleza humana terminan por hablar de una creación divina complicada de explicar, la condición de la existencia humana también es difícil de explicar debido a que constantemente el ser humano siempre estará condicionado algo y que ese algo jamás será absoluto.

Por último, la pluralidad, nos dice la autora, es la condición de la acción humana debido a que todas las personas, además de que somos humanos, también somos diferentes a otras personas que han vivido o vivirá. Por lo tanto, la condición humana de las personas dependerá del estado de condicionamiento que tenga derivado de la capacidad de hacer frente a aquello con lo que entra en contacto.

3 LA ESPERANZA COMO IMPULSO

Para desarrollar este apartado, recupero dos términos desarrollados por Bloch en los primeros capítulos del Tomo I de la obra "*El principio esperanza*": impulso de deseo

e impulso de querer. Han sido seleccionados por encontrar en ellos una veta conceptual cuya profundidad, frescura, sutileza y originalidad está en el hecho de pensar la esperanza como experiencia originaria del ser humano y, por consiguiente, de la formación.

Desde la perspectiva del filósofo alemán, la esperanza es estructuras ontológicas que habitan en las profundidades de la persona y, por tanto puede concebirse como un impulso. Son la causa del movimiento en ellos y generan sentido a sus existencias. El origen de la expresión popular: “hombre no vive para vivir, sino «porque» vive, puede sentir”, nos dice Bloch, reposa en ambas estructuras ontológicas.

Antes de explicar la diferencia existente entre el impulso de deseo y el impulso de querer y argumentar al segundo impulso como experiencia que origina el trayecto de formación en los seres humanos, considero pertinente describir la naturaleza misma del impulso antes de configurarse como impulso del deseo o como impulso del querer.

El impulso trastoca al ser humano desde su nacimiento hasta la muerte del cuerpo biológico y permanecen en él generando signos de movimiento. Por ello, podemos decir que empujan, incitan, arrojan al ser humano al mundo para buscar no sólo de un algo que permanece desconocido, sino también de ese algo que al ser construido, empieza a tener forma de manera pausada, constante, consecutiva y permanentemente.

El impulso no puede ser percibido por los sentidos humanos, sin embargo, es el responsable de las experiencias corpóreas y de las experiencias mentales (reflexivas, analíticas, interpretativas, de comprensión, lógicas, etc.). Ningún ser humano puede escapar al impulso porque es independiente a la voluntad humana, se manifiesta sin cesar creando una agitación que, aún de ser o no percibido, genera alguna aspiración, anhelo, afán, deseo, querer, agobio, etc.

Sentirse empujado y embrujado por el impulso implica una diversidad de sensaciones similares al que experimenta un ser humano cuando el aguijón de la abeja penetra entre las células de su cuerpo. La ansiedad es tal que el movimiento surge como una reacción del cuerpo mismo.

Generalmente, el contenido del impulso pasa desapercibido en el ser humano, aún de su manifestación corpórea, por tal motivo es imposible nombrar lo que evoca en tanto que lo que expresa no puede ser satisfecho como lo es una necesidad biológica e instintiva. Su contenido está demarcado en primera instancia por el deseo manifestado en los sueños nocturnos y, posteriormente, al adquirir el carácter de sueño diurno se convierte en un querer que despliega un abanico de alternativas para ser real aquello a lo que se aspira.

La negación de impulso es una de las situaciones más nefastas y destructivas del ser humano y de la humanidad debido a que lo que se anula y excluye la esperanza que

habita en ellos. Por tal motivo, reflexionar el impulso, en su manifestación tanto de deseo como de querer, significa pensar en la experiencia originaria de la condición de humano y, por consiguiente, de los trayectos de formación.

Hay que mencionar que el impulso es la causa de que el ser humano viva la experiencia de agonía, aspiración, apetencia, anhelo, deseo, etc., la cual habrá de perturbar su vida hasta que pueda ser lograda. Para ello se requiere tanto de voluntad, interés, perseverancia y convicción humana como de que las condiciones sociales, culturales, históricas, religiosas, etc., sean propicias.

El impulso, el querer y los sueños diurnos blochiano son los componentes iniciales de la formación por los aspectos siguientes: son inalienables, habitan en el interior de la persona, están constituidos por componentes sociales, culturales, históricos y simbólicos y tienen como efecto la lucha, la persecución, el trabajo constante, paulatino y consecutivo en tanto empujan, arrojan, lanzan, ponen en movimiento a la persona para lograr lo que no tienen y que es factible de lograrse, independientemente del tiempo transcurrido para lograr o poseer lo que se quiere.

A diferencia de la connotación ontológica que otorga Bloch al impulso o ímpetu y a la condición dialéctica e histórica que le caracteriza por abrir el mundo al ser humano y por generar en ellos y en la humanidad cambios, transformaciones y movimiento constante, permanentes y consecutivos; en la humanidad; en el campo disciplinario de la física mecánica, el impulso y el ímpetu, además de ser fenómenos distintos, tienen un sentido reducido y restringido.

Mientras que el impulso de querer trastoca su presente empujando, incitando a la búsqueda, a la conquista, a la lucha, a la persecución, al logro de aquello que es susceptible de ser encontrado y que yace en el ámbito de lo todavía-no-consiente; el impulso de deseo al no convertirse en un querer, pervive como ilusión efímera y no realizable por situarse en el ámbito de la fantasía.

El impulso del querer hace que la tarea de formarse sea susceptible de realizarse por el principio de esperanza que contiene y que la formación se convierta en una condición humana, de la cual sólo es responsable y compromiso de quien la vive.

4 PROBLEMATIZAR LOS CONCEPTOS DE ESPERANZA Y DE FORMACIÓN

Para problematizar los conceptos de esperanza y de formación, las preguntas a resolverse son: ¿Qué pasa con los conceptos?, ¿Cómo han sido interpretados? y ¿Cuáles son su sentido originario?

Con base en el diagnóstico realizado sobre los libros registrados en la Universidad Nacional Autónoma de México y la Universidad Iberoamericana, los teólogos

son las personas que inician estudiar el concepto de esperanza. Posteriormente, bajo la influencia de algunos de ellos, se convierte en objeto de estudio de la filosofía. De ahí que la teoría de la esperanza adquiere reconocimiento por los autores que tratan de habilitar su sentido originario.

Posteriormente, el campo de su estudio se amplía vertiginosamente debido a la importancia que adquiere el concepto para explicar la vida de los seres humanos y de la humanidad. A mediados del siglo pasado, es estudiado en la mayoría de los ámbitos disciplinares, destacándose los correspondientes a la política, economía, salud, geografía y educación, entre otros.

Con respecto al concepto formación, ha sido estudiada en el ámbito de lo óntico y considerada como ente, como una cosa. La mayoría de los trabajos sobre formación se han hecho en el ámbito óntico. Los aspectos privilegiados en este ámbito son: Tendencias, programas y visión del mundo, Distinguen y diferencian de otros conceptos, Analizan a partir de adjetivaciones, Comprenden a partir de relaciones, Vislumbran: psicológico, social y simbólico y Estudian a partir de campos disciplinarios.

Lo que no se ha estudiado y debatido son, entre otras cuestiones: las nociones, las historias, el devenir, la complejidad, la trascendencia y el devenir de ambos conceptos. También es importante señalar que la mayoría de los trabajos ponderan sus estudios a partir de la condición de entes y no de su condición ontológica. Urge, entonces, desarrollar tanto dichos aspectos como su abordaje en el campo de la ontología.

Con respecto a la pregunta ¿Cómo ha sido interpretado el concepto formación?, se dice lo siguiente. Tanto la esperanza como la formación ha sido interpretados de manera negativa, es decir, sus sentidos originales han sido reducidos y restringidos y, en la mayoría de las ocasiones, son confundidos con otros conceptos. Por ejemplo, la esperanza se le confunde con la ilusión y la fantasía, se ha reducido a un acto de fe y se ha restringido al estudiarse a partir del pasado y no del futuro. A lo anterior hay que incluir que es concebida como parte de las virtudes teologales.

En el caso del concepto de formación, ha sido reducido como una actividad de transmisión de datos e información y restringida a las actividades exclusivas del aula escolar y a las instituciones educativas. También ha sido considerada como sinónimos de las actividades relacionadas a la instrucción, la capacitación, el adiestramiento, la actualización y la superación académica. El deber-ser y deber-hacer son los ejes principales de los modelos creados para la formación de los profesores en las escuelas normales.

La respuesta a la pregunta ¿Cuál es su sentido originario? es la siguiente. Con la certeza que implica tener el dominio sobre el campo de estudio, afirmó que lo que caracteriza al concepto de esperanza es la construcción de un futuro mejor del ser humano

a partir de las acciones implementadas por ellos y, en el caso del concepto de formación, el sentido de cultura a la cual los seres humanos debemos acceder y conquistar.

La cultura es la segunda naturaleza humana y sólo es posible su arribo a través de la formación. La construcción de un mundo mejor es la tercera naturaleza humana y sólo es posible a través de la esperanza.

5 NOCIONES DE ESPERANZA

Para desarrollar el concepto de esperanza, se recuperan las definiciones contenidas en la obra *“Aprender la esperanza”*.

Alberoni, Descalzo y Ganne, coinciden en afirmar, con palabras más o menos equivalentes, que la esperanza es la virtud más importante de la vida en tanto que sin ella, nadie se atrevería a llevar a cabo acciones enfocadas a lograr fines, emprender una empresa o tener el valor para afrontar el futuro desconocido, incierto e imprevisible. Ignorar la esperanza es imposible porque está inmersa en nuestra vida motivando las actividades diarias para lograr un fin y tal fin, sin duda, es la proyección de la vida.

José Luis Martín Descalzo (2002) al reconocer en la esperanza tal principio, propone que ella sea entendida como actitud de vida debido a un acción dual: la vida consiste precisamente en entreabrirse hacia lo posible y lo posible sólo puede lograrse cuando se mira hacia el horizonte del futuro. En otras palabras, la vida sólo se construye y quien la construye se reimpulsa en esa fuerza interior denominada esperanza.

Continuando con el autor, vida y esperanza son estructuras inseparables: la vida se construye sobre la posibilidad de actuar en futuro y, por lo tanto, sobre la esperanza. La vida, en su naturaleza más profunda, es acceso a la esperanza. La esperanza destruye la certeza de lo ineluctable y de la muerte, reabre el horizonte de lo posible y choca con las incertidumbres existenciales. Desde mi punto de vista, es precisamente esta apertura la que nos devuelve la alegría, la confianza, la fe y el impulso para reinventar acciones tendentes a lograr lo que es querido.

La esperanza también es considerada como visión de futuro. Para argumentar tal sentido, continuo recuperando las ideas de Descalzo sobre la vinculación existente entre esperanza-futuro: la esperanza se presenta como “una fuerza directa hacia el futuro, como una meta, una visión de aquello que puede ser, de lo que podemos realizar, de lo que se está incubando y que debemos perseguir con nuestra voluntad, asumiendo los riesgos que conlleva” y el futuro le corresponde al ser humano en tanto es el portador del impulso que va desde nuestro interior hacia afuera, como poderoso vehículo por su capacidad heurística y por poner en marcha la evolución cósmica que hace escalar los estratos cada

vez más elevados del ser. Imaginar un futuro sereno, abrirse al futuro, el deseo de vivir y de luchar, es una luz que destroza las tinieblas, es una ola de calor que nos reconforta y que nos hace renacer (Ídem).

Las nociones de corte teológico, aún de la dirección e intención que tienen, contienen elementos para comprender la importancia, trascendencia y devenir de la esperanza. Con el propósito de mostrar lo dicho, presento a continuación la noción hecha por Royo (1976: p. 45): Esperanza, además de ser el fin último deseado, anhelado y querido por el ser humano, es una virtud teológica que nos impulsa mirar hacia la patria eterna dándonos la plena garantía de alcanzarla algún día, no por nuestras propias fuerzas humanas, sino con el auxilio omnipotente de Dios, el cual es bondadoso y misericordioso.

Otras nociones de esperanza interesantes por su contenidos son: “dinamismo de la exigencia humana”, “virtud que tiene peor prensa”, “hondura y [...] universalidad de su implantación en el corazón del hombre”, “agridulce necesidad de vivir, es uno de los hábitos que más profundamente definen y constituyen la existencia humana”, “estado de ánimo que complace en la posesión de un bien que le llena de dicha y de paz”, “imaginar un mundo sereno”, “luz que destroza las tinieblas, [...] ola de calor que nos reconforta, que nos hace renacer”, “fuerza directa hacia el futuro, como una meta, una visión de aquello que puede ser, de lo que podemos realizar, de lo que está incubado y que debemos perseguir con nuestra voluntad, asumiendo los riesgos que conlleva”, “proyección hacia el futuro, como intuición de las posibilidades que germinan en la realidad, y que debemos cultivar y llevar a término”, “estar casi seguro de algo”, “lo que se espera”, “actitud de prudente razonabilidad, como un estar, mediante el intelecto, en medio de dos alternativas que en ninguno de los casos es cierta”, “intuición que proviene de un movimiento interior y que establece de nuevo una relación de confianza con el mundo, que nos introduce nuevamente en el impulso vital de nuestra continuidad vital con el cosmos, una afirmación de nuestra sustancia de ser”, “capacidad de esperar, de luchar por una meta sin abandonarse al desaliento o a la desesperación”, “capacidad de tener presta siempre la mirada hacia el futuro”, “seguridad de alcanzar el resultado aun cuando todas las circunstancias son adversas, aun cuando nos faltan las capacidades indispensables para obtenerlo”. “La experiencia anticipada” y “movimiento de la apetencia apetitiva que resulta de la aprehensión del bien futuro, arduo y posible, o sea la tendencia o inclinación del apetito hacia tal objeto.”¹

Las nociones caracterizadas por su sentido aséptico, no dejan de ser interesantes. Entre éstas se encuentran: “Espera confiada, más o menos justificada, de un hecho grato o favorable”, “¿Realmente la esperanza es el único bien, el último recurso disponible para

¹ Entre los autores de las nociones se encuentran: Moltmann, Eugenio D´Ors, Lain, Royo, Alberoni y Santo Tomás.

afrontar todos los males? O, por el contrario, ¿es el más último, el más sofisticado y burlón, es la falsa promesa, el engaño?” y “Así pues, cuanto más nos esforzamos por vivir bajo las riendas de la razón, más nos esforzamos en depender al mínimo de la Esperanza y en liberarnos del Miedo” (Alberoni, 2001: p. 13).

6 NOCIONES DE FORMACIÓN

Con la finalidad de dar a conocer algunas interpretaciones sobre el concepto formación que resaltan el sentido de cultura cito cuatro nociones. La primera es de Gilles Ferry (1990) y considerado como clásico de la formación en el campo de la pedagogía, entiende a la formación como *Trabajo individual, libremente imaginado y deseado con base en los dispositivos que otros y uno mismo se provee*. Estoy de acuerdo con el autor, la responsabilidad de formación es exclusivamente de la persona interesada en formarse. El compromiso de las instituciones de educativas es proveer procesos, escenarios y dispositivos de formación.

La segunda es de Gadamer (1993b), autor de la hermenéutica filosófica. A la edad de 54 años, el filósofo y filólogo alemán la concibió como Capacidad de pensar lo que opinan otros y uno mismo. Desde mi punto de vista la noción expresa la profundidad y la dimensión que abarca la formación.

La tercera también es de Gadamer (2000), fue elaborada a los 94 años de edad aproximadamente: Potenciar las fuerzas allí donde uno percibe sus puntos débiles y no dejarlas en manos de los padres de familia que regalan obsequios a los hijos por obtener calificaciones de 10 y a las instituciones que otorgan diplomas por la capacidad de memorizar. Esta manera de entender a la formación, nos obliga a preguntar por las debilidades de las personas pero también por las experiencias de formación logradas a lo largo de nuestra existencia.

La cuarta y última es de Hegel (Cfr. Gadamer, 1993): Reconciliarse con uno mismo en una segunda naturaleza: la cultura. El principio de la noción es: para formarnos es necesario reconocer que estamos deformados. Lo anterior puede ser explicado a través de la analogía de la piedra en el zapato: sólo descubriendo que ésta en nuestro zapato y produce daño al pie, podemos responsabilizarnos de arrojarla fuera del zapato y del pie.

Otras nociones de formación encontradas en la bibliografía revisada son: ‘Trabajo individual, libremente imaginado y deseado con base en los dispositivos que otros y uno mismo se provee’, ‘Transmisión (o adquisición) de conocimiento enlazados con las dimensiones de la vida propiamente humanas y provistos de una jerarquización interna,

que se realiza con el esfuerzo que se necesario, de modo tal que incite a una posición personal libre, que pueda ser principio, sin violencia de algo original, de modo que se consiga plenitud humana”, “Proceso de desarrollo individual tendiente a adquirir o perfeccionar capacidades”, “Transformarse en el contacto con la realidad, y en el transcurso de la formación volverse capaz de administrar uno mismo su formación”, “Dinámica de un desarrollo personal que consiste en tener aprendizajes, hacer descubrimientos, encontrar gente, desarrollar a la vez sus capacidades de razonamiento, riqueza de imágenes del mundo, descubrir sus propias capacidades”, “Desarrollo de autosocio-construcción”, “Doble proceso de diferenciación-integración de toda forma en una forma nueva, y de transformación de la energía física en vital, psíquica e intencional”, “Función evolutiva del hombre basada en procesos, diferenciación y activación significativa desprendida de la reflexión”, “Orientación fundamental del ser humano (intelecto, voluntad y sentimiento) hacia la totalidad del ser”, “Ordenación de la experiencia del mundo”, “Fidelidad de la conciencia”, “Ponerse-en-ordena-sí-mismo (cuerpo-alma-espíritu)”, “Realización de sí mismo”, “Autoformación de la persona”, “Obra de sí mismo”, “Reflexión acerca de sí mismo, asumiéndose como objeto de conocimiento y de transformación”, “Proceso de desarrollo y estructuración de la persona que la realiza bajo el doble efecto de una maduración interna y de ocasiones de aprendizajes, de encuentros, de experiencia” y “Posibilidad de existencia” (García, 2012).

Las nociones de formación construidas por un grupo de investigadores que participaron como informantes principales de la investigación “*Las nociones de formación en los investigadores*” son: ‘Ruptura que tienes que hacer con respecto a lo que eres, a lo que piensas, a como explicas las cosas’, ‘despliegue de capacidades del pensamiento para confrontar, debatir, poner en juego tanto saberes previos, como aquellos que sirven de cuña para construir otros con mayor penetración de sentido’, ‘posibilidad intelectual que tiene el sujeto de ir creciendo’, ‘búsqueda del porvenir del hombre de manera mucho más profunda, más radical, más esencial que cualquier otro campo de acción del que hasta ahora se haya podido hacer la experiencia: la raíz del futuro’, “la posibilidad de colocarse como buscador de diferencias’, ‘proceso de crecimiento a través de avances y retrocesos, de rupturas’, ‘procesos continuo que se mantiene a lo largo de la vida para su consolidación’, ‘proceso humano, histórico, un proceso de toda la vida’, ‘la capacidad de compartir, de saber, de exponer ideas ante los demás sin temor’, ‘proceso que se da a través del encuentro conmigo mismo a través del encuentro con los demás’, ‘la posibilidad de establecer relaciones que te llevan a la mutua comprensión de ti y del otro’, ‘tejedor de conceptos’ y ‘horizonte hacia la subjetividad’ (García, 2012).

7 DISPOSITIVOS DE FORMACIÓN

Atendiendo a su raíz latina *dispositus*, entendemos al dispositivo como lo dispuesto, es decir, lo que se ofrece o provee que, al activarse, produce un efecto esperado o una acción prevista conducente a la conversión del ser humano en otra persona, sin que con ello olvide lo que fue anteriormente. Esta manera de entender al dispositivo se encuentra en Ferry (1990), sobre todo cuando afirma que la formación se logra a través de medios o condiciones que la institución ofrece a estudiantes y personal académico y administrativo, que las personas ofrecen y la persona que se forma se provee a sí mismo.

Los conceptos elegidos para comprender la trascendencia y devenir del concepto formación, que sirven para detonador la reflexión y la transformación de las personas y, que son, al mismo tiempo, son los dispositivos elegidos en este trabajo son: Inquietud de sí mismo, vivencia y juego.

a) Inquietud de sí mismo

Para desarrollar el concepto se recuperan los planteamientos de Foucault contenidos en la obra *Hermenéutica del sujeto*.

Es un concepto empleado en la tradición griega (*epiméleia heautou*) para referirse a la verdad y al hombre. Es una especie de desasosiego del hombre que lo impulsa a buscar y construcción de su existencia. Los aspectos que se distinguen en el concepto griego son: una actitud general, una mirada determinada de atención, Acciones que uno se ejerce para transformarse y Corpus que define un modo y manera de ser, una actitud, formas de reflexión, prácticas, etc.

En América Latina, el concepto griego es traducido como conocimiento y cuidado de uno mismo y su resultado se manifiesta en la correspondencia existente entre cuerpo, alma, pensamiento y modo de actuar. El principio que lo rige es: la persona que se haya ocupado y preocupado por sí mismo podrá, entonces, ocuparse y preocuparse por otros. La persona ofrece a otros lo que ha cultivado a la lo largo de su vida.

b) Vivencia

Para desarrollar el concepto se recurre a los planteamientos de Gadamer en la obra *Verdad y Método I*.

Es la traducción hecha al concepto alemán *Erlebnis*. Se logra en vida y cuando tiene lugar algo. A través de ésta se construyen unidades de sentido sobre lo vivido y, éstos a la vez, dan origen a la conciencia. Lo que se vivencia se convierte en referencia inconfundible e insustituible y forman parte de nuestro ser. Comparado a la analogía con el cuerpo humano, son las huellas de lo vivido.

Para lograr vivencias es importante las siguientes cuestiones: vivirlo cuando se está con vida, reflexionar lo que ocurrió y transformarnos al descubrirlo. Las experiencias negativas, es decir, aquellas que no resultaron se convierten en vivencias cuando son la materia prima de reflexión y, por consiguiente de conversión en otra persona, sin olvidar con ello lo que fue anteriormente antes de lograr la vivencia.

Las vivencias de muerte son, generalmente, las que transforman a la persona. Probablemente por el hecho de estar frente a la muerte, los obliga a conocerse, cuidarse y proveerse a ellos mismos. Si las experiencias logradas en la vida cotidiana fueran convertidas en vivencias, seguramente la salud de las personas fuera mejor así como el modo de organización de las sociedades modernas.

c) Juego

Para desarrollar el concepto se privilegian los planteamientos de Gadamer de las obras: "Verdad y Método I" y "La actualidad de lo bello. El arte como juego, símbolo y fiesta".

Es la traducción hecha al concepto alemán *spiel*. En el trabajo, se pondera la noción ontológica y no las posturas existentes sobre el juego como recreo, descanso, recuperar la energía perdida, actividad atávica y proceso de enseñanza.

Lo que nos interesa de la actitud de la persona que juega es el hecho de autopresentarse tal y como es en el juego. Si la persona descubre su capacidad de poder-ser y poder-hacer en el juego que es considerado como momento situacional de la cual no pasa nada porque es ficticio, podrá entonces reconocerse tal y como es. Por lo tanto su jugar en la vida real lo transformará continuamente convirtiéndolo en un sujeto en construcción.

El riesgo de ganar o perder en un juego de reglas establecidas y que tienen un fin en sí mismo, permite que el jugador descubra las posibilidades que tiene para conocerse, cuidarse y proveerse así mismo, de las vivencias a lograr y sobre la de seguir formándose en un acto de continuar expansión al desplazarse, ganar y fusionar con los suyos los horizontes de saber de la vida.

En la actualidad, el juego es parte de las actividades de formación y educación del niño, pero no del adulto. Las actividades de la profesión adquieren un carácter de seriedad por las repercusiones generadas al no hacerse de manera correcta, pero al perder el carácter lúdico, las convierte en un ritual pesado, tedioso y molesto.

Si el docente asumiera la profesión como juego, seguramente los riesgos asumidos repercutirán favorablemente en todos los aspectos de la vida y saldrían beneficiados no sólo los estudiantes y personas con las que convive, sino también el mismo. En el acto de jugar está el riesgo de jugarse a sí mismo y transformarse.

8 CONSIDERACIONES FINALES

El concepto condición humana es entendido no sólo como una experiencia originaria del ser humano, sino también como el referente para valorar la importancia y trascendencia de las experiencias de formación logradas a partir de los siguientes dispositivos: inquietud de sí mismo, vivencia y juego.

Desde la perspectiva de Arendt, la condición humana es el argumento principal para emplear el término sujeto para referirse a los seres humanos. Tal hecho se debe a que el género humano en su situación personal o colectiva está condicionado, sujeto y atado a todo aquello con lo que está en contacto. El grado de dependencia estará determinado por su subjetividad, su historia de vida, las experiencias laborales, profesionales, académicas y de amistad.

Para que el ser humano pueda poner distancia sobre los aspectos que lo condicionan, es necesario que los identifique para que pueda tomar consciencia del grado de sujeción depende de varios factores, entre éstos se encuentran: la tradición, las relaciones humanas, las necesidades biológicas, las experiencias profesionales, laborales, de amistad y personal y los procesos de formación.

La formación, como alternativa para superar el estado de sujeción es entendida en su sentido amplio, en su poder heurístico y como acceso a la segunda naturaleza humana. Por tal motivo, los dispositivos de la formación propuestos en el trabajo son: el juego, la vivencia y la inquietud de sí mismo. Éstos al igual que la formación son determinantes para que la condición humana no se restrinja y reduzca a los determinantes del cuerpo biológico del hombre, sino como punto de partida para acceder a las naturalezas caracterizadas por la cultura y la conciencia anticipatoria del futuro prometedor (Arendt, 1998).

BIBLIOGRAFÍA

Arendt, Hannah (1998). *La condición humana*. Paidós, Barcelona.

Bloch, Ernst (1979). *Principio de esperanza*, Tomo I.

Boros, Ladislaus (1972). *Somos futuro*. Ediciones Sígueme, Salamanca.

De Sebastián, Luis (2003). *Razones para la esperanza en un futuro imperfecto*. Icaria-Intermón-Oxfam, Barcelona.

Ferry, Gilles (1990). *El trayecto de la formación. Los enseñantes entre la teoría y la práctica*. Paidós Educador, México.

Ferry, Gilles (1997). *Pedagogía de la formación*. Ediciones Novedades Educativas del Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico y Facultad de Filosofía y Letras de Buenos Aires, Buenos Aires.

- Foucault, Michel (1994). *Hermenéutica del sujeto*. Piqueta, Madrid.
- Gadamer, Hans-Georg (1993). *Verdad y Método I*. Ediciones Sígueme. Salamanca.
- Gadamer, Hans-Georg (1993b) *Elogio de la teoría. Discursos y artículos*. Ediciones Península. Barcelona.
- Gadamer, Hans-Georg (2000). *Educación es educarse*. Paidós Asterisco, Barcelona.
- Ganne, Pierre (1973). *Esta esperanza que hay en nosotros*. Ediciones Morova, S. L. Madrid.
- García Amilburu, María (1996). *Aprendiendo a ser humanos. Una antropología de la educación*. Ediciones Universidad de Navarra, S. A., Pamplona, España.
- García Perea, Ma. Dolores (2007). *Formación, concepto vitalizado por Gadamer*. Castellanos Editores, México, D.F.
- García Perea, Ma. Dolores (2012). *Las nociones de formación en los investigadores*. Castellanos Editores, México, D.F.
- García Perea, Ma. Dolores (2012). *Aprender la esperanza*. Castellanos Editores, México, D.F.
- García Perea, Ma. Dolores (2010). "El educador como agente de la formación". En *Tiempo de Educar. Revista Interinstitucional de Investigación Educativa*. Año 11, segunda Época, No.21, Enero-junio, pp. 109-135
- Lain Entralgo, Pedro (1984). *La espera y la esperanza*. Alianza, Madrid.
- Moltmann, Jürgen (1969). *Teología de la esperanza*. Sígueme, Salamanca.
- Rivas Lacayo, Rosa Argentina (2007). *Saber crecer. Resiliencia y espiritualidad*. Urano, Barcelona.
- Royo Marin, Antonio (1976). *Teología de la esperanza. Respuesta a la angustia existencialista*. Biblioteca de autores cristianos, Madrid.

CAPÍTULO 16

CRÓNICA Y VOTOS DEL PRIMER CONGRESO LATINOAMERICANO DE CRIMINOLOGÍA (BUENOS AIRES 1938)¹

Data de submissão: 15/02/2022

Data de aceite: 28/02/2022

Mariana Angela Dovic

IPEHCS

(Instituto Patagónico de Estudios de
Humanidades y Ciencias Sociales)

Consejo Nacional de

Investigaciones Científicas

Universidad Nacional del Comahue

Investigadora Asistente

Neuquén Capital - Argentina

<https://orcid.org/0000-0001-9209-1568>

RESUMEN: El *Primer Congreso Latinoamericano de Criminología* fue celebrado en la ciudad de Buenos Aires entre el 25 y 31 de julio de 1938. En la logística y organización del evento fue central el papel de la *Sociedad Argentina de Criminología* dirigida por el médico psiquiatra Osvaldo Loudet. En este encuentro se forjaron diálogos entre países de la región y estuvieron presentes importantes personalidades del campo académico y político. A partir de un análisis cualitativo del discurso, analizamos actas del congreso y los *Anales de la Sociedad Argentina de Criminología*, referidos a su crónica que incluyó actos oficiales, visitas

¹ Avances relativos al presente capítulo son parte mi trabajo como investigadora asistente del CONICET.

y banquetes en honor a los delegados extranjeros. Se elaboraron votos sobre temas que eran parte de la agenda penal de los países que intervinieron como la peligrosidad, delincuencia infantil, política y prevención criminal. Como principal resultado, a partir del congreso estudiado se aspiró a construir un saber criminológico latinoamericano y a que sus conclusiones tuvieran incidencia en la confección de legislación y política penal.

PALABRAS CLAVES: Criminología. Sociedades científicas. Congresos.

CHRONIC AND VOTES OF THE FIRST LATIN AMERICAN CONGRESS OF CRIMINOLOGY (BUENOS AIRES, 1938)

ABSTRACT: *The First Latin American Congress of Criminology* was held in the city of Buenos Aires between July 25 and 31, 1938. *The Argentine Society of Criminology* led by psychiatrist Osvaldo Loudet played a central role in the logistics and organization of the event. In this meeting, dialogues were generated between countries of the region and important personalities from the academic and political fields were present. Based on a qualitative analysis of the discourse, we analyzed minutes generated in the congress and the *Annals of the Argentine Society of Criminology*, referring to its chronicle that included official acts, visits and banquets in honor of foreign delegates. Votes were made on issues that were part of the criminal agenda

of the participating countries, such as dangerousness, child delinquency, politics and crime prevention. As a main result, from the congress studied, a Latin American criminological knowledge was built and it was hoped that they would have an impact on the preparation of legislation and criminal policy.

KEYWORDS: Criminology. Scientific societies. Conferences.

1 INTRODUCCIÓN

Entre el 25 y 31 de julio de 1938 se llevó a cabo en Buenos Aires el *Primer Congreso Latinoamericano de Criminología* organizado por la *Sociedad Argentina de Criminología*. A través del mismo, se trataron temas como la peligrosidad, reincidencia, delincuencia infantil, prevención criminal, formación de los jueces penales, entre otros, que eran parte de temas de la agenda penal de países que participaron. En esta oportunidad, estudiamos la crónica de este congreso, sus discursos inaugurales, agasajos, visitas realizadas por los delegados extranjeros y los votos principales elaborados. Fue un evento académico sobre criminología de relevancia para la región latinoamericana con la concurrencia de 19 países con 168 delegados y tuvo auspicio de gobiernos, prensa e instituciones oficiales. Asistieron más de 600 invitados y estuvo patrocinado por el Ministerio de Justicia e Instrucción Pública de Argentina a cargo del jurista Jorge Eduardo Coll (Bóveda, 1938, p. 387). Uno de los objetivos del congreso fue discutir entre países de la región temas que se iban a tratar en el *Primer Congreso Internacional de Criminología* en Roma, Italia, en octubre de ese mismo año.

La organización del congreso, así como la logística empleada, estuvo a cargo de la *Sociedad Argentina de Criminología* con apoyo del Estado. Ésta funcionó dentro del Instituto de Criminología de la Penitenciaría Nacional de Buenos Aires y estuvo integrada por personalidades académicas de universidades nacionales y extranjeras (Dovio, 2021). Fundada por el médico Osvaldo Loudet en 1934, tuvo como fin impulsar el saber criminológico en la articulación entre el campo jurídico y el médico psiquiátrico. Uno de sus objetivos principales fue el estudio del individuo considerado peligroso, lo que incluyó estados llamados pre – delictuales identificados con la vagancia o reacciones antisociales de niños, por ejemplo. Además, el estudio del diagnóstico y tratamiento penitenciario de la peligrosidad de individuos detenidos. Se realizaron sesiones mensuales para presentar trabajos académicos y contó con una publicación para difundirlos, los *Anales de la Sociedad Argentina de Criminología* publicados desde 1936. En el marco de estas actividades, Loudet propuso la realización de un congreso latinoamericano que inauguraría una serie de eventos que continuaron con el *Segundo*

Congreso Latinoamericano de Criminología en Santiago de Chile en 1941 y la *Tercera Conferencia Latinoamericana de Criminología* en Rio de Janeiro en 1942.

Osvaldo Loudet presidió dos mesas directivas dentro de la *Sociedad Argentina de Criminología* dedicadas a la organización del primer congreso, una integrada por miembros extranjeros y otra por nacionales. La primera tuvo como vicepresidentes al Dr. Luis Landa de Bolivia, Leonido Ribeiro de Brasil (médico director del laboratorio de criminología infantil de Rio de Janeiro), Arturo Alessandrini de Chile (decano de la Facultad de Derecho de Chile), Julio Endara de Ecuador (director del Instituto de Criminología de Quito), Juan Carlos Gómez Folle (director de Institutos Penales de Uruguay) y como secretario general a Rogelio Carratalá (profesor de Toxicología de La Plata). La comisión organizadora del congreso a nivel nacional tuvo como vicepresidente al Dr. Carlos de Arenaza (presidente del Patronato Nacional de Menores), al Dr. Antonio Berutti (juez del crimen de Capital Federal), como secretarios generales a Rogelio Carratalá y a Héctor Piñero (profesor suplente de criminología de la escuela de policía). Como vocales fueron designados Nerio Rojas (profesor titular de Medicina Legal), José María Paz Anchorena (profesor extraordinario de Derecho Penal), Artemio Moreno (juez del crimen) y José Belbey (profesor de Medicina Legal de La Plata).

Para este trabajo utilizamos una metodología cualitativa, entendiendo al discurso no como una mera relación lingüística sino como un entramado de enunciados que circulan entre los cuerpos en prácticas que son siempre relaciones de poder que constituyen sentido. La constitución de sentido brota no solo de qué dice sino de quién, a quién, dónde, desde qué posición de poder y en qué entramado. Esto permite pensar en la materialidad del lenguaje, expresada en las prácticas (Murillo, 2008, p. 41). Como fuentes tenemos en cuenta actas generadas en el *Primer Congreso Latinoamericano de Criminología* y discursos de los *Anales de la Sociedad Argentina de Criminología*.

En lo que sigue, recorreremos la crónica del congreso, sus actos inaugurales, recepciones, agasajos, visitas y sesiones plenarias. Luego, los votos que redactó la comisión de resoluciones del congreso.

2 SOCIEDAD ARGENTINA DE CRIMINOLOGÍA. CRÓNICA DEL PRIMER CONGRESO LATINOAMERICANO DE CRIMINOLOGÍA

La organización del *Primer Congreso Latinoamericano de Criminología* fue una actividad relevante de la *Sociedad Argentina de Criminología*, definida por Osvaldo Loudet como un centro de estudios biológicos, sociales y jurídicos vinculados al problema de la criminalidad y que iba a “resolver con espíritu científico las arduas cuestiones de la defensa

social” (Loudet, 1938a, p. 586). Su programa incluyó el estudio de la personalidad fisiológica del sujeto en estado peligroso y los factores exógenos del delito. Especialmente, las causas sociales, las medidas de seguridad, la terapéutica individualizada para la mejor readaptación social del delincuente, la política criminal preventiva y la policía judicial. Si bien se dio importancia a los estudios médicos legales de los individuos que cometían delitos, hubo un distanciamiento de la antropología criminal de Lombroso:

No se trata, naturalmente, de descubrir al hombre criminal de la primera época de la era lombrosiana, porque esa especie, con caracteres morfológicos específicos, no existe. Se trata, en cambio, de estudiar los elementos físicos y psíquicos que integran la personalidad y explican sus reacciones antisociales desde los progresos de la fisiología, patologías generales, psicopatología y psiquiatría clínica (Loudet, 1938a, p. 579).

Este ideario fue afín al positivismo criminológico y teorías bio-deterministas que buscaron las causas del comportamiento criminal en el funcionamiento del cuerpo humano. Hacia 1930, hubo matices a partir de los avances de otras disciplinas como la higiene mental y los estudios sobre el impacto de lo social y ambiental en comportamientos ligados al delito (Dovio, 2021).

El *Primer Congreso Latinoamericano de Criminología* fue una iniciativa de Osvaldo Loudet, producto de diálogos previos con miembros de la *Sociedad Argentina de Criminología*, de distintos puntos de América Latina, en los que se coincidió en generar una reunión académica en la que debatir cuestiones sobre la criminalidad de una manera interdisciplinaria. La inauguración oficial del congreso estuvo a cargo del presidente de la Nación Roberto Ortiz, el 25 de julio de 1938 a las 15 horas, quien recibió a las delegaciones extranjeras en su despacho y Osvaldo Loudet realizó las presentaciones. Luego, los visitantes se retiraron de la casa rosada “llevando en el ánimo las complacencias de haber encontrado un gobernante afable y que había prestado cálida acogida al congreso” (Bóveda, 1938, p. 374).

La ceremonia inaugural oficial se llevó a cabo el 25 de julio a las 17 horas en el salón de actos del palacio del Consejo Deliberante de la ciudad de Buenos Aires. Entre los presentes estuvieron Jorge Eduardo Coll, el coronel Enrique Quiroga, José Cantilo (ministro de Relaciones Exteriores y Culto), los embajadores de Brasil y de Uruguay, doctores José de Paula Rodríguez Alves y Enrique Martínez Thedy. Además, Antonio Sagarna, ministro de la Suprema Corte de Justicia de Argentina y el director general de Correos y Telégrafos, el doctor Adrián Escobar, entre otras numerosas figuras representativas del ambiente. Se dio comienzo al acto con la ejecución del himno nacional a cargo de la banda de policía (Bóveda, 1938, p. 389). También estuvieron presentes las delegaciones de Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, Ecuador, El Salvador,

Guatemala, Haití, Honduras, México, Nicaragua, Panamá, Paraguay, Perú, Uruguay y Venezuela. La delegación argentina estuvo integrada por 114 representantes de diversas provincias e instituciones.

Dentro de los discursos inaugurales del congreso estuvieron los del ministro Jorge Eduardo Coll, del presidente del Congreso Osvaldo Loudet y del representante de las delegaciones extranjeras, Arturo Alessandrini. Para Coll, el congreso servía para adecuar la legislación penal y saberes criminológicos a las necesidades específicas de América Latina. Es decir, se debía construir un conocimiento local y situado: “Europa nos ha enseñado a estudiar, pero es tiempo que esa aptitud la apliquemos a nuestros asuntos” (Coll, 1938, p. 15). Esto conllevaba a que la elaboración, por ejemplo, de los códigos penales fuera a partir de la investigación científica y del trabajo en el marco de institutos locales. Entre ellos, destacó en el caso de Argentina la colonia hogar “Ricardo Gutiérrez” y la Penitenciaría Nacional, “cuya organización asombraría a los técnicos de Europa imbuidos de prejuicios que les impiden ver todo progreso jurídico institucional en nuestra ciencia” (Coll, 1938, p. 16). También estableció que:

Es preciso libertar el pensamiento de América. Resulta absurdo que para resolver un problema social nuestro debamos consultar un libro aparecido en otro continente (...) Por eso las reuniones de personalidades tan calificadas de todos los países de América, como ésta del Congreso de Criminología que vienen a decirse lo que han estudiado, observado y aplicado en sus respectivos países, a fin de depurar las ideas fundamentales de una ciencia y propender al mejoramiento de las leyes y de las instituciones; tiene el significado de un acontecimiento y es la expresión indudable de la cultura alcanzada en América. Así lo ha comprendido el gobierno al apoyar esta iniciativa de la Sociedad Argentina de Criminología, el Excmo. Señor presidente de la Nación, doctor Roberto M. Ortiz (1938, p. 17).

Por otra parte, para el presidente del congreso, Osvaldo Loudet, el evento iba a fortalecer la relación entre la medicina y la justicia estableciendo que el médico especializado lejos de ser considerado un “intruso” iba esclarecer importantes problemas jurídicos en el orden civil y criminal. “Los antiguos conflictos tienden a desaparecer y se sustituyen por una colaboración inteligente y útil” (Loudet, 1938b, p. 189). En el último discurso inaugural a cargo de Arturo Alessandrini, se estableció que el fundamento de la reunión era debatir la complejidad de la aplicación de la ley penal y la necesidad de una reforma legal. El juez no era sólo un jurista, sino un político social y un colegislador que debía interpretar la ley con criterio social y humano (1938, p. 200).

Luego de los discursos inaugurales, las actividades del congreso siguieron en la sede de la *Sociedad Argentina de Criminología*. A las 22 horas se realizó una recepción y entrega de diplomas a miembros honorarios. Ante una sala llena de delegaciones extranjeras pronunció un discurso Nerio Rojas para darle la bienvenida a los nuevos

miembros honorarios, como el doctor Juan Carlos Gómez Follé que agradeció la distinción otorgada (Bóveda, 1938, p. 391). Al día siguiente por la mañana, funcionaron sesiones plenarias, comenzando con el trabajo de Carlos De Arenaza sobre las reacciones consideradas antisociales en niños. Antes de ello, fue leído un expresivo mensaje desde Italia de Benigno Di Tullio (presidente de la *Sociedad Internacional de Criminología*). Por la tarde, las sesiones continuaron con la temática de la formación del juez del crimen.

Por la noche del 26 de julio de 1938, tuvo lugar un banquete en el *Alvear Palace* en honor a las delegaciones extranjeras. El doctor Nerio Rojas tuvo a su cargo “la misión de ofrecer el homenaje y en nombre de los obsequiados dijo palabras de gratitud y emoción el delegado brasileiro doctor Leonido Ribeiro, aplaudiéndole prolongadamente” (Bóveda, 1938, p. 291).

El día 27 de julio de 1938 se desarrolló la segunda sesión plenaria con la presidencia del delegado Juan Carlos Gómez Folle. Se trató el tema de los índices médico - psicológicos y legales de la peligrosidad a cargo del relator Osvaldo Loudet, por la tarde continuó Alfredo Molinario con una comunicación sobre la peligrosidad como fundamento y medida de la responsabilidad. Posteriormente, disertó Sebastián Soler y Gustavo Labatut de Chile sobre imputabilidad penal. Ese mismo día, el doctor José María Paz Anchorena y su esposa ofrecieron una recepción social en honor a los delegados extranjeros en su amplia residencia de la calle Santa Fe a la que asistió el presidente y personalidades del mundo político y judicial. El día 28 de julio se realizó una visita a la colonia “Ricardo Gutiérrez” (Bóveda, 1938, p. 404). Allí, los delegados extranjeros presenciaron una clase de gimnasia a cargo de más de 200 niños que se alojaban allí, se celebró la actuación de la banda de música propia del establecimiento y se recorrieron sus dependencias. Estas visitas tuvieron una función política y académica de publicitar instituciones modelos con actividades consideradas regeneradoras, en especial a través del trabajo y la educación. Con esta misma idea, el 29 de julio los delegados extranjeros visitaron la Penitenciaría Nacional para conocer talleres, pabellones, sistemas de organización, escuela y régimen interno (Bóveda, 1938, p. 403). Por la noche, los delegados con sus esposas asistieron a la función de gran abono del Teatro Colón. El día 30 de julio visitaron la policía de la capital y hubo un banquete de despedida en el *Plaza Hotel* a cargo del doctor Sebastián Soler. Como epílogo de este congreso, en el contexto de la inminente guerra mundial, se estableció que a través del mismo se había tonificado “la solidaridad latinoamericana en estas horas siniestras que amenazan derrumbar los postulados de la concordia universal y en que tambalean las columnas de la civilización” (Bóveda, 1938, p. 412).

3 VOTOS DEL PRIMER CONGRESO LATINOAMERICANO DE CRIMINOLOGÍA

El 30 de julio de 1938 la comisión de votos y resoluciones del *Primer Congreso Latinoamericano de Criminología* presentó los votos a los que habían llegado en función de las sesiones plenarias realizadas. Uno de los temas tratados fue la peligrosidad, con el trabajo de Osvaldo Loudet, como una categoría central para las historias clínicas criminológicas de los penados. A través de su graduación, se establecía un diagnóstico médico psiquiátrico y un tratamiento penitenciario. El modelo elaborado por Loudet para la Penitenciaría Nacional se propuso para institutos de criminología a largo de América Latina. Desde el congreso, se declaró que en la valoración de peligrosidad se debían considerar factores médico - psicológicos, sociales y legales. No siendo estos últimos elementos suficientes para juzgar el grado de peligrosidad de un sujeto, la simple reincidencia legal no era un criterio exclusivo para elevar la gravedad de la sanción e impedir los beneficios de la libertad condicional (Anónimo, 1938, p. 376).

La peligrosidad fue parte de la agenda penal latinoamericana para justificar políticas en sintonía con estrategias de defensa social, entendida como una doctrina que propuso medidas de tenor represivo para conductas que podían atacar virtualmente el régimen político, contribuyendo en la construcción de una otredad indeseable. Esto fue en un contexto mundial de entreguerras en el que hubo una influencia de los modelos provenientes del franquismo y del fascismo en espacios intelectuales criminológicos (Dovio, 2021, p. 90). En los votos del congreso se realizaron declaraciones políticas afines a la doctrina de la defensa social ya que se estableció la necesidad de evitar la entrada a los países de individuos estimados psicológicamente indeseables o peligrosos. Así como, la aplicación de leyes de residencia a los extranjeros predispuestos a alteraciones mentales que hicieran temer inminentes atentados antisociales. En este mismo orden de ideas, se planteó la necesidad de la reeducación de vagos habituales y mendigos en casas de trabajo o colonias agrícolas (Anónimo, 1938, p. 380). Este tema fue una preocupación de la época expresada en el código para vagos y maleantes de Luis Jiménez de Asúa para España en 1933 y en el proyecto para reeducación de mendigos y vagabundos propuesto para Uruguay por Gómez Folle.

Por otro lado, desde los votos del congreso se recomendó organizar en los países latinoamericanos registros de reincidencia o delincuencia y estadística criminal, tomando como base el proyecto de ley presentado por los delegados argentinos Juan Righetti y Francisco La Plaza. Asimismo, se declaró la utilidad de realizar convenciones entre los países latinoamericanos que tendieran al canje de antecedentes judiciales. Se consideró que los que existían de carácter administrativo o policial eran insuficientes para

asegurar la prevención y represión de la delincuencia profesional internacional (Anónimo, 1938, p. 380). Este voto fue en base a un trabajo presentado por la delegación uruguaya. Igualmente, se estableció la conveniencia de realizar la identificación dactiloscópica de las personas que debían muñirse de pasaportes, los cuales debían encuadrarse dentro de un tipo común en los países latinoamericanos (Anónimo, 1938, p. 379).

Por otra parte, en los votos se declaró que los funcionarios de la justicia del crimen a lo largo de América Latina, debían complementar su especialización jurídica con materias relativas al estudio de la personalidad de quienes delinquían “para estar en condiciones de valorar los aportes que presentan diversas ciencias para la mejor aplicación de la ley penal positiva” (Anónimo, p. 376).

En los votos también se propuso la fundación de casas hogares para niños en estado de peligro que debían instalarse en colonias agrícolas orientadas pedagógicamente, como el tipo argentino de colonia hogar “Ricardo Gutiérrez”. Se resolvió que era relevante la creación de instituciones de protección médico social para niños en edad pre - escolar y de comisiones mixtas encargadas de investigar los factores sociales que podían intervenir y determinar la conducta futura del niño. En este sentido, desde Brasil, Leonido Ribero presentó su comunicación “Biotipología criminal” estableciendo la relevancia de la biotipología para la prevención del crimen y proponiendo una clasificación biotipológica de la infancia. Especialmente, de aquellos niños que por su constitución y tendencia pudiesen ser considerados como pre - delincuentes. A través de medidas especiales de tratamiento y educación “se podían corregir o atenuar algunas de estas anomalías y consecuentes reacciones antisociales” (Ribeiro, 1938, p. 287). También se propuso que los tribunales de menores de los países que participaron del congreso, tuvieran institutos de observación para la investigación integral de la personalidad del niño. Así como, un servicio social que recogiera antecedentes necesarios para el estudio del medio material y social en el que vivían los niños (Anónimo 1938, p. 374). Desde los votos del congreso hubo recomendaciones relativas a la prevención social del delito. Por ejemplo, brindar asistencia social amplia en los diversos aspectos del problema de infantes que hubieran tenido reacciones estimadas antisociales.

En relación al tema de la salud, en los votos del congreso se recomendó la inclusión en las legislaciones positivas de los países que no lo tuvieran, del delito de contagio venéreo, sexual y extra sexual, doloso y culposo. Así como, la denuncia obligatoria de las enfermedades venéreas a las autoridades sanitarias y la formación de un registro de enfermos en estado infecto - contagioso, indicando, si fuera posible, la fuente de contagio. Se aconsejó el tratamiento obligatorio de enfermos, en todos los casos, y la creación de dispensarios gratuitos para la asistencia de los que carecieran de recursos. Igualmente, se

aconsejó la obligatoriedad del certificado médico pre - nupcial, estableciendo sanciones para los casos en que los funcionarios procedieran a la celebración del matrimonio sin exigirlo o lo realizaran cuando dicho certificado no fuera satisfactorio (Anónimo, 1938, p. 379). Trabajos sobre este tema fueron presentados por José Agustín Martínez de La Habana, Cuba, y por Tomas Mora De Pineda de Argentina, donde desde 1936 se encontraba vigente la ley de profilaxis de enfermedades venéreas, Nro. 12.331.

Respecto de los pueblos originarios, desde el congreso se dirigieron a los gobiernos latinoamericanos recomendando el mejoramiento de la legislación del trabajo para procurar la elevación del nivel de vida familiar y social. Se resolvió:

En los países que tengan población aborígen indígena, la conveniencia de formular legislación adecuada, la necesidad de fomentar en el pueblo indoamericano y mestizo el respeto al matrimonio y la responsabilidad de la paternidad y se procure la creación de escuelas rurales como medio de instrucción y educación (Anónimo, 1938, p. 274)

4 REFLEXION FINAL

A partir del recorrido por el *Primer Congreso Latinoamericano de Criminología*, es posible establecer su relevancia como evento académico, político y cultural. Las visitas ofrecidas a los delegados extranjeros a instituciones locales, como la policía, la Penitenciaría Nacional y la colonia “Ricardo Gutiérrez”, fueron parte de la función simbólica de estos espacios considerados ideales para el tratamiento de la delincuencia y su prevención. Los agasajos y banquetes del congreso dieron cuenta de los ingentes recursos que se requirió para su realización y el importante papel que cumplió Osvaldo Loudet desde la *Sociedad Argentina de Criminología*, junto a Nerio Rojas y otras personalidades del mundo jurídico penal como José María Paz Anchorena, Carlos De Arenaza, entre otros.

Mediante los trabajos presentados por distintas delegaciones se delinearón temas de interés común de la agenda penal de los países que integraron el congreso. La *Sociedad Argentina de Criminología* cumplió un destacado rol en la organización y logística del evento estudiado, para ello contó con dos comisiones (una nacional y otra extranjera) que se ocuparon de manera exclusiva de la reunión, encabezadas por Osvaldo Loudet. Si bien el objetivo principal de la sociedad fue el estudio de la personalidad del individuo en estado peligroso, sus actuaciones e intereses fueron amplias e incluyeron aspectos sociales y culturales del delito.

En los discursos inaugurales del congreso, el ministro Jorge Eduardo Coll estableció que el pensamiento criminológico latinoamericano debía libertarse del

européico, dando lugar a elaboraciones locales y propias del contexto social, cultural y político de la región. Esto fue expresivo del ideario de este tipo de reuniones donde se buscaba gestar no sólo saberes específicos sobre temas criminológicos, sino respuestas a problemáticas que tuvieron en común países que intervinieron. Las intervenciones de Arturo Alessandrini y de Osvaldo Loudet marcaron la importancia de la necesidad de que la relación entre el saber jurídico y el médico fueran más fluidas. Se planteó que las conclusiones de esta reunión académica podrían luego tener incidencia en la confección de legislación o política penal de los países participantes en los temas de control de la entrada de extranjeros y el abordaje de la peligrosidad en sintonía con la doctrina de la defensa social.

La comisión encargada de realizar los votos del congreso efectuó un resumen de los trabajos presentados. Si bien la mayoría fueron criminológicos, hubo un interés por cuestiones sociales que eran parte de lo que se llamó política penal preventiva. Este fue el caso de la asistencia social de niños que hubieran tenido reacciones consideradas antisociales, la prevención de enfermedades infecto – contagiosas a partir de establecer la relevancia del certificado pre – nupcial y del matrimonio y de políticas dirigidas especialmente a la población indígena. Por último, desde el congreso se instó a que los países que participaron tuvieran criterios similares referidos a legislación sobre extradición y reincidencia, como manera de facilitar trámites en la región.

BIBLIOGRAFÍA

Alessandrini, A. (1938). Discurso inaugural Primer Congreso Latinoamericano de criminología. *Anales de la Sociedad Argentina de Criminología*, Buenos Aires, V, 200.

Anónimo (1938). Congresos. Primer Congreso Latinoamericano de Criminología Resoluciones, declaraciones, recomendaciones y votos. *Revista de Criminología, Psiquiatría y Medicina Legal*, VI, 371-386.

Bóveda A. (1938). Crónica de sesiones, visitas y agasajos. *Revista Criminología, Psiquiatría y Medicina Legal*, VI, 387-412.

Caimari, L. (2004). *Apenas un delincuente. Crimen, castigo y cultura en la Argentina, 1880-1945*, Editorial Siglo XXI.

Coll, J. (1938). Discurso inaugural Primer Congreso Latinoamericano de criminología. *Anales de la Sociedad Argentina de Criminología*, Buenos Aires, VI, 17-21.

Del Olmo, R. (1981). *América Latina y su criminología*, Editorial siglo XXI.

Dovio, M. (2021). La peligrosidad desde las publicaciones criminológicas (1933-1946). *Revista de historia del derecho*, (62), 83-111. http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S185317842021000200083&lng=es&tlng=es.

Loudet, O. (1934). Programa de la Sociedad Argentina de Criminología. *Revista de Criminología, Psiquiatría, Medicina Legal*, XII, 579 – 585.

Loudet, O. (1934). Discurso inaugural Primer Congreso Latinoamericano de criminología. *Anales de la Sociedad Argentina de Criminología*, Buenos Aires, VI, 18.

Murillo, S. (2008). Producción de pobreza y construcción de subjetividad. En: Cimadamore, Alberto; Cattani, Antonio. *Producción de pobreza y desigualdad en América Latina*. CLACSO/ Del Hombre Editores.

Ribeiro, L. (1938). Biotipología criminal. *Actas del Primer Congreso Latinoamericano de Criminología*, 280-287.

CAPÍTULO 17

CONSIDERACIONES METODOLÓGICAS PARA LA ELABORACIÓN DE UNA PROSPECCIÓN ARQUEOLÓGICA UTILIZANDO HERRAMIENTAS SIG

Data de submissão: 05/02/2022

Data de aceite: 28/02/2022

Miguel Ángel Mora

Ingeniero Catastral y Geodesta
Candidato a Magister en Gestión Ambiental
Fundación Universitaria del área Andina
Facultad de Ingeniería
Sede Valledupar- Departamento del Cesar
Colombia

Francy Paola Monroy Álvarez

Médico Veterinario Zootecnista
Candidata a Magister en Gestión Ambiental
Fundación Universitaria del área Andina
Facultad de Ingeniería
Sede Valledupar- Departamento del Cesar
Colombia

RESUMEN: Desde hace décadas, los Sistemas de Información Geográfica (SIG), son parte muy importantes en el desarrollo de cualquier proyecto que tenga como aspecto primordial el territorio; la recopilación de información de tipo alfanumérica que se pueda asociar a una porción de espacio, cada vez acoge más importancia, toda vez que es imperativo no solo conocer la ubicación de un punto en el espacio, si no darle a

ese punto información representativa para diferentes áreas de conocimiento. La relación entre disciplinas que pretenden mejorar los procesos arqueológicos mediante estrategias metodológicas, en las cuales, intervienen tanto procesos manuales como informáticos, da un valor agregado a la recolección de información por parte del arqueólogo al relacionarla con el espacio, generando de esta forma, datos con una mayor calidad y también dando la posibilidad de que estos puedan ser almacenados y actualizados, obteniendo análisis diversos de zonas de estudio intervenidas en diferentes lapsos.

PALABRAS CLAVE: Sistema de información geográfica. prospección arqueológica. Procesos metodológicos.

METHODOLOGICAL CONSIDERATION FOR THE PREPARATION OF AN ARCHAEOLOGICAL SURVEY USING GIS TOOLS

ABSTRACT: For decades the GIS are very important in the development of any project with the territory as the primary aspect aside, alphanumeric data collection type that can be associated with a portion of space ever since hosts more importance it is imperative not only to know the location of a point in space if not give representative information that point to different areas of knowledge. The relationship between disciplines that aims to improve the archaeological defined processes by methodological strategies which involved

both manual and computerized processes and adds value to the collection of information by the archaeologist to relate to space data generating higher quality and also giving the possibility that these data can be stored and updated allowing to reach various areas of study analysis intervened in different periods.

KEYWORDS: Geographic information system. Archaeological survey. Methodological processes.

1 INTRODUCCIÓN

Las soluciones tecnológicas proporcionadas mediante herramientas SIG (Sistemas de Información Geográfica) a una disciplina, que desde el punto de vista de algunos es demasiado alejada de la ingeniería, como es la arqueología, tienen una gran ventaja que radica en que el software actual es muy amigable y bastante intuitivo para personas no especialistas, lo que permite resolver problemas asociados al registro de la información y su posterior consulta que han tenido los arqueólogos, dejando claro que para este tema los sistemas de información geográfica solo son usados como una herramienta para la elaboración de cartográfica básica y partiendo de esa premisa, el SIG se constituye en una herramienta que provee las soluciones a los temas inherentes al espacio que necesita resolver la arqueología.

Inicialmente es necesario describir el concepto de espacio, teniendo como referencia dos significados, en los cuales, uno puede verse como el contenedor de todo, y el otro, como una relación entre las cosas, ya que es imposible dejar de lado las cosas u objetos que interactúan entre sí y con el mismo territorio.

En ese orden de ideas es necesario hablar del concepto antes mencionado, pero orientado hacia el tema en cuestión, SIG en arqueología. En dicho contexto, el espacio, se debe tomar como el núcleo investigativo de las dos áreas, ya que lo que pretende la arqueología es dar un concepto con la esperanza de entender el pasado, y es en ese preciso instante, donde la herramienta de los SIG entra en juego, recopilando la información que aportan las evidencias encontradas por los arqueólogos y dándoles un contexto espacial. Este tipo de análisis e inferencias se consigue elaborando una distribución espacial, planteada dentro de una metodología de recolección de la información y asignando lo que se denomina una geometría al proceso arqueológico, dependiendo de la etapa del proceso¹ en la cual se utilice el SIG.

Ahora bien, el tema de discusión no se trata únicamente de mencionar lo poderosa que es la herramienta SIG, sino también busca establecer criterios metodológicos, que permitan la debida organización de la información. En el apartado de metodología, discutiremos acerca de la estandarización de procesos, que permitan una buena praxis

¹ Prospección, monitoreo, rescate o diagnóstico, enmarcado en los programas de arqueología preventiva.

al momento de recolectar la información, y será evidente que SIG podrá aportar mucho a una conclusión o a un documento informativo final de una investigación.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GENERAL

Definir criterios metodológicos para la elaboración de una prospección arqueológica utilizando herramientas SIG (Sistemas de Información Geográfica).

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Mediante estrategias de organización, determinar la mejor forma de recopilación de datos alfanuméricos que se puedan llegar a obtener en una prospección arqueológica.

Utilizando herramientas SIG (Software y Hardware) establecer las posibles fases dentro del proceso de una prospección arqueológica.

3 PLANTEAMIENTO DE PROBLEMA

Desde hace algunas décadas, el proceso de aseguramiento de la información obtenida en el desarrollo de las labores de arqueología en campo, ha presentado falencias y esto se debe posiblemente a la cantidad de información que se requiere al momento de hacer una prospección arqueológica, debido a que no solo se trata de información del material encontrado, también es necesario recolectar datos inherentes a las características del espacio en donde se realiza la prospección, por ejemplo, paisaje, tipo de suelo, profundidades de los hallazgos, entre otras; estas características en la actualidad son obtenidas de una forma general y no permiten una estandarización de la información. Si bien es cierto que estos procesos se pueden generar de una forma manual, es necesario entender, que si la información recopilada a lo largo de un proyecto arqueológico se almacena de una manera organizada, permitirá un mejor resultado, además de una posible actualización de la misma y es en ese punto, donde se presenta una coyuntura entre las formas tradicionales y el avance hacia una nueva metodología que permite la recolección de información, el archivo de ésta y su posterior consulta y actualización.

4 METODOLOGÍA

En Colombia, todos los programas de arqueología preventiva, se rigen por el Decreto 833 de 2002, Artículo 1°, numeral 2° y por los lineamientos establecidos por el Instituto Colombiano de Antropología e Historia (ICANH, 2015).

Se establece, como parte de los programas de arqueología preventiva, el uso de metodologías que logren identificar en el espacio, la presencia de evidencias o modificaciones antrópicas sobre el terreno. Por lo tanto, la prospección de superficie como método de recogida de material arqueológico o de descubrimiento de yacimientos, ha sido implementada en los trabajos de investigación arqueológica prácticamente desde el comienzo. (San Miguel Mate, 1992). Teniendo en cuenta la premisa anterior, el presente trabajo pretende definir algunas consideraciones metodológicas para abordar las prospecciones arqueológicas.

Inicialmente, se hace necesario considerar las variables físicas del área de en donde se va a hacer la prospección; éstas, deberán ser registradas en una ficha de campo; también se debe considerar el componente geográfico, el cual determinará la ubicación de cada uno de los pozos de sondeo y finalmente, se debe asegurar que tanto la información capturada en campo, como la información de posición de cada uno de los puntos, se pueda almacenar y consultar.

Como lo manifiesta (de la Torre, 1996, p. 3) “Los arqueólogos, como el resto de los historiadores, los antropólogos o geógrafos, solemos trabajar, reconociéndolo o no, con un gran sistema cambiante: la sociedad en su medio ambiente. Lo que explica que nuestros campos de investigación estén cada día más interconectados y en muchos sentidos yuxtapuestos”.

5 RESULTADOS

Con el fin de presentar unas consideraciones metodológicas, coherentes con las labores desarrolladas por los arqueólogos, se establecerán en tres fases: Pre-campo, Campo y Post-campo.

5.1 FASE DE PRE-CAMPO

En esta fase se revisa la información secundaria y cartográfica concerniente al área del proyecto, con el objetivo de realizar un análisis primario del paisaje, enfocándose en áreas adecuadas para el asentamiento de poblaciones humanas. Como bien lo expresa Amado Reino, cuando habla de la importancia de los GPS, “La posibilidad de apoyo en esta tecnología puede tener lugar en diversos momentos de la práctica arqueológica. La primera de ellas, es el propio apoyo en las labores de topografía y levantamientos planimétricos de las fases preliminares de una intervención arqueológica. En este momento, el GPS no sólo aportará una gran precisión, sino que también dotará de agilidad

al trabajo, permitiendo unos rendimientos excelentes, en un tiempo inferior al que sería necesario con la topografía clásica.” (1997)

Como parte de la información necesaria para el adecuado desarrollo del proyecto, se elabora un formato de recolección de datos en campo, el cual, permite la estandarización de la información recuperada durante las labores ejecutadas.

Tabla 1. Ficha información arqueológica.

FICHA DE PROSPECCION ARQUEOLOGICA																								
PROYECTO	CLUSTER 25																							
SUBPROYECTO																								
MUNICIPIO	GUAMAL																							
VEREDA	EL ENCANTO																							
PRECIO	LOS JAZMINES																							
FECHA																								
POZO DE SONDEO																								
RESULTADO	POSITIVO			AB			NEGATIVO			DESCARTADO														
HORIZONTE	A						B			C														
PROFUNDIDAD																								
COLOR																								
HUMEDAD	A	M	B	A	M	B	A	M	B	A	M	B	B											
GRANO	G	M	F	G	M	F	G	M	F	G	M	F	F											
TEXTURA	A	Ar	L	AAr	AL	LAr	A	Ar	L	AAr	AL	LAr	A	Ar	L	AAr	AL	LAr						
BIOTURBACION	RF	RG	Lb	H	Lv	Bu	Md	Or	RF	RG	Lb	H	Lv	Bu	Md	Or	RF	RG	Lb	H	Lv	Bu	Md	Or
MOTEADO																								
DATOS DE RECUPERACION DE MATERIALES																								
NIVEL	CERAMICA			LITICO			CARBON			OTROS			ROTULO BOLSA											
1. (0 - 10 cm)																								
2. (10 - 20 cm)																								
3. (20 - 30 cm)																								
4. (30 - 40 cm)																								
5. (40 - 50 cm)																								
6. (50 - 60 cm)																								
7. (60 - 70 cm)																								
8. (70 - 80 cm)																								
9. (80 - 90 cm)																								
10. (90 - 100 cm)																								
Observacion General																								

Dicho formato incluye los datos que se describen a continuación:

Proyecto: Nombre del proyecto de arqueología

Sub proyecto: nombre de cada uno de las partes que conforman un proyecto de trabajo arqueológico.

Municipio: Nombre de municipio donde se encuentra el proyecto.

Vereda: Nombre de la vereda donde se encuentra el proyecto.

Fecha: Fecha de la realización del pozo de sondeo.

Resultado: puede marcar el resultado del pozo de sondeo descartado, negativo, positivo.

Horizonte: describe el horizonte del suelo determinado por sus características.

Profundidad: es el tamaño de profundidad a la que se toma el sondeo.

Color: determina el color del suelo identificado por la tabla de colores munsell².

Grano: determina el tamaño del grano presente en el suelo.

Textura: determina la textura del suelo.

Bioturbación: hace referencia a las posibles alteraciones del suelo con características biológicas.

Moteado: hace referencia a la presencia de otro suelo incrustado en uno de mayor cantidad lo que en la ficha se describiría con un color determinado por la tabla de colores munsell.

² El sistema de ordenación del color de Munsell es una forma precisa de especificar y mostrar las relaciones entre los colores.

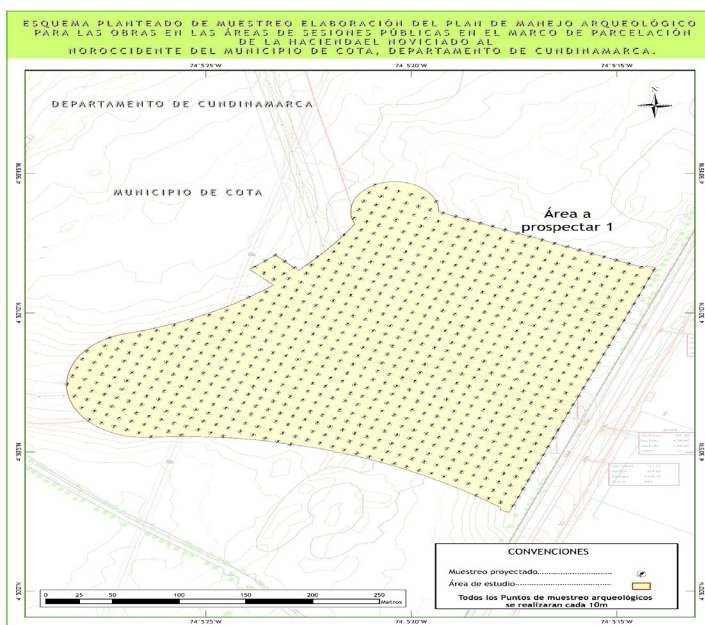
Nivel: determina la profundidad del hallazgo.

Tipo de material: se escribe el tipo de material encontrado

Rotulo bolsa: es el código que se le asigna a la bolsa donde se guarda el material recolectado.

Como parte de los trabajos a ser desarrollados en campo consisten en la localización de puntos de sondeos a lo largo del terreno, durante la fase de pre-campo, se debe desarrollar mediante un Software que incluye una serie de puntos geo referenciados, con el objetivo de generar un corpus de información conciso y coherente, compuesto principalmente por la codificación de cada uno de los puntos generados, ya que esto permitirá, que exista cierta correlación entre la ficha de toma de dato e información alfanumérica y el punto que contiene la información geográfica.

Ilustración 1. Esquema de Prospección. (Huertas, 2015)



Estos puntos pueden ser cargados a un Navegador GPS, lo que a la postre permite su plena identificación en campo.

5.2 FASE DE CAMPO

El inicio de las actividades de campo está determinado principalmente por la verificación de cada uno de los puntos cargados al dispositivo navegador y la posterior remarcación de cada uno de estos puntos, con el objetivo de obtener datos como la

altura y la ubicación real del pozo de sondeo. Una vez se identifica el punto, se procede a diligenciar la información requerida en la ficha de prospección arqueológica (Tabla 1) y a la toma del registro fotográfico necesario para cada uno de los puntos que se encuentran dentro de la zona de trabajo.

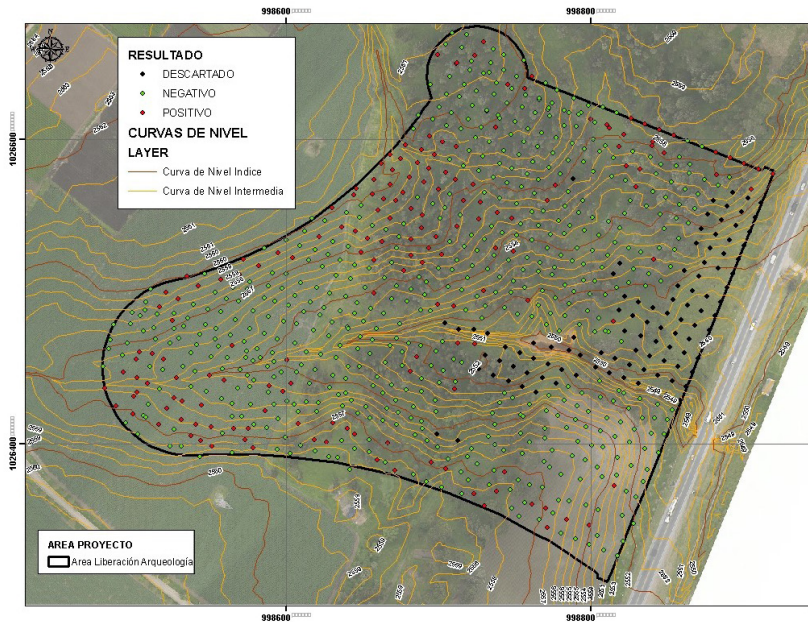
Es precisamente en este punto, donde los SIG (Sistemas de Información Geografía), comienzan parte de su función primaria, que es el almacenamiento de la información día a día, ya que cada ficha registrada es ingresada a una base de datos geográfica, permitiendo el continuo crecimiento de información, dado que mediante el uso de estas herramientas, se puede visualizar el yacimiento arqueológico, no como un punto, sino como un espacio en el que se recuperan materiales u observan evidencias y que se reconoce como susceptible de ser delimitado sobre el terreno y el espacio (Reino Amado, 1997).

5.3 FASE POST CAMPO

Es la última fase en los trabajos de arqueología y se lleva a cabo, una vez se ha realizado el levantamiento de los datos en campo, donde, como se ha mencionado anteriormente, se recoge información relacionada con las características del terreno, el paisaje y a la caracterización de las posibles áreas con evidencias culturales y se lleva a cabo la sistematización de las bases de datos correspondientes a cada arqueólogo. Por lo tanto, una vez sistematizada la información, se procede a la integración de las bases de datos, con el fin de realizar el análisis de cada una de las variables consignadas en la ficha de registro, como son: textura del suelo, profundidad, color, tipo de horizonte, sondeos descartados, negativos y positivos. Producto de la obtención de estas variables, se adquirirán datos concretos sobre la estructura y composición de los sitios arqueológicos o de aquellas áreas que no presentan evidencias culturales, generando de esta forma, una perspectiva del terreno y del paisaje, que ayudan a la comprensión de la disposición de las evidencias arqueológicas en el espacio y el territorio, logrando establecer patrones en el uso y ocupación del paisaje por los grupos humanos en tiempos pasados.

Este importante corpus de información se obtiene mediante el uso de los sistemas de información geográfica y su interrelación con los datos levantados durante la visita a campo, ya que es gracias a esta interrelación, que se puede generar la cartográfica temática, necesaria para entender los cambios en el paisaje y las complejas distribuciones de las evidencias arqueológicas, sobre áreas o extensiones de terreno considerables.

Ilustración 2. Distribución de sondeos positivos prospección arqueológica en el noviciado Cota. (Huertas, 2015)

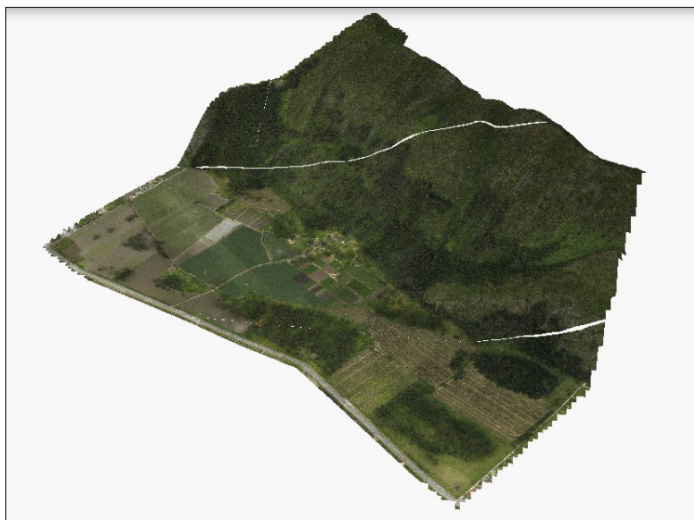


6 DISCUSIÓN DE RESULTADOS

Los resultados obtenidos dentro de los procesos descritos, nos permiten definir una metodología de recolección de datos claves, enmarcados en la creación de “FASES DE TRABAJO ARQUEOLÓGICO”, las cuales incluyen la planeación del trabajo, la búsqueda y recolección de información, organización de datos, sistematización, entre otras actividades, que a la postre, favorecen la ejecución de análisis con mayor profundidad y relevancia.

De acuerdo a lo anteriormente expuesto, podemos tomar como por la generación de Modelos Digitales del Terreno, lo que generalmente se conoce como MDT. En la actualidad, existen ya diversos productos en el mercado, que combinan la posibilidad de incorporar datos procedentes de trabajos de campo con GPS y la generación de triangulaciones, curvados y modelos tridimensionales, sin necesidad de ningún paso intermedio. (Amado Reino, 1997, p. 6); esto, conlleva a un uso de tecnologías nuevas, en las cuales se utilizan modelos, para realizar interpretaciones del paisaje, que a su vez le permiten a los arqueólogos inferir cómo nuestros antepasados visualizaban el territorio y cómo establecían sus asentamientos, de acuerdo a las características del terreno donde habitaban.

Ilustración 3. Vista 3D prospección arqueológica en el noviciado Cota.

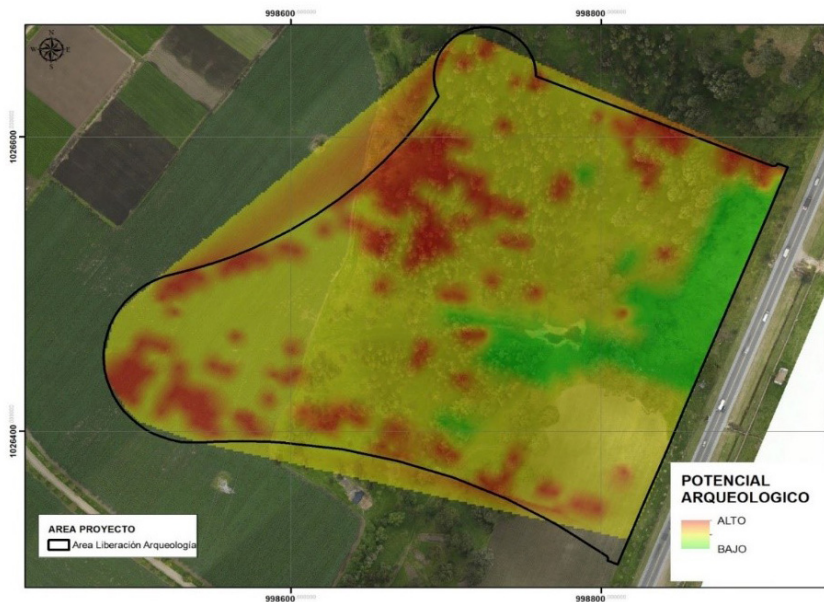


Además de contar con los diferentes datos asociados al terreno, también es posible tener acceso a la información de cada uno de los pozos de sondeos realizados. Dicha información es la que se registró en la ficha, es decir, se cuenta con una ficha de registro por cada pozo de sondeo, y a su vez, ésta puede ser ingresada en una base de datos, con lo cual se obtiene información alfanumérica, asociada a un punto geográfico, lo que conlleva a que finalmente, al tener varios puntos geográficos, sea posible obtener una imagen clara de una zona determinada, relacionando cada parte del registro a un punto geográfico, siendo posible conocer características específicas como por ejemplo color de suelo, textura, etc.

Por otra parte, resulta muy importante hacer referencia a los Factores controlables, los cuales se refieren básicamente a las unidades de documentación (o de observación), esto es, a las entidades espaciales, que sirven de base para la inspección del terreno y de referencia para la contextualización del registro arqueológico documentado. En su diseño hay que tener en cuenta los siguientes aspectos: sus características intrínsecas, su distribución y, en tercer lugar, su realización. (Chapa Brunet, Uriarte González, Vincent García, Mayoral Herrera, & Pereira Sieso, 2003, p. 7). En este sentido, se plantea entonces, la asociación de cada una de las variables necesarias para garantizar la realización de un óptimo trabajo o diagnóstico arqueológico.

Aunado a lo anterior, es evidente que el uso de herramientas tecnológicas, permite elaborar informes cada vez más complejos, los cuales utilizan elementos geográficos anudados con elementos alfanuméricos y ésta interacción, permite claramente incrementar el potencial de análisis, como lo muestra la siguiente ilustración:

Ilustración 4. Potencial arqueológico prospección arqueológica en el noviciado Cota. (Huertas, 2015)



Esto se obtiene, mediante el procesamiento de la información vinculada a cada uno de los puntos tomados en la fase de campo, donde se le asigna un valor numérico al resultado de los puntos de la prospección, luego, por medio de un algoritmo llamado *el vecino natural*, se obtiene un producto raster, el cual es la distribución de cada uno de los puntos de la prospección.

7 CONCLUSIONES

Al definir fases o criterios metodológicos, dentro del proceso de elaboración de una prospección arqueológica, desde su parte primigenia que es la planeación, es posible optimizar cada uno de los procesos inherentes al trabajo mencionado; además del valor agregado que tiene el hecho de contar con el 100% de la información asociada a un punto geográfico, lo que permite realizar diferentes análisis enmarcados en una zona geográfica.

Mediante el establecimiento de estrategias organizativas, a través de la elaboración de material como la ficha de trabajo unificada, es posible optimizar la obtención de información más específica, tanto a nivel arqueológico como paisajístico y así resulta viable, establecer criterios estandarizados de recolección de dicha información.

El uso de herramientas tecnológicas, como navegadores de GPS y software especializado, permite el modelamiento de sistemas, que generan diversos análisis, dando un valor agregado a cada uno de los resultados obtenidos en las diversas etapas de la prospección arqueológica.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amado Reino, X. (1997). La aplicación del GPS a la Arqueología. *Trabajos de Prehistoria*, 54(1), 155–165.

Chapa Brunet, T., Uriarte González, A., Vincent García, J. M., Mayoral Herrera, V., & Pereira Sieso, J. (2003). Propuesta metodológica para una prospección arqueológica sistemática: el caso del Gadiana Menor (Jaén, España). *Trabajos de Prehistoria*, 60(1), 11–34.

De la Torre, N. Z. (1996). Hacia una metodología para el estudio del patrimonio arqueológico. *Complutum*, (2), 225.

Huertas, J. A. (2015). Formulación del plan de manejo arqueológico para las obras en zonas de sesiones públicas en la hacienda El Noviciado, vereda Moya, municipio de Cota, departamento de Cundinamarca (no. 1).

Instituto Colombiano de Antropología e Historia, ICANH. (2015, December 4). Régimen legal y lineamientos técnicos de los programas de arqueología preventiva en Colombia - <http://www.icanh.gov.co/?idcategoria=5769>

San Miguel Mate, L. C. (1992). El planteamiento y el análisis del desarrollo de la prospección: dos capítulos olvidados en los trabajos de arqueología territorial. *Trabajos de Prehistoria*, 49, 35–49.

CAPÍTULO 18

DESENHO DO TRABALHO (WORK DESIGN): UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Data de submissão: 18/02/2022

Data de aceite: 04/03/2022

Profa. Dra. Silvana Regina Ampessan Marcon

Universidade de Caxias do Sul/RS
Brasil

<http://lattes.cnpq.br/4338066801019403>

<https://orcid.org/0000-0002-7726-9900>

Profa. Dra. Lilia Aparecida Kanan

Universidade do Planalto Catarinense/SC
Brasil

<http://lattes.cnpq.br/4901211328782556>

Psic. Nicole Cecatto Fontana Diniz

Universidade de Caxias do Sul/RS
Brasil

<http://lattes.cnpq.br/2458811252073905>

Psic. Sabrina Goettert de Britto

Universidade de Caxias do Sul/RS
Brasil

<http://lattes.cnpq.br/3574037200783847>

RESUMO: O Desenho do Trabalho (Work Design) é um tema atual e emergente no âmbito da Psicologia Organizacional atrelado às modificações no trabalho decorrentes da evolução tecnológica e social. A pesquisa sobre o tema tem expandido a perspectiva de Desenho do Trabalho como um conjunto

estreito de características de trabalho motivacional para um conceito que incorpora elementos sociais e contextuais mais amplos. As dimensões pesquisadas para conhecer o Desenho do Trabalho são: características das tarefas, características do conhecimento, características sociais e características do contexto. O presente estudo teve como objetivo apresentar uma revisão integrativa da literatura sobre Desenho do Trabalho que abarcou o período entre 2017 e 2022, cujos textos estavam presentes na base de dados SCOPUS. Foram encontrados 301 artigos a partir da palavra-chave Work Design e destes, 45 foram selecionados e analisados integralmente, pois atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. Os principais resultados deste processo evidenciam que alguns antecedentes estão relacionados à complexidade das novas tarefas nas organizações autonomamente organizadas e a tecnologia sensorial (quando vinculadas a iniciativas de bem-estar) nos locais de trabalho, pois podem afetar as demandas do trabalho, a autonomia do trabalho; aspectos relacionais, a gestão, a reestruturação, o treinamento e a educação, pois são fatores que impactam no desenho do trabalho. Abordar as condições interpessoais de trabalho e a gestão de conflitos, apoiar melhores projetos de trabalho, comportamento de apoio da liderança, ficar atento para os recursos do local de trabalho, planejar um Desenho do Trabalho lúdico que pode se traduzir como fator motivador, são

exemplos importantes e que parecem contribuir significativamente para um planejamento do desenho do trabalho coerente e adaptado às características dos novos tempos.

PALAVRAS CHAVES: Work Design. Desenho do Trabalho. Projeto de Trabalho. Características do Trabalho.

WORK DESIGN: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW

ABSTRACT: Work Design is a current and emerging theme in the scope of Organizational Psychology linked to changes in work resulting from technological and social evolution. Research on the topic has expanded the perspective of Work Design as a narrow set of motivational work characteristics to a concept that incorporates broader social and contextual elements. The dimensions researched to know the Work Design are: characteristics of the tasks, characteristics of knowledge, social characteristics and characteristics of the context. The present study aimed to present an integrative review of the literature on Work Design that covered the period between 2017 and 2022, whose texts were present in the SCOPUS database. 301 articles were found based on the keyword Work Design and of these, 45 were selected and analyzed in full, as they met the inclusion and exclusion criteria. The main results of this process show that some antecedents are related to the complexity of new tasks in autonomously organized organizations and sensory technology (when linked to wellness initiatives) in the workplace, as they can affect work demands, the autonomy of the work; relational aspects, management, restructuring, training and education, as they are factors that impact the design of the work. Addressing interpersonal working conditions and conflict management, supporting better work projects, supportive leadership behavior, being aware of workplace resources, planning a playful work design that can be translated as a motivating factor that seem to contribute significantly to planning the work design that is coherent and adapted to the characteristics of the new times.

KEYWORDS: Work Design. Work Project. Work Characteristics.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho representa uma importante dimensão na vida do trabalhador. Ele influencia a autoimagem, confere dignidade e legitimidade e conforma a identidade das pessoas. A respeito desta dimensão, é pertinente o registro de Freud (1930/1988, p. 99): “nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto à ênfase concebida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana”.

Há, na literatura, diversas possibilidades de se conceber o trabalho. Dependendo da época, interesse e da orientação teórica dos autores, o trabalho pode ser definido por meio de perspectivas que se aproximam ou que se distanciam radicalmente (econômica, desenvolvimentista, social etc.). Neste estudo, assume-se o entendimento de Malvezzi (2004, p. 13), para quem o trabalho “é uma prática transformadora da realidade que

viabiliza a sobrevivência e a realização do ser humano”. Yamamoto (2015) ao realizar estudos sobre o trabalho, identifica como característica comum em diferentes definições, “o fato de o trabalho ser uma atividade essencialmente humana” (p. 641). Depreende-se destes enunciados, que as relações de trabalho fundamentam, em grande parte, as relações sociais e a realidade material das pessoas.

Estudar as diferentes maneiras de trabalhar já despertou a atenção de muitos estudiosos. Taylor, em 1911, expôs sua teoria no livro *Princípios da Administração Científica*, e fez notória defesa da ideia de uma máxima produtividade. Para que isso fosse alcançado era preciso racionalizar o trabalho, em outras palavras, dividir tarefas fazendo com que cada trabalhador tivesse uma única função específica, transformando o trabalho em uma atividade repetitiva. Dividir tarefas contribuiu para os estudos e teorias sobre o desenho do trabalho.

Na década de 1970, Hackman e Oldham (1976) dedicaram suas pesquisas para identificar características do trabalho. Em 1980, os autores realizaram um projeto nomeado de Job Diagnostic Survey (JDS), focado em um conjunto estreito de características de trabalho motivacional. O que foi constatado é que muitas outras características do trabalho foram negligenciadas (PARKER; WALL; CORDERY, 2001). Na atualidade é de amplo conhecimento que usar simplesmente o JDS sem examinar a literatura de do Desenho do Trabalho conduz ao risco de se ter resultados de pesquisa não fidedignos à realidade.

Campion (1988), Campion e Thayer (1985) desenvolveram uma abordagem mais abrangente numa tentativa de resolver algumas dessas deficiências do JDS. Os autores construíram o Questionário de Design de Emprego Multimetal (MJDQ). Apesar de medir uma maior variedade de características de emprego, ela também teve problemas relacionados a lacunas de medição da construção do instrumento.

Edwards, Scully e Brtek (1999) observaram que a conceituação utilizada no instrumento perdeu características-chave de trabalho como a autonomia. Outros estudiosos articularam aspectos do desenho do ambiente de trabalho, por exemplo, interdependência (KIGGUNDU, 1983), mas estas características não estavam ligadas a outros aspectos do trabalho. Assim, conforme identificada a natureza limitada da pesquisa de projeto de trabalho realizada no passado, “as formas modernas de trabalho e de emprego indicam a necessidade de abranger uma gama mais ampla de características de trabalho” (PARKER *et al.*, 2001, p. 422).

Apesar das pesquisas realizadas serem consistentes, conforme o entendimento de Morgeson e Campion (2003) pouco inovaram sobre a articulação de como o contexto ocupacional e organizacional poderiam impactar o Desenho do Trabalho. Pesquisas de

Morgeson e Humphrey (2008) e Humphrey, Nahrgang e Morgeson (2007) comprovam que o Desenho do Trabalho está intrinsecamente relacionado a várias questões comportamentais, cognitivas, de bem-estar e de resultados organizacionais. Estudar sobre como as organizações estão “desenhando” o trabalho à nível individual pode ser necessário quando se considera que o trabalho consiste nos atributos de uma ocupação e no vínculo entre uma ocupação e o ambiente de trabalho mais amplo (HUMPHREY; NAHRGANG; MORGESON, 2007). Esta perspectiva mais ampla da relação entre ocupação e ambiente de trabalho oportuniza a análise de todo o contexto, e assim, é possível perceber que o trabalho está relacionado com diversas questões, não apenas a respeito de como o trabalhador está se sentindo na organização, mas também as questões comportamentais, cognitivas e de autonomia. Na pesquisa realizada pelos autores os resultados indicaram que se o trabalhador der um significado para a tarefa que executa, ou se perceber a importância que seu trabalho tem e recebe *feedback*, provavelmente os níveis de satisfação irão aumentar (TURCI, 2013).

Morgeson e Campion (2003) desenvolveram uma medida para caracterizar o Desenho do Trabalho composta de questões que investigam as características das tarefas, do conhecimento, as sociais e as características e contexto do trabalho. Estas, de certa maneira, permitem identificar questões já informadas por Mintzberg (1994) referentes às características relacionadas ao trabalho e organização.

Morgeson e Humphrey (2006) apresentam as subcategorias das categorias utilizadas para medir o Desenho do Trabalho. Na categoria “características das tarefas”, foram desenvolvidas as subcategorias autonomia no planejamento do trabalho, autonomia na tomada de decisão, variedade de tarefas, significado da tarefa, identidade da tarefa e *feedback* do trabalho. A categoria “características do conhecimento” foi subdividida nas subcategorias: complexidade da função, processamento da informação, resolução de problemas, variedade de competências e especialização. A categoria “características sociais” está dividida nas subcategorias apoio social, interdependência iniciada, interdependência recebida, interação da organização e *feedback* de outras pessoas. Quanto à categoria “contexto do trabalho”, foram desenvolvidas as subcategorias ergonomia, exigências físicas, condições do trabalho e uso de equipamentos. Todas as subcategorias foram divididas em itens, totalizando 71 questões no instrumento. Apesar disto e de quase 100 anos de estudos científicos, comparativamente pouca atenção tem sido dada para articular como o contexto ocupacional e organizacional mais amplo pode afetar o Desenho do Trabalho (MORGESON; DIERDORFF; HMUROVIC, 2010).

Ao se trabalhar então sob essa perspectiva - da expansão dos estudos sobre o tema Desenho de Trabalho - é possível observar que as mudanças globais das economias

de produção para as economias de serviços e conhecimento alteraram a natureza do trabalho nas organizações. Para acompanhar o ritmo destas mudanças importantes e rápidas, a teoria e as pesquisas do Desenho de Trabalho são cada vez mais necessárias e experimentam importantes transformações (GRANT; PARKER, 2009).

Tripp, Riemenschneider e Thatcher (2016) sugerem que o redesenho do trabalho por meio da utilização de métodos ágeis, tem relação com a satisfação no trabalho das equipes. Também ressaltam que os trabalhadores precisam identificar a importância que eles e a tarefa que executam têm, bem como a autonomia no trabalho e o feedback. Os gestores, ao encorajar e dar suporte para os membros da sua equipe, promovem a satisfação no trabalho. McHugh, Conboy e Lang (2011), constataram em seus estudos com equipes, que algumas práticas como, por exemplo, reuniões diárias e interações entre os membros, combinadas com feedback dos gestores e a autonomia no trabalho, podem aumentar a motivação dos trabalhadores.

Parker (2017) apresentou um modelo, o Work Design Growth Model (WDGM) onde defende que as características do trabalho, como a autonomia do trabalho, a complexidade do trabalho e as demandas de trabalho podem contribuir para o desenvolvimento do conhecimento cognitivo, individual e moral com processos a curto prazo e, cognitivo, identidade e desenvolvimento moral no longo prazo. Considera que já existem evidências sobre o papel do Desenho de Trabalho promovendo mudanças cognitivas e de habilidades, bem como o crescimento de crenças e comportamentos, por exemplo, auto-eficácia, proatividade, como alguns promissores, mas ainda existem evidências limitadas para efeitos de desenvolvimento a longo prazo como consequência de projeto de trabalho. Parker (2017) destaca que além de mudar o conhecimento dos indivíduos e seu nível de habilidade, o projeto do trabalho pode também, a longo prazo, promover mudanças na estrutura e organização do conhecimento ou desenvolvimento cognitivo. Para a autora, os efeitos ocorrem por meio da acumulação ao longo do tempo de resultados de aprendizagem, de projetos de trabalho de curto prazo.

O contexto do trabalho, nos últimos anos, parece estar demandando um Desenho do Trabalho que contemple comportamentos inovadores. Estes têm relação direta com a autonomia do trabalhador ao desempenhar seu trabalho, pois de acordo com Theurer, Tumasjan e Welpé (2018), quando o trabalhador é autônomo para executar suas tarefas, ele se sente mais motivado, e assim pode inovar o modo com que o realiza. A autonomia pode gerar diversos efeitos positivos como melhores níveis de desempenho no trabalho, aumento no comprometimento e envolvimento organizacional, bem como diminuir os níveis de *burnout* e aumentar a satisfação entre os colegas (PARKER, 2014). Theurer, Tumasjan e Welpé (2018) enfatizam que apenas por meio do entendimento de como a

autonomia e os contextos organizacionais mais amplos interagem, pode-se atingir uma compreensão abrangente das atitudes e comportamentos dos funcionários, assim como dos resultados do trabalho.

Observa-se ainda que o Desenho do Trabalho pode minimizar efeitos negativos, como as consequências das novas tecnologias para as relações de trabalho, e aumentar os positivos, adaptando as pessoas às novas demandas. Assim sendo, as mudanças podem trazer maior eficácia e bem-estar no trabalho e ampliar o contexto da saúde e da segurança dos trabalhadores. Há também, fatores externos à organização que podem afetar o Desenho do Trabalho, como as questões sociopolíticas (PARKER; MORGESON; JOHNS, 2017).

Dado o exposto, pretende-se explorar algumas questões multidisciplinares antecedentes que interferem no Desenho do Trabalho, assim como seus fatores consequentes considerados os indivíduos, as equipes e o contexto no qual estão inseridos.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa se caracteriza como bibliográfica e integrativa. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica apresenta como principal vantagem, o fato de permitir que o pesquisador alcance uma gama de fenômenos muito mais amplos do que ele poderia pesquisar, já que esta pesquisa se desenvolve com base em materiais já elaborados (artigos científicos). As revisões integrativas predizem o cumprimento de seis etapas distintas: (i) identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa; (ii) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou busca na literatura; (iii) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; (iv) avaliação dos estudos incluídos; (v) interpretação dos resultados; e (vi) apresentação da revisão/síntese do conhecimento (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011). Como fonte, foram utilizados 45 artigos científicos selecionados a partir da base de dados SCOPUS, que reúne produções nacionais e internacionais. Os descritores work design OR desenho do trabalho nortearam as buscas, que incluíram somente artigos publicados no período entre 2017 e 2022, em periódicos revisados por pares, em inglês e português.

De modo a se organizar os achados, o Quadro 01, a seguir, foi construído. Ele permite a visualização da classificação dos estudos na perspectiva das categorias elencadas a priori: (i) estudos sobre antecedentes; (ii) estudos sobre consequentes; (iii) estudos que apresentam recomendações ou sugestões sobre o Desenho de Trabalho.

O Quadro 01 possibilita observar que aspectos antecedentes do Desenho do Trabalho estão presentes em 12 artigos, dentre os 45 selecionados. 19 artigos trazem seus

aspectos consequentes e, 14 artigos evidenciam recomendações ou sugestões sobre o tema em tela. Por meio de tais números infere-se que o interesse de pesquisadores parece ser maior sobre os aspectos que decorrem de um contexto laboral onde o Desenho do Trabalho determina algum tipo de consequência.

Quadro I. Classificação dos estudos por categorias de análise.

Estudos sobre antecedentes	Estudos sobre consequentes	Recomendações / Sugestões
Stern e Becker (2017); Fantini; Pinzone e Taisch (2020); Schwarzmüller <i>et al.</i> (2018); Navales <i>et al.</i> , (2021); Genrich <i>et al.</i> (2020); Theurer; Tumasjan e Welpel (2018); Wojtczuk-Turek (2017); Waschull <i>et al.</i> (2020); Mishima-Santos; Sticca; Nebra (2021); Moore; Piwek (2017); Wang; Liu; Parker, (2020); Oshri; Henfridsson; Kotlarsky (2018)	Bendel e Latniak (2020); Rieth e Hagemann (2021); Motta <i>et al.</i> (2018); Yu <i>et al.</i> (2018); Cagliano <i>et al.</i> (2019); Hornung (2019); Nebra; Queiroga, e Oliveira (2019); Burrows <i>et al.</i> (2020); Dollard (2017); Morf; Feierabend e Staffelbach (2017); Lawrence; Lonsdale e Mesurier (2018); Griffith <i>et al.</i> , (2018); Bargsted; Ramirez-Vielma;Yeves (2019); Krainz; Mikuliv; Koren e Zavalic (2019); Bakker <i>et al.</i> (2020); Tse; To e Chiu (2017); Gagné <i>et al.</i> , (2019); Eisele; Schneider (2020); Roy; Weijden; Vries (2017)	Elfering <i>et al.</i> , (2017); Strasser (2018); Moore (2018); Jimenez e Dunkl (2017); Nurmi e Hinds (2020); Van Ruysseveldt; van Wigger-Valkenburg e van Dam (2021); Carlotto <i>et al.</i> (2021); Sarmah <i>et al.</i> (2021); Parker, Andrei e Broeck (2019); Schulte; Schlicher e Maier (2020); Bhawe <i>et al.</i> (2018); Nebra <i>et al.</i> (2021); Motta <i>et al.</i> , (2018); Wessels <i>et al.</i> , (2019)

Fonte: as autoras, 2022.

A análise dos artigos possibilitou explorar as categorias que contemplam os antecedentes, os consequentes do desenho do trabalho e algumas recomendações importantes para a gestão do trabalho.

3 ANTECEDENTES

Quando se perspectiva aspectos que, se presentes, influenciam o Desenho do Trabalho, é pertinente considerar que, com maior frequência nos anos que se aproximam, os trabalhadores terão que lidar com interfaces altamente informatizadas, tarefas mais complexas e uma organização autonomamente organizada, algo que anuncia claramente a necessidade de se rever como o Desenho do Trabalho precisa ser planejado (STERN; BECKER, 2017). Já é previsível a interdependência entre o Desenho do Trabalho orientado para o ser humano e o desempenho do trabalho resultante em relação aos sistemas de produção ciber-físicos (STERN; BECKER, 2017). Além disso, em razão das mudanças que o trabalho irá sofrer - e isto é um fato -, diferentes habilidades serão necessárias para este trabalhador. Consequentemente, as ações de projeto de trabalho existentes, bem como os princípios de design relacionados à interação homem-máquina e ao design da interface do usuário precisam, com certa urgência, ser reavaliados e adaptados.

Ainda não há consenso se a organização do trabalho irá evoluir para uma maior responsabilidade e tomada de decisão dos funcionários ou para um maior controle tecnológico. Todavia, é possível depreender que o desempenho centrado no ser humano e a abordagem para o Desenho do Trabalho incentiva gerentes e engenheiros a esclarecer sua estratégia de recursos humanos; desenvolve uma consciência multi-perspectiva sobre o papel dos trabalhadores, além de promover uma detecção precoce de possíveis desalinhamentos entre as estratégias de alto nível e as intervenções técnicas no chão de fábrica (FANTINI; PINZONE; TAISCH, 2020).

Entre os aspectos que devem ser considerados há a relação entre as características do trabalho em trabalho remoto com o bem-estar. Há evidências que o feedback do trabalho, o apoio social, a variedade de habilidades e a resolução de problemas são os fatores mais significativos para diferenciar a percepção dos trabalhadores com relação às características do trabalho e o bem-estar (MISHIMA-SANTOS; STICCA; NEBRA, 2021).

Quando as tecnologias fazem parte dos estudos sobre o Desenho do Trabalho, encontra-se que efetivamente este sofre influências do contexto do trabalho. Pode-se, por exemplo, destacar que as implicações da tecnologia sensorial nos locais de trabalho vinculadas a iniciativas de bem-estar podem provocar impactos nos sistemas de design e avaliação do trabalho (MOORE; PIWEK, 2017). Além disso, o uso das TICs parece afetar os funcionários por moldar três aspectos-chave do projeto de trabalho: demandas do trabalho, autonomia do trabalho e aspectos relacionais (WANG; LIU; PARKER, 2020).

Os sistemas ciber físicos (tecnológicos) relacionados ao Desenho do Trabalho também representam interesse de pesquisadores. Há registros de que as escolhas da gestão são importantes fatores de impacto sobre o Desenho do Trabalho. Tais decisões perscrutam quais funções automatizar em diferentes escopos de operações e como agrupar o conjunto resultante de tarefas em tarefas, algo que pode resultar em vários projetos de trabalho (WASCHULL *et al.* 2020)

Outro aspecto já explorado é a reestruturação na organização - terceirização. Este aparece como um fator antecedente que impacta o Desenho do Trabalho, algo também associado ao uso das TICs (OSHRI; HENFRIDSSON; KOTLARSKY, 2018). Soma-se a esta análise, o fato de especialistas em digitalização reconhecidos terem identificado quatro temas-chave de mudança que afetam tanto o Desenho do Trabalho quanto a liderança: mudanças na vida profissional e na saúde, o uso de TICs, gestão de desempenho e talento e hierarquias organizacionais (SCHWARZMÜLLER *et al.*, 2018)

A área da saúde, durante a pandemia, forneceu muitos subsídios para se compreender aspectos do Desenho do Trabalho. Por exemplo, este parece ser um importante preditor da qualidade de vida no trabalho de enfermagem. Além disso, há

evidências de que a maioria dos gestores têm consciência da importância do Desenho do Trabalho em saúde; todavia, têm uma alta variação na percepção das normas organizacionais relacionadas à promoção da saúde mental dos funcionários. Soma-se a isto o fato de perceberem que o controle comportamental para intervenções de apoio ocorre mais em nível individual e de equipe e, menos em nível organizacional. Em síntese, há achados que destacam que para capacitar e motivar os profissionais da área da saúde e a apoiar o Desenho do Trabalho a eles relacionado, é preciso que normas organizacionais claras sejam estabelecidas uma vez que a promoção da saúde destes profissionais é importante meta organizacional (GENRICH *et al.*, 2020; NAVALES *et al.*, 2021).

Pode-se perceber que há certa crítica a respeito do fato de as pesquisas sobre Desenho do Trabalho tenderem a examinar os efeitos diretos e mediadores da autonomia sobre os resultados do trabalho, como satisfação no trabalho, e negligenciarem os exames de elementos mais situacionais, como por exemplo, o grau em que o contexto organizacional fortalece ou enfraquece esse relacionamento. A este respeito, encontra-se que um destes elementos situacionais, o comportamento de trabalho inovador, recebe um efeito direto significativo de todas as dimensões de autonomia (THEURER; TUMASJAN; WELPE, 2018). Neste sentido, a autonomia, juntamente com as características e capacitação do trabalho e a participação parecem ser importantes preditores de produtividade (entendida como comportamento e resultados) (WOJTCZUK-TUREK, 2017).

Em síntese, a partir da análise dos estudos de Stern; Becker (2017); Fantini; Pinzone; Taisch (2020); Mishima-Santos; Sticca; Nebra (2021); Moore; Piwek (2017); Wang; Liu; Parker (2020); Waschull *et al.*, (2020); Oshri; Henfridsson; Kotlarsky (2018); Schwarzmüller *et al.*, (2018); Genrich *et al.*, (2020); Navales *et al.*, (2021); Theurer; Tumasjan; Welp (2018) e Wojtczuk-Turek (2017) que evidenciam aspectos antecedentes do Desenho do Trabalho é possível considerar que existem situações anteriores ao planejamento do trabalho que contribuem para o melhor delineamento deste desenho. A complexidade das novas tarefas nas organizações autonomamente organizadas indica a necessidade de repensar constantemente o desenho do trabalho, assim como estabelecer normas organizacionais claras. O uso das tecnologias de informação pode afetar as demandas do trabalho, a autonomia do trabalho e aspectos relacionais. Existem indicadores-chave de desempenho centrados no ser humano e diretrizes gerais que influenciam o Desenho do Trabalho. A tecnologia sensorial nos locais de trabalho, por exemplo, quando vinculadas a iniciativas de bem-estar, provocam alterações no desenho do trabalho. Além disso, há evidências de que aspectos como decisões dos gestores, reestruturação, treinamento e educação, são fatores que impactam no desenho do trabalho.

4 CONSEQUENTES

Entender as consequências de um Desenho do Trabalho planejado ou mesmo alterado também contribuiu para a evolução das dimensões e configurações do trabalho.

Ao se associar as implicações práticas para uma gestão de competências e Desenho do Trabalho adequados, encontra-se que o sistema sociotécnico (sistema que reconhece a interação entre as pessoas e a tecnologia nos locais de trabalho) contribuiu para responder melhor aos desafios da digitalização (BENDEL; LATNIAK, 2020). Ainda sobre competências, a análise do trabalho de funcionários em Organizações de Alta Confiabilidade possibilita, atualmente, a verificação de mudanças necessárias relacionadas à automação, bem como os novos requisitos de competência. Em outras palavras, a automação pode dar suporte aos funcionários neste tipo de organização, mas não pode substituí-los. Isto porque, como resultado da crescente automação, o papel dos humanos como controladores do sistema se torna mais passivo. Isso leva ao risco de degradação de habilidades e reduz a influência dos próprios funcionários. Apesar de seu papel passivo, os requisitos de competência parecem aumentar, o que leva a um campo de tensão (RIETH; HAGEMANN, 2021).

A motivação das pessoas nas organizações é outro aspecto de interesse dos pesquisadores do Desenho do Trabalho. Sob tal perspectiva encontra-se que a motivação e o compartilhamento do conhecimento parecem sofrer influências das características do Desenho do Trabalho. Parece que demandas cognitivas do trabalho e a autonomia do trabalho estão positivamente relacionadas ao compartilhamento de conhecimento por meio de motivação autônoma (GAGNÉ *et al.*, 2019).

O estudo de Hornung *et al.* (2019) traz conclusões importantes a respeito do autorredesenho de tarefas e os estados positivos de significado relacionados ao trabalho, comprometimento afetivo e enriquecimento trabalho-casa. Segundo os autores, quando os trabalhadores têm a oportunidade de autorredesenhar suas tarefas decorrem efeitos interativos de três modos de influência da tarefa: (a) o uso ativo dos potenciais existentes para a autonomia da tarefa; (b) job crafting, como modificações não autorizadas e auto-organizadas das características da tarefa; (c) a renegociação individual de tarefas por meio de acordos idiossincráticos (i-deals) com superiores. A autonomia da tarefa, a criação de tarefas direcionadas à tarefa e os i-deals de tarefa parecem cumprir papéis complementares na criação autodirigida de experiências de trabalho positivas.

Várias são os aspectos que transversalizam os estudos sobre o Desenho do Trabalho. Nos artigos que integraram este estudo verifica-se, por exemplo, que a presença de sindicatos pode induzir os gerentes a projetar cargos de forma taylorista para reduzir

o poder de barganha sindical (EISELE; SCHNEIDER, 2020). Em outras palavras, o Desenho do Trabalho projetado sob influência de interesses gerenciais tayloristas, pode trazer como consequente, a diminuição do poder que os sindicatos exercem sobre as organizações de trabalho.

Adiciona-se ao aspecto transversal anteriormente citado, o argumento de que o Desenho do Trabalho integra características do trabalho com componentes organizacionais, sociais e de trabalho que influenciam o bem-estar dos funcionários e os objetivos organizacionais. Exemplifica-se isto com o resultado de um estudo em que o suporte organizacional foi o preditor mais forte a afetar negativamente a satisfação no trabalho, a intenção de rotatividade e o esgotamento de profissionais da área da saúde (ROY; WEIJDEN; VRIES, 2017).

Ainda com foco em profissionais da área da saúde, encontra-se que a gestão e o Desenho do Trabalho requerem, dentre alguns aspectos, conhecimento de padrões de trabalho e de comunicação. E, mudanças no processo organizacional associadas à introdução de uma inovação recebem a influência de tais aspectos. Portanto, se o Desenho do Trabalho for planejado considerando-se estes aspectos, é provável que as consequências sejam o fornecimento de cuidados seguros e de qualidade (YU *et al.*, 2018).

Conhecer o nível de complexidade da tecnologia está relacionado às diferentes características da micro (Desenho do Trabalho, descrito em termos de autonomia, demanda cognitiva e interação social) e da macro estrutura organizacional (descrita em termos de centralização da tomada de decisões e número de níveis hierárquicos) do trabalho em fábricas. Pode-se inferir que as TICS e o Desenho do Trabalho exercem, em algum grau, influência na dinâmica organizacional em termos de gestão de processos com implicações importantes para o projeto de trabalho e para habilidades requeridas à sua realização (CAGLIANO *et al.*, 2019).

O *job crafting* refere-se a mudanças físicas e cognitivas nas tarefas ou limites de trabalho relacionais, decretadas por indivíduos para recriar sua experiência de trabalho de uma maneira mais motivadora e recompensadora, para sua auto-realização, crescimento e para o significado que atribui ao trabalho. Interpretado como uma forma micro-emancipatória de autogestão, o *job crafting* oferece alguns novos insights sobre liderança, enfrentamento, Desenho do Trabalho, orientações de trabalho e motivação. (HORNUNG, 2019). Outro conceito que a este se associa, o *playful work design* (PWD) refere-se à criação ativa de condições no trabalho que fomentam o brincar. Bakker *et al.* (2020), com os achados de seus estudos, reconhecem que quando os funcionários podem usar essas duas estratégias comportamentais proativas para melhorar o ambiente

organizacional interno, decorre a busca de desafios Desenho do Trabalho lúdico se relacionam positivamente às avaliações dos colegas e do desempenho no trabalho.

A realização no trabalho como mediador da relação entre Desenho do Trabalho e presenteísmo foi testada por Nebra, Queiroga e Oliveira (2019) junto a 2282 professores. As autoras evidenciam o papel mediador dos estados psicológicos críticos e outros gatilhos positivos que podem mediar a relação entre o Desenho do Trabalho e os resultados organizacionais, como por exemplo, as emoções.

Encontrou-se, dentre os artigos que integraram este estudo, que o mecanismo de promulgação da segurança psicossocial organizacional funciona por meio de processos psicossociais, como clima de maus-tratos de *bullying* (procedimentos antibullying), Desenho do Trabalho (procedimentos reduzem o estresse por meio do redesenho do trabalho) e resolução de conflitos (procedimentos para resolver conflitos). Os autores, Morf, Feierabend e Staffelbach (2017) destacam que o comportamento contraproducente no trabalho serve como uma saída pela qual os funcionários podem expressar desagrado e atua como um substituto para a falta de interesse quando a variedade de tarefas é baixa. Concluem que a prática sobre os efeitos potencialmente nocivos de projetos de trabalho não estimulantes tem implicações sobre como prevenir melhor o comportamento contraproducente no trabalho.

Desenho de Trabalho inadequado, culturas dominadas por homens, estereótipos negativos, altos níveis de viagens e um ethos agressivo que caracteriza muitas funções de compra são aspectos que evidenciados por Lawrence, Lonsdale e Mesurier (2018), uma vez que fornecem *insights* sobre a importância do desenvolvimento de liderança e Desenho do Trabalho em Gestão de Recursos Humanos, algo que pode auxiliar gerentes no planejamento de estratégias e sistemas eficazes para aumentar a criatividade dos funcionários.

Um modelo de Desenho do Trabalho focado em como os complementos à liderança de supervisão promovem o engajamento no trabalho foi proposto por Griffith *et al.* (2018). Os resultados permitem afirmar que as relações mais fortes com o engajamento no trabalho são o feedback do próprio trabalho e o suporte tecnológico do trabalho. Como consequentes, para os autores, as mudanças no Desenho do Trabalho podem permitir configurações de trabalho mais flexíveis, mantendo o envolvimento do trabalhador nas organizações cada vez mais digitais.

Outro achado importante entre os artigos analisados refere o Desenho do Trabalho como fator motivacional com consequências positivas para os indivíduos, o que faz aumentar o controle e a percepção de forças internas (como a auto eficácia) e que afeta positivamente a satisfação no trabalho. Os autores, Bargsted, Ramírez-Vielma, e

Yeves, (2019), identificaram a relação direta entre a auto eficácia profissional e o Desenho do Trabalho. Em outras palavras, as características sociais e da tarefa são importantes para melhorar a satisfação no trabalho, contribuindo para uma melhor compreensão de como a auto eficácia melhora a satisfação no trabalho por meio do Desenho do Trabalho.

Há evidências, nos estudos analisados, que as demandas de trabalho estão negativamente relacionadas à saúde mental. Parece que os recursos do trabalho aliviam o impacto negativo das demandas do trabalho, proporcionando uma alternativa para evitar o processo de comprometimento da saúde. Nestes termos, há evidente relação entre as características do projeto de trabalho e o resultado percebidos de aspectos da saúde do empregado (KRAINZ *et al.*, 2019).

De modo geral, e conforme se observa no Quadro 01 deste estudo, as consequências de um ambiente laboral cujo desenho de trabalho seja presente representam significativo interesse de pesquisadores a ele dedicados.

As transformações do trabalho na atualidade e a crescente automação podem influenciar negativamente o uso e desenvolvimento de habilidades dos profissionais, que, em algum grau, podem se tornar passivos. Nestes termos, observa-se que aspectos como a motivação e as estratégias de compartilhamento do conhecimento e as de comunicação, uma vez que sofrem influências do Desenho do Trabalho, merecem atenção de gestores que projetam melhoria contínua em seus processos e resultados. A este respeito, é importante considerar ainda, que se a percepção do suporte organizacional for negativa, haverá consequências significativas na satisfação dos profissionais e em sua intenção de rotatividade.

Considera-se importante ainda, enfatizar que o Desenho do Trabalho, conforme a perspectiva de vários autores, exerce influência no bem-estar dos funcionários e, conseqüentemente, nos objetivos organizacionais. Nestes termos, um Desenho do Trabalho lúdico, motivacional, mais flexível, que envolve os funcionários nas organizações, concorre para o desenvolvimento de habilidades de controle e a percepção de suas potencialidades, algo que também afeta a satisfação no trabalho.

Outro aspecto presente nos artigos que integram este estudo são as TICS, que, quando vinculadas ao Desenho do Trabalho interferem na dinâmica organizacional em termos de gestão de processos com implicações importantes para o projeto de trabalho e para habilidades requeridas à sua realização.

5 RECOMENDAÇÕES

Alguns dos estudos analisados apresentam considerações importantes para a gestão do desenho do trabalho que podem servir como recomendações. Promover

bem-estar, apoio da liderança, preservar relações interpessoais, processos de gestão incentivadores e apoiadores, entre outros, parecem ser ações positivas que emergem dos estudos e podem ser replicadas. Nurmi e Hinds (2020) descobriram que nem todos os trabalhadores estavam de acordo com as demandas de conectividade (considerada característica do desenho do trabalho) e que suas escolhas moldam seus relacionamentos interpessoais com colegas distantes. As diferentes encenações de conectividade podem ter efeitos diferentes nas relações interpessoais e nos resultados do trabalho. Para Elfering, Gerhardt, Grebner e Müller (2017) o desenho do trabalho em hospitais precisa abordar as condições interpessoais de trabalho e a gestão de conflitos no desenvolvimento da liderança, pois os impactos dos conflitos dos supervisores no comprometimento afetivo e nas atitudes quando existem menos apoio social do supervisor, possibilidades de participação e valorização, comprovaram que existe uma ligação entre conflitos com supervisores e atitudes no trabalho significativa. Os gerentes têm mais oportunidade do que os outros, em um ambiente de trabalho, para criar ou apoiar melhores projetos de trabalho (PARKER, ANDREI; BROECK 2019). Sarmah *et al.* (2021) afirmam que existe uma associação positiva entre a liderança de apoio à autonomia (um aspecto social do trabalho) e o engajamento no trabalho dos funcionários e é mediada pelo Desenho do Trabalho (um aspecto estrutural do trabalho).

A complexidade do trabalho, autonomia do trabalho, desenho de trabalho relacional, feedback do trabalho e demandas psicossociais afetam a cognição dos funcionários. Van Ruyseveldt; Van Wigger-Valkenburg e Van Dam (2021) mediram os ajustes que os funcionários fazem em seu trabalho para melhorar o aprendizado e descobriram que as organizações podem tentar aprimorar o ajuste de trabalho autoiniciado para aprendizagem de seus funcionários por meio de políticas organizacionais, como liderança de apoio e um clima de aprendizado.

Outro aspecto considerado importante no contexto de trabalho refere-se à pro atividade e flexibilidade. Wessels *et al.*, (2019), com base em pesquisas de Desenho do Trabalho, demonstraram que a utilização bem-sucedida da flexibilidade em relação onde e quando trabalhar (flexibilidade espaço-temporal) requer pro atividade por parte do funcionário na forma de elaboração do trabalho tempo-espacial. Para que permaneçam bem e produtivos nesse contexto, eles precisam se engajar na criação de trabalho que envolve reflexão sobre tempo e lugar e para os autores, essa é uma habilidade de trabalho que será exigida num futuro próximo. Para Strasser (2018), as mudanças no contexto de trabalho que estão ocorrendo constantemente influenciam no desenho do trabalho. Assim, diferenciar o desenho do trabalho por idade baseado em conhecimentos específicos sobre os potenciais de desempenho dependentes da idade dos funcionários,

pode ser uma alternativa importante para acompanhar as exigências impostas pelos novos tempos. Schulte; Schlicher e Maier (2020) consideram que a psicologia pode contribuir substancialmente à pesquisa atual em Desenho de Trabalho em *crowdwork* (CW), oferecendo uma estrutura mais ampla para uma melhor compreensão da natureza do trabalho que é inerente ao CW e sua interação única do trabalho e do nível de tarefa. Afirmam que é necessário olhar para o nível de todo o trabalho CW também de uma única pessoa, juntamente com outros empregos e a atividade de lazer dessa pessoa. Para os autores, a psicologia aborda adequadamente um enorme desenvolvimento na forma como o trabalho futuro pode ser concebido e organizado.

O fator emocional relacionado ao trabalho também merece atenção e precisa de intervenções seguras. Bhave *et al.* (2018) conciliaram os resultados de duas pesquisas: Work Design relacional e trabalho emocional e identificaram que as interações de trabalhadores fora das organizações podem aumentar a importância da tarefa (perspectiva dos funcionários). Além disso, ao interagir fora da organização as emoções são reguladas, consistindo em um aspecto adverso de seus empregos. O estudo mostrou que as perspectivas do trabalho emocional e do desenho do trabalho relacional possuem aspectos complementares e não opostos. Moore (2018) afirma que são necessários experimentos de Desenho de Trabalho que mesclam bem-estar com produtividade para medir e modular o trabalho afetivo e emocional de resiliência, necessário para sobreviver à turbulência da incorporação generalizada de sistemas de gestão ágeis, nos quais se espera que os trabalhadores tomem a direção simbólica das máquinas. Contribuindo com questões relacionadas ao bem-estar, Bakker *et al.* (2020) afirmam que as pessoas têm uma tendência natural para brincar e a partir disso propuseram que os trabalhadores podem criar de forma proativa um trabalho lúdico (Desenho de Trabalho lúdico), que poderá resultar em consequências positivas para o bem-estar, criatividade e desempenho dos funcionários. Concluem afirmando que o Desenho de Trabalho lúdico pode contribuir para tornar o trabalho motivador e ajudar a lidar com tarefas desgastantes e tediosas.

Analisar o Desenho do Trabalho, observando a carga de trabalho tem sido praticado em diferentes organizações. Conforme Jimenez e Dunkl (2017), é necessário levar em consideração a questão dos recursos do local de trabalho ao fazer avaliações de risco na prática, pois o Desenho do Trabalho deve se concentrar ainda mais nos recursos quando a alta carga de trabalho pode ser encontrada. Transformar o desenho do trabalho e o local de trabalho para melhorar a segurança de alguns processos de trabalho, por meio de uma comunicação eficaz foi identificado como necessidade por Motta *et al.* (2018). Carlotto *et al.* (2021) identificaram o poder preditivo das variáveis do Work Design (DS) na Síndrome de Burnout (SB). Os resultados mostraram que os fatores

de desenho do trabalho são preditores das 4 dimensões da SB, que são: 1) Entusiasmo pelo trabalho; 2) Exaustão Psicológica; 3) Indolência; e 4) Culpa (sentimento de culpa pelo comportamento e atitudes negativas desenvolvidas no trabalho que não correspondem às normas internas e exigências sociais do papel profissional) principalmente fatores relacionados às características sociais e de tarefa.

As diferentes características do trabalho, as demandas físicas, a identidade da tarefa e a complexidade do trabalho são úteis para explicar o absenteísmo conforme Nebra *et al.* (2021). Os autores concluíram que analisar diferentes tempos de absenteísmo possibilita ampliar a discussão do fenômeno e qualificar a relação entre características do trabalho e absenteísmo.

Ações relacionadas a abordar as condições interpessoais de trabalho e a gestão de conflitos, apoiar melhores projetos de trabalho, a liderança assumir comportamento de apoio, a promoção de um clima de aprendizagem e reflexão sobre tempo e lugar, ficar atento para os recursos do local de trabalho, incentivar o desenvolvimento de processo de comunicação eficaz, análise dos diferentes tempos de absenteísmo, assim como planejar um Desenho do Trabalho lúdico que pode contribuir como fator motivador, são exemplos importantes e que parecem contribuir significativamente para um planejamento do desenho do trabalho coerente e adaptado às características dos novos tempos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo foi abordado sobre o Desenho do Trabalho, seus antecedentes, conseqüentes e algumas recomendações contidas nos estudos que o sustentam. Como antecedentes foram identificadas situações relacionadas à complexidade das novas tarefas nas organizações autonomamente organizadas e a tecnologia sensorial (quando vinculadas a iniciativas de bem-estar) nos locais de trabalho, que podem afetar as demandas do trabalho, a autonomia do trabalho e aspectos relacionais. Existem indicadores-chave de desempenho centrados no ser humano e diretrizes gerais que influenciam o Desenho do Trabalho. Também foram identificadas algumas evidências de que aspectos relacionados à gestão, a reestruturação, o treinamento e a educação, são fatores que impactam no desenho do trabalho. Por exemplo, a autogestão é cada vez mais exigida por pessoas em empregos com horários e locais flexíveis, arranjos freelancers e outras formas de design organizacional de trabalho (GRIFFITH; NORDBÄCK; SAWYER; RICE (2018).

A análise dos estudos contribuiu para a identificação de algumas recomendações para quem gerencia o desenho do trabalho. Estas recomendações estão relacionadas aos processos de liderança, às relações interpessoais, incluindo como um aspecto crucial

a comunicação, o clima organizacional instigando a aprendizagem dos trabalhadores, assim como análises constantes dos recursos oferecidos para as pessoas desenvolverem suas atividades, pois a ausência de recursos está relacionada à sobrecarga de trabalho. Refletir sobre o tempo e o espaço também parece ser importante num momento de diferentes arranjos de trabalho. Pensar a ludicidade no contexto de trabalho pode ser um aspecto motivador.

Este estudo possibilitou identificar algumas considerações já socializadas sobre Desenho do Trabalho evidenciando que ainda é necessário continuar as investigações para a construção de novos e saudáveis Desenhos de Trabalho. Embora seja um tema centenário de estudos, é possível afirmar que permanece relevante tanto às organizações quanto às pessoas envolvidas neste contexto.

REFERÊNCIAS

BAKKER, Arnold B.; SCHARP, Yuri S.; BREEVAART, Kimberley; VRIES, Juriena D. de. Playful Work Design: introduction of a new concept. **The Spanish Journal Of Psychology**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 1-6, maio 2020. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/sjp.2020.20>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/27A2382A354C816A59224524F6775434/S1138741620000207a.pdf/playful-work-design-introduction-of-a-new-concept.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

BAKKER, Arnold B.; HETLAND, Jørn; OLSEN, Olav Kjellevoid; ESPEVIK, Roar; VRIES, Juriena D. de. Job crafting and playful work design: links with performance during busy and quiet days. **Journal Of Vocational Behavior**, [S.L.], v. 122, 103478, out. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvb.2020.103478>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0001879120301032>. Acesso em: 02 fev. 2022.

BARGSTED, Mariana; RAMÍREZ-VIELMA, Raúl; YEVES, Jesús. Professional Self-efficacy and Job Satisfaction: the mediator role of work design. **Revista de Psicología del Trabajo y de Las Organizaciones**, [S.L.], v. 35, n. 3, p. 157-163, nov. 2019. Colegio Oficial de Psicólogos de Madrid. <http://dx.doi.org/10.5093/jwop.2019a18>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2019-79764-002>. Acesso em: 02 fev. 2022.

BENDEL, Alexander; LATNIAK, Erich. Soziotechnisch – agil – lean: konzepte und vorgehensweisen für arbeits- und organisationsgestaltung in digitalisierungsprozessen. **Gruppe. Interaktion. Organisation. Zeitschrift Für Angewandte Organisationspsychologie (Gio)**, [S.L.], v. 51, n. 3, p. 285-297, 7 ago. 2020. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s11612-020-00528-8>. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s11612-020-00528-8.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

BHAVE, Devasheesh P.; HALLDÓRSSON, Freyr; KIM, Eugene; LEFTER, Alexandru M.. The differential impact of interactions outside the organization on employee well-being. **Journal Of Occupational And Organizational Psychology**, [S.L.], v. 92, n. 1, p. 1-29, 2 ago. 2018. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/joop.12232>. Disponível em: https://ink.library.smu.edu.sg/cgi/viewcontent.cgi?article=6985&context=ilkcsb_research. Acesso em: 02 fev. 2022.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p.121-136, 7 nov. 2011. Disponível em: <https://www.gestaosociedade.org/gestaosociedade/article/view/1220>. Acesso em 02 de fev. 2022. <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>.

BURROWS, Michael; GALE, Nicola; GREENFIELD, Sheila; LITCHFIELD, Ian. A quantitative assessment of the parameters of the role of receptionists in modern primary care using the work design framework. **Bmc Family Practice**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 1-6, 10 jul. 2020. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12875-020-01204-y>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32650728/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CAGLIANO, Raffaella; CANTERINO, Filomena; LONGONI, Annachiara; BARTEZZAGHI, Emilio. The interplay between smart manufacturing technologies and work organization. **International Journal Of Operations & Production Management**, [S.L.], v. 39, n. 6/7/8, p. 913-934, 2 dez. 2019. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/ijopm-01-2019-0093>. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/IJOPM-01-2019-0093/full/html>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CAMPION, Michael A. Interdisciplinary approaches to job design: Aconstructive replication with extensions. **Journal of Applied Psychology**, [S.L.], v.73, n. 3, p. 467-481, 19 dez. 1987. Disponível em: https://www.krannert.purdue.edu/faculty/campionm/interdisciplinary_approaches.pdf?origin=publication_detail. Acesso em: 02 fev. 2022.

CAMPION, Michael A.; THAYER, Paul. Development and field evaluation of an interdisciplinary measure of job design. **Journal of Applied Psychology**, [S.L.], v.70, n. 1, p. 29-43, 1985. Disponível em: https://krannert.purdue.edu/faculty/campionm/Development_Field_Evaluation.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.

CARLOTTO, Mary Sandra; ABBAD, Gardênia da Silva; STICCA, Marina Gregghi; CARVALHO-FREITAS, Maria Nivalda de; OLIVEIRA, Marcos Santos de. Burnout Syndrome and the Work Design of Education and Health Care Professionals. **Psico-USf**, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 291-303, jun. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712021260208>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/Wp8CTFyWZ4py7D3pqLPWtJz/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

DOLLARD, Maureen F; DORMANN, Christian; TUCKEY, Michelle R.; ESCARTÍN, Jordi. Psychosocial safety climate (PSC) and enacted PSC for workplace bullying and psychological health problem reduction. **European Journal Of Work And Organizational Psychology**, [S.L.], v. 26, n. 6, p. 844-857, 31 out. 2017. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/1359432x.2017.1380626>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1359432X.2017.1380626>. Acesso em: 02 fev. 2022.

EDWARDS, Jaffery R.; SCULLY, Judith A.; BRTEK, Mary D. The measurement of work: Hierarchical representation of the multimethod job design questionnaire. **Personnel Psychology**, [S.L.], v. 52, n. 2, p. 305-334, 1999. Disponível em: <http://public.kenan-flagler.unc.edu/faculty/edwardsj/Edwardsetal1999.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

EISELE, Simon; SCHNEIDER, Martin. What Do Unions Do to Work Design? Computer Use, Union Presence, and Tayloristic Jobs in Britain. *Industrial Relations: A Journal of Economy and Society.*, Oxford, UK, ano 5, v. 59, p. 1-23, 13 out. 2020. DOI 10.1111/irel.12266. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346414586_What_Do_Unions_Do_to_Work_Design_Computer_Use_Union_Presence_and_Tayloristic_Jobs_in_Britain/citations. Acesso em: 2 fev. 2022.

ELFERING, Achim; GERHARDT, Christin; GREBNER, Simone; MÜLLER, Urs. Exploring Supervisor-Related Job Resources as Mediators between Supervisor Conflict and Job Attitudes in Hospital Employees. **Safety And Health At Work**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 19-28, 1 mar. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.shaw.2016.06.003>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2093791116300452>. Acesso em: 02 fev. 2022.

FANTINI, Paola; PINZONE, Marta; TAISCH, Marco. Placing the operator at the centre of Industry 4.0 design: modelling and assessing human activities within cyber-physical systems. **Computers & Industrial Engineering**, [S.L.], v. 1, n. 139, 105058, jan. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cie.2018.01.025>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0360835218300329>. Acesso em: 02 fev. 2022.

- FREUD, Sigmund. **O mal da civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Originalmente publicado em 1930).
- GAGNÉ, Marylène; TIAN, Amy Wei; SOO, Christine; ZHANG, Bo; HO, Khee Seng Benjamin; HOSSZU, Katrina. Different motivations for knowledge sharing and hiding: the role of motivating work design. **Journal Of Organizational Behavior**, [S.L.], v. 40, n. 7, p. 783-799, 8 abr. 2019. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/job.2364>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/job.2364>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- GENRICH, Melanie; WORRINGER, Britta; ANGERER, Peter; MÜLLER, Andreas. Hospital Medical and Nursing Managers' Perspectives on Health-Related Work Design Interventions. A Qualitative Study. **Frontiers In Psychology**, [S.L.], v. 11, p. 1-18, 5 maio 2020. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00869>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7214727/>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.
- GRANT, Adam M.; Parker Sharon K. 7 redesigning work design theories: the rise of relational and proactive perspectives. **The Academy of Management Annals**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 317-375, 5 ago. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277440824_7_R redesigning_Work_Design_Theories_The_Rise_of_Relational_and_Proactive_Perspectives. Acesso em: 02 fev 2022.
- GRIFFITH, Terri L.; NORDBÄCK, Emma S.; SAWYER, John E.; RICE, Ronald E.. Field study of complements to supervisory leadership in more and less flexible work settings. **Journal Of Organization Design**, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 1-26, 26 set. 2018. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s41469-018-0034-5>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s41469-018-0034-5>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- HACKMAN, J. Richard; OLDHAM, Greg R. Motivation through the design of work: Test of a theory. **Organizational Behavior and Human Performance**, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 250-279, 28 abr. 1976. Disponível em: http://web.mit.edu/curhan/www/docs/Articles/15341_Readings/Group_Performance/Hackman_et_al_1976_Motivation_thru_the_design_of_work.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.
- HORNUNG, Severin. Crafting Task and Cognitive Job Boundaries to Enhance Self-Determination, Impact, Meaning and Competence at Work. **Behavioral Sciences**, [S.L.], v. 9, n. 12, p. 136-140, 3 dez. 2019. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/bs9120136>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31817017/>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- HORNUNG, Severin; HÖGE, Thomas; SEUBERT, Christian; GLASER, Jürgen; ROUSSEAU, Denise M.. Creating Positive Work Experiences Through Task Self-Redesign. **Behavioral Sciences**, [S.L.], v. 9, n. 12, p. 140-148, 5 dez. 2019. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/bs9120140>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6960792/>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- HUMPHREY, Stephen E.; NAHRGANG, Jennifer D.; MORGESON, Frederick P. Integrating motivational, social, and contextual work design features: A meta-analytic summary and theoretical extension of the work design literature. **Journal of Applied Psychology**, [S.L.], v. 92, n. 5, p. 1332-1356, 05 jan. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/5995674_Integrating_Motivational_Social_and_Contextual_Work_Design_Features_A_Meta-Analytic_Summary_and_Theoretical_Extension_of_the_Work_Design_Literature. Acesso em: 02 fev. 2022.
- JIMENEZ, Paul; DUNKL, Anita. The Buffering Effect of Workplace Resources on the Relationship between the Areas of Worklife and Burnout. **Frontiers In Psychology**, [S.L.], v. 8, n. 12, p. 1-10, 17 jan. 2017. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00012>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5239789/pdf/fpsyg-08-00012.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2022.

KIGGUNDU, Moses N. Task interdependence and job design: Test of atheory. **Organizational Behavior and Human Performance**, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 145-172, abr. 1983. Disponível em: <http://pdf.xuebalib.com:1262/26ryu3bMHc2W.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

KRAINZ, Karmen Dežmar; MIKULIĆ, Josip; KOREN, Helena; ZAVALIĆ, Ana. Designing Work for Mental Health: the moderating role of job resources. **Društvena Istraživanja**, [S.L.], p. 47-67, 24 fev. 2019. Institute of Social Sciences Ivo Pilar. <http://dx.doi.org/10.5559/di.28.1.03>. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/217317>. Acesso em: 02 fev. 2022.

LAWRENCE, Jennifer; LONSDALE, Chris; MESURIER, Nick Le. Access denied? Exploring the causes of the low representation of women in senior executive positions within procurement. **Journal Of Purchasing And Supply Management**, [S.L.], v. 24, n. 4, p. 304-313, out. 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pursup.2018.04.002>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S147840921830116X>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MALVEZZI, Sigmar. Prefácio In: J. C. ZANELLI; J.E. BORGES-ANDRADE e A.V. B. BASTOS (ORG). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 13-17.

MCHUGH, Orla; CONBOY, Kieran; LANG, Michael. Agile practices: The impact on trust in software project teams. **Ieee Software**, [S.L.], v. 29, n. 3, p. 71-76, 2011. Disponível em: https://ulir.ul.ie/bitstream/handle/10344/2743/Mchugh_2012_agile.pdf?sequence=2. Acesso em: 02 fev. 2022.

MATOS, Eliane; PIRES, Denise. Teorias administrativas e organização do trabalho: de Taylor aos dias atuais, influências no setor saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 508-514, 26 jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/PdVp6pWJftgXWng9HpDS3H/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MISHIMA-SANTOS, Viviane; STICCA, Marina Gregghi; NEBRA, Amália R.. Wellbeing and Work Design in Brazilian Teleworkers. **Frontiers In Psychology**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 1-12, 21 out. 2021. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2021.733640>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2021.733640/full>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MINTZBERG, H. *Ascensão e Queda do Planejamento Estratégico*. Porto Alegre: Bookman, 1994.

MOORE, Phoebe V. Tracking Affective Labour for Agility in the Quantified Workplace. **Body & Society**, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 39-67, 17 ago. 2018. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1357034x18775203>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1357034x18775203?journalCode=boda>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MOORE, Phoebe; PIWEK, Lukasz. Regulating wellbeing in the brave new quantified workplace. **Employee relations**, [S. l.], v. 39, n. 3, p. 308-316, 3 abr. 2017.

MORGESON, Frederick P; CAMPION, Michael A. **Work design**. In: BORMAN, Walter C.; KLIMOSKI, Richard J. *Handbook of psychology*. Hoboken: Industrial and organizational psychology, 2003. p 423-452.

MORGESON, Frederick P; DIERDORFF, Erich C.; HMUROVIC, Jillian L. Work design in situ: Understanding the role of occupational and organizational context. **Journal of Organizational Behavior**. **Organiz. Behav**, [S.L.], v. 31, n. 2/3, p. 351-360, 22 jan. 2010. Disponível em: http://www.morgeson.com/downloads/morgeson_dierdorff_hmurovic_2010.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.

MORGESON, Frederick P; Humphrey, Stephen E. The Work Design Questionnaire (WDQ): developing and validating a comprehensive measure for assessing job design and the nature of work. **Journal of applied psychology**, [S.L.], v. 91, n. 6, p. 1321-1339, dec. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/6698030_The_Work_Design_Questionnaire_WDQ_Developing_and_Validating_A_Comprehensive_Measure_for_Assessing_Job_Design_and_the_Nature_of_Work. Acesso em: 02 fev. 2022.

MORGESON, Frederick P.; Humphrey, Stephen E. Job and team design: Toward a more integrative conceptualization of work design. In: Research in personnel and human resources management. **Emerald Group Publishing Limited**, [S.L.], v. 27, p. 39-91, jul. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/243462790_Job_and_team_design_Toward_a_more_integrative_conceptualization_of_work_design. Acesso em: 02 fev. 2022.

MOTTA, Ana Paula Gobbo; GUERREIRO, Juliana Magalhães; GOBBO, Ana Flora Fogaça; KUSUMOTA, Luciana; ATILA, Elisabeth; SHASANMI, Rebecca O.; GIMENES, Fernanda Raphael Escobar. Case study: using participatory photographic methods for the prevention of medication errors. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 71, n. 5, p. 2483-2488, out. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0040>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cZYHnry3m6Xd7Prr3zgw3Xs/?lang=en>. Acesso em: 02 fev. 2022.

NAVALES, Juneffer Villamen; JALLOW, Amadou Wurry; LAI, Chien Yu; LIU, Chieh Yu; CHEN, Shu Wen. Relationship between Quality of Nursing Work Life and Uniformed Nurses' Attitudes and Practices Related to COVID-19 in the Philippines: a cross-sectional study. **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 18, n. 19, p. 9953, 22 set. 2021. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph18199953>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34639257/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

NEBRA, Amalia Perez; STICCA, Marina Gregghi; QUEIROGA, Fabiana; TORDERA, Núria. Brazilian Teachers' Absenteeism: work design predictive model. **The International Journal Of Educational Organization And Leadership**, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 117-130, 2021. Common Ground Research Networks. <http://dx.doi.org/10.18848/2329-1656/cgp/v28i02/117-130>. Disponível em: http://www.prolabsustentavel.com.br/wp-content/uploads/2021/10/watermarked_brazilian-teachers-absenteeism_oct-13-2021-22-57-08.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.

NEBRA, Amalia P.; QUEIROGA, Fabiana; OLIVEIRA, Thiago A.. PRESENTEEISM OF CLASS TEACHERS: well-being as a critical psychological state in the mediation of job characteristics. **Ram. Revista de Administração Mackenzie**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 1-26, 13 nov. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1678-6971/eramd200123>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/GfqXxXgtgRwJtqP3hs5jB/?lang=en>. Acesso em: 02 fev. 2022.

NURMI, Niina; HINDS, Pamela J. "Work Design for Global Professionals: Connectivity demands, connectivity behaviors, and their effects on psychological and behavioral outcomes.". *Organization Studies*, [S. l.], ano 2020, v. 1, n. 41, p. 1697-1724., 24 jul. 2020. DOI DOI:10.25384/SAGE.C.5072621.V1. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Work-Design-for-Global-Professionals%3A-Connectivity-Nurmi-Hinds/932670f40ea842499ed6c7e27c56f21fa054261b>. Acesso em: 2 fev. 2022.

OSHRI, Ilan; HENFRIDSSON, Ola; KOTLARSKY, Julia. Re-presentation as Work Design in Outsourcing: A Semiotic View. **MIS Quarterly**, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 1-23, 1 mar. 2018. Disponível em https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3919318. Acesso em: 02 fev. 2022.

PARKER, Sharon K. Beyond motivation: Job and work design for development, health, ambidexterity, and more. **Annual review of psychology**, [S.L.], v. 65, n. 1, p. 661-691, jan. 2014. [design.pdf](#). Acesso em: 02 fev. 2022.

PARKER, Sharon K. Work Design Growth Model: How Work Characteristics Promote Learning and Development. *Autonomous Learning in the Workplace*, [S.L.], v. 65, p. 661-691, 1982. Disponível em: <file:///C:/Users/Reluz/Downloads/annurev-psych-010213-115208.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

PARKER, Sharon K.; MORGESON, Frederick P.; JOHNS, Gary. One hundred years of work design research: Looking back and looking forward. **Journal of applied psychology**, [S.L.], v. 102, n. 3, p. 403-420, 2017. Disponível em: [https://goal-lab.psych.umn.edu/orgPsych/readings/5.%20Motivation/Parker%20\(2014\)%20Beyond%20motivation%20-%20job%20and%20work%20design.pdf](https://goal-lab.psych.umn.edu/orgPsych/readings/5.%20Motivation/Parker%20(2014)%20Beyond%20motivation%20-%20job%20and%20work%20design.pdf). Acesso em: 02 fev. 2022.

PARKER, Sharon K.; WALL, Toby D. **Job and work design: Organizing work to promote well-being and effectiveness**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

PARKER, Sharon K.; ANDREI, Daniela M.; BROECK, Anja van Den. Poor work design begets poor work design: capacity and willingness antecedents of individual work design behavior.. **Journal Of Applied Psychology**, [S.L.], v. 104, n. 7, p. 907-928, jul. 2019. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/apl0000383>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30640488/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

RIETH, Michèle; HAGEMANN, Vera. Veränderte Kompetenzanforderungen an Mitarbeitende infolge zunehmender Automatisierung – Eine Arbeitsfeldbetrachtung. **Gruppe. Interaktion. Organisation. Zeitschrift Für Angewandte Organisationspsychologie (Gio)**, [S.L.], v. 52, n. 1, p. 37-49, 28 jan. 2021. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s11612-021-00561-1>. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s11612-021-00561-1.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

ROY, Ashim; WEIJDEN, Trudy van Der; VRIES, Nanne de. Relationships of work characteristics to job satisfaction, turnover intention, and burnout among doctors in the district public-private mixed health system of Bangladesh. **Bmc Health Services Research**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 1-11, 20 jun. 2017. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12913-017-2369-y>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28637454/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

SARMAH, Pallavi; BROECK, Anja van Den; SCHREURS, Bert; PROOST, Karin; GERMEYS, Filip. Autonomy supportive and controlling leadership as antecedents of work design and employee well-being. **Brq Business Research Quarterly**, [S.L.], v. 25, n. 1, p. 44-61, 29 out. 2021. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/23409444211054508>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/23409444211054508>. Acesso em: 02 fev. 2022.

SCHULTE, Julian; SCHLICHER, Katharina D.; MAIER, Günter W.. Working everywhere and every time? – Chances and risks in crowdworking and crowdsourcing work design. **Gruppe. Interaktion. Organisation. Zeitschrift Für Angewandte Organisationspsychologie (Gio)**, [S.L.], v. 51, n. 1, p. 59-69, 27 jan. 2020. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s11612-020-00503-3>. Disponível em: <https://www.springerprofessional.de/working-everywhere-and-every-time-chances-and-risks-in-crowdwork/17643778>. Acesso em: 02 fev. 2022.

SCHWARZMÜLLER, Tanja; BROSI, Prisca; DUMAN, Denis; WELPE, Isabell M.. How Does the Digital Transformation Affect Organizations? Key Themes of Change in Work Design and Leadership. **Management Revu**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 114-138, 2018. <http://dx.doi.org/10.5771/0935-9915-2018-2-114>. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/nms/mamere/10.5771-0935-9915-2018-2-114.html>. Acesso em: 02 fev. 2022.

STERN, Hendrik; BECKER, Till. Development of a Model for the Integration of Human Factors in Cyber-physical Production Systems. **Procedia Manufacturing**, [S. l.], v. 9, p. 151-158, 1 jan. 2017. DOI <https://doi.org/10.1016/j.promfg.2017.04.030>. Disponível em: Scencedirect.com. Acesso em: 31 jan. 2022.

STRASSER, Helmut. The “Art of Aging” from an ergonomics viewpoint – Wisdoms on age. **Occupational Ergonomics**, [S.L.], v. 13, p. 1-24, 5 fev. 2018. IOS Press. <http://dx.doi.org/10.3233/OER-170250>. Disponível em: <https://content.iospress.com/articles/occupational-ergonomics/oe250>. Acesso em: 02 fev. 2022.

THEURER, Christian P.; TUMASJAN, Andranik; WELPE, Isabell M.. Contextual work design and employee innovative work behavior: when does autonomy matter?. **Plos One**, [S.L.], v. 13, n. 10, e0204089, 4 out. 2018. Public Library of Science (PLoS). <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0204089>. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0204089>. Acesso em: 02 fev. 2022.

TRIPP, John F.; RIEMENSCHNEIDER, Cindy; THATCHER, Jason B. Job Satisfaction in Agile Development Teams: Agile Development as Work Redesign. *Journal of the Association for Information Systems*, [S.L.], v. 17, n. 4, p. 267 – 307, 29 abr. 2016. DOI ISSN: 1536-9323. Disponível em: <https://aisel.isnet.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1741&context=jais>. Acesso em: 2 fev. 2022.

TSE, Herman H. M.; TO, March L.; CHIU, Warren C. K. When and why does transformational leadership influence employee creativity? The roles of personal control and creative personality. **Human Resource Management**, [S.L.], v. 57, n. 1, p. 145-157, 13 out. 2017. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/hrm.21855>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/hrm.21855>. Acesso em: 02 fev. 2022.

TURCI, Henrique. Feedback—A importância desta técnica na rotina empresarial. *Revista Interatividade*, v. 1, n. 1, p. 81-89, 2013.

VAN RUYSEVELDT, Joris; VAN WIGGEN-VALKENBURG, Tonnie; VAN DAM, Karen. The self-initiated work adjustment for learning scale: development and validation. **Journal Of Managerial Psychology**, [S.L.], v. 36, n. 6, p. 491-504, 4 maio 2021. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/jmp-04-2020-0198>. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JMP-04-2020-0198/full/pdf?title=the-self-initiated-work-adjustment-for-learning-scale-development-and-validation>. Acesso em: 02 fev. 2022.

WANG, Bin; LIU, Yukun; PARKER, Sharon K.. How Does the Use of Information Communication Technology Affect Individuals? A Work Design Perspective. **Academy Of Management Annals**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 695-725, jul. 2020. Academy of Management. <http://dx.doi.org/10.5465/annals.2018.0127>. Disponível em: <https://journals.aom.org/doi/abs/10.5465/annals.2018.0127?ai=1qm&mi=47tg1r&af=R#:~:text=Results%20show%20that%20ICT%20use,job%20autonomy%2C%20and%20relational%20aspects.&text=We%20consolidate%20the%20review%20findings,outcomes%20and%20the%20moderating%20factors..> Acesso em: 02 fev. 2022.

WASCHULL, S.; BOKHORST, J.A.C.; MOLLEMAN, E.; WORTMANN, J.C.. Work design in future industrial production: transforming towards cyber-physical systems. **Computers & Industrial Engineering**, [S.L.], v. 139, n. 1, 105679, jan. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cie.2019.01.053>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0360835219300683>. Acesso em: 02 fev. 2022.

WESSELS, Christina; SCHIPPERS, Michaéla C.; STEGMANN, Sebastian; BAKKER, Arnold B.; VAN BAALEN, Peter J.; PROPER, Karin I. Fostering Flexibility in the New World of Work: a model of time-spatial job crafting. **Frontiers In Psychology**, [S.L.], v. 505, n. 10, p. 1-10, 19 mar. 2019. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00505>. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Fostering-Flexibility-in-the-New-World-of-Work%3A-A-Wessels-Schippers/a788876955b8a404b482dc32966229915315023c>. Acesso em: 02 fev. 2022.

WOJTCZUK-TUREK, Agnieszka. In Search of Key HR Practices for Improvement of Productivity of Employees in the KIBS Sector. **Contemporary Economics**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 5-16, 31 mar. 2017. University of Economics and Human Sciences in Warsaw. <http://dx.doi.org/10.5709/ce.1897-9254.225>. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/162102/1/884341658.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

YAMAMOTO, Oswaldo. H. Trabalho. In: P. F. Bendassolli E J.E. Borges- Andrade, (Orgs). *Dicionário de Psicologia do Trabalho e das Organizações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

YU, Ping; SONG, Liying; QIAN, Siyu; YAO, Xing; HUANG, Jue; MIN, Lingtong; LU, Xudong; DUAN, Huilong; DENG, Ning. Work pattern of neurology nurses in a Chinese hospital: a time and motion study. **Journal Of Nursing Management**, [S.L.], v. 27, n. 2, p. 320-329, 17 set. 2018. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/jonm.12682>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30295970/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

CAPÍTULO 19

LA MANCHA Y TEJIDO URBANO MEDIANTE LA GEORREFERENCIACIÓN DE CARTOGRAFÍA HISTÓRICA¹

Data de submissão: 14/02/2022

Data de aceite: 28/02/2022

Verónica de la Cruz Zamora Ayala

Dra. en Arq. UNAM

Universidad de Guanajuato

División de Arquitectura, Arte y Diseño

Departamento de Arquitectura

Guanajuato, Guanajuato, México

<https://orcid.org/0000-0002-7044-1296>

RESUMEN: En el presente trabajo partimos del supuesto de que los planos y los mapas han sido por largo tiempo formas de ver y modos de producir y de fijar saberes geográficos; expresión de la comprensión que las personas y los colectivos tienen de su entorno inmediato. La pregunta sobre cómo se transita del mapa al mundo supone poner el acento en la condición de objeto del mapa, atendiendo a su materialidad y al modo en que las personas y los colectivos usan dichos objetos; a partir de lo cual, ponemos

¹ El trabajo que se presenta tiene su antecedente en la ponencia: "Digitalización de la cartografía histórica. Algunas reflexiones"; que se presentó en el marco del 6° Simposio Iberoamericano de Historia de la cartografía; con el nombre Del Mundo al mapa y del mapa al mundo: objetos, escala e imaginarios del territorio. Organizado por la Universidad de Chile y la Pontificia Universidad Católica de Chile, Dirección de bibliotecas, archivos y Museos. Celebrado en Santiago de Chile, 19-21 de abril de 2016.

desde un enfoque regional y particular, las representaciones cartográficas, en las que indagamos, como materiales gráficos, en tanto técnica y estrategia de representación cambiante, y su empleo en los recientes formatos digitales, como información que permite el estudio de la ciudad en el presente. A lo largo del documento exponemos el uso que hemos hecho de las representaciones cartográficas históricas en cuanto material en el que indagamos sobre la evolución del tejido urbano y de los objetos acontecimiento; la transición en su empleo en los recientes formatos digitales; y señalamos las ventajas y desventajas de su empleo para el conocimiento y explicación de la transformación de la ciudad.

PALABRAS CLAVE: Tejido urbano. Mancha urbana. Cartografía histórica. Georreferenciación.

THE URBAN STAIN AND THE URBAN FABRIC THROUGH THE GEOREFERENCING OF HISTORICAL CARTOGRAPHY

ABSTRACT: In this paper we start from the assumption that plans and maps have long been ways of seeing and ways of producing and fixing geographic knowledge; expression of the understanding that people and groups have of their immediate environment. The question about how to move from the map to the world means putting the emphasis on the map's condition as an object, taking into account its materiality and the way in which

people and groups use said objects; from which, from a regional and particular approach, we put the cartographic representations, in which we investigate, as graphic materials, as a technique and strategy of changing representation, and its use in recent digital formats, as information that allows the study of the city in the present. Along the document we expose the use we have made of historical cartographic representations as material in which we investigate the evolution of the urban fabric and event objects; the transition in its use in recent digital formats; and we point out the advantages and disadvantages of its use for the knowledge and explanation of the transformation of the city.

KEYWORDS: Urban fabric. Urban Stain. Historical cartographic. Georeferencing.

1 INTRODUCCIÓN

Los planos y los mapas han sido por largo tiempo formas de ver y modos de producir y de fijar saberes geográficos; expresión de la comprensión que las personas y los colectivos tienen de su entorno inmediato; así como, objetos que actúan como recortes de la realidad, para hacerla caber en un papel como parte de la experiencia y del espacio.

La pregunta planteada sobre cómo se transita del mapa al territorio supone poner el acento en la condición de objeto del mapa, atendiendo a su materialidad y al modo en que las personas y los colectivos usan dichos objetos; a partir de lo cual, ponemos desde un enfoque regional y particular, las representaciones cartográficas, en las que indagamos, como materiales gráficos, en tanto técnica y estrategia de representación cambiante, el lenguaje y la escala con la que se ha dado forma a la cartografía urbana histórica en papel, y su empleo en los recientes formatos digitales, como información que permite el estudio de la evolución de la ciudad en el presente. El documento se estructura en tres grandes apartados: la introducción, la georreferenciación de la cartografía histórica, subdividida en tres grandes apartados: antecedentes, el sistema de información geográfica, y la georreferenciación de planos antiguos en el sistema digital; por último, planteamos las principales conclusiones a las que hemos llegado con el empleo del Qgis en el conocimiento de la evolución de la ciudad.

2 GEORREFERENCIACIÓN DE CARTOGRAFÍA HISTÓRICA

2.1 ANTECEDENTES

El estudio realizado sobre la evolución de la ciudad de Guanajuato, para reconocer la configuración de su estructura actual, ha requerido de la exploración y explotación de información proveniente de fuentes diversas documentales y gráficas, ya sean planimétricas, fotográficas, archivísticas y bibliográficas. En esta ocasión nos centramos en las fuentes planimétricas que ofrecen información sobre el trazado y la conformación

de la ciudad, la transformación del tejido urbano, ya que, buscamos en el pasado los elementos urbanos permanentes que nos sirven de referencia para la explicación y aclaración de la situación presente de la ciudad.

El análisis de la cartografía histórica se ha venido realizando a partir de la geohistoria entendida como ciencia que tiene por objeto el estudio dinámico entre una sociedad del pasado y la estructura geográfica que la sustenta (Orella Unzué, 2010); es decir, asumimos al Locus como soporte de los fenómenos y procesos sociales. (Escolar, 1988)

El estudio histórico de la ciudad de Guanajuato tiene por objetivo caracterizar y comprender la evolución histórica de la ciudad, a través de las transformaciones aportadas por los componentes del tejido urbano, como respuesta a los eventos ocurridos en una determinada época.

Los materiales digitales, principalmente cartografía histórica, ya sean mapas o planos, de que disponemos para el presente trabajo se obtuvieron de la Mapoteca Manuel Orozco y Berra, SAGARPA. Los materiales cartográficos con los que trabajamos son sobre la ciudad de Guanajuato, capital del estado del mismo nombre; y corresponden a: "Guanajuato Capital y algunas de sus minas", de 1857; y "Ciudad de Guanajuato", de 1928.

El material gráfico correspondiente, se revisa en tres momentos: primero, se realiza una presentación sintética lineal, segundo, un análisis de lo que se ve: visual y espacialmente, para elaborar las capas de evolución y reconocer las transformaciones del tejido urbano; y, tercero, comentarios de lo que no se ve.

La información anterior se complementa con material documental de historiadores de la época o actuales, en los cuales se abordan fragmentos de la ciudad, de edificios, instalaciones industriales, o de otros elementos arquitectónicos y urbanos, localizados y detallados, con la finalidad de estudiar las permanencias (Rossi, 1995) y contar con la información que nos permitiera explicar la conformación y transformación de la ciudad.

El plano se estudia mediante un análisis morfo tipológico (Borie & Denieul, 1984) de los sistemas: vial, parcelario, construido y espacios libres, a partir de los criterios topológico, geométrico y dimensional; se realizan explicaciones sobre la formación, conformación y transformación de la ciudad (Escolar, 1988).

La aproximación al tejido antiguo de la ciudad y su evolución histórica, la fuimos estudiando con cada uno de los planos encontrados, siguiendo la teoría y metodología señalada; no obstante, no todos los planos contenían la misma información, hay variaciones o modificaciones en algunos de los datos y sobre todo las técnicas de elaboración de cada plano es diferente, motivo por el que intentamos vaciar los datos obtenidos en un solo formato, para realizar una explicación de los resultados.

2.2 EL SISTEMA DE INFORMACIÓN GEOGRÁFICA

Hasta el momento son relativamente pocos los trabajos que permitan vincular las bases de datos de los sistemas digitales con documentos históricos de tipo gráfico: mapas y planos, a los que cabe agregar las fotografías aéreas, con la finalidad de obtener información y ponerla a disposición de la sociedad, bajo la forma de imágenes georreferenciadas del pasado o de datos vectoriales.

El sistema de información geográfica, que ofrece el Instituto Nacional de Estadística y Geografía, fue consultado para determinar la información que ofrece que permita la expresión de la dimensión histórica de la ciudad, y reconstruir el tejido urbano de la ciudad de Guanajuato. El SIG permite la consulta y obtención de información de cada uno de los objetos espaciales que representa en términos de su definición, sus atributos, dominios de valores, restricciones a los dominios, la geometría con que se representan, las relaciones con otros objetos espaciales y sus dimensiones mínimas. (INEGI, 2015)

El objeto espacial se refiere a una abstracción a partir de un elemento del espacio geográfico; se corresponde con elementos de la naturaleza, con elementos producto de la mano del hombre o con abstracciones numéricas derivadas de las dos anteriores. La característica intrínseca del objeto es la referencia espacial, en dos o tres dimensiones, expresada en coordenadas geográficas o cartesianas.

La información del Sistema de Información Geográfica no permite reconstruir la dimensión histórica de los asentamientos en el largo plazo; por lo que nos preguntamos, cómo aplicar las bases de datos con los útiles o modelos disponibles, lo que nos llevó a incursionar en la georreferenciación de los planos antiguos en el sistema digital, para producir la evolución histórica de los asentamientos del estado de Guanajuato.

2.3 GEORREFERENCIACIÓN DE PLANOS ANTIGUOS EN EL SISTEMA DIGITAL

La georreferenciación de los mapas y planos históricos de la ciudad requirió del diseño de un instrumento para llevar el registro de los objetos acontecimiento o permanencias físicas de la ciudad encontrados en los documentos históricos y ampliados con la información proporcionada por historiadores consultados, entre los que destacan, para la ciudad de Guanajuato, como objetos espaciales presas, edificios públicos, puentes, haciendas de beneficio, edificios religiosos, plazas y paseos.

La transferencia del plano histórico de la Ciudad de Guanajuato fue realizada en el entorno QGIS versión 3.16, sobre una capa de base Bing satelital y se complementa con la shape 110150001m.dbf, del tema geourbana 2005, y shape f14c43 curvas continuas I

utm, para la ciudad de Guanajuato, del portal de internet del INEGI (Biblioteca digital de mapas, 2022); la georreferenciación del plano se realiza a partir de las permanencias que sirven como puntos de control para la transformación del documento georreferenciado, con la finalidad de contrastar lo que cambia entre la capa de base y el plano que se georreferencia. Se obtiene así valiosa información que no se hubiera podido encontrar, si se estudia el formato tradicional del plano sobre una capa base.

2.3.1 Presentación de planos

El plano de “Guanajuato. La capital y algunas de sus minas”, (1857), no señala el autor; está en escala 1: 5000, fue elaborado en papel marca manuscrito de 70 X 87 cm; Varilla: OYBGTO01. No. Clasificador: 757-OYB-7244-A. Fuente: SIAP, SAGARPA, Biblioteca digital: Manuel Orozco y Berra. (Ilustración 1)

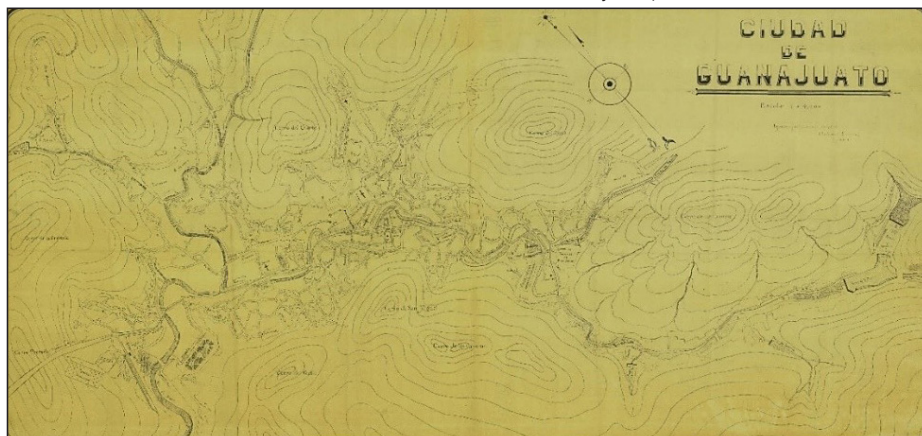
Ilustración 1. Plano de “Guanajuato. La Capital y algunas de sus minas”, 1857.



Fuente: <http://w2.siap.sagarpa.gob.mx/mapoteca/mapas/757-OYB-7244-A.jpg>

El plano de la “Ciudad de Guanajuato”, (1928), fue elaborado por Antonio Linares, en escala 1: 4000 sobre papel marca manuscrito de: 52 x 100 cm. Varilla: CGGTO04. No. Clasificador: 21303-CGE-7244-A. Fuente: SIAP, SAGARPA, Biblioteca digital Manuel Orozco y Berra. (Ilustración 2)

Ilustración 2. Plano de la “Ciudad de Guanajuato”, 1928.



Fuente: <http://w2.siap.sagarpa.gob.mx/mapoteca/mapas/21303-CGE-7244-A.jpg>

2.3.2 Descripción de planos

En el plano de Guanajuato la capital y algunas de sus minas, de 1857, el norte está girado y cuenta con la imagen de un águila real, de frente, con las alas extendidas, parada sobre un nopal y devorando una serpiente. En él se representan las elevaciones con curvas interrumpidas, y señala que sus formas no fueron determinadas; se representa la principal corriente de agua que es el río Guanajuato procedente del Monte de San Nicolás, al este, corre por Pastita y se dirige al oeste, en la parte baja de la cañada, así como las presas de San Renovato y de La Olla en el extremo sureste y cuyo caudal corre a lo largo del Paseo de la Presa hasta entroncar con la corriente principal del río en el punto de convergencia de las haciendas de San Agustín, San Sebastián y San Gerónimo; a lo largo del caudal se representan dieciocho puentes que permiten cruzar a uno y otro lado del río y las cañadas que escurren al río procedentes de Rayas, San Luisito, que se entroncan en dos ríos, con el de San Javier; y de otros escurrimientos de menor caudal. Caminos internos, locales que comunican la zona minera, y los que van a San Miguel de Allende, al este, y, a Marfil, al oeste. Las minas metalíferas, fueron representadas, en el punto de extracción con el signo **C**; y las haciendas de platas con el signo **B**. Los elementos permanentes de la ciudad en el plano son dieciséis edificios religiosos, camposanto, Colegio de Minería y Abogacía, palacios de gobierno y congreso, hospital y hospicio, dos cuarteles, fuerte, alhóndiga, teatro y plaza de toros. También indica los nombres de calles, plazas, los tiros de las minas, las haciendas de beneficio, once barrios, los poblados de las minas, así como el de los cerros.

En el plano de la “Ciudad de Guanajuato”, 1928, el norte está girado; las elevaciones están representadas, con líneas continuas; el río se representa procedente del Monte de San Nicolás, ahora se ha modificado su curso al enviarlo por el Túnel Porfirio

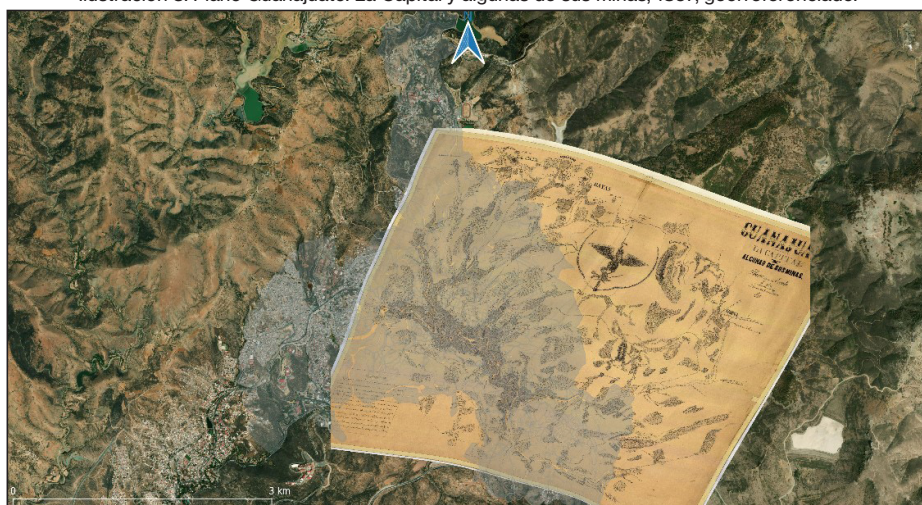
Díaz, y se entronca con el agua procedente de los escurrimientos de las presas de San Renovato y de La Olla, y sigue por su antiguo curso al oeste, en donde se entronca con los escurrimientos procedentes de Rayas, San Luisito, que se entroncan en dos ríos, con el de San Javier; y de otros escurrimientos de menor caudal. Caminos locales y regionales; y la vía del ferrocarril urbano desde el oeste, en el jardín de El Cantador, hasta el este, bordeando la presa de La Olla.

En el plano se dan los nombres de las principales calles y callejones, puentes que permiten el paso a uno y otro lado del río, presas, jardines, parques, edificios religiosos, hospital, escuelas, imprenta, cuartel, cines, hoteles, telégrafos, teatro, banco, plaza de gallos, correo, baños, colegio, palacio, legislativo, castillo de granaditas, hospital, mercado, haciendas, abasto, ferrocarriles, panteón municipal, y molino.

2.3.3 Información obtenida

En el plano “Guanajuato. La Capital y algunas de sus minas”, 1857, el tema predominante es la ubicación de los tiros de extracción de los metales, así mismo, las haciendas de beneficio se ubican en la periferia de la ciudad, al este, las haciendas de San Agustín, San Antonio de Puerta Grande, San Sebastián, San Gerónimo, Pastita Grande, San Francisco de Pastita; al norte las haciendas de Dolores, Salgado, Puente de Palo, San Clemente, Escalera, San Joaquín, la Soledad, El Sacramento, Durán, San Luisito; San Matías y San Javier; y al oeste, las haciendas de Flores y San Francisco, Pardo, y El Cantador. (Ilustración 3)

Ilustración 3. Plano Guanajuato. La Capital y algunas de sus minas, 1857, georreferenciado.



Fuente: Imagen de Bing Satélite; plano <http://w2.siap.sagarpa.gob.mx/mapoteca/mapas/757-OYB-7244-A.jpg>; capa shape 110150001m.dbf, del tema geourbana 2005, INEGI.

Los elementos permanentes de importancia se señalan, tal y como lo es el cauce del río, desde su origen, al este del asentamiento, en el Monte de San Nicolas, para correr hacia el oeste, como eje de ordenamiento de la industria de la transformación, como lo son las haciendas de beneficio, y de crecimiento del asentamiento humano. A lo largo del trayecto corre a cielo abierto, en algunos tramos se encuentran puentes que permitieron, por un lado, pasar a uno y otro lado de su cauce, o bien, se aprovechó el espacio para calles, plazas o construcción de inmuebles de todo tipo. Otros afluentes importantes son el tramo que corre desde la Presa de La Olla hasta entroncar con el cauce principal en Pastita; los tramos de la Cañada de Robles y de las Piletas que se juntan para desembocar en el río a la altura de la Plaza del Baratillo; las cañadas del Saucillo y de la Cata se unen para formar dos ríos y unirse al río a la altura de la Calzada de Nuestra Señora de Guanajuato y seguir así hasta Marfil.

Luego de la independencia, se presentó un decaimiento de la industria minera en cuanto a su capacidad productiva, no obstante, en el plano el área representada para esta actividad es la más grande.

A lo largo de la distribución del asentamiento en calles, callejones y manzanas, se ubican los elementos permanentes del sitio, como lo son los recintos religiosos construidos entre los siglos XVII y XIX; así mismo, desde finales del XVIII hasta mediados del XIX, se construyeron una serie de edificios que se han convertido en elementos permanentes como el Panteón municipal, el Colegio ahora Universidad de Guanajuato, palacios de gobierno y congreso, Alhóndiga de Granaditas y Teatro principal.

En el plano “Ciudad de Guanajuato”, 1928 el cauce del río está cubierto en el tramo de los jardines Madero y las Embajadoras; hay veintinueve puentes para cruzar a uno y otro lado del río, además señala en el lugar con el nombre, los puentes de San Miguel y San Ignacio. (Ilustración 4)

Representa nuevos elementos permanentes: el Jardín de las Acacias, al que señala como “Estadio”, con el monumento a Hidalgo. El Parque “Florencio Antillón”, el monumento a Sóstenes Rocha. Los terrenos de las haciendas de san Gerónimo, san Sebastián, san Antonio de Puerta Grande y San Agustín, presentan un nuevo uso del suelo, como espacios libres públicos y deportivos.

El área del conjunto conventual de los alcantarinos se ha transformado, permanece solamente el templo de san Diego, cambió el uso del suelo en zona de hospedaje, en las casas que se construyeron en torno al jardín de La Unión, también ya encontramos el teatro Juárez. En el extremo oeste se representa al Mercado Hidalgo y más adelante, el Jardín de El Cantador. Los espacios libres públicos presentan el diseño

de los jardines que se hicieron a cada uno de estos espacios como mejoras al paisaje urbano. Hacia el norte, los terrenos de Salgado, Escalera, san Joaquín, san Matías y san Javier no especifican el cambio o no de uso del suelo, es decir, no se distinguen como haciendas, pero continúan siendo grandes terrenos.

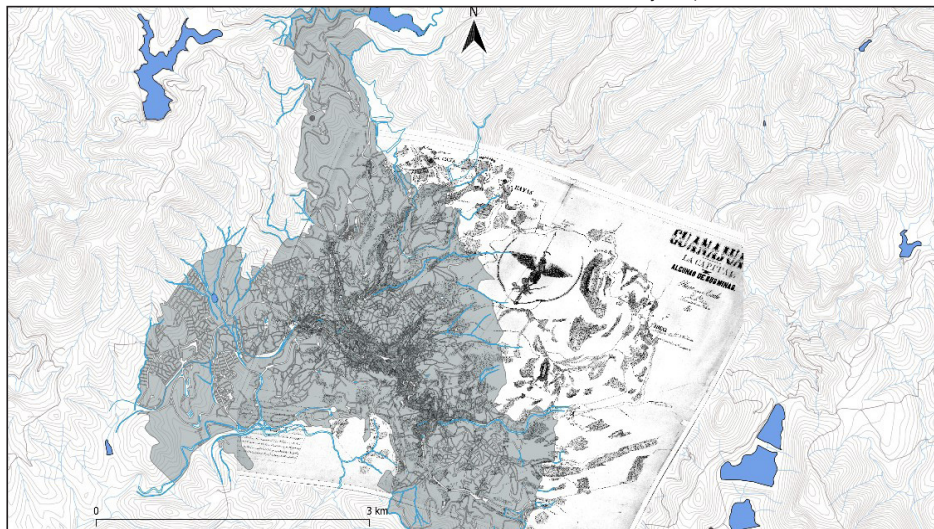
Ilustración 4. Plano: "Ciudad de Guanajuato", 1928, georreferenciado.



Fuente: Imagen de Bing Satélite; plano <http://w2.siap.sagarpa.gob.mx/mapoteca/mapas/21303-CGE-7244-A.jpg>; capa shape 110150001m.dbf, del tema geourbana 2005, INEGI.

Una vez que se georreferenciaron ambos planos originales, nos dimos a la tarea de realizar una modificación de estos con relación a la banda de renderización de acuerdo con el programa de Qgis, modificándolos a gris mono banda, con un gradiente de color en blanco y negro, aumentando el contraste y la saturación a fin de que sobresaltaran en la capa de shape 110150001m.dbf a la que agregamos la capa f14c43 continuo curva I utm, ambas de INEGI. Lo anterior, con la finalidad de resaltar la mancha urbana existente en cada uno de los momentos de elaboración de los planos, y así, establecer el crecimiento o no de la mancha urbana en estos dos momentos. Para el plano de 1928, dada la tenue representación con el que fue elaborado, tuvimos que retocarlo en el área de las manzanas, a fin de poder obtener el contraste deseado. (Ilustraciones 5 y 6)

Ilustración 5. Mancha Urbana de la ciudad de Guanajuato, 1857.

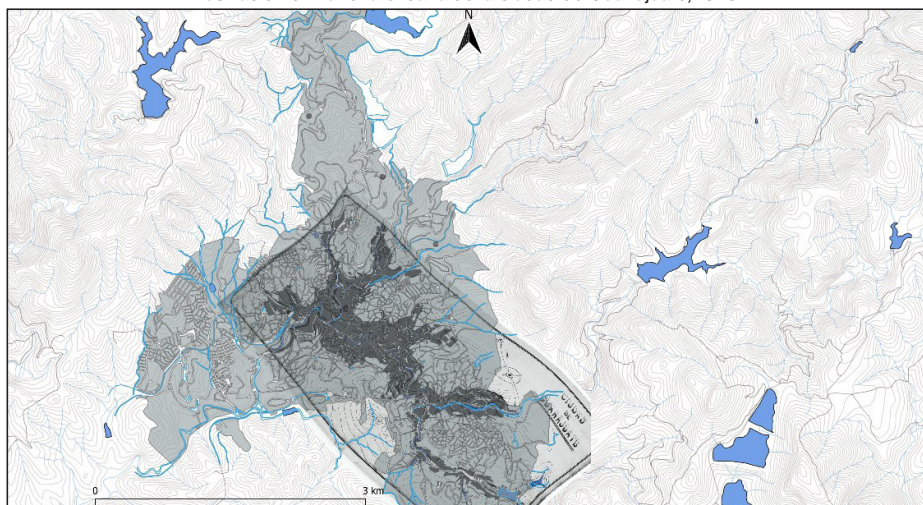


Fuente: Plano Guanajuato. La ciudad capital y algunas de sus minas. 1857 modificado; shape 110150001m.dbf, del tema geourbana 2005, y de la shape f14c43 de curvas continuas I utm, para la ciudad de Guanajuato.

La información obtenida nos permite afirmar que de 1857 a 1928 se produjo un crecimiento de la mancha urbana de la ciudad de Guanajuato, en todas direcciones a lo largo de ejes de crecimiento marcados por el río y sus afluentes, así como por los caminos de tránsito a las diferentes partes del territorio.

En el crecimiento de la mancha urbana es notoria la consolidación de la misma sobre todo al norte, este y oeste; en cambio, al sureste, el crecimiento es más marcado al desarrollarse el área urbana a lo largo del Paseo de la Presa de La Olla; en donde se construyeron casas habitación, tipo chalet o casa de campo, para habitantes de la ciudad. La transformación de los usos del suelo de las antiguas haciendas de san Agustín, san Antonio de Puerta Grande, San Sebastián y San Gerónimo, en nuevos espacios abiertos de recreación y deporte, así como, la construcción de edificios para el nuevo equipamiento urbano deportivo y educativo.

Ilustración 6. Mancha Urbana de la ciudad de Guanajuato, 1928.



Fuente: Plano Guanajuato. La ciudad capital y algunas de sus minas. 1857 modificado; shape 110150001m.dbf, del tema geourbana 2005, y de la shape f14c43 de curvas continuas l utm, para la ciudad de Guanajuato.

3 CONCLUSIONES

La cartografía histórica georreferenciada ha tenido un impacto importante en la investigación histórica, especialmente en la historia regional; esta forma de afrontar el estudio de la ciudad permite en primer término beneficiarnos de los aportes que proporcionan los datos cartográficos históricos, en tanto que recursos de referencia; en seguida, contrastar los resultados obtenidos en trabajos anteriores, desarrollados con métodos y técnicas tradicionales y los realizados con nuevos métodos y técnicas.

Luego de la realización de este trabajo encontramos que: el SIG trabaja con objetos cuyos atributos son considerados como invariantes históricas; se razona sobre el conjunto urbano y no sobre los objetos.

Esta forma de abordar la conformación y transformación de la ciudad nos ha permitido principalmente identificar los elementos naturales y entender la influencia directa que tienen en el tipo de ciudad, en la distribución del espacio a lo largo del tiempo, en la constitución de la principal vía de comunicación que corre paralela y sobre el río, en la constitución de las vías secundarias que corren perpendiculares a las curvas de nivel y se basan en cañadas y arroyos, que escurren desde 3,500 hasta los 2,050 msnm, en la cañada en que se encuentra ubicada la ciudad y por donde corre directamente al río; así como en reconocer la forma en que el ser humano recorre el territorio y transforma el espacio.

La forma de las manzanas sigue las curvas de nivel y por lo tanto los paramentos principales de las construcciones tienen vistas a la cañada de la ciudad, y los espacios

libres públicos que surgen residuales; a lo que se podemos agregar la pendiente del terreno factor importante como barrera en la evolución del tejido urbano y su estructura.

La realización del trabajo pone de manifiesto que la presentación cartográfica de acontecimientos históricos, además de ampliar la función clásica del mapa de descripción, es una herramienta que permite observar nuevas relaciones que se presentan entre las dimensiones espaciales de los acontecimientos históricos, y realizar interpretaciones analíticas de eventos históricos espaciales.

El empleo de la cartografía urbana histórica tradicional permite reforzar el análisis y la reconstrucción de la evolución del tejido de los asentamientos humanos, y su empleo en los recientes formatos digitales, es información que permite el estudio de la ciudad en el presente.

La georreferenciación de los planos históricos en el entorno QGis sobre la capa de base Bing satélite, con la shape 110150001m.dbf, del tema geourbana 2005, y de la shape f14c43 de curvas continuas I utm, para la ciudad de Guanajuato, del portal de internet del INEGI, se realiza a partir de las permanencias que sirven como puntos de control para la transformación del documento georreferenciado, con la finalidad de contrastar lo que cambia entre la capa de base y el plano que se georreferencia. Constituimos así nuevos datos para el estudio de la evolución del tejido de la ciudad y en particular de los objetos acontecimientos, que nos permita explicar las transformaciones del espacio a lo largo del tiempo.

El manejo del Qgis, también nos permitió generar información sobre el crecimiento o no, de la mancha urbana, al modificar el color de los planos originales, de tal manera que se hiciera visible bajo la capa de curvas de nivel y de manzanas del INEGI. Con ello logramos contrastar dos momentos históricos de la evolución de la Ciudad de Guanajuato.

Aquí presentamos los resultados obtenidos de estos dos planos a manera de ejemplo, dada la extensión de este documento; no obstante, hemos trabajado otros documentos gráficos de la Ciudad de Guanajuato, que corresponden a diferentes momentos históricos.

BIBLIOGRAFÍA

"Guanajuato. Ciudad capital y algunas de sus minas". (1857). Recuperado el 8 de febrero de 2018, de Biblioteca Manuel Orozco y Berra: <http://w2.siap.sagarpa.gob.mx/mapoteca/mapas/757-OYB-7244-A.jpg>

Biblioteca digital de mapas. (2022). Obtenido de INEGI: <https://www.inegi.org.mx/app/mapas/>

Borie, A., & Denieul, F. (1984). *Méthode des analyses morphologique des tissus urbains traditionnels.* Paris: UNESCO, Musées et Monuments, Cahiers Techniques, N° 3.

Escolar, M. (1988). Lugar, acontecimiento y realismo filosófico, el problema de la teoría del espacio y del tiempo. *Documentos de Anàlisis Geográficos* 32, 71-96.

INEGI. (2015). *Diccionario de datos topográficos. Escala 1:50 000*. México: INEGI.

Linares, A. (1928). "*Ciudad de Guanajuato*". Recuperado el 17 de febrero de 2018, de Biblioteca Manuel Orozco y Berra: <http://w2.siap.sagarpa.gob.mx/mapoteca/mapas/21303-CGE-7244-A.jpg>

Orella Unzué, J. L. (12 de 01 de 2010). "*Geohistoria*". Obtenido de www.ingeba.org: <http://www.ingeba.org/lurralde/lurranet/lur33/33orellaateneo/33orelateneo.pdf>

Rossi, A. (1995). *La Arquitectura de la Ciudad*. España: G. Gili.

CAPÍTULO 20

LA PRESENCIA DE LOS EVANGÉLICOS EN LA ARENA POLÍTICA URUGUAYA

Data de submissão: 15/02/2022

Data de aceite: 28/02/2022

Victoria Sotelo

Doctoranda en Sociología
Universidad de la República
Facultad de Ciencias Sociales
Departamento de Sociología¹
Montevideo, Uruguay

<https://orcid.org/0000-0001-9756-4862>

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar la presencia de representantes evangélicos en la arena política uruguaya. En la actual legislatura (2015-2020) hay al menos dieciséis figuras políticas entre diputados, ediles y funcionarios del gobierno que se han declarado públicamente como evangélicos. Mantienen reuniones de trabajo y reciben cada tanto la bendición de sus correligionarios, comprometiéndose a "hacer primar la ley

¹ El presente artículo se desarrolló dentro del Programa de Investigación en Sociología de la Cultura del Departamento de Sociología de la Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República Oriental del Uruguay. En particular, se basa en el proyecto doctoral de Victoria Sotelo, titulado "La presencia de los evangélicos en el escenario político uruguayo del siglo XXI" (Tutor, Dr. Felipe Arocena), financiado a través de una beca por la Comisión Académica de Posgrado de la Universidad de la República. Este artículo fue presentado como ponencia en las XVIII Jornadas de Investigación de la Facultad de Ciencias Sociales – UdelaR – 2019.

de Dios". Es un fenómeno que si bien en la región ya está presente hace largo tiempo, llega a nuestro país en forma rezagada para instalarse definitivamente. En este sentido nos preguntamos: ¿cuál es la cosmovisión religiosa que inspira el accionar de estos representantes políticos en el parlamento uruguayo, así como en otros ámbitos de la política uruguaya? La metodología elegida para responder a esta pregunta es de corte cualitativo a partir del análisis del discurso de las figuras políticas evangélicas en el Parlamento y en otros ámbitos de la política uruguaya.

PALABRAS CLAVE: Religión. Política. Evangélicos. Agenda de derechos.

A PRESENÇA DOS EVANGÉLICOS NA ARENA POLÍTICA URUGUAIA

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar a presença de representantes evangélicos na arena política uruguiaia. Na atual legislatura (2015-2020) há pelo menos dezesseis figuras políticas entre deputados, prefeitos e funcionários do governo que se declararam publicamente evangélicos. Eles realizam reuniões de trabalho e recebem de tempos em tempos a bênção de seus correligionários, comprometendo-se a "fazer prevalecer a lei de Deus". É um fenômeno que embora esteja presente na região há muito tempo, chega ao nosso país tarde para se instalar definitivamente. Nesse sentido, nos perguntamos: qual é a visão de mundo religiosa que inspira as ações desses representantes políticos no parlamento

uruguaio, bem como em outras áreas da política uruguaia? A metodologia escolhida para responder a esta pergunta é qualitativa a partir da análise do discurso de figuras políticas evangélicas no Parlamento e em outras áreas da política uruguaia.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Política. Evangélicos. Agenda de direitos.

THE PRESENCE OF EVANGELICALS IN THE URUGUAYAN POLITICAL ARENA

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze the presence of evangelical representatives in the Uruguayan political arena. In the current legislature (2015-2020) there are at least sixteen political figures among deputies, mayors and government officials who have publicly declared themselves evangelical. They hold work meetings and receive from time to time the blessing of their co-religionists, committing themselves to “make the law of God prevail.” It is a phenomenon that although it has been present in the region for a long time, it arrives in our country late to settle definitively. In this sense, we ask ourselves: what is the religious worldview that inspires the actions of these political representatives in the Uruguayan parliament, as well as in other areas of Uruguayan politics? The methodology chosen to answer this question is qualitative based on the analysis of the discourse of evangelical political figures in Parliament and in other areas of Uruguayan politics.

KEYWORDS: Religion. Politics. Evangelicals. Legal agenda.

1 INTRODUCCIÓN

El objetivo de este artículo es analizar la presencia de representantes evangélicos en la arena política uruguaya. En la actual legislatura (2015-2020) hay al menos dieciséis figuras políticas entre diputados, ediles y funcionarios del gobierno que se han declarado públicamente como evangélicos. Mantienen reuniones de trabajo y reciben cada tanto la bendición de sus correligionarios, comprometiéndose a “hacer primar la ley de Dios”. Es un fenómeno que si bien en la región ya está presente hace largo tiempo, llega a nuestro país en forma rezagada para instalarse definitivamente.

Para algunos representantes evangélicos, ingresar a la arena política significa defender algunas de sus convicciones religiosas que no estaban representadas. Al mismo tiempo, los partidos políticos logran sumar a sus filas un porcentaje del electorado que resulta cuantitativamente interesante. Vale señalar que aquellos sujetos que eran admitidos con sus prácticas religiosas en el ámbito privado, adquieren hoy “nuevos derechos de ciudadanía”. Lo hemos experimentado cuando representantes evangélicos se han mostrado contrarios a lo que se denomina la nueva “agenda de derechos” en Uruguay, esto es, la ley de interrupción voluntaria del embarazo², la ley

² En noviembre del año 2012 se aprobó en Uruguay la ley N° 18.987 de Interrupción Voluntaria del Embarazo, que establece que no se penalizarán las interrupciones de embarazos que cumplan los requisitos establecidos por la nueva Ley (entre otros requisitos, que se realice durante las primeras doce semanas de gestación).

sobre el matrimonio igualitario³, ley de control y regulación de la marihuana⁴ y la ley integral para personas trans⁵.

Recientemente en nuestro país, hemos evidenciado la movilización de figuras evangélicas para la recolección de firmas a los efectos de que haya un plebiscito para derogar la ley "trans". Las fronteras parecen estar cada vez más difusas entre el templo y el Parlamento.

Hay muchos trabajos recientes en las ciencias sociales que intentan mostrar cómo la literatura de la disciplina acerca de la relación entre grupos religiosos, Estado y sociedad ya no da cuenta de los nuevos escenarios que se están planteando. Como señala el sociólogo argentino Fortunato Mallimaci, las investigaciones actuales nos señalan cada vez más "la necesidad de mostrar un espacio o campo que incluya lo político y lo religioso en una misma matriz de análisis, dados los vínculos históricos, simbólicos, las transferencias mutuas y los encuentros/conflictos que existen entre el mundo político y religioso" (Mallimaci, 2008, p. 134).

Joanildo Burity (2008) en este mismo sentido también nos interpela a interrogarnos acerca del vínculo entre política y religión en la contemporaneidad. El autor señala que "Ya no se puede ignorar la visibilidad pública de la religión en la escena contemporánea. En términos de cultura y vida cotidiana, así como en las esferas pública y política, los actores religiosos se mueven y publicitan su idioma, su espíritu, sus demandas, en las direcciones más diversas" (Burity, 2008, p. 84). En los últimos años, hemos sido testigos de un creciente "avance" de movimientos y situaciones que involucran a actores religiosos (o actores sociales y políticos para quienes su identidad religiosa es o se ha convertido en un componente particularmente relevante) en los países centrales. Debido a la migración (no siempre reciente, pero adquiriendo una nueva configuración con el surgimiento de discursos multiculturales), ecos remotos o intervenciones directas de grupos e incidentes religiosos en países como Reino Unido, Francia, Alemania, Australia, "la" religión "vuelve" a ser parte de la vida cotidiana cultural y política, argumenta el autor. En América Latina, los efectos patentes de un proceso de pluralización cultural vienen junto con la aparición de un campo de religiones (plural),

³ En Uruguay desde agosto del 2013, rige la Ley de Matrimonio Igualitario, que reconoce como legítimo el matrimonio civil entre personas del mismo sexo (Ley N° 19.075 y Ley N° 19.119).

⁴ En 2013 el Parlamento uruguayo aprueba la Ley de Regulación y Control del Cannabis (Ley N° 19.172), por la cual se crea un mercado legal de marihuana, controlado por el Estado. En la Ley N° 19.172 se dispone la creación del Instituto de Regulación y Control del Cannabis (IRCCA) con el fin de regular la plantación, cultivo, cosecha, producción, elaboración, acopio, distribución y dispensación del cannabis.

⁵ En octubre de 2018 se aprobó en Uruguay la Ley Integral para Personas Trans (Ley N° 19684). Esta ley plantea la creación de políticas públicas específicas dirigidas a esta población. Mediante el diseño y la promoción de acciones afirmativas -públicas y privadas- se intenta disminuir la discriminación estructural y permanente que atraviesan las personas trans, promoviendo su inclusión a los ámbitos de las que han sido históricamente excluidas: social, educativo, cultural, económico, laboral, sanitario, etcétera.

socavando el monopolio católico romano, pero manteniendo un monopolio cristiano, y la emergencia de un nuevo actor social: los pentecostales. Desde mediados de la década de 1980, comenzando con el caso brasileño, el surgimiento de una bancada evangélica sacó a la luz el perfil completo de este nuevo actor social que las ciencias sociales reconocieron de manera tardía, ya que el pentecostalismo venía creciendo hacia décadas (Burity, 2008).

Es por tal motivo que se ha escogido este tema, para producir conocimiento desde la sociología acerca de las características de estos “nuevos actores políticos” provenientes del mundo evangélico - principalmente del neopentecostalismo- en la arena política uruguaya. Dicho fenómeno social emergente ha sido escasamente abordado por las ciencias sociales en Uruguay, y como señala Boaventura de Souza Santos (2006), debemos intentar construir nuevos objetos de estudio en áreas de conocimiento invisibilizadas, a través de lo que ha denominado como una “sociología de las ausencias” (p. 26).

La justificación de la relevancia de esta investigación se debe a dos argumentos. El primero de ellos es que hay una vacancia bibliográfica y de estudios científicos sobre la temática de la presencia de los evangélicos en el período reciente de la política uruguaya, que situamos entre el año 2010 y el presente. El segundo argumento es que más allá de la ausencia bibliográfica el tema de estudio es relevante *per se*, debido a que, si bien es un fenómeno incipiente en el Uruguay, adquiere mayores dimensiones en otros países de la región, lo que nos puede llevar a inferir de que se trata de un fenómeno social en expansión y que no ha llegado a su máxima expresión en nuestro país. Tanto en las calles como en las urnas, los evangélicos han demostrado en América Latina ser la fuerza política más nueva y pujante desde que surgieron los movimientos sociales de los años 1990. En los debates políticos toman posturas en torno a temas de género, familia y sexualidad, en algunos casos en alianza con los católicos.

Al igual que en Uruguay, en otros países latinoamericanos los evangélicos se movilizan contra proyectos de ley, en otros tienen sus propios partidos políticos e incluso candidatos presidenciales⁶. Por tales motivos podemos afirmar que los evangélicos avanzan con contundencia en el mapa de poder de América Latina.

Las religiones neopentecostales se expanden en contextos de mayor pobreza y exclusión, brindando en muchos casos servicios de asistencia social. La intervención social que realizan las iglesias evangélicas en los contextos de mayor pobreza y exclusión

⁶ El presidente de Guatemala Jimmy Morales es evangélico (férreo opositor del aborto y el matrimonio gay), mientras en México un partido de base evangélica apoyó al presidente Andrés Manuel López Obrador, quien en forma reiterada cita a la biblia y el evangelio en sus discursos. En Brasil, el apoyo que le brindaron los evangélicos al actual presidente Jair Bolsonaro fue clave para su victoria en los comicios electorales del año 2018. Incluso en un país como Costa Rica, sorprendió la adhesión que tuvo el candidato evangélico Fabricio Alvarado. En Venezuela y Colombia en 2018 se presentaron como candidatos presidenciales dos pastores evangélicos (Javier Bertucci y Jorge Antonio Trujillo respectivamente).

genera una fidelidad que tiene luego un correlato en las urnas. El discurso religioso neopentecostal atrae a las capas más desfavorecidas de la sociedad principalmente a través de lo que se ha denominado "la teología de la prosperidad", donde a través del diezmo y la ofrenda los fieles buscan un ascenso social cuando ven frustradas las vías de acceso racionales para lograrlo. La presencia de iglesias neopentecostales en contextos de pobreza, los servicios sociales que brindan y la fuerte presencia en los medios de comunicación (radio y TV) así como en las redes sociales, genera adhesiones en la población muy fuertes en un escenario de declive de la Iglesia Católica y de desencanto de la población hacia los gobiernos.

En síntesis, podemos afirmar en sintonía con varios autores, que "la cara pública de la religión en América Latina, y en general la presencia de la religión en la esfera pública y en la vida social y política del continente ha sufrido enormes cambios en estos últimos 50 años" (Levine, 2006, p. 7). En el pasado no tan lejano la cara pública de la religión evocaba una alianza entre la Iglesia Católica (se identificaba tan sólo una iglesia) y el poder político, económico y social. Hoy en día la imagen es otra: donde había monopolio, señala Levine, hay pluralismo (multiplicidad de iglesias, capillas, programas de radio y televisión, pastores predicando en la calle y plazas públicas, ceremonias religiosas en playas o estadios deportivos). El debilitamiento del monopolio católico es un proceso a largo plazo que apenas comienza a tomar fuerza y el desafío es generar una nueva agenda de estudios, enfoques y metodologías para comprender "las múltiples consecuencias del pluralismo religioso, tanto para la religión en sí, como para la política y sobre todo para una vida política democrática" (Levine, 2006, p. 27).

Para comprender hoy lo religioso y su vínculo con lo político, lo económico, lo social, lo cultural y lo simbólico en América Latina debemos orientar nuestra mirada a un doble proceso: por un lado, la presencia diversificada de personas, grupos y organizaciones religiosas en diversas esferas de lo público y lo privado; y por otro lado, las transferencias, legitimidades y dislocaciones mutuas en el espacio que podemos llamar del poder y de eficacia simbólica donde se combina lo político y lo religioso. "Se vive tanto una politización de lo religioso como una religiosización de la política" (Mallimaci y Cruz Esquivel, 2013, p. 4).

Paul Freston (2012) señala que estamos experimentando una transición católica, pero que aún no hemos llegado al punto crítico en donde los roles sociopolíticos de la Iglesia Católica se vuelvan insostenibles. A pesar de que América Latina no es la única región del mundo en donde ocurre una protestantización liderada por el pentecostalismo, es en nuestro continente donde esta fuerza es el corazón de los cambios que acaecen en la esfera religiosa y política (las otras religiones, los "sin religión" o las tendencias secularizantes son sólo la plusvalía y no causan tantas turbulencias). Afirma el autor que

los protestantes constituyen hoy el 12 % de la población latinoamericana. ¿Qué es lo singular de nuestro continente?, se pregunta el autor. La respuesta es que la división católico-protestante es lo central, a diferencia de Occidente desarrollado donde la división se diluye bastante, y distintamente también de las regiones recién-cristianizadas de África y Asia donde nunca se arraigó fuertemente (Freston, 2012).

2 CUANTIFICACIÓN DEL FENÓMENO EVANGÉLICO EN URUGUAY

Llamamos “evangelismo” a distintos grupos religiosos herederos del cisma del siglo XVI: luteranos, metodistas, calvinistas, bautistas, menonitas, presbiterianos y pentecostales, entre las denominaciones más conocidas. “El protestantismo, que es el antecedente y el marco histórico del conjunto de las iglesias evangélicas, es un movimiento cristiano que, a diferencia del catolicismo, basa la autoridad religiosa de forma exclusiva en la Biblia como instancia superior a la “sagrada tradición” y se opone a la infalibilidad del papa” (Semán, 2019, p. 27).

Dentro de la población creyente uruguaya, vale señalar que el 44,8 % se define como católica, el 9,5% como cristiana no católica, 0,7% como umbandista o animista, el 0,3% como judía, un 0,2 % adscribe a otro tipo de religiones (budista, espiritista, musulmana, deísta, islámica, panteísta y otra), así como también encontramos que el 30,1% se define sólo como creyente en Dios, pero sin confesión (datos procesados en el marco de la Tesis de Doctorado, por el Banco de Datos de la Facultad de Ciencias Sociales, UdelaR).

Cuadro 1: Filiación religiosa Total País, 2008.

Distribución de las personas mayores de 6 años según filiación religiosa. Total país, 2008		
Religión	Frecuencia	Distribución
Cristiano católico	1219885	44,8
Cristiano no católico	257524	9,5
Judío	8594	0,3
Animista o umbandista	19063	0,7
Solo creyente en dios	818319	30,1
Ateo	334565	12,3
Agnóstico	57525	2,1
Otro	6626	0,2
Total	2722101	100,0

Fuente: INE, Encuesta Continua de Hogares 2008, Procesados en el marco de la tesis de Doctorado de Sotelo, M. V. 2019.

A partir de las inmigraciones protestantes que llegaron a nuestro país desde fines del siglo XIX, el protestantismo, dividido en varias iglesias separadas, especialmente dentro del movimiento pentecostal, comienza lentamente a crecer y a disputarle al catolicismo la hegemonía que hasta entonces tuviera. La diversidad de orientaciones al interior del protestantismo respondería a que el mismo “desconfía a priori de una unidad institucional monolítica que se atribuya en exclusividad los derechos de interpretación de los textos”, como bien explica el Pastor evangélico uruguayo Emilio Castro (1969, p. 28).

Como señala la antropóloga uruguaya Tereza Porzekanski (2014), dentro de las corrientes protestantes y a lo largo del siglo, aparecieron diversas orientaciones, más allá de las tradicionales (presbiteriana, episcopal y metodista), siendo la más reciente el protestantismo de misión, en especial el de corte Pentecostal. En el caso de los movimientos pentecostales de visibilidad actual, provenientes principalmente desde Brasil, esta clase de autonomía es todavía más pronunciada habiendo encontrado campo fértil en los barrios de bajos recursos con necesidades materiales, señala la autora (Porzekanski, 2014, p. 29).

En palabras de Porzekanski: “con desarrollos propiamente latinoamericanos y practicando formas de revivalismo carismático dentro mismo de las iglesias protestantes, los nuevos pentecostales han creado sus propios seguidores y audiencias. Un cariz que parte de lo emocional, aunque se vincula en definitiva con la aspiración a resolver los problemas materiales de los creyentes, parece caracterizarlos. Grupos tales como “Misión Vida para las Naciones”, “La Iglesia Universal del Reino de Dios” (“Pare de Sufrir”), “Dios es amor”, Iglesias neo Bautistas, Adventistas son algunos ejemplos” (Porzekanski, 2014, p. 29).

La Iglesia Misión Vida para las Naciones es la que mayor proyección tiene en la arena política uruguaya, contando con el primer Pastor en la historia uruguaya que llega al Parlamento (el caso del Sr. Álvaro Dastugue).

3 LOS EVANGÉLICOS AVANZAN EN EL ESCENARIO POLÍTICO URUGUAYO

Con menor intensidad que en otros países de la región, Uruguay comienza a percibir lentamente el incremento de figuras políticas públicamente reconocidas como evangélicos en la arena política.

El estado de situación actual del cual partimos en Uruguay es la presencia -en la presente legislatura 2015-2020- de tres Diputados evangélicos en el Parlamento electos por el Partido Nacional, y un diputado evangélico suplente por el Partido Colorado.

La primera figura que cabe mencionar es el Diputado Herrerista Dr. Gerardo Amarilla, quien ocupa el cargo de Diputado Herrerista, abogado, miembro de la Iglesia

Evangélica Bautista. Amarilla fue Diputado por Rivera en el período 2010-2015 y es reelecto para el período 2015-2020, habiendo ocupado el cargo de Edil de la Intendencia de Rivera en el período 2000 - 2010. Amarilla fue quien formuló la controvertida frase al asumir su banca: “La Ley de Dios está por encima de la República”.

Otra figura relevante cuando hablamos de política y religión es el Diputado Álvaro Dastugue, electo por el sector Alianza Nacional, Partido Nacional. Dastugue es el primer Pastor evangélico en la historia de la política uruguaya en ocupar una banca; su filiación institucional es la Iglesia neopentecostal “Misión Vida para las Naciones”, cuya figura más relevante es el Apóstol Jorge Márquez.

Imagen N°1. Iglesia Misión Vida para las Naciones, Montevideo, Uruguay.



Foto: Victoria Sotelo.

La tercera figura política del ámbito evangélico es Benjamín Irazábal, Diputado Herrerista por Durazno, también perteneciente al Partido Nacional. A los tres mencionados diputados titulares se suman un diputado suplente (Luis Pintado) por el Partido Colorado (el cual ha asumido en carácter de titular en 2018 la banca tras formalizada la renuncia del titular) y dos diputadas nacionalistas suplentes: Betiana Britos (Partido Nacional, sector Alianza Nacional) y Grisel Pereyra (Partido Nacional, sector Esperanza Nacional). Todo ello condujo a que se comenzara a hablar de la existencia de una “bancada evangélica”, aunque sus integrantes lo niegan, ya que alegan no poseer agenda propia ni una coordinación

específica. En los gobiernos departamentales encontramos más de una decena de ediles evangélicos (titulares y suplentes) y dos cargos de confianza en las intendencias de Rivera y Cerro Largo. Al comienzo de la actual legislatura fueron dieciséis personas (entre diputados, ediles y cargos de confianza) las que recibieron la bendición en una ceremonia denominada "Consagración a cristianos en el gobierno". En ella, se comprometieron a respetar la Constitución y las leyes "siempre y cuando no contradigan la palabra de Dios". Aseguraron que acatarán "los dictados" de sus conciencias "informados por la Palabra de Dios, por encima de toda lealtad personal o partidaria", y dijeron que la "base" y el "fundamento" para su actividad sería el Evangelio.

Dicha "bancada evangélica" se integra mayormente por representantes del Partido Nacional, de los dieciséis bendecidos, sólo dos pertenecían al Partido Colorado (Luis Pintado y un Director de la Intendencia de Rivera). Asimismo, se encontraban entre los presentes en dicha ceremonia, Andrés Lima, actual Intendente de Salto, electo por el Frente Amplio.

Sin lugar a dudas la figura política principal de los votantes evangélicos, es una mujer, católica, convertida al judaísmo: la senadora nacionalista Verónica Alonso. Alonso fue una de las figuras políticas más visibles en contra de la ley "trans" cuando se discutió en el Parlamento. Encarna los mismos "valores" que promueven las iglesias neopentecostales, principalmente el valor de la familia tradicional y la defensa al valor de la "vida". La senadora Alonso ha despertado la sombra del oficialismo por el supuesto aporte de la Iglesia Misión Vida en la financiación de su campaña pasada (2014), ya que quedó una factura impaga en una imprenta a nombre de una persona relacionada con la iglesia (Gabriel Cunha), lo que llevó a un litigio judicial. El aporte de los religiosos en la campaña de Alonso fue analizado por la Comisión investigadora sobre financiamiento de los partidos políticos y la denuncia de internos del Hogar Beraca repartiendo sus listas fue investigada por la Comisión de Derechos Humanos del Parlamento por explotación laboral de los jóvenes internados en esa comunidad.

Sobre su vínculo con los evangelistas, Alonso intenta desmarcarse, señalando de que se trata de un gran "círculo" que intentan montar alrededor de su figura. "Ellos tienen su independencia, me apoyan. Recibo el apoyo como recibo de muchos grupos: religiosos y no religiosos" (Alonso, Semanario Búsqueda, 13/09/18).

Los representantes políticos evangélicos neopentecostales han fundado un espacio dentro del Partido Nacional denominado Esperanza Nacional liderado por Verónica Alonso y el Pastor Álvaro Dastugue, con varios miembros de la Iglesia Misión Vida para las Naciones, en la lista del precandidato Luis Sartori. En las últimas elecciones internas de junio de 2019, de los 92.000 votos que obtuvo Sartori en la interna, 43.000

fueron a Verónica Alonso y al espacio Esperanza Nacional. La pregunta que dejamos planteada en este artículo es cuál es la estrategia que despliegan los evangélicos al acercarse al Partido Nacional, ¿por qué eligen mayoritariamente ese partido y no otros?

4 LA OFENSIVA EVANGÉLICA HACIA LA "NUEVA AGENDA DE DERECHOS"

Actualmente los evangélicos realizan una fuerte ofensiva para derribar la agenda de derechos, incluso últimamente han recolectado firmas para realizar un pre-referendum para derogar la Ley Integral para personas Trans⁷. Son siete áreas de la sociedad uruguaya en donde los evangélicos que se encuentran trabajando en política buscan tener influencia: gobierno, iglesia, familia, economía, cultura, artes y comunicación⁸. Por otra parte, también vale señalar que los evangélicos neopentecostales se muestran contrarios a la educación sexual en las escuelas, como se ha manifestado en varias oportunidades el líder de la Iglesia Misión Vida para las Naciones el Pastor Márquez, señalando que "los manuales de sexualidad del gobierno incitan a la pedofilia y que el "lobby gay" busca legalizar el sexo con menores (Semanaire Brecha, 2018).

En lo que respecta al aborto, los evangélicos neopentecostales reprueban la práctica del mismo, y han manifestado en numerosas entrevistas de prensa que pretenden derogar la ley en el próximo período legislativo. Una prueba de ello es un proyecto presentado en el año 2016 por Dastugue e Irazábal -el cual no prosperó- de celebrar el 25 de marzo el "Día del niño por nacer". El referéndum para derogar la ley de despenalización del aborto en 2013 no llegó a las firmas necesarias, pero esto no asegura la persistencia de la ley, ya que el mismo lafigliola promete continuar trabajando para erradicarla.

En lo que refiere al consumo de drogas, el Diputado Álvaro Dastugue ha manifestado que la discusión en el Parlamento de la Ley de regulación de la marihuana ha sido lo que lo ha empujado a militar en política. El motivo es debido a que en los hogares Beraca de la Iglesia Misión Vida se realiza un trabajo social de atención a los usuarios que presentan consumo problemático de drogas, es por tal motivo que se muestran contrarios a esta Ley.

7 Carlos lafigliola es un político perteneciente al Partido Nacional (fue precandidato en las elecciones internas de junio de 2019). Se identifica como católico carismático y fue promotor del pre-referendum para derogar la Ley Trans en Uruguay, la cual tuvo el apoyo de los evangélicos neopentecostales (principalmente del Diputado Álvaro Dastugue de la Iglesia Misión Vida). Justificó su iniciativa expresando que la ley es "inconstitucional, peligrosa e injusta" (Radio universal, 14 de noviembre de 2018). Desarrolló su pensamiento expresando que siguen el proyecto desde que fue presentada por la ex senadora trans Michele Suárez, y vieron como peligroso que se le de marco a la posibilidad de que menores de edad puedan llevar adelante procesos de hormonización y cambio de sexo. Afirma que, si bien cualquier persona mayor puede hacerse el cambio de sexo, es injusto que el Estado garantice gratuitamente el proceso, ya que no logra cubrir necesidades básicas en temas de salud, medicamentos de alto costo o cirugías.

⁸ Véase <https://www.elpais.com.uy/que-pasa/evangelicos-banca.html>

Los evangélicos también tejen alianzas con movimientos sociales y ONGs pro-vida y pro-familia, como el existente en Uruguay denominado "A mis hijos no los tocan", surgido como rechazo a la propuesta didáctica para el abordaje de la educación sexual en educación inicial y primaria, presentada por el CEIP (Consejo de Educación Inicial y Primaria). Durante algunos meses del año 2019 por primera vez en la historia política del Uruguay coincidieron en el Parlamento cuatro diputados evangélicos. En este quinquenio legislativo, ya se han presentaron 11 iniciativas por legisladores evangelistas siguiendo las mismas convicciones religiosas: dos proyectos en contra de la despenalización del aborto, cuatro proyectos de ley asociados a la prohibición y tratamiento de drogas, cuatro que promueven la familia "tradicional" y uno que establece el 31 de octubre como el "Día Nacional de las Iglesias Evangélicas".

Finalmente, el asunto del matrimonio igualitario también es un flanco a donde apuntan los evangélicos, ya que el modelo de familia que defienden es la familia nuclear, compuesta por un hombre y una mujer. Es por tanto que se oponen también a dicha ley ya aprobada en nuestro país.

5 LOS SIGNOS DE LA EROSIÓN LENTA Y GRADUAL DEL "URUGUAY LAICO"

Uruguay experimentó en su temprana modernidad un fuerte proceso de secularización de las mentalidades, las costumbres, las instituciones y la educación, donde el laicismo tuvo un hondo arraigo social. En este proceso hubo dos elementos que jugaron un rol primordial: la débil implantación del catolicismo en nuestro país, ya desde la época de la colonia; y el rol de las élites modernizadoras que estuvieron presentes previamente y durante la consolidación del Estado moderno. El proceso secularizador en nuestro país se concentró históricamente a lo largo de las seis décadas de la primera modernización capitalista (1860 y 1920), y el mismo es entendido como una progresiva "privatización de lo religioso". En ese período hubo una fuerte pugna entre Iglesia y Estado por ocupar los espacios públicos, cuyos dos hitos iniciales podemos marcarlos con las leyes de Educación de 1877 y su imposición de la "laicidad", y la de Registro del Estado Civil de 1878. No obstante, el punto más alto se alcanza en las primeras décadas del siglo XX, con el llamado "primer batllismo", donde definitivamente el Estado relega lo religioso a la esfera privada. Entre las iniciativas tomadas por Batlle y Ordóñez podemos mencionar la ley de divorcio, la remoción de los crucifijos de los hospitales, la supresión de la enseñanza religiosa en las escuelas públicas, la sustitución por decreto de festividades religiosas por laicas, etc. José Pedro Barrán (1988) destacó que "la secularización de las mentalidades, las costumbres, las instituciones, y la educación (se constituyó muy pronto en) uno de los síntomas culturales más precisos de la temprana modernidad uruguaya".

Según Gerardo Caetano (2007), salta a la vista el carácter radical en varios aspectos del concepto de laicidad impuesto en el país durante el período estudiado. La adopción de posturas oficiales fuertemente críticas respecto a la religión institucional hegemónica (la Iglesia Católica), unido a una transferencia de sacralidad de lo religioso a lo político, "poco a poco derivó en la conformación de lo que ha dado en llamarse una suerte de religión civil, con simbologías y doctrinas alternativas, rituales y liturgias cívicas orientados a reforzar la identidad y el orden sociales" (Caetano, 2007, p. 43).

En opinión de Caetano, la privatización de lo religioso y la implantación de una religión civil laicizada fueron las marcas del proceso de secularización uruguayo, que trascendió el plano de las relaciones entre Iglesia y Estado (o el de los vínculos entre religión, política y sociedad), "para inscribirse como perfil fundamental de la más vasta identidad cultura de los uruguayos" (Caetano, 2007, p. 44).

Asimismo, el sociólogo uruguayo Néstor Da Costa (2009) explora las características de la laicidad uruguaya, analizando sus principales hitos y significación política y cultural. El autor analiza el proceso que llevó a la separación institucional Iglesia Católica-Estado en 1919, así como el desplazamiento de lo religioso a lo privado, la formulación jurídica de la laicidad y las improntas culturales que impregnaron, a modo de matriz, la visión y ubicación de lo religioso en Uruguay hasta prácticamente nuestros días. El caso francés, señala Da Costa, con su fuerte carga de ilustración y jacobinismo, es el que sirvió de inspiración a las élites constructoras del Estado uruguayo a fines del siglo XIX y comienzos del XX, época en que tuvo lugar en el Uruguay una fuerte confrontación entre el naciente Estado uruguayo, que reclamaba para sí el control de diversos aspectos de la vida colectiva, y la Iglesia Católica, que administraba determinados espacios que hoy entendemos como propios del Estado. No obstante, en nuestro país, "la expresión cultural de la laicidad uruguaya evidencia en la praxis mayores niveles de radicalidad que en el caso francés" (Da Costa, 2009, p. 1)⁹.

⁹ Prueba de ello son los siguientes hechos que narra Da Costa (2009): la "secularización de los cementerios" (1861), cuando dejan de estar regidos por la Iglesia Católica para pasar a manos del Estado; el destierro del Obispo de Montevideo en 1863 debido a conflictos con el gobierno; "el conflicto intelectual" que tiene lugar entre 1865 y 1878, en donde hay un fuerte enfrentamiento en los medios de comunicación, así como en la aparición y protagonismo de centros de pensamiento liberales y católicos; la Ley de educación (1877), desconfesionalizando la misma; Ley del registro civil (1879), por la cual éste pasa de manos de la Iglesia Católica a manos del Estado; Ley de conventos (1885), en la que se declara sin existencia legal a todos los conventos; la Ley de matrimonio civil (1885), estableciéndose la imposibilidad de casarse por Iglesia sin casarse previamente a por el Registro Civil. En 1906 se remueven los crucifijos de todos los hospitales públicos; en 1907 se promulga la Ley de divorcio; en 1917 se suprime toda referencia a Dios y a los evangelios en el juramento de los parlamentarios. En ese mismo año se consagra una Reforma constitucional que establece la separación legal y real entre Iglesia y Estado; en 1919 se produce la secularización de los días feriados (la Navidad fue transformada en el "Día de la familia", la Semana Santa en "Semana de Turismo", el 6 de enero "Día de Reyes" fue transformado en "Día de los niños" y el 8 de diciembre (día de la Virgen), en "Día de las playas". Finalmente, se cambiaron nombres en la nomenclatura de las poblaciones, lo que implicó el cambio de nombre de más de 30 poblaciones con nombres de santos a nombres laicos (Da Costa, 2009, pp. 138-139).

Sin embargo, se podría afirmar tentativamente que hoy existe cierto grado de desencuentro entre la imagen laica que presenta Uruguay y el progresivo incremento de nuevos movimientos religiosos. Tal paradoja y sus posibles repercusiones en la identidad religiosa suponen un enorme atractivo para nuestra curiosidad sociológica. Razones como éstas, nos motivan a explorar la nueva realidad que se nos impone; recurriendo paralelamente a aquellas teorías que mejor permitan comprender al fenómeno en cuestión.

Como señala Caetano, “la contemporaneidad académica del replanteo analítico del tema de las nuevas formas de lo religioso comienza a sintonizar con ciertos cambios y apetencias de la sociedad uruguaya más actual” (Caetano, 2006, p. 155). A partir de investigaciones y estadísticas recientes, no quedan dudas de que se ha constatado en la sociedad uruguaya un incremento considerable de la demanda de religiosidad. La emergencia de prácticas religiosas orientalistas o de cuño New Age, la proliferación de templos pentecostales de gran poderío económico, los nuevos enfoques de neocristiandad, y la adhesión de nuevos creyentes a cultos umbandistas, hacen pensar que el Uruguay está cambiando fuertemente en sentido religioso.

“La conversión de grandes salas de cine en iglesias, por ejemplo, modifica las referencias urbanas y significaciones de los espacios de las ciudades en todo el territorio nacional. Las prácticas religiosas que se generalizan, los mensajes mediáticos de carácter religioso, la proliferación de templos, son todos elementos que están manifestando alteraciones sustantivas en la manera de concebirse los uruguayos, de pensarse y de actuar” (Filardo, 2005, p. 7).

Imagen N°2. Catedral de la Fe Iglesia Universal del Reino de Dios, Montevideo, Uruguay.



Foto: Victoria Sotelo.

Esto traerá consecuencias políticas y sociales que afectarán sin duda a los creyentes y a la ciudadanía en general. En Uruguay, a diferencia de otras sociedades latinoamericanas, la Iglesia Católica no ha tenido históricamente un gran peso institucional y social, debido al temprano proceso de secularización desde principios del siglo XX. Como señala Da Costa, “el “ser católico” no es parte de la construcción identitaria del Uruguay y sí es parte de esa construcción el reconocimiento del Uruguay como una sociedad secularizada, laica” (Da Costa, 1999, p. 139). Ahora bien: ¿cuánto de esa imagen de país laico continúa vigente y cuánto ha cambiado? Desde 1919 la Constitución de la República establece claramente la libertad de cultos y simultáneamente la laicidad del Estado en su artículo 5°: “*Todos los cultos religiosos son libres en el Uruguay. El Estado no sostiene religión alguna.*” Sin embargo, varios han sido los episodios que despiertan debate en la sociedad por violación a la laicidad del Estado, ya sea por la irrupción de políticos en escenarios religiosos, o de religiosos en la esfera público/política. Por ejemplo, en el año 2018 el actual Intendente de Salto Andrés Lima recibe la bendición de dos pastores del Ministerio Evangélico Tiempo de Victoria en su despacho y es difundido en medios de prensa nacionales, habiendo sido un caso muy discutido por violación de la laicidad del Estado. Otro caso que reeditó el debate sobre la laicidad del Estado fue la aprobación por parte del actual intendente de Cerro Largo Sergio Botana de un monumento a la Biblia a pedido de la Unión de Pastores Evangélicos de Melo en octubre de 2018, sin previo envío a la Junta Departamental para su aprobación por los ediles. Para enmendar su error, luego de construido el monumento envió la solicitud a la Junta.

Imagen N°3. Monumento a la Biblia, ciudad de Melo, Departamento de Cerro Largo, Uruguay.



Foto: Victoria Sotelo.

No tuvo la misma suerte la iniciativa del Cardenal Sturla de instalar un monumento a la Virgen María en la rambla de Montevideo, hecho que fue largamente discutido en la Junta Departamental de Montevideo, resultando finalmente rechazada la solicitud. Asimismo suscitaron controversias las recientes declaraciones de la actual senadora Verónica Alonso en plena campaña electoral, quien junto al pastor Álvaro Dastugue y frente a un auditorio de fieles en las instalaciones de una iglesia evangélica pentecostal ha señalado que “Dios tiene un propósito con esta nación y con nosotros acá [...]”, agregando “me vengo a presentar frente a ustedes y quiero comprometerme frente a ustedes”: [...]“voy a erradicar la ideología de género que tanto daño le hace a nuestros hijos”¹⁰.

Otro episodio que despertó la misma controversia por supuesta violación a la laicidad del Estado fue la participación de oficiales del Ejército, encabezados por el ex Comandante del Ejército Guido Manini Ríos y el Comandante de la Fuerza Aérea Alberto Zanelli, en una misa celebrada en la Catedral Metropolitana presidida por el Cardenal Daniel Sturla. En dicha ocasión (18 de mayo de 2016) se conmemoraba el aniversario del Ejército. En dicha ceremonia religiosa los militares fueron uniformados, Minini Ríos hizo uso de la palabra y entregaron un obsequio al Cardenal Sturla en nombre del Ejército. A esto deben sumarse otros hechos controvertidos: la jura a la bandera en la catedral metropolitana -acto presidido por el Cardenal Sturla; la inauguración de una capilla en el hospital de las Fuerzas Armadas, el nombramiento de un capellán y la instauración de un “departamento de asuntos religiosos”.

6 LOS ESTUDIOS SOBRE RELIGIÓN Y POLÍTICA EN URUGUAY

El caso particular del proceso de secularización del Uruguay y cómo impactan las recientes transformaciones hace que el caso de estudio sea singular en relación a otros países de Latinoamérica. El historiador y politólogo uruguayo Gerardo Caetano es sin duda un referente ineludible en la investigación académica del proceso de secularización uruguayo (1859-1919) y del estudio de las significaciones y el carácter abierto de las transformaciones más contemporáneas y en curso bajo el título de lo que se denomina “creer sin pertenecer”, al cual dedica el epílogo de su obra reciente titulada “El Uruguay Laico. Matrices y revisiones” (2013).

El antropólogo Nicolás Guigou también aborda el tema en su obra “Religión y política en el Uruguay” (2006). Dicho autor señala que “la privatización de lo religioso en Uruguay – parte de los efectos de un radical proceso de secularización y laicización

¹⁰ <https://laicismo.org/sobre-politica-religion-y-laicidad-en-uruguay-ante-los-dichos-de-la-senadora-veronica-alonso-y-el-cardenal-daniel-sturla/>

ocurrido desde mediados y finales del siglo 19 hasta aproximadamente la década de los '30 del siglo 20 – y la elaboración de una religión civil “jacobina”, sustitutoria y homogeneizadora, matrizó sin duda la conformación de la nación en cuestión” (Guigou, 2006: 46). Esta matriz cultural uruguaya, señala Guigou, contrasta con el trasfondo religioso brasileño analizado previamente, así como con el “catolicismo de estado” argentino, de particular incidencia en la arena política del vecino país desde la década de los '30 del siglo pasado. Esa “religión civil laicizada” a la que Guigou y otros investigadores de la religión uruguaya aluden, explica por qué en nuestro país son sagrados el Parlamento, la democracia y hasta los períodos presidenciables.

Guigou (2006) hace referencia a la presencia pública del neopentecostalismo en Uruguay, al menos desde la década de 1980, y se refiere a la “neopentecostalización de la lengua política”, pero en ese entonces afirma que “No hay pues bancadas evangélicas, ni tampoco diferentes nominaciones del universo pentecostal disputando posiciones en la arena política” (Guigou, 2006, p. 51). Dicho diagnóstico ya no coincide con la realidad y muestra cómo se han desencadenado rápidamente cambios en este escenario religioso y político que nos movilizan a pensar el fenómeno desde una nueva mirada sociológica.

El debate sobre la instalación de la “Cruz del Papa” tras su visita al Uruguay en 1987 es analizada por Caetano y Geymonat ya en el año 1997 como un hito fundamental que evidencia una cierta erosión de la tradicional percepción de Uruguay como ‘país laico’ y ‘sociedad secularizada’. La denominada “Cruz del Papa”, erigida con motivo de la visita del papa Juan Pablo XX, quedó emplazada de carácter permanente luego de una discusión en el Parlamento nacional, que concluyó en la ley 15.870. Este episodio ha sido analizado en profundidad por Gerardo Caetano (2003) y es un punto de inflexión en la forma de entender la laicidad en Uruguay.

Más recientemente, Juan Scuro (2018) ha analizado cómo el tema de la laicidad ha reemergido con ímpetu en Uruguay en las últimas décadas en el Uruguay progresista. El autor plantea en su investigación un escenario de fervientes discusiones e intercambios de perspectivas respecto al nuevo lugar de lo religioso en la escena pública uruguaya. En los meses inmediatos a la asunción de Tabaré Vázquez como Presidente (2005), el gobierno le da el apoyo al pedido del Arzobispo Nicolás Cotugno de trasladar la estatua del reciente fallecido Juan Pablo II desde una iglesia a los pies de la ya nombrada “Cruz del Papa”, en la avenida Artigas de la ciudad de Montevideo.

Este episodio, según narra Scuro (2018), despertó críticas dentro de la sociedad y en especial de la Federación de Iglesias Evangélicas del Uruguay, ya que con esta medida, la cruz ya no representaba al conglomerado cristiano, sino específicamente a la Iglesia Católica. Años antes, en el mandato de Tabaré Vázquez como Intendente de

Montevideo (1990–1994), la Junta Departamental de Montevideo aprobó la instalación de la estatua de Iemanjá a solicitud de las agrupaciones afro-umbandistas lideradas por el pae Armando Ayala en la rambla del Parque Rodó de Montevideo, una de las playas más concurridas cuando se celebra Iemanjá. Según narra Scuro, “A los actores tradicionales como la masonería o la iglesia católica, se sumaron, en lo que refiere al uso concreto de los espacios públicos, los sectores afroumbandistas. Actores más recientes en esta superposición entre religión y política son los ejemplos mencionados de los diputados evangélicos y su accionar concreto en búsqueda de una “moral cristiana” que se funda en el modelo de familia tradicional, patriarcal, heterosexual y “sin drogas” (Scuro, 2018, p. 55).

Scuro (2018) también analiza la llegada de líderes religiosos a la esfera parlamentaria, como el caso de la Mae Susana Andrade (diputada afrodescendiente por el Frente Amplio) o los diputados evangélicos Gerardo Amarilla, el pastor neopentecostal Álvaro Dastugue y el diputado Benjamín Irazábal. Concluye el autor que “Las moralidades, identidades y libertades están en una pujante disputa política en el Uruguay. El marco interpretativo de la laicidad es un eje importante por el que transitan y se manifiestan los intentos de materializar estas pujas por parte de los diferentes sectores involucrados. El ámbito político en sentido estricto (partidario) es uno de ellos.

La presencia de símbolos religiosos en el espacio público es otra evidente forma de hacer visibles los procesos de identificación y disputa” (Scuro, 2018, p. 55). Recientemente el sociólogo uruguayo Rafael Bayce (2017) reflexiona sobre el crecimiento de los evangélicos pentecostales y neopentecostales en toda América Latina desde la década de 1980 tanto en términos religiosos como políticos. Para el autor, dicho crecimiento está vinculado a “una resurrección espiritual conservadora, reaccionaria, cuasi fundamentalista de la “Nueva derecha” o “Mayoría moral” en Estados Unidos, que surge en 1974, y desde allí, e inicialmente con Ronald Reagan, sustenta las derechas político ideológicas estadounidenses por el mundo” (Bayce, 2017). Desde 1913 el presidente Roosevelt señalaba que sería difícil la absorción de los países latinoamericanos mientras fuesen católicos. El *Informe Rockefeller (1960)* subraya explícitamente que América Latina había dejado de ser confiable en términos religiosos porque las Comunidades Eclesiales de Base en Brasil y la Teología de la Liberación en toda Sudamérica -en especial la región andina y Brasil- lideraban radicalmente a las masas y colectivos sociales, entre otras tendencias menos agresivas en otros países, como Chile y Uruguay. “La Teología de la Liberación debía ser combatida mediante el apoyo a creencias conservadoras que alejaran de la intervención justiciera en el mundo, tales como las religiones umbandistas y las iglesias neopentecostales. Estas ideas se reflejan en el documento del Comité

de Santa Fe (1980), y un nuevo documento de 1984 recomienda “la prosecución de la revolución conservadora [...] el estrechamiento de los vínculos con los sectores conservadores de la Iglesia Católica [...] y que se combata por todos sus medios a la Teología de la Liberación” (Bayce, 2017). No obstante, argumenta Bayce (2017), sería una simplificación pensar que el crecimiento de estas iglesias se explica sólo por la trilogía de conservadurismos religiosos (protestante, católico y judío) que comanda en Estados Unidos hace casi cuarenta años.

"Hay poderosas razones económicas y sociales que abonan el terreno para que estas infantiles teologías, neomágicas esperanzas de bonanza cotidiana, sean sembradas y cosechen abundantemente en suelos latinoamericanos y hasta sorprendan a muchos, entre ellos a los que confiaban excesivamente en el legendario laicismo racional uruguayo" (Bayce, 2017). El autor manifiesta que la primera generación nacida luego de la posguerra tiene necesidades insatisfechas, tanto por el ordenamiento económico-social vigente, así como por el sistema de creencias disponible. Las clases medias y bajas, tienen un deseo consumista y hedonista prometidos y no cumplidos por el Estado de bienestar instalado. La persecución racional y progresiva de esas metas y el fracaso en la obtención de las mismas desprestigia al Estado y despierta la búsqueda y esperanza en bienes simbólicos y salvadores. Según dicho autor, las creencias pentecostales o evangélicas forman parte de la oferta en un mercado de bienes simbólicos por el cual optan las clases medias amenazadas de movilidad descendente y las que no acceden al paquete de bienes y servicios que el Estado mengua. “Pero esos bienes simbólicos no están totalmente desvinculados de la necesidad por bienes materiales, cuya provisión se confía mágicamente a sanaciones demoníacas y a actos de fe, en general monetariamente apoyados, por supuesto, a falta de suficiencia del Estado en proveer al deseo creciente y azuzado científicamente” (Bayce, 2017).

El autor señala que los mapas de intersección entre política y religión son apreciables e iluminadores de la realidad profunda en la que estamos inmersos, ya que en esa empresa de provisión de bienes materiales mágicamente provistos “van de contrabando creencias político ideológicas macro muy abarcativas” (Bayce, 2017). Para dicho autor, la oferta religiosa no está desvinculada de los modelos político económicos de los que parte de su racionalidad nació. El licenciado en Trabajo Social Nicolás Iglesias Schneider es un estudioso de las relaciones entre Religión y política en Uruguay en la actualidad. En primer lugar, podemos destacar los estudios de Iglesias (2014) sobre la Iglesia Misión Vida para las Naciones, los hogares Beraca y cómo arriban estos religiosos a la arena política. Actualmente Iglesias (2019) menciona que el hecho más relevante

de este año entre religión y política ha sido la fuerte actividad de los neopentecostales militando en contra de la Ley Integral para Personas Trans, que llevaron adelante el diputado suplente Carlos Iafigiola, católico carismático, y el diputado Álvaro Dastugue, pastor neopentecostal de la iglesia Misión Vida.

7 REFLEXIONES FINALES

La "agenda de derechos" conquistada en nuestro país ha venido siendo cuestionada por estos grupos evangélicos en alianza con los católicos, pretendiendo echar por tierra algunos derechos ya conquistados por otros colectivos. Estos cambios y estas reivindicaciones cada vez más evidentes en la esfera pública de nuestro país, nos motiva a investigar este tema con una renovada mirada sociológica que tome en cuenta los vínculos e interrelaciones mutuas entre el campo político y religioso. En la presente campaña electoral se ha debatido sobre si la actual agenda de derechos será cuestionada en algún punto en la futura legislatura 2020 – 2025, hecho que el candidato con posibles chances de ser electo Presidente en el balotaje de noviembre de 2019, el Dr. Luis Lacalle Pou (Partido Nacional), ha negado. De todas maneras, todo hace pensar que estos temas seguirán siendo un punto álgido de confrontación en el futuro político de nuestro país al haber sido electas nuevamente en octubre de 2019 las mismas figuras evangélicas en el Parlamento (los diputados nacionalistas Amarilla, Irazábal y Dastugue), y el Senador Juan Sartori, líder de la agrupación política de los pastores de la Iglesia Misión Vida para las Naciones.

BIBLIOGRAFÍA

Barrán, J. P. (1988) Iglesia Católica y burguesía en el Uruguay de la modernización (1860-1900). Montevideo, Uruguay: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación - UdelAR.

Bayce, Rafael (2017, 2 de julio). Los evangélicos avanzan en política y religión. Revista Caras y Caretas, Montevideo, Uruguay. Recuperado de: <https://www.carasycaretas.com.uy/los-evangelicos-avanzan-politica-religion/>

Burity, Joanildo (2008) Religión, política y cultura. Tempo social. Revista de sociología da USP Vol 2.

Caetano, G. coord. (2013) El Uruguay Laico. Matrices y revisiones. Montevideo, Uruguay: Taurus.

Caetano, Gerardo (2006). Laicismo y política en el Uruguay contemporáneo. Una mirada desde la historia. Da Costa, N. (Org.), Laicidad en América Latina y Europa. Repensando lo religioso entre lo público y lo privado en el siglo XX (pp. 121 - 160). Montevideo: CLAEH, Red Puertas América Latina-Europa.

Caetano, Gerardo (2007). Secularización, privatización de lo religioso y religión civil. Asuntos teóricos a debatir a propósito del caso uruguayo. En Da Costa, N., Delecroix, V., Dianteill, E. (Orgs.) Interpretar la modernidad religiosa: teorías, conceptos y métodos en América Latina y Europa. Montevideo, Uruguay: CLAEH, Red Puertas América Latina – Europa.

Castro, E. (1969). Las Denominaciones y los Movimientos. *Cuadernos de Marcha, No. 29*. Montevideo, Uruguay.

Da Costa, N. (1999) El Catolicismo en una sociedad secularizada: el caso uruguayo. *Revista Ciencias Sociales y Religión*, año 1, N° 1, Porto Alegre, Brasil.

Da Costa, N. (2009a) La laicidad uruguaya. *Archives de sciences sociales des religions*, N° 146, pp. 137 – 155.

Filardo, V. (comp.) (2005). *Religiones alternativas en el Uruguay*. Montevideo, Uruguay: Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República Oriental del Uruguay.

Freston, P. (2012). Las dos transiciones futuras: Católicos, Protestantes y Sociedad en América Latina. En Parker, C. (Ed.) *Religión, política y cultura en América Latina. Nuevas miradas*. Santiago de Chile, Chile: Instituto de Estudios Avanzados. Universidad de Chile. Asociación de Cientistas Sociales de la Religión del Mercosur.

Guigou, N. (2006) Religión y política en el Uruguay. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, vol. 6, núm. 2, pp. 43-54.

Iglesias, N. (2014). Misión Vida para las Naciones, “cristianizando la política”. Trabajo final inédito para el Diploma “Religión y Ciencias Sociales” de GEMRIP (Grupo de Estudios Multidisciplinarios Religión e Incidencia Pública) y UCEL (Universidad Centro de Estudios Latinoamericanos).

Iglesias, N. (2019, 14 de setiembre). Mapa político religioso de cara a las próximas elecciones. *La Diaria*. Montevideo, Uruguay.

Mallimaci, F. y Cruz Esquivel, J. (2013) “La tríada Estado, instituciones religiosas y sociedad civil en la Argentina contemporánea”. *Amerika* [En ligne], 8, 2013. Recuperado de <http://journals.openedition.org/amerika/3853>; DOI: 10.4000/amerika.3853

Levine, D. (2006). Religión y Política en América Latina. La nueva cara pública de la religión. *Sociedad y Religión: Sociología, Antropología e Historia de la Religión en el Cono Sur*, vol. XVIII, núm. 26-27, pp. 7-29.

Porzekanski, T. (2014). *El Uruguay religioso*. Montevideo, Uruguay: Ministerio de Educación y Cultura.

Semán, P. (2019). ¿Quiénes son? ¿Por qué crecen? ¿En qué creen? Pentecostalismo y política en América Latina. *Nueva Sociedad*. N° 280, pp. 26-46. Buenos Aires, Argentina.

Scuro, J. (2018). Religión, política, espacio público y laicidad en el Uruguay Progresista. *Horizontes Antropológicos*, 24(52), pp. 41-73.

ARTÍCULOS DE PRENSA:

Semanario Búsqueda, 2018. Todas las autoridades del nuevo sector de Verónica Alonso están vinculadas a la Iglesia Misión Vida, del Pastor Márquez. 13 de setiembre de 2018.

Semanario Brecha, 2018. Los Evangélicos en Uruguay, su crecimiento y su relevancia social. Burbuja y reacción. 9 de noviembre de 2018. Escrito por Betania Núñez.

Semanario Brecha, 2018. Los evangélicos y su vínculo con la política. Vienen Bajando. 9 de noviembre de 2018. Escrito por Daiana García.

Diario. El país (2015, 13 de setiembre). Evangélicos que tienen banca. Recuperado de <https://www.elpais.com.uy/que-pasa/evangelicos-banca.html>

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Organizadora de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III) (2021). Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándome en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que

permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Organizador de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III) (2021). Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acusmática 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22
Adolescência 37, 46, 78, 87
Agenda de derechos 263, 264, 272, 281
Alimentación 76, 80, 81, 83, 84, 94, 95, 126, 127, 131, 139, 140, 173
Análisis de textos 157, 159, 161, 163, 164
Aprendizaje híbrido 157, 163
Autobiografía 141

B

Boundaries of grave 47, 49, 50, 55

C

Capital social familiar 97, 108, 110
Características do trabalho 228, 229, 231, 234, 237, 242
Cartografía histórica 250, 251, 252, 260
Cidade 4, 9, 69, 70, 76, 179, , 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189
Circulação pulmonar 65, 66, 68, 70, 71, 72
Circulação sistémica 66, 70
Claudius Galenus 65, 66, 69
Comprensión lectora 157, 158
Conciencia 39, 44, 86, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 175, 191, 200, 201, 203
Condição humana 190, 191, 192, 193, 195, 203
Congressos 163, 164, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 255, 257
Continuous research 23
Cosa en sí 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 155
Criação de valor transgeracional 97, 99, 106, 111, 116, 118
Criminologia 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215

D

Desarrollo cognitivo y cuestionario 126, 128, 129
Desenho do Trabalho 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243

Design 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Didáctica 37, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 273

Dieta blanda 126, 140

Dimensão emocional 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

E

Educação 10, 13, 15, 117, 141, 144, 187, 227, 235, 242

Educación ambiental 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178

Ejercicios físicos 76, 91, 95

Emotions 23, 27, 28, 32, 33, 35, 37, 46

Empresa familiar 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 124

Esperanza 79, 162, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 203, 204, 217, 270, 271, 272, 280

Estrategias 39, 103, 106, 112, 158, 165, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 175, 211, 216, 218, 225, 234, 237, 238, 239

Estudiantes de Psicología 157, 164

Evangélicos 263, 264, 266, 269, 271, 272, 273, 276, 279, 281, 282

Exemplo 6, 9, 12, 71, 117, 141, 186, 228, 229, 231, 234, 235, 236, 238, 242

F

Família empresária 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 124

Fenomenología 146, 149, 153, 156

Festivales musicales 16, 19

Formación 23, 24, 35, 89, 94, 158, 164, 167, 173, 175, 177, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 210, 212, 252

Formación y dispositivo de formación 191

Funciones cognitivas 126, 127, 128, 129, 137, 138, 139

Funeral rites 47, 49, 50, 56, 62, 64

G

Georreferenciación 250, 251, 253, 254, 261

H

Humanism 23, 26

I

Idealismo 146, 147, 148, 149
Interacción 16, 19, 43, 78, 224
Interacción social 16

J

Jesuítas 141, 142, 144

L

Lonchera escolar 76, 83

M

Mancha urbana 250, 258, 259, 260, 261
Masticación 126, 127, 128, 129, 137, 138, 139, 140
Methods of constructing dolmens 47, 52
Metodologías 12, 65, 165, 166, 167, 168, 219, 267
Missão 77, 141
Modernização 179, 183, 189

N

North Korea 47, 48, 49, 50, 53, 54, 56, 57, 58, 60, 61, 62

O

Obesidad infantil 76, 79, 82, 96

P

Partition of a grave pit 47, 57
Política 9, 13, 98, 122, 168, 186, 196, 205, 208, 210, 214, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282
Procesos metodológicos 216
Projeto de Trabalho 228, 229, 231, 233, 234, 237, 239
Prospección arqueológica 216, 218, 222, 223, 224, 225, 226

R

Religión 263, 264, 265, 267, 270, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282
Revisão bibliográfica 1, 227

S

Secundaria 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 166, 177, 219, 260

Sensibilidade 146, 147, 149

Sistema circulatório 65, 66, 67, 75

Sistema de Informação Geográfica 216, 217, 218, 222, 251, 253

Sociedades científicas 205

Sonido 16, 18, 19, 20, 21

Sustentabilidade 1, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 97, 98, 99, 109

T

Teacher training 23, 28, 29, 30, 31

Tecnologia 5, 16, 17, 18, 19, 35, 96, 99, 164, 170, 171, 177, 219, 223, 227, 232, 234, 235, 236, 237, 242, 283

Tejido urbano 250, 252, 253, 261

Toma de decisiones 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 164, 170

Transporte urbano 179, 183

W

William Harvey 65, 66, 72, 75

Work Design 227, 228, 231, 237, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249